Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

LIVRARIA NACIONAL
MONTEIRO & C
Rua da Constituição
84 - RIO

COMPENDIO

DA

HISTORIA DO BRASIL

I

Typographia Universal de Laemmert, rua do Lavradio, 53.

DOM PEDRO Iº

IMPERADOR DO BRAZIL

N. EM 12 DE OUTUBRO 1798 M. A 24 DE SETEMBRO 183[illegible]

COMPENDIO

DA

HISTORIA DO BRASIL

PELO GENERAL

J. I. DE ABREU E LIMA

NATURAL DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

Membro honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro; Autor do Bosquejo historico, politico e litterario do Brasil e das Memorias sobre o Guaco e sobre a Elephancia.

COM RETRATOS

TOMO I

RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda Nº 77

1843

DEDICATORIA

COM ESPECIAL PERMISSÃO

DE S. M. I.

AO

MUITO ALTO, MUITO PODEROSO

SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO
DO BRASIL

O. D. C.

ESTE COMPENDIO DA HISTORIA PATRIA

Em signal de profundo respeito e da mais
pura affeição e lealdade

Seu reverente subdito

José Ignacio de Abreu e Lima.

PREFACIO.

Um paiz, que apenas conta vinte annos de existencia como nação, não póde ter litteratura propriamente sua; porque nos primeiros desenvolvimentos da intelligencia não é dado tocar a perfeição, que se requer nas obras do espirito humano. Todas as nações existiram annos e seculos antes de possuirem uma litteratura propria; e só depois da introducção das artes e das

sciencias, é que cada povo as vae apropriando e desenvolvendo segundo o caracter nacional, e formando d'este modo o peculio de suas doutrinas e factos. Assim foi que as artes precederam as sciencias, que a chronica precedeu a historia, porque começou-se pela pratica e acabou-se pela theoria.

É verdade que, como colonia, pertenciamos a um povo civilisado, que tinha uma litteratura, accrescendo que desde muitos annos escriptores Brasileiros se haviam assignalado entre os que tinham nascido na Metrópole; porém embebidos nas maximas dos que nos dictavam a lei, seguiamos á pista as doutrinas, os erros, e até a vaidade dos nossos dominadores, sem que as nossas obras cheirassem ao menos ás flores da nossa eterna primavera. Não ha muito que pela imprensa se negou a naturalidade de um dos nossos melhores poetas, só porque em suas poesias fallava do Tejo e do Douro, de pastores e cajados, da faia e da oliveira, em vez do Parahyba e do Rio Doce, do laço e das bolas, da jaboticaba ou da mangabeira. Isto, que em outras circumstancias pareceria pueril, é a meu ver forte argumento para provar, que aquella parte da litteratura portugueza, obra de escriptores Brasileiros, pertence-lhe exclusivamente, porque tem todo o cunho da sua nacionalidade.

Porém nós não somos um povo nascido ao acaso, de origem duvidosa, e de remota antiguidade; formados, por assim dizer, da mesma carne, crescemos com os nossos progenitores, e

vigorámos debaixo de suas leis, de seus usos e costumes, e de sua educação. Emancipados pela ordem natural, achamo-nos de par em par na mesma linha de civilisação; tanto que ao mesmo tempo uns e outros adoptamos os mesmos principios, e seguimos quasi a mesma vereda. No emtanto sem dependencia immediata, sem contacto moral, as idéas começam a desligar-se, e nós começamos tambem a receber a impressão d'este clima, que exclusivamente nos pertence, e d'este solo, que nos nutre e nos abriga. Sem os estorvos que o zelo indiscreto dos Portuguezes nos punha sempre por diante, para impedir o rapido vôo da nossa intelligencia, devemos cuidar de reparar o tempo perdido, dando principio á obra da nossa regeneração intellectual, e preparando os elementos de uma litteratura propriamente brasileira.

N'este caso, todo aquelle que lançar uma pedra no cimento do edificio, fará importante serviço á sua patria, embora não tenhamos grande material por ora, porque o tempo, e só o tempo, póde reuni-lo com proveito. Felizmente para o Brasil, não sou eu o unico que assim pensa; antes de mim muitos dos meus compatriotas tem já concorrido com a sua quota para o deposito commum; mas torno a repetir: todo aquelle que lançar mais uma pedra, será digno de galardão. E como na litteratura propriamente dita tem o primeiro logar a historia, nenhum serviço será mais apreciado do que aquelle que começar por preparar-lhe os elementos, averiguando e

ordenando os factos, corrigindo e verificando as datas, e sobre tudo esmerilhando antigos documentos para salva-los do esquecimento, ou para comprovar muitos feitos, que pela diuturnidade passam hoje por meramente fabulosos, ou que virão a parece-lo no futuro, se correrem sem provas da sua realidade.

Devo antes declarar, que a obra, que dou á luz, não é lembrança minha; prestando-me ao encargo de formar — Um COMPENDIO DA HISTORIA DO BRASIL — para uso da mocidade Brasileira, eu não pretendo outro premio senão o do benevolo acolhimento do meu trabalho, se elle fôr digno d'essa honra. Resta-me agora dizer os meios que empreguei na redacção d'este Compendio, que muito pouco tem de propria lavra. Servi-me em grande parte do trabalho alheio, porque nem me era possivel compulsar archivos, e muito menos repassar centenares de livros para recolher um ou outro facto, uma ou outra relação, quando antes de mim tinham alguns praticado este exame: portanto a minha obra não é uma composição inteiramente original, mas uma compilação de varios auctores, que julguei mais habilitados, pondo todo o meu esmero em reunir de todos elles o maior numero de factos, que me foi possivel, organisando-os depois em serie por meio de uma muito exacta deducção chronologica.

Eis-ahi pois as obras de que me servi: a muito famigerada *Corographia Brasilica* do padre Ayres de Casal; *Historia do Brasil* de Roberto Southey, recopilação por Beauchamp; Resumo da *Historia*

do Brasil por Bellegarde, recopilação do — *Brésil* — por Fernando Denis; *Historia do Brasil*, &c., por Armitage. No primeiro capitulo, ou primeira época, segui a introducção do padre Ayres com as variantes e correcções dos dois escriptos publicados ultimamente pelo Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen, debaixo dos titulos — *Diario da navegação de Pero Lopes de Souza, &c.*; — *Reflexões criticas sobre o Escripto do seculo* 16, *impresso com o titulo de Noticia do Brasil, &c.*; porém na parte descriptiva preferi antes a Southey e a Introducção corographica á Historia do Brasil por Bellegarde. — Do segundo capitulo por diante, até o quinto inclusivè, segui a recopilação de Southey por Beauchamp, e a de Fernando Denis por Bellegarde, com as correcções de outros escriptores, principalmente sobre a guerra dos Hollandezes, &c.

Nos 6.° e 7.° capitulos extractei em grande parte, e segui a historia de Armitage, como a unica de que me podia valer; assim mesmo tive que fazer-lhe muitas alterações essenciaes por outros escriptos, que me pareceram mais exactos; como por exemplo: na parte relativa ás provincias do Rio Grande do Sul e de Montevidéo, cingi-me exactamente aos Annaes do Visconde de S. Leopoldo, como mais habilitado para fallar d'essas guerras, de que foi, por assim dizer, quasi testemunha ocular; e no que toca á revolução de Pernambuco em 1817, extractei a historia ultimamente publicada pelo Dr. Muniz Tavares, com pequenas alterações na parte de

que eu estava pessoalmente informado. — O 8.° e ultimo capitulo é todo de redacção propria, porque nada havia escripto d'esta época.

O merito da minha obra, se póde ter algum, consiste pois na recopilação de grande numero de factos, que se acham espalhados por muitos escriptos em differentes épochas, vindo a ser o primeiro Compendio da Historia do Brasil, senão tão exacto quanto podia sê-lo, ao menos o mais rico em documentos preciosos, alguns dos quaes já são mui raros, e outros que apenas se encontram nas grandes collecções, difficeis de possuir pelo seu preço, e por isso quasi impossivel de consultar. Para mais facilidade, e até para avivar a memoria, fiz um indice chronologico dos principaes acontecimentos, referidos n'este Compendio, o qual deve preceder as peças justificativas. — Com quanto os documentos por extenso não sejam essenciaes pelo extracto, que d'elles se fez no texto, todavia tem o merecimento de se verem juntas tantas peças, que por separadas raras vezes se encontram; e para prova basta o encommodo que tivemos para obter algumas, quasi esquecidas em mãos particulares.

Resta-me tão sómente fallar sobre o estilo, cousa que poderia omittir, porque sabe-se que a historia comprehende todos os estilos: a narração de um facto praticado na ordem dos acontecimentos ordinarios, ou a de um phenomeno singular que produsiu effeitos desastrosos, a relação de uma batalha, os actos de grande valor ou de devoção patriotica, a pintura das paixões

desenfreadas, que arrastam comsigo os destinos das nações, os vicios ou as virtudes de um povo, o furor do fanatismo politico ou religioso, cada um d'estes assumptos demanda diverso modo de dizer, assim como um quadro exige differentes tintas, com quanto seja delineado pelo mesmo pincel. A variedade pois do estilo, que se encontra no meu Compendio, não é um defeito como se poderia suppôr, mas tão pouco é filha da arte, pois que, como já disse, muito pouco ha de propria redacção; extractando ou copiando, conservei muito de proposito o estilo dos auctores, de que me servi, alterando poucas vezes uma ou outra palavra, uma que outra phrase.

Se me tivesse limitado a escrever tão sómente ácerca das gerações passadas, poderia sem receio aventurar o meu juizo sobre a sua historia; porém querendo levar adiante o meu plano até a época actual, contentei-me com assignalar os factos sem nenhuma reflexão. Muitas vezes omitti o nome de algumas pessoas, que bastante figuraram em acontecimentos melindrosos, para evitar queixumes, e talvez ressentimentos daquelles, com quem vivemos de parceria. Por este motivo antes quiz passar por simples chronista do que por historiador, reservando minhas opiniões para não parecer temerario. E de certo, é quasi impossivel a imparcialidade na historia contemporanea; qualquer juizo ácerca de um facto, por immoral ou deshonroso que seja, achará sempre quem o taxe de injusto, por isso mesmo que, para quem o praticou, haverá sempre uma circumstancia

favoravel que o atenúe. N'este conceito evitei, quanto me foi possivel, comprometter a honra ou ferir o amor proprio de qualquer homem, que estivesse vivo, contentando-me com referir os acontecimentos, como se passaram, e deixando á posteridade o direito de julga-los.

INTRODUCÇÃO.

A Nação Portugueza, fraca no principio, chegou pela sua grande energia, e pela sabedoria de suas leis, ao mais elevado gráo de poder a que era possivel attingir, ficando triumphante e senhora absoluta de um immenso imperio, cuja riqueza parecia convida-la a gozar os attractivos do fausto, e todos os generos de gloria. O Monarcha, os grandes, e o povo, inflammados do amor dos descobrimentos, e da sêde das riquezas, assignalaram por emprezas atrevidas os primeiros ensaios da navegação moderna, e com prodigios de valor souberam abrir caminho para todas as partes do mundo. Em poucos annos as costas occidentáes da Africa, até então desconhecidas, e as Indias

Orientáes, vieram a ser preza dos navegantes conquistadores sahidos de Portugal.

Toda a nação estava já preparada para grandes emprezas, quando nos fins do decimo quarto seculo D. Fernando 1.°, nono monarcha, morreu sem deixar herdeiro masculino. A aversão dos Portuguezes ao dominio de Castella favoreceu as intenções de D. João, irmão natural do rei. Este principe se apoderou do governo, e as côrtes de Coimbra lhe deram a corôa, que elle assegurou sobre sua cabeça pela famosa batalha de Aljubarrota aos 14 de Agosto de 1385. O novo rei, conhecido na historia pelo nome do Mestre de Aviz, foi tronco da segunda linha, que por espaço de dois seculos occupou o throno de Portugal. O seu reinado foi illustre não só pela victoria decisiva de Aljubarrota, mas ainda pela expedição que armou contra os Mouros, tomando-lhes Ceuta em 1415, e perseguindo-os dentro da mesma Africa.

Desde este momento começaram os Portuguezes a conhecer a necessidade da navegação e dos descobrimentos. O reinado de D. João 1°. faz-se digno de contemplação, principalmente pelo impulso e movimento que o infante D. Henrique, digno filho d'este monarcha, dá ao espirito de sua nação para vencer preconceitos, que até então pareciam invenciveis. Instruido na geographia e nas mathematicas, activo, emprehendedor, o infante D. Henrique abre a seus compatriotas a carreira de gloria, que os immortalisou. A' sua propria custa faz construir alguns baixeis, e os envia a reconhecer a costa da Africa. Os Portuguezes em todos os tempos altivos, bravos, intrepidos, de espirito penetrante e imaginação ardente, navegam por mares desconhecidos, dobram cabos até então considerados como limites

do mundo, e assombram a Europa por emprezas atrevidas.

Pela influencia de D. João 1.° e pela inspiração de seu genio se descobrem, primeiro as ilhas da Madeira, das Canarias e de Cabo Verde, depois as dos Açores; e dobrando o Cabo Bojador, correm ao longo da costa occidental da Africa, mais longe do que até então o havia feito navegante algum. O illustre infante D. Henrique morreu pouco depois da acclamação de D. João II, seu sobrinho, legando á sua patria um tão immenso campo de gloria. Basta a mais succinta narração do que elle meditou, e emprehendeu, para seu elogio. Se Portugal o não contou no numero de seus Reis, o mesmo Portugal, e a Europa inteira, o colloca a par dos mais assignalados varões. É á elle incontestavelmente que se devem as primeiras idéas, que nos fins do decimo quinto seculo franquearam o descobrimento de um novo hemispherio, e da passagem ás Indias.

O forte impulso, que elle havia dado a seus compatriotas, lhe sobreviveu: as emprezas e os descobrimentos succederam umas ás outras. Cada vez mais animados e mais ardentes, os Portuguezes navegam ao longo da praia occidental da Africa, e correndo a immensa costa, que se estende desde as columnas de Hercules até o rio Zaire, concebem então o projecto de abrirem passagem do Oceano Africano para o Oriental, lisongeando-se de poderem chegar até ás Indias, e fazer um commercio directo naquellas regiões, primeiro termo de tantas esperanças e fadigas. Emquanto a maior parte dos estados da Europa começava a tomar uma forma mais regular, e a offerecer factos interessantes á historia, Portugal se occupava unicamente de seus descobrimentos, e de seus estabelecimentos maritimos.

El-Rei D. João II era a alma das grandes emprezas de seus vassallos: além dos cuidados do reino, presidia a seus gloriosos trabalhos, que animava com desvelo paternal. Entretanto que isto assim passava, appareceu um d'aquelles homens extraordinarios, que mudam os destinos das nações; attrahido vivamente pelo exemplo dos navegantes portuguezes, Christovão Colombo concebe o projecto de abrir o passo ás Indias pelos mares do Occidente, e corre a offerecer suas esperanças e promessas a muitos Soberanos, que as desdenham. O designio dos Portuguezes era então sómente encaminhado á Africa, e El-Rei D. João II não deu por isso a Colombo melhor acolhimento que os Reis de França e de Inglaterra. O illustre Genovez foi igualmente repellido pelos Soberanos de Castella; mas como seus vastos projectos offereciam um attractivo, obtiveram-lhe emfim a protecção e soccorro da Rainha Isabel.

Aventura-se Colombo a ignotos mares, e descobre a America (*). Na sua volta das Antilhas

---

(*) Colombo sahindo de Palos de Muger com tres caravellas, a 3 de Agosto de 1492, em demanda das Canarias, navegou ao poente até que a 11 de Outubro encontrou a Ilha Guanahy, que é uma das Lucayas, á qual poz o nome de S. Salvador. Continuando a viagem descubriu a ilha de Cuba e a Hespanhola, hoje S. Domingos, a qual os indigenas chamavam Hayty, onde deixou 38 homens n'um forte de madeira; e fazendo-se na volta da Europa, com dez ou doze Insulanos, aportou em Lisboa a 6 de Março do anno seguinte.....

Colombo fez mais tres viagens ao Novo Mundo, todas debaixo dos auspicios de D. Fernando V. Na segunda sahiu de Cadiz a 25 de Setembro de 1493; visitou a ilha Hespanhola, descubriu a Jamaica, e um grande numero de ilhotes ao sul de Cuba, aos quaes denominou *Jardin de la Reina*. Na terceira, em 1498, avistou, junto á bocca do rio Orenoco, a ilha da Trindade no 1.° de Agosto; desembarcou em varias partes da Costa de Paria, voltou á Hespanhola, e de lá á Europa. Na quarta sahiu de Cadiz a 9 de Maio de 1502, aportou na Hespanhola, e continuando a navegar descubriu a ilha Guanaya, visinha do Cabo de Hunduras, e toda a costa do Continente desde o Cabo Graças-a-Deos até Porto Bello. *Corogr. Bras., tom.* 1.°

apparece coberto de gloria na côrte de Castella, onde foi recebido com singular distincção. O próspero successo de sua primeira expedição fez tão viva impressão nos animos dos Portuguezes, que El-Rei D. João II julgou dever contrapezar o effeito aos olhos da sua nação e da Europa por alguma grande empreza, mandando preparar sem dilação uma armada para abrir caminho ás Indias Orientáes. Mas o rei de Castella, vendo n'estas disposições um principio de hostilidades, logo se lhe mandou queixar por seu embaixador. Ficaram por tanto malogrados os aprestos, e o negocio foi devolvido á Sé Apostolica, que occupava então Alexandre VI: este Pontifice, cujos direitos divinos reconheciam as duas potencias, lhes repartiu o mundo, assignando a cada uma seu hemispherio (*).

El-Rei D. João II morreu nos fins do decimo quinto seculo, levando comsigo ao tumulo o duplicado pezar de haver regeitado os offerecimentos de Colombo, e de não ter consummado a expedição das Indias Orientáes. Com tudo esta maravilhosa empreza foi concebida em seu reinado, e seu successor a realisou. Começa n'este periodo o seculo de vigor e de gloria de Portugal. El-Rei D. Manoel, neto de El-Rei D. Duarte, subiu ao throno por falta de filho legitimo de D. João II: dotado das mais nobres qualidades

(*) Ainda que Alexandre VI traçou por Bulla passada em 4 de Maio de 1493 a linha da demarcação, não foi ella que decidiu a contenda entre os dois soberanos, pois El-Rei D. João II protestou contra os seus effeitos, e a mandou reclamar por seus ministros; mas sim o tratado de concordia feito em Tordesilhas a 7 de Junho de 1494, que ampliava as cem leguas a Oeste das ilhas de Cabo Verde até 370. Todavia este tratado, posto que confirmado pelo Papa Julio II, nunca chegou a executar-se, porque os novos descobrimentos perturbaram logo a sua demarcação, e a tornaram tão impraticavel como a linha Alexandrina.

mostrou-se anticipadamente o amigo das artes, o protector da navegação, e o pai do seu povo; a gloria dos seus antecessores não o estimulou senão para augmentar mais e mais o esplendor do throno e a prosperidade da nação. Algumas considerações de timida politica balancearam no principio os impulsos do genio d'El-Rei D. Manoel; porém depois das mais sábias deliberações resolveu definitivamente levar avante a grande empreza conforme aos intentos já concebidos.

Uma pequena armada com 160 homens, entre soldados e marinheiros, é confiada ao commando de Vasco da Gama, descendente de uma casa illustre de Portugal; elle parte em 1497 com instrucções ordenadas pelo mesmo Monarcha. O Cabo das *Tormentas* ou das *Tempestades*, conhecido onze annos antes, offerecia a possibilidade de poder passar-se ao Oceano Indico, e desde então recebeu o nome de Cabo da *Boa Esperança*, que o Gama devia justificar. Este grande navegante dobrou o Cabo, triumphou de todos os perigos, e as Quinas Portuguezas tremularam pela vez primeira sobre estes mares. Gama continúa sua derrota, corre a costa oriental da Africa, e depois de haver por muito tempo vagado sobre um Oceano quasi ignoto, chega a Calecut, cujo Rei, mais conhecido pelo nome de Samorim, o recebe com signáes de benevolencia.

Vasco da Gama propõe ao Samorim uma alliança e tratado de commercio com o Rei seu amo; mas, prevenido depois pelos Mahometanos, acha aquelle Monarcha na audacia, na actividade, e na ambição dos navegantes portuguezes, um motivo de inquietação, e procura cerca-los de ciladas e perigos. O almirante apenas lhe pôde escapar por sua constancia inalteravel, e represalias exercidas a

proposito. Toma o caminho da Europa, depois de ter feito respeitar o nome portuguez no Indo, onde não havia achado disposições verdadeiramente favoraveis, senão no Rei de Melinde, que o fez acompanhar por um embaixador; vence novos obstaculos para regressar a Portugal, e chega finalmente em 1499, dois annos depois da sua partida.

É facil julgar qual seria a recepção, que El-Rei D. Manoel reservava ao illustre navegante. Festas brilhantes e todos os testemunhos de uma alegria publica lhe foram deferidos, assim como honrado com signáes de estima e de reconhecimento por seu Soberano. Gama foi feito Conde da Vidigueira, e creado almirante dos mares orientáes: estes titulos, tão gloriosamente ganhados como liberalmente dados, perpetuaram a memoria de seus serviços, como a illuminada justiça do Monarcha que os soube apreciar e reconhecer. El-Rei D. Manoel dando tão alto apreço á navegação do Gama, não tinha ainda calculado sua importancia e vantagens. Tudo ia mudar de face no commercio do antigo mundo. A passagem do Cabo da Boa Esperança, e as expedições, que se seguiram, romperam os obstaculos que se oppunham aos progressos da navegação, da industria e da civilisação.

Mudando assim o commercio do mundo, os descobrimentos de Colombo e do Gama tiveram uma influencia decidida sobre os destinos da especie humana. A idéa só das regiões immensas, de mares até então ignorados, de novas fontes de riquezas, electrisou os espiritos, excitou a emulação e accendeu a cubiça. Desde que se tratou de sustentar conquistas na Africa e na Asia, o desejo de enriquecer, e o amor da gloria, fizeram correr milhares de Portuguezes ás praias estrangeiras; desde logo suas armadas cobrem e do-

minam os mares da India. El-Rei D. Manoel se occupa unicamente em sujeitar esta riquissima região ás suas armas. As emprezas atrevidas, as victorias assignaladas dos Almeidas e dos Albuquerques, lhe asseguram em menos de tres annos a posse de Gôa além do Indo, de Malaca na Peninsula do Ganges, de Adem sobre a costa da Arabia Feliz, e de Ormuz no golfo Persico; seus navios frequentam a Ethiopia Oriental, o mar vermelho, e todos os mares da Asia; estabelecem as suas feitorias desde Ceuta até as fronteiras da China.

Já os Portuguezes tinham dado o primeiro passo para o Oriente, quando o acaso lhes deparou o dominio de uma das mais vastas regiões do hemispherio Occidental, o BRASIL, que, situado a mil e quinhentas leguas da Metrópole, em seu principio despresado, devia ser um dia, segundo a ordem eterna dos acontecimentos, o refugio da monarchia portugueza, a séde do seu poder, e um dos mais bellos Imperios da America.

COMPENDIO

DA

HISTORIA DO BRASIL.

CAPITULO PRIMEIRO.

1500—1531.

I.

Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral.

Havendo chegado a Portugal D. Vasco da Gama em 1499, com a certeza de ter descoberto a navegação da India, determinou El-Rei D. Manoel mandar no seguinte anno uma armada para visitar os Reis daquella costa, fazer com elles allianças, e formar alguns estabelecimentos, que podessem servir ao mesmo tempo de escala e feitoria de commercio na viagem e na volta das Indias; depois devia ir a Calecut e diligenciar todos os meios de brandura com o Samorim, para

alcançar licença de estabelecer uma feitoria na sua capital, ou declarar-lhe guerra aberta, se elle se recusasse ás proposições de Portugal. Para commandante d'esta armada, que constava de dez caravellas e tres navios redondos, foi escolhido um fidalgo chamado Pedro Alvares Cabral (*). O numero da gente, que a guarnecia, andava por 1200, ou 1500 pessoas como outros pretendem.

Prompta a frota defronte de Rastello, hoje Belem, e determinado o dia 9 de Março para a sahida, na vespera, que era Domingo, foi El-Rei com toda a côrte ouvir a missa na ermida de Nossa Senhora de Belem, defronte da qual estava fundeada a frota. Prégou D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, dissertando sobre o objecto da empreza; e em quanto se officiou, esteve arvorada sobre o altar uma bandeira com a cruz da Ordem de Christo, que o mesmo Bispo benzeu por fim, e El-Rei com sua propria mão entregou a Pedro Alvares Cabral, ao qual havia tido junto de sua Real Pessoa dentro na tribuna durante a festividade. Acabado este acto, assim desenrolada, como estivera no altar, foi aquella bandeira levada em procissão, e acompanhada por El-Rei até o cáes onde Cabral e os outros capitães lhe beijaram a mão, salvando entretanto toda a artilharia da armada.

Foi esta despedida geralmente a todos de

(*) Alguns escrevem Pedralvez Cabral.

grande contemplação, por ser aquella armada a mais poderosa e brilhante que até aquelle tempo sahia do reino para terras remotas (*). No dia seguinte partiu toda a frota a bom salvamento: a 14 passou á vista das Canarias; e na noite de 22 para 23, depois de haver avistado a ilha de S. Nicoláo, uma das de Cabo Verde, desgarrou da armada o navio de Vasco de Athaide, que arribou a Lisboa maltratado. Cabral fez diligencias por descobri-lo, e vendo que não apparecia, continuou a viagem. Com o intuito de evitar as calmarias da costa d'Africa, e por ser-lhe ponteiro o vento, segundo se crê, empegou-se para Oeste do meridiano da mencionada ilha, tanto que no dia 21 de Abril, derradeira oitava da Paschoa, encontraram signáes de terra, e no seguinte pela tarde, na latitude de 17° sul, avistaram uma montanha redonda, porção da serra dos Aimorés, e terra chãa coberta de arvoredo.

(*) Eram os outros capitães da armada: Sancho de Thoar, a quem Goes denomina Sota Capitão, com successão do Almirante Cabral; Nicoláo Coelho, que tinha ido com Vasco da Gama; Simão de Miranda d'Azevedo, Ayres Gomes da Silva, Vasco d'Athaide, Simão de Pina, Nuno Leitão, Pedro d'Athaide, Luiz Pires, Gaspar de Lemos no navio dos mantimentos de sobrecellente; o celebre Bartholomeu Dias, descobridor do Cabo da Boa Esperança, e Diogo Dias, seu irmão, os quaes ambos haviam de ficar em Sofala com uma feitoria. Iam mais sete frades Franciscanos, subordinados a um guardião por nome Fr. Henrique, que depois foi Bispo de Ceuta, oi o capellães e um vigario para administrar os Sacramentos na feitoria de Calecut, para cujo feitor ia nomeado o almoxarife d'armada Ayres Corrêa, do qual deviam ser escrivães Gonçalo Gil Barbosa e Pedro Vaz de Caminha.

Fazendo o commandante signal aos outros navios que aproassem á terra, foram surgir ao sol posto em 19 braças, obra de seis leguas arredados d'ella; e em respeito ao oitavario deu Cabral á montanha o nome de *Monte Pascoal*, que ainda conserva, e á terra o de *Vera Cruz*. No dia seguinte navegaram contra a mesma terra em direitura á foz de um rio denominado hoje *Rio do Frade*, e aferraram meia legua afastados, onde passaram a noite com algum encommodo por ventar rijo do Sueste. Como o rio, que naquelle mesmo dia foi examinado pelo capitão Nicoláo Coelho, não tinha capacidade para recolher nem ainda os menores vasos da armada, e o vento não era favoravel para costear a terra do sul em busca de algum surgidouro, mandou o commandante navegar contra o norte, fazendo passar Affonso Lopes, seu piloto, a uma das caravellas menores para navegar mais proximo á praia, e examinar o primeiro porto que encontrasse.

Tendo a armada navegado obra de dez leguas em ala, encontraram a enseada da Corôa Vermelha, aliás bahia Cabralia, onde pela tarde entraram as caravellas, que iam mais perto da praia. Affonso Lopes, indo sondar o porto, recolheu no batel dois moços indigenas, que andavam n'uma almadia, e levou-os ao almirante, que ancorara com os navios grandes como a uma legua affastado dos arrecifes, que estam á entrada da

enseada. Ali se entretiveram grande parte da noite com os hospedes não esperados; os quaes na manhãa seguinte, logo que a Capitania aferrou no porto, foram postos na praia vestidos de camisas, e com barretes; indo em sua companhia um degradado para observar o modo de vida daquelle povo.

Oito dias se demorou aqui a armada; e o que neste tempo houve de mais notavel foi a resolução de cada navio tomar os mantimentos, que podesse recolher, para mandar o que os levava de aviso a El-Rei com a noticia do descobrimento, e do que se havia obrado; e celebrar missa cantada duas vezes o guardião Fr. Henrique: primeira no Domingo de Pascoela em um ilhéo, que está dentro da enseada, á vista de um grande numero de indigenas, que estavam na costa firme; outra no 1.° de Maio ao pé de uma grande cruz, que na mesma manhãa tinha sido collocada junto á praia com as armas e divisas d'El-Rei D. Manoel, em testemunho da solemne posse, que em seu real nome se havia tomado da nova terra da Vera Cruz.

A 2 de Maio, sahiu a armada deste porto deixando nelle dois degradados, segundo a relação desta viagem escripta por um piloto da mesma frota, e conservada por Ramusio, onde se menciona que aquelles ficaram chorando, e os homens do paiz os confortavam, mostrando-se d'elles compadecidos. Um dos degradados, que aprendeu logo o idioma dos

indigenas, chamados Tupininquins, e serviu de interprete aos primeiros Portuguezes que ali aportaram, tornou depois para Portugal.

Como a costa corre ao mesmo rumo, a que o capitão Gaspar de Lemos necessariamente devia navegar, e elle tinha interesse (e provavelmente recommendações de Cabral) em saber até que altura a terra se estendia para o norte, nada é tão verosimil e natural, como avista-la elle muitas vezes até o Cabo de S. Roque, se é que a não levou sempre á vista até esta paragem, porque as aguas nesta monção puxam para terra. Os dois indigenas com que chegou a Portugal, segundo Barros, provam que elle aportou em alguma parte, depois que sahiu de Porto Seguro, visto que para honra dos descobridores, foi esta medida ali geralmente havida por injusta, e não teve effeito.

O prazer que El-Rei D. Manoel recebeu na chegada do capitão Gaspar de Lemos com as noticias do descobrimento da extensa, amena e povoada terra da Vera Cruz, fez conceber a este magnanimo Monarcha o projecto de manda-la explorar, vendo dahi em diante estender-se o seu dominio não sómente nas tres antigas partes do mundo, mas ainda na quarta de novo descoberta. Determinou portanto armar uma frota destinada a trazer d'esta nova região noticia completa, e assegurar-se da sua posse.

II.

Primeiras explorações das terras do Brasil.

Posto que os nossos escriptores não se coadunem sobre o anno em que El-Rei D. Manoel mandou continuar o descobrimento desta nova terra, é fóra de toda a duvida que a primeira esquadra expedida para este exame constava de tres caravellas, que sahiram do Tejo em Maio de 1501, debaixo do commando de Gonçalo Coelho, e foram encontradas no porto de Bezenegue, junto a Cabo Verde, por Pedro Alvares Cabral quando voltava da India.

É igualmente certo que o mesmo Monarcha expediu outra esquadra com duplicado numero de caravellas ao mesmo exame, logo depois da volta da primeira; e com quanto não concordem todos os escriptores sobre o commandante d'esta segunda expedição, convêm muitos em que fôra Christovão Jacques (*). Costeou este o continente

(*) O Senhor Francisco Adolfo de Varnhagen, em suas notas ao Diario de Pero Lopes de Souza, se inclina a crer que o commandante d'esta frota fôra Fernão de Noronha, descobridor e primeiro donatario da ilha do mesmo nome, e não Christovão Jacques, como outros suppõem; o que se acommoda em boa parte com Goes, Gabriel Soares, e Osorio.

observando cuidadosamente o mais notavel acerca dos rios, portos, cabos, e enseadas, com os arrecifes, e ilhas adjacentes, aspectos e gizamentos da costa até o Cabo das Virgens na entrada do estreito Magalhanico: havendo ancorado em muitas paragens para fazer os exames necessarios, segundo as insinuações que levava, e se pratica em casos taes (*).

(*) Omitti fallar no texto de Americo Vespuccio, porque segui litteralmente o padre Ayres de Casal na sua Corographia Brasilica, e como elle, tambem penso que o nauta Florentino não acompanhou a Gonçalo Coelho nem a Christovão Jacques em suas explorações á costa do Brasil. Alguns dizem que Vespuccio viera pela primeira vez a America em 1498 em serviço da Hespanha, ou como aventureiro, e que então reconhecera o Cabo do Norte até as bocas do Amazonas; outros suppõem que elle tambem viera em 1502 ou 1503, mas como vieram muitos outros aventureiros; todavia o que se póde negar com boas authoridades é que elle acompanhasse aos dois primeiros exploradores portuguezes acima mencionados. O silencio dos escriptores portuguezes do seculo XVI ácerca de Vespuccio, como empregado no serviço da corôa portugueza, é de certo grande argumento contra os que pretendem que elle viera como cosmographo nas duas citadas expedições. Diz o padre Casal que o jesuita Simão de Vasconcellos foi o primeiro, que o divulgou cento e sessenta annos depois, e tem servido de guia aos posteriores. Se assim fosse, era mister convir tambem com os que asseveram, que fôra Americo o chefe ou commandante da primeira expedição; e todavia não existe um só escriptor portuguez ou hespanhol que o affirme. Finalmente, o argumento mais favoravel sobre que se fundam os escriptores, que sustentam a vinda de Vespuccio como empregado no serviço d'El-Rei D. Manoel, consiste nas suas proprias cartas, e n'um summario, que deixou d'estas duas expedições, nas quaes ha mais de exageração que de realidade, senão queixas acerbas contra os navegantes e pilotos portuguezes; como se houvera sido delle mister para descobrir o caminho da India em 1497, ou o do Brasil em 1500. Alem de que, se a honra é devida ao primeiro descobridor, não vejo porque tanto se queira attribui-la a um agente dos exploradores; e neste caso devia ser bem secundario o papel de Vespuccio nas duas primeiras explorações pela rasão mui simples de haverem ácerca delle conservado tanto silencio os escriptores portuguezes do seculo XVI. Diz o Sr. Varnhagen, que sustenta opinião contraria á minha, que os primeiros inimigos de Americo foram os Castelhanos, ciosos do

Consta que assentou varios padrões com as quinas de Portugal nos sitios mais azados

nome *America* dado ao novo mundo, em que aquelle nauta não tivera culpa. E porém, não alcanço muito neste ciume o motivo de negarem abertamente ao Florentino a honra e a gloria, que concedem aos pilotos e navegantes portuguezes, onde havia mais de zelo e de inveja, porque não só levavam suas armas ás regiões mais remotas, como que disputavam ainda mais a posse do hemispherio que Alexandre VI lhes havia doado; e sem embargo, nenhum escriptor Hespanhol occultou ou negou os serviços eminentes de Magalhães, Diogo Garcia e Ruy de Falleiro, Portuguezes empregados no serviço da Hespanha, assim como dos pilotos de Cabral e G. de Lemos, e dos primeiros que em 1506 foram mandados ao Rio da Prata (João de Lisboa e Vasco Gallego de Carvalho). Seria de certo fazer muito pouca honra aos pilotos portuguezes de Vasco da Gama, de Cabral, e de G. Cortereal á terra do Labrador, o imaginar se quer que El-Rei D. Manoel mandasse por duas vias á Sevilha convidar expressamente a Vespuccio para ir em uma esquadra sua a um paiz, onde já tinham ido e voltado navios portuguezes com pilotos seus vassallos. Nem se diga que só os Hespanhóes e Portuguezes põem em duvida as relações de Americo Vespuccio, ou contestam a sua vinda ao Brasil em serviço d'El-Rei D. Manoel, porque, além de Robertson, encontramos na *Hist. geral das viagens* (tom. 14, liv. 6.° e 9.° Pariz 1757) as seguintes palavras: « Les relations d'Américic Vespuce contien-« nent le récit de deux voyages qu'il fit sur la même côte (du « Brésil) au nom d'Emmanuel, roi de Portugal. Mais les dates « en sont fausses, et c'est en quoi consiste l'imposture; car il « est prouvé, par tous les témoignages contemporains, que dans « le temps qu'il nomme il était employé à d'autres expéditions. »

Por falta de terem sido contestadas as primeiras relações infieis d'estes descobrimentos, é que, ha um seculo pouco mais ou menos para cá, se tem tornado quasi geral a opinião de que a Americo Vespuccio se deve o descobrimento de todo o hemispherio austral do novo mundo; e é por isso que perfeitamente combate e nega a sua intervenção, com grande copia de argumentos e rasões fortissimas, o Visconde de Santarem na sua carta impressa no *Bulletin de la Société géographique de Paris* em Outubro de 1835. Não se póde ler sem sorpresa o que muitos auctores modernos têm escripto a este respeito, e com o correr dos tempos tal seria a opinião, como se póde julgar pela seguinte passagem: « De son « temps (le règne d'Emmanuel le Grand) Vasco di Gama aborda « à Calicut sur la côte de l'Inde, après une navigation de « dix mois; deux ans plus tard, l'heureux Florentin Amerigo « Vespucci, qui donna son nom au nouveau monde, *découvrit le* « *Brésil*; c'est de là que partit Pedro Alvares de Cabral pour son

para serem vistos; que perdeu quatro caravellas, e deixou em Porto Seguro uma colonia, ou parte dos que escaparam dos naufragios, com dois missionarios Franciscanos, tornando ao reino com duas caravellas carregadas do páu, que pela intensidade e brilhantismo de sua côr, semelhante á da brasa, fez ao depois perder áquella região o nome dado por Cabral. No mesmo anno de 1503, antes que este explorador chegasse á terra de Vera Cruz, aportou no meio da sua costa D. Affonso de Albuquerque, que sahira de Lisboa a 6 d'Abril, commandando uma esquadra para a India; não se nos diz em que latitude: declara-se sómente, que havia arvores de cana-fistula e brasil n'aquella paragem. Pouco tempo depois foi o páu brasil posto em contracto, começando a colonia a ser visitada pelos navios dos contractadores.

Em 1505 navegou a frota da India (commandada por D. Francisco de Almeida) mui

---

« expédition dans le pays du Samorin de Calicut, tandis que « Gama et ses successeurs visitaient les côtes de Mosambique, « de Zofala, &c., &c. » (*Muller, Hist. Univ., tom.* 2, *cap.* 13.)

Finalmente, não sendo o meu objecto escrever uma historia completa senão um compendio da do Brasil, em que apenas cabe mencionar os factos, indicando tão sómente os que podem ser contestados, deixo a outros mais minuciosos a questão, que faz o objecto d'esta nota; na qual só quiz expôr algumas rasões das muitas em que me fundo para pensar como o auctor da Corographia Brasilica, cujo texto segui quasi litteralmente neste capitulo, com as alterações que julguei indispensaveis em consequencia de posteriores publicações.

CHRISTOVÃO COLOMBO.

DESCOBRIDOR DA AMERICA.

NASCEU EM 1441 M. EM 1506.

proxima á costa do Brasil, mas não se sabe que fosse avistada por alguns dos navios que a formavam. No anno de 1506 costeou Tristão da Cunha (indo para a India) a terra de Pernambuco, tão proximo a ella que descobriu ou reconheceu o rio de S. Sebastião; o qual, por não se lhe determinar a latitude e nem conservar o nome, é hoje desconhecido. Em 1510 naufragou um navio portuguez na entrada da Bahia de *Todos os Santos*, escapando toda a gente ou a maior parte d'ella, porque 25 annos depois ainda ali viviam nove dos naufragos com os indigenas. Não se sabe com que designio emprehendéra a viagem.

No anno de 1515 navegou o Castelhano João Dias de Solis, do Cabo de Santo Agostinho até o Rio da Prata, que tomou d'elle o nome por algum tempo, havendo entrado tambem na bahia do Rio de Janeiro. Depois da sua morte, que foi ás mãos dos indigenas com outros da sua tripulação, na margem do Paraguay, os dois navios, que elle commandava, foram carregar páu brasil a Pernambuco, e voltaram para a Hespanha. Em 1519 avistaram o Cabo de Santo Agostinho, e seguindo a costa entraram na bahia do Rio de Janeiro, Fernando de Magalhães e Ruy Falleiro, Portuguezes ao serviço de Carlos 1.°, destinados a fazerem o primeiro giro do globo; e como entrassem nesta bahia no dia 13 de Dezembro, onde se demoraram

até 27 do mesmo mez, déram-lhe por isso o nome de *Bahia de Santa Luzia.*

Consta de varios escriptores que Diogo Garcia, piloto portuguez no serviço de Castella, aportára no anno de 1527, um pouco afastado da embocadura do rio Uruguay; achando ali os navios com que Sebastião Caboto sahira de Cadiz para passar ás Molucas pelo estreito de Todos os Santos, hoje de Magalhães, e tendo noticia de que o capitão tinha subido pelo Paraguay, então rio de Solis, navegára com suas lanchas até muito acima da confluencia do Paraná, onde o encontrára acabando de construir o forte de Santa Anna, e onde ambos déram ao rio de Solis o nome do Rio da Prata, por verem alguns pedaços d'este metal nas mãos dos indigenas.

Antonio Herrera accrescenta que Diogo Garcia havia estado no fim do anno precedente sobre o baixo dos Abrolhos, e aportado na bahia de S. Vicente, onde um *bacharel portuguez* o provéra de refrescos, e lhe déra um genro seu para lhe servir de lingua no rio de Solis ou Paraguay: que Garcia fundeára na ilha dos Patos, hoje de Santa Catharina, onde os indigenas o proveram de algum mantimento, e se lhe queixaram de haver-lhes Caboto furtado seus filhos em recompensa do bom agasalho que lhe prestaram. É provavel que este bacharel fosse João

Ramalho (*), ou Antonio Rodrigues, que Martim Affonso de Souza ali encontrou quatro annos depois.

(*) É este de certo o mesmo João Ramalho, de que falla Fr. Gaspar da Madre de Deos na sua *Noticia dos annos em que se descubriu o Brasil*, que vem inserta no 2.° volume da Revista Trimensal do Instituto Historico, &c., pag. 425. Diz a *Noticia* que este Ramalho em 1580 contava 90 annos de residencia no Brasil, inferindo d'ahi que viera ter a America em 1490, isto é, dois annos antes de Christovão Colombo a ter descoberto; nem acha o padre Fr. Gaspar esta aventura extraordinaria, porque diz que o dito João Ramalho podia ter vindo em alguma embarcação, que fizesse viagem para a *Asia ou Ethiopia*, e désse á costa na praia de Santos. Prescindâmos de outras rasões, que para isso dá o mencionado Fr. Gaspar, que não merecem peso algum, e vejamos se uma circumstancia tão notavel, como a de existirem no Brasil alguns Portuguezes (porque com Ramalho veiu tambem Antonio Rodrigues) antes da sua descoberta por Pedro Alvares Cabral, poderia ficar occulta a Diogo Garcia, que em 1527 estivera com o dito Ramalho, e depois a Martim Affonso de Souza em 1531, quando aportára a S. Vicente; pois que nem Herrera fallando do primeiro diz nada ácerca de facto tão importante, nem Pero Lopes de Souza, irmão do mesmo Martim Affonso, refere cousa que inferir-se possa ácerca de tão grande maravilha. Digo maravilha, porque Fr. Gaspar attribue a vinda de Ramalho ao Brasil ao naufragio de alguma embarcação portugueza, que em 1490 fizesse viagem para a Asia ou para a Ethiopia: ora Vasco da Gama foi o primeiro que navegou para o Oriente em 1497, e se a Colombo é contestada a gloria de haver sido o primeiro que descobriu a America, é cousa nova para mim que alguem contestasse ao Gama a gloria de ser o primeiro, que montou o Cabo da Boa Esperança; porque Bartholomeo Dias apenas o tinha reconhecido onze annos antes, e nenhum outro Portuguez ou navegante tinha passado até ali além do rio Zaire na Costa Occidental da Africa. Logo, donde póde nascer a conjectura de uma embarcação, que navegasse para a Asia em 1490? Pois não era mais natural suppôr engano no testamento, ou mesmo erro de conta no testador, que vivendo entre selvagens por tanto tempo, sem calendario para corrigir as datas, apenas contasse um dilatado numero de annos pela estimativa de sua memoria? Não era tambem mais rasoavel suppôr que Ramalho, Rodrigues e outros Portuguezes, foram do numero dos naufragados nas quatro caravellas, que perdêra Christovão Jacques em 1503, em sua derrota desde o Cabo de Santo Agostinho até o estreito de Magalhães; ou, como se collige do Diario de Pero Lopes de Souza, degradados que ficaram desde a primeira exploração em 1501? Supposição que dá para Ramalho

III.

Martim Affonso de Souza navega por toda a costa desde o Cabo de Santo Agostinho até o Rio da Prata, e volta a fundar a Colonia de S. Vicente. Duarte Coelho Pereira expulsa os Francezes de Itamaracá.

Com a noticia, que o navio de Diogo Garcia trouxe a Portugal em 1528 ou 29, de estarem os Castelhanos estabelecidos no Rio da Prata, e receando-se de que se estendessem para leste do rio Uruguay, por onde então se cuidava que corria a linha divisoria, expediu El-Rei D. João III uma armada a este paiz, em Dezembro de 1530, debaixo do commando de Martim Affonso de Souza, com ordem para fazer fortificações e distribuir terrenos aos que no paiz quizessem estabelecer-se.

A armada, depois de ter reconhecido o

---

uma existencia de 79 annos no Brasil na data do seu testamento; o que já não é pouco, ainda quando se lhe queira attribuir uma longevidade secular. Diz Herrera que em 1527 déra Ramalho (porque deve suppôr-se o mesmo) a Diogo Garcia um genro seu para lhe servir de lingua no Rio de Solis; ora, nessa época, segundo a minha conjectura, tinha o dito Ramalho 24 ou 26 annos de existencia no Brasil; não seria tempo sufficiente para ter uma filha casada? Se esta noticia passasse sem contestação, tempo viria em que o descobrimento do Brasil seria contestado a Pedro Alvares Cabral, e até se supporia que em 1490 era já conhecida a navegação da Asia, pois que para ali se dirigiam embarcações; e assim cahiriam por terra os monumentos de gloria dos dois mais famosos navegantes portuguezes, Vasco da Gama e Cabral.

Cabo de Santo Agostinho, e navegado ao longo da costa, fez presa de dois navios francezes, que ali encontrou; do que Martim Affonso deu logo noticia ao Soberano por João de Souza, capitão de um dos navios da mesma armada. Seguiu depois até a bahia de Todos os Santos, onde refrescou, continuando a sua derrota para o sul com prospero successo, até que no dia 30 de Abril de 1531 foi surgir na bahia do *Rio de Janeiro* (*); na qual se demorou tres mezes para reparar as avarias, e tomar mantimento para um anno. Daqui partiu no dia 1.° de Agosto, e foi ancorar entre a Terra Firme e a ilha da *Cananéa*, donde enviou o piloto Pedro Annes para haver falla dos Indios; o qual voltou trazendo em sua companhia a Francisco de Chaves, que vivia n'esta terra com cinco ou seis Castelhanos.

Como Francisco de Chaves, sendo grande pratico de todo aquelle sertão, informasse a

---

(*) Diz o P.e Ayres de Casal, na sua Corographia Brasilica, que a esquadra depois de ter refrescado em Porto Seguro, foi entrar na Bahia de Santa Luzia, cujo nome fôra trocado pelo do Rio de Janeiro por ser a entrada no 1.° dia do anno de 1532. Ora, pelo Diario de Pero Lopes de Souza vê-se claramente que não podia ser esta a causa da troca do nome, se tal troca tivesse havido, porque a entrada fôra a 30 de Abril de 1531, e não, como suppõe o Padre Ayres, no 1.° de Janeiro de 1532; além de que o nome de *Rio de Janeiro* era já conhecido, tanto que nesta occasião diz simplesmente Pero Lopes — « *Sabbado 30 de Abril, no quarto d'alva, eramos com a bocca do Rio de Janeiro* —» o que se rectifica por elle contar ter ouvido este nome antes de lá chegar. (*Vej. Diario, pag. 14.*)

Martim Affonso que existia muito ouro em certas minas, que elle conhecia, mandou o capitão mór que Pero Lobo com oitenta homens as fosse explorar; cuja expedição foi malograda pelos Indios Carijós, que a final mataram a todos estes Portuguezes, sem que um só escapasse. No em tanto proseguiu Martim Affonso a sua derrota para o Rio da Prata, onde se achava quando o sol chegou ao tropico do Capricornio, segundo a duvida que propôz ao Dr. Pedro Nunes, depois que voltou para Portugal. Não encontrando estabelecimento algum castelhano em toda a costa, tornou para a bahia de Santos, em cuja barra meridional fundou a colonia de S. Vicente, como adiante se verá.

Á força de interpretações tinha chegado o Rei de Portugal a fazer comprehender o Brasil no hemispherio que Alexandre VI lhe havia concedido. Carlos V, que então occupava o throno da Hespanha, queria viver em paz com Portugal para voltar toda a sua ambição contra o resto da Europa. Com tudo, o consumo proveitoso das cargas do páu brasil deu logo a idéa a alguns especuladores de emprehender este commercio, e de empregar n'elle navios mercantes. Um navio de Marselha, que tinha ido carregar páu brasil a Pernambuco, occupou a feitoria de Itamaracá, fundada por Christovão Jacques, e deixou

n'ella 70 Francezes para guarda-la como sua. Logo que isto se soube em Lisboa, expediu El-Rei a Duarte Coelho Pereira para arroja-los d'ali; o que logrou completamente expulsando os intrusos, e destruindo tudo o que elles tinham feito; e foi estabelecer a feitoria sobre o rio Iguaraçú, poucas milhas arredada do primeiro assento.

Vendo El-Rei D. João III que os Castelhanos se achavam estabelecidos sobre o rio Paraguay, e que os Francezes pretendiam estabelecer-se em Pernambuco e na Bahia de Todos os Santos, resolveu povoar o continente; e para facilitar a colonisação, determinou reparti-lo em porções de 50 leguas de costa com regalias lisongeiras e titulos de *Capitanias*, que deu de juro e herdade a vassallos benemeritos pelos serviços, que tinham feito á corôa, os quaes deviam ir ou mandar povoa-las com gente e navios á sua custa, dentro de certo tempo, antes que as outras nações ali se fossem assentar. Cumpre, porém, que digamos qual era o estado do Brasil na epocha do seu descobrimento, antes de tratarmos das capitanias hereditarias.

IV.

Descripção geral desta vasta região.

O nome *Brasil*, que em seu principio só foi dado a uma parte da costa maritima, estendeu-se logo a todas as possessões portuguezas da America meridional, que hoje formam o grande Imperio d'aquelle nome, occupando a parte mais oriental d'esta região. Jaz entre os 5 gráus de latitude septentrional, na serra da Paracaina, cabeceiras do rio Branco, e a ponta de Castilhos-grandes aos 34 gráus e 15 minutos de latitude austral, tendo 785 leguas de 20 ao gráu de norte a sul. De Leste a Oeste fica entre 9 gráus e 30 minutos de longitude oriental do meridiano do Rio de Janeiro, e 26 de longitude occidental, tendo 710 leguas desde a ponta de Olinda até o presidio de Tabatinga no Amazonas, pouco acima da confluencia do Javary, o que faz a sua maior largura Leste-Oeste. A sua extensão encerra mais de dois quintos da America meridional; as praias e as enseadas lhe dão mais de mil e duzentas leguas de costa.

Quando se descobre do mar este continente parece montanhoso, agreste e desigual; mas de perto nenhuma vista no

mundo é mais pittoresca nem mais admiravel: os seus montes são coroados de magnificos bosques, e seus valles revestidos de perpetua verdura. O interior do Brasil é por assim dizer uma immensa floresta; poucas regiões do mundo são mais regadas e vivificadas com tanta profusão. O *Amazonas*, com 1:200 leguas de curso, é o maior rio do mundo, e atravessa 500 leguas de territorio brasileiro pela provincia do Pará; ao Amazonas segue-se o *Paraguay*, que passa por mais de 200. Os rios Madeira, S. Francisco, Tocantins (*), e Paraná, formam a segunda ordem; Tapajóz, Xingú, Uruguay, e Araguaya, a terceira; Itapicurú do Maranhão, Paranahiba, Negro, Jacuy, Japura e S. Lourenço, a quarta; Parahiba do Sul, Mearim, Jaguaribe, Parahiba do Norte, Paraguassú, Contas, Belmonte, Doce, Tieté, Paranápanêma, Branco, Içá, Curitiba, Pardo, e Cuyabá, a quinta; Capibaribe, Pira-

(*) O Tocantins, cuja embocadura é visinha á do Amazonas, vem misturar as suas aguas por um braço de communicação á vasta corrente do grande rio. É ali que, durante as grandes marés, a rapidez das suas ondas reunidas produz uma qualidade de fenomeno periodico, chamado *pororoca* pelos Indios. Nesta conjunctura cousa alguma se póde oppôr á violencia das ondas do Oceano, e dos rios que se misturam com estrondo. Um ruido espantoso annuncia e acompanha esta subita invasão; montes d'agua doce se elevam, se abatem, se succedem, e cobrem em um instante quasi toda a immensa largura do canal; espantosas ondas varrem a praia, arrancam pela raiz grossas arvores, levam comsigo pedaços de terreno, e até submergem as embarcações, que estão expostas ao seu furor. (*B. Hist. do Brasil.*)

nhas, Tajahy, S. Matheos, Patipe, e Itapicurú da Bahia, a sexta; além de muitos outros, que por pouco conhecidos, ou menos extensos, não mencionamos.

As lagôas mais consideraveis são: as dos Patos e Mirim na provincia do Rio Grande do Sul; os chamados lagos Xaráes e Parima são inundações periodicas, este do rio Branco e aquelle do Paraguay. Além das ilhas de Fernando de Noronha, 60 leguas a Este do cabo de S. Roque, e da Trindade, a 200 do mesmo rumo do cabo de S. Thomé, ambas pequenas e a ultima deserta, as outras estão juntas á costa. São estas: a de Marajó ou Joannes no Pará; S. Luiz e S. João no Maranhão; Itamaracá em Pernambuco; Itaparica na Bahia; Ilha Grande no Rio de Janeiro; S. Sebastião, Santos, e Cananéa em S. Paulo; S. Francisco e Santa Catharina na provincia deste nome.

Os portos mais notaveis e importantes, além do Rio de Janeiro e Bahia, são: Pará, Maranhão, Tutoya, Ceará, Aracaty, Natal, Parahiba, Petimbú, Recife, Tamandaré, Barra Grande, Maceyó, Coruripe, Cotindiba, Rio Real, Rio de Contas, Ilhéos, Belmonte, Porto Seguro, Caravellas, S. Mathéos, Espirito Santo, Benevente, Campos, Macahé, Cabo Frio, Ilha Grande, Paraty, S. Sebastião, Bertioga, Santos, Cananéa, Paranaguá, S.

Francisco, Santa Catharina, Laguna, e Rio Grande.

Os cabos principaes são: do Norte na Provincia do Pará, S. Roque no Rio Grande do Norte, S. Agostinho em Pernambuco, S. Thomé e Cabo Frio no Rio de Janeiro, e Santa Martha em Santa Catharina. As costas septentrionaes, desde o Pará até o Rio de S. Francisco, são semeadas de arrecifes e ilhéos, nos quaes se quebram as vagas do Oceano, offerecendo repetidas vezes a imagem de um molhe natural contra as ondas, que se estendem em parallelo á costa. Aos 17 gráus de latitude ao sul começam pouco mais ou menos, na distancia de 12 leguas de Porto Seguro, os famosos cachopos denominados os *Abrolhos*, que se estendem por mais de 60 leguas, e são o terror dos pilotos. Têm-se aqui descoberto muitos canaes estreitos, por onde os navios podem abrir passagem, porém sempre com grandes perigos.

As serras mais notaveis são: as que ao norte servem de limites ao Brasil; a de Ibiapaba, que divide as provincias do Ceará e Piauhy; a da Borburema, que atravessa parte da provincia de Pernambuco, a da Parahiba, e a do Rio Grande do Norte até o Cabo de S. Roque; a das Mangabeiras, que divide as provincias do Maranhão e Piauhy da de Goyaz, tomando de-

pois os nomes de Duro, Tabatinga, Aráras, Cristaes, Marcella, etc., e continuam separando a provincia de Goyaz da de Minas Geraes. A serra do Espinhaço, com os nomes de Mantiqueira, Grão Mogol, Branca, Almas e Chapada, começa nos limites da provincia de S. Paulo com a de Minas, onde tem origem o Rio Pardo, e confluentes que vão desaguar no Paraná; segue pelo interior da provincia da Bahia, dividindo sempre as aguas que se dirigem ao rio de S. Francisco, das que vêm ter ao Oceano, tendo n'ella origem muitos e consideraveis rios.

Zoologia: contam-se para mais de 60 especies de animaes *Quadrupedes* indigenas dos 18 generos seguintes: *Mono*, *Moccó*, *Coelho*, *Quaty*, *Lontra*, *Onça*, *Cão silvestre*, *Gambá*, *Porco-espim*, *Capyvara*, *Caxinguelé*, *Rato*, *Tamanduá*, *Tatú*, *Preguiça*, *Anta*, *Porco*, e *Veado*. Das Aves ha um grande numero, das quaes são as mais notaveis: entre as rapaces, *Urubús*, *Gaviões*, *Corujas* e *Caborés*: entre os passaros, *Araponga*, *Carajuá*, *Cardeal*, *Sabiás*, *Encontros*, *Gallo da Serra*, *Andorinhas*, *Caliangús* ou *Bacoráos*, *Beija-flor*, *Passaro-mosca*, *Sahis* e *Bentivis*: entre as trepadôras, *Annuns*, *Surucuás* ou *Capitães do matto*, *Tucanos*, *Papagaios*, e *Pica-páus*: entre as galinaceas, *Pombas*, *Mutuns*, *Jacús*, *Macucos*, *Nhambús* e *Emas*: entre as paludaes, *Inhuma*

ou *Unicorne*, *Garças*, *Socós*, *Jacamis*, *Jaborús*, *Colhereira*, *Frangos d'agua*, *Piassocas* e *Guarás*: entre as nadadôras, *Gaivotas*, *Pato arminho*, *Patos Caperorócas*, *Marrecas* e *Mergulhões*.

Dos Reptis, descreve o Dr. Spix 18 especies entre *Tartarugas*, *Cágados* e *Jabotis*: 4 de *Crocodilos* ou *Jacarés*: trinta e tantas de *Lagartos* e *Bipedes*: quarenta e tantas de *Cobras*, e mais de 50 de *Rans*, *Sapos* e *Rubêtas*. Dos Peixes, os mais estimados ou abundantes são: do mar, *Badejo*, *Mero*, *Garoupa*, *Cherne*, *Bijupirá*, *Lingoado*, *Sardinha*, *Anchova*, *Bagres* e *Miranguaya*; d'agoa doce, *Piraricú*, *Bagre*, *Sorubim*, *Roballo*, *Mandis* e *Camurupins*. Ha um sem numero de insectos, entre os quaes se contam como mais prejudiciaes: *Cupim*, *Formigas*, *Carrapatos*, *Gafanhotos*, *Moscas*, *Mosquitos*, *Bichos do pé*, além de outros destruidores das plantações. Tambem ha muitas especies de *Abelhas*, assim como de *Bichos de seda*, e *Cochonilha*, de que poderiamos tirar grande proveito.

Phytologia: Talvez não haja paiz, que possa competir com o Brasil na multiplicidade de vegetaes, ao menos no prestimo. Entre as preciosas madeiras indigenas de construcção e marcineria contam-se: *Araribás*, *Acupú*, *Brasileto*, *Caixeta*, *Canella*, *Cedros*, *Gonçalo Alves*, *Graúnas*, *Gurubús*,

Igrapiapunha, *Ipê*, *Jacarandá*, *Jiquitibá*, *Jetahy*, *Mirapinima*, *Oleos*, *Páu d'arco*, *Páu ferro*, *Pequiá*, *Peroba*, *Sicupira*, *Tapinhoan*, *Vinhatico*. Das plantas alimentarias são notaveis: *Abio*, *Abacate*, *Ambú*, *Ananaz*, *Araçás*, *Assahy*, *Atas* ou *Pinhas e Frutas de Conde*, *Aypim*, *Batatas*, *Baunilha*, *Cacáo*, *Cajá*, *Cajú*, *Cambucá*, *Canna d'assucar*, *Carás*, *Côcos*, *Goyabas*, *Grumixamas*, *Jaboticabas*, *Jambos*, *Mamões*, *Mandibas* ou *Mandiocas*, *Mangabas*, *Maracujás*, *Matte Congonha* ou *herva do Paraguay*, *Pimentas*, *Piqui* e *Pitangas*. Como muito uteis á medicina e ás artes se distinguem: *Abutua*, *Andauassú*, *Andiroba*, *Anil*, *Brasil*, *Copayba*, *Fumo*, *Guaraná*, *Ipecacuanha*, *Mamono* ou *Carrapato*, *Opuncia* ou *Figueira da terra*, *Quinas*, *Salsaparrilha*, *Sipós*, *Gomma elastica* ou *Caucho*, *Tatagiba*, *Tucum* e *Urucú*.

Mineralogia: A riqueza mineral, que foi por muito tempo objecto das mais arriscadas pesquizas, é immensa; entre os *metaes* possuimos o *Antimonio*, *Bismutho*, *Chumbo*, *Cobalto*, *Cobre*, *Estanho*, *Ferro*, *Mercurio*, *Ouro*, *Paladio*, *Platina* (*), *Prata*.

(*) Não é averiguado que se tenha achado a platina em grão em nenhuma parte do Brasil; tanto assim que nunca exportamos este metal, nem entrou nunca no mercado como producto das nossas minas. Se não depende isso do erro, longo tempo acreditado, de que onde ha ouro ha platina, deve suppôr-se que esta noticia não tem outro fundamento senão na riqueza mineral do nosso solo, que contem grande copia de metaes. Todavia

Das *pedras preciosas* contam-se: *Agathas*, *Aguas marinhas*, *Amethistas*, *Cristaes*, *Crisolitas*, *Diamantes*, *Esmeraldas*, *Pingos d'agua*, *Rubins*, *Safiras*, *Topazios*. Das pedras de construcção: *Basaltos*, *Granitos*, *Jaspes*, *Loizas*, *Marmores* e *Porphiro*. Ha tambem grande quantidade de *Carvão de pedra*, *Enxofre*, *Galena*, *Grafito* ou *Lapis*, *Magnete*, *Mica*, *Pederneiras*, *Pedra d'amolar*, *Pedra hume*, *Pedra sabão*, *Pedra de cal*, *Sal gemma* e *Salitre*.

Minas Geraes, Goyaz, e Matto Grosso, são as provincias, em que a mineração do ouro e de pedras preciosas é mais

---

esta supposição é desmentida pelo B. d'Humboldt (*Ens. sobre a N. E., tom. 3, liv. 4, cap. 11*) do modo seguinte: « A platina « em grãos só se acha em duas paragens do mundo conhecido, « isto é: no Chocó, Provincia do Reino da Nova Granada, e « cerca das costas do mar do Sul na Provincia de Barbacoas, « entre os 2 e 6 gráus de lat. boreal. » Foi o mesmo auctor quem combateu e mostrou o erro, em que a fraude tinha feito acreditar, de que a platina se encontrava nos mesmos lavadeiros de ouro, depois de muitas averiguações feitas por elle nos districtos de S. Agostinho e de Guiacama (no Chocó), onde os batedôres de ouro não encontraram o menor vestigio de Platina. O erro nascia de que na Casa da Moeda de Bogotá se tinha recebido ouro de Antioquia e de Neiba, mesclado com alguma platina; mas depois das observações do B. d'Humboldt, veiu-se no conhecimento de que isto era uma fraude dos especuladores, que compravam o ouro em primeira mão. — A platina é pois peculiar á certos terrenos de *transporte*, que occupam uma superficie de seiscentas leguas quadradas. Não quero negar que a haja no Brasil, e até é de suppôr que na zona correspondente ao hemispherio opposto, em terrenos iguaes, possa encontrar-se este metal, como no Chocó; porém o que posso assegurar é que nunca entrou no mercado como producto das nossas minas. Ha bem poucos annos descobriu-se na Siberia terreno de *transporte*, contendo platina, que o mesmo Humboldt reconheceu em pessoa; e assim já existe mais uma paragem onde se recolhe este metal.

importante. Na de Santa Catharina existe com toda a certeza grande quantidade de carvão de pedra, em uma extensão de cem leguas, que abrange igualmente as duas provincias de S. Paulo e do Rio Grande do Sul (*). Em S. Paulo é onde por ora se extrahe o ferro em maior escala, ainda que o tenhamos por todo o Brasil, e da melhor qualidade. Possuimos tambem muitas fontes d'aguas thermaes nas provincias do Rio de Janeiro, Bahia, S. Paulo, Santa Catharina, e Goyaz, sendo o uso d'estas ultimas muito acreditado para a cura de toda a especie de syphilis, e até da elephantiasis. Por toda a parte se encontram poços e fontes d'agua ferrea, assim como argilas de varias côres.

(*) É cerca de duas leguas acima do rancho das Taboas, (Provincia de Santa Catharina) que começa o terreno carbonifero, o qual acaba a O. da serra geral. Seu limite sul é conhecido, e está perto de Porto Alegre; atravessa provavelmente e deve terminar na Provincia de S. Paulo, segundo informações do Senhor Pixis, sabio geologo francez, que percorreu essa ultima Provincia. Assim, *cem leguas de comprimento* nada tem de exagerado; mas, sendo sua largura de 8 a 10 leguas, é de suppôr que tenha uma grande profundidade. (*Dr. J. Parigot, Memoria sobre as minas de carvão de pedra do Brasil.*)

V.

Caracter, usos, e costumes dos habitantes naturaes do Brasil.

O Brasil, no tempo do seu descobrimento, era dividido entre muitas nações ou povoações differentes, umas escondidas nos bosques, outras estabelecidas nas planicies sobre as margens dos rios, ou nas costas maritimas, algumas pacificas, quasi todas errantes; estas achando na caça e na pesca a sua principal subsistencia, aquellas vivendo principalmente das producções da terra, mais ou menos cultivada; a maior parte sem communicações entre si, ou divididas por odios hereditarios, e sempre armadas.

Á chegada dos descobridores europeos, mais de cem nações brasileiras occupavam ou disputavam a immensa extensão comprehendida entre os dois rios da Prata e o Amazonas; porém algumas d'entre ellas não foram jamais bem conhecidas: as suas transmigrações successivas têm lançado alguma confusão no testemunho dos historiadores e viajantes; fallaremos apenas d'aquellas, cujas tradições fôram melhor conservadas.

A grande casta dos Tapuyas, a mais antiga do Brasil, tinha possuido, segundo alguns, toda a costa desde o Amazonas até o Prata; ou sómente, segundo outros, uma linha do sertão em parallelo á costa, desde o rio de S. Francisco até o Cabo Frio. Esta casta foi lançada fóra pela dos Tupis ainda mais formidavel, em epocha pouco remota, porque á chegada dos Europeos se lembravam os selvagens d'este acontecimento. Assim os Tupis eram os senhores absolutos d'estas costas, quando Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil. Da voz *Tupá*, que quer dizer trovão e pai universal, tinham elles formado por barbara vaidade o nome da sua propria nação. Esta palavra encerra toda a sua theologia, porque não dirigiam supplica alguma ao Creador: para elles não era objecto de odio, de esperança, nem de temor.

Esta grande casta comprehendia 16 tribus distinctas, que não sendo unidas por laço algum, e tendo nomes particulares e signaes distinctos, formavam outras tantas nações separadas. Entre os Tupis, com quem os conquistadores portuguezes estiveram as mais das vezes em harmonia ou em guerra, se notavam os Carijós, collocados ao sul de S. Vicente, e senhores por este tempo da ilha de Santa Catharina. Os Tamoyos, que habitavam os contornos do Rio de Janeiro, estendendo-se do meio-

dia para S. Vicente, não reconheciam por alliados senão os Tupinambás seus visinhos, aos quaes se assemelhavam em muitos dos seus usos. Os Tupiniquins estavam de posse do paiz de Porto Seguro e da Costa dos Ilhéos, desde o rio Camamú até o rio Circare, extensão quasi de cinco gráus: de todos os selvagens da casta Tupica eram estes os mais trataveis, os mais fieis, e os mais bravos; os Tupinaes seus visinhos conformavam-se com elles.

A Bahia e todas as suas enseadas acabavam de ser conquistadas pelos Tupinambás, a maior e a mais valente nação da casta dos Tupis. Os Cahetés, tribu feroz, tinham em seu poder toda a costa de Pernambuco, da qual os Tabayares, da mesma casta que os Cahetés, porém menos ferozes, occupavam tambem uma parte. Emfim os Pitagoares, os mais crueis da casta Tupica, possuiam a região do Parahiba do Norte, entre este e o Rio Grande: taes eram as principaes tribus da casta senhora do Brasil. A antropophagia dominava entre todos estes selvagens; comiam em ceremonial com medonha alegria os prisioneiros de guerra; mas nem todos os Brasileiros eram antropophagos: parece que a casta dos Tupis fôra a que trouxêra do sertão este uso horrendo, que os Portuguezes acharam introduzido em todas as partes da costa.

A linguagem dos Tupis era a mais espa-

lhada, ainda que se fallasse até cento e cincoenta linguas barbaras no Brasil. A lingua Tupica era, segundo dizem, um dialecto do Guarany, tido como lingua mãe; o que faz acreditar que a casta dos Tupis proveiu dos povos bellicosos do Paraguay, onde uma povoação inteira ainda conserva o nome primitivo, que se modificou depois segundo as tribus. Antes de descrever a posição geographica, e de dar a resenha das outras tribus brasileiras as mais famosas, vamos a esboçar em um pequeno quadro os caracteres principaes, que podem fazer conhecer os usos e os costumes guerreiros da casta selvagem, que dominava o Brasil na epocha do seu descobrimento pelos Portuguezes.

No estado de pura natureza os Tupis não conheciam divindade alguma; ao menos não annunciavam este conhecimento consolador, quasi universalmente inspirado á especie humana. Os signaes de admiração e de respeito, que davam ao sol, á lua, ao trovão, não tinham caracter algum de culto; eram produzidos pela admiração ou pelo susto, não se elevavam acima dos objectos creados; porque nenhuma palavra na sua lingua exprimia a idéa de um Ente Creador e Senhor do Universo. Os sonhos, as sombras, o pesadelo, e o delirio, geraram superstições, que os adevinhadores, ou *Pagés*, fizeram acreditar entre

os Tupis. Chocarreiros e sacerdotes juntamente, os Pagés affirmavam a existencia de um espirito malfasejo, de que se gloriavam moderar a perigosa influencia; por isso eram consultados nas doenças, nas occasiões perigosas, principalmente na guerra e na paz.

Cada Pagé vive só, e retirado em lugar ermo, onde lhe levam tudo quanto pede; e tem tal imperio nos animos, que se elle prognosticou a morte áquelle que o offendeu, o desgraçado objecto deste fatal vaticinio deita-se immediatamente na cama, e espera a sua sorte com tanta resignação, que não bebe nem come, e assim se realisa o anathema. Os Pagés antes de receberem as distincções do poder sacerdotal, passavam pelas mais terriveis provas: durante muitos annos se lhes impunha tão rigorosa abstinencia, que muitas vezes a morte os privava de gozarem do fim dos seus trabalhos; a historia nos conserva parte dos usos exteriores destas iniciações. Não tinham os Pagés immediata influencia no governo civil, o qual era extremamente simples, e se acha identico em todas as tribus. Cada aldêa tinha um chefe, cuja authoridade se limitava á de aconselhar; este foi em todos os tempos o direito da velhice, por isso esses chefes eram de idade avançada, representando um pai de familia no meio de seus filhos.

Todos estes povos andam nús, pintam o corpo de diversas côres, excepto a cara; alguns furam o labio inferior, e trazem n'elle um pedaço de páu, ou uma especie de jaspe verde, que os torna disformes. As mulheres não furam os labios, porém nos grandes buracos, que tem em cada orelha, trazem pendentes, á maneira de rosarios, grossas enfiadas de pequenos ossos brancos e de pedras de côr, que cahem sobre as espaduas. Nas suas guerras ou festas pegam com resina pennas verdes, encarnadas, e amarellas na testa, faces, e nos braços, e com ellas enfeitam tambem as suas armas. Os chefes distinguem-se commummente por um grande collar de conchas. Os Brasileiros não são geralmente polygamos, ainda que alguns chefes possam ter diversas mulheres. As raparigas, antes de casarem, entregam-se sem pejo aos homens livres: seus proprios pais as offerecem aos hospedes; porém logo que se ligam ao estado de casadas, são fieis a seus maridos, e o adulterio é odioso entre os Brasileiros. As mulheres tornam-se escravas, seguem os maridos na guerra, e carregam com as suas provisões.

As habitações destes selvagens, mais ou menos juntas, variam na forma e no tamanho: constam ordinariamente de casas ou cabanas distribuidas em aldêas. As povoações mais adiantadas na policia cons-

tróem e levantam muros feitos de barrotes, cujos intervallos são cheios de terra, como uma especie de fortificação, defendida por fojos. Sem embargo desta defesa, nem sempre escapavam ao furor dos inimigos, que incendiavam as habitações lançando sobre ellas flechas guarnecidas de algodão inflammado. A principal occupação das mulheres consiste em fiar algodão para fazer redes e cordas. Ellas fazem tambem vasos de barro, que servem para differentes usos. A raiz da mandioca é o sustento diario destes selvagens; ajuntam-lhe outras raizes, que pisam e redusem a farinha para compôrem bebidas ou alimentos com mais ou menos consistencia. A caça e a pesca supprem o resto das suas precisões.

Menos sugeitos ás molestias, que as nações cultas adquirem pelo mimo e pelo luxo, prescrevem a seus doentes dieta absoluta, e alguns simplices tirados dos seus bosques. Celebram os seus funeraes com chóros e tristes lamentações, que contém ordinariamente o elogio do morto. Se é pai de familia, enterram com elle as suas armas, suas pennas, e seus collares; e é este o unico signal pelo qual se poderia suspeitar que a idéa da outra vida lhes não é absolutamente estranha. O homicidio é o unico crime que castigam: os pais do matador o entregam aos do morto, estes afogam o culpado e o enterram. A recon-

ciliação prompta e sincera entre as duas familias segue ordinariamente esta sorte de satisfação ou de represalia; bem differentes n'isto das nações civilisadas da Europa, entre as quaes os odios das familias são algumas vezes hereditarios.

Sem outras leis mais que os seus usos, seguindo quasi sempre o instincto da natureza, os Brasileiros possuem algumas virtudes sociaes e domesticas. Exercitam e respeitam a hospitalidade, e vivem tranquillamente entre si; não se desamparam nas molestias, como fazem outras povoações da America, e são fieis a seus alliados. Mostram em geral inclinação á indolencia, e á ociosidade que caracterisa todos os selvagens meridionaes; mas passando de um extremo á outro, amam com paixão a dança, e todos os exercicios violentos. É sobretudo nos combates que se manifesta a sua activa e horrivel ferocidade; então a crueldade no seu maior auge se transforma em virtude guerreira. É mui raro haver entre elles outros motivos para a guerra senão os da vingança; por isso não seria facil determinar a causa das primeiras aggressões.

A arma principal dos Brasileiros é uma clava de seis pés de comprimento, feita de páu durissimo e mui pesado, com dois gumes; tem arcos feitos igualmente de páu consistente, com as cordas de algodão, e

flechas de canna silvestre armadas de fortes puas de madeira ou espinhas de peixe. Servem-se dellas com singular destresa, nunca erram um passaro voando. Apenas o signal é dado pelos anciões, todos os guerreiros se põem em marcha, excitando-se por expressões as mais energicas de vingança e de odio. Chegados ao paiz, que querem devastar, buscam surprehender as povoações, incendiando-as, e commettem toda a casta de crueldades. Se são obrigados a combater em campo raso, juntam-se, marcham depressa e com firmeza, e acommettem-se dando gritos espantosos. Servem-se no principio das flechas, e depois das maças, cujos terriveis golpes são quasi sempre mortaes (*).

Decidida a sorte do combate, os vencedores amarram os prisioneiros, ameaçando-os com a sorte que os espera; e assim levam-nos para suas aldêas, onde entram em triumpho. Tratam-nos ao principio com uma bondade apparente, dão-lhes até mulheres, e põem o maior cuidado em engorda-los bem. Marcado o dia

(*) O Oceano era tambem entre muitas tribus theatro de suas proesas, e davam-se combates navaes com tanto encarniçamento como em terra. Numerosas canôas, construidas de um só tronco, formavam as suas esquadrilhas que pelejavam durante horas, como refere Pero Lopes de Souza, no seu Diario (pag. 18), ácerca do combate que elle presenciára na Bahia entre cem almadias, cincoenta de cada lado, levando cada uma sessenta homens de tripulação.

da vingança, as mulheres preparam os licores para a festa, e todos os selvagens da aldêa reunidos passam dois dias inteiros a dançar, e a beber com o cativo, que apenas parece fazer o papel de convidado, pois affecta distinguir-se pela alegria. A victima é depois amarrada ao som de um hymno de morte, e n'este estado levam-na a passear em triumpho; esta não dá o menor signal de abatimento ou de susto, pelo contrario olha com altivez para todos os que se aproximam na sua passagem, falla-lhes e lembra-lhes todas as suas expedições contra elles, dizendo a um que matára seu pai, a outro que comêra seu filho.

Quando a hora é chegada, apparece o executor ornado com todos os seus enfeites, e recebe das mãos do chefe da tribu a clava, com que ha de matar o prisioneiro; porém antes de o fazer ha um dialogo entre ambos, executor e cativo, no fim do qual levanta aquelle a clava, e esmaga de um só golpe a cabeça da victima. As mulheres se lançam logo sobre o cadaver, que despedaçam com pedras afiadas, e cujos membros ainda palpitantes são immediatamente assados e comidos. Durante este abominavel banquete os velhos exhortam os mancebos a procurar occasiões semelhantes por suas façanhas guerreiras. Não se sabe em toda esta tre-

menda ceremonia qual se deve admirar mais, se a engenhosa barbaridade dos algozes, ou o valor exaltado das victimas. Estes selvagens, apesar do horroroso attractivo que os arrasta para comerem carne humana, não comem os mortos no campo de batalha.

O uso commum é amontoar nas aldêas os craneos dos prisioneiros, que devoraram, e mostrar aos estrangeiros com orgulho estes monumentos de suas proesas, e de suas vinganças. Em geral estes selvagens medem a sua gloria pelo numero dos prisioneiros que fizeram, e tem summo cuidado de perpetuar a memoria de seus feitos por incisões que fazem nos braços, nas coxas, no peito, e mais partes do corpo. Taes são os caracteres mais geraes, que distinguem a casta dos Tupis; e com quanto se assemelhem em muitas cousas ás outras nações selvagens do Brasil, todavia existem algumas differenças bem notaveis.

Os *Guayanazes* e *Guayzacares* possuiam as planicies de Piratininga, e os contornos de S. Vicente; não eram antropophagos, e n'isto differiam essencialmente das tribus tupicas. Os *Maraques* no interior da Bahia eram agricultores, e pescavam á linha, uso ignorado pelos Tupis. Nas regiões do sertão e sobre as margens do Syputaba, que desagua no Paraguay, existem os

Barbados, assim chamados pela grande barba, que os distingue particularmente das outras raças indias. Nas costas de Porto Seguro existiam os *Papanases*, antes de serem arrojados pelos Tupiniquins; a linguagem d'aquelles apenas era entendida por seus inimigos. Retirados os *Tapuyas* para o norte do Brasil, de que foram dominadores, ainda ali se distinguiam das outras castas por suas bellas formas e força extraordinaria. De todos os selvagens eram estes os menos crueis, porque não matavam os seus prisioneiros; mas em logar de comerem os seus inimigos, como os Tupis, comiam os seus proprios mortos como a ultima prova de affecto. Á chegada dos Portuguezes os Tapuyas, assim como os *Tabajaras*, tinham formado os seus principaes estabelecimentos na serra de Ibiapaba. Entre esta casta brasileira contam-se perto de setenta e seis povoações guerreiras, distinctas por differentes nomes, e quasi todas espalhadas pelo Parahiba do Norte, Ceará, e Rio Grande.

Deste numero, os *Guayos* envenenam as suas flechas: os *Jaborós-Apuyares*, sempre errantes, não tem outras armas senão páus tostados nas duas pontas: os *Paliés* vestem-se com uma tunica de canhamo sem mangas, e fallam um idioma particular: os *Cuxaras* habitam as grandes campinas interiores: os *Mandavés* e os *Na-*

porás exercitam a agricultura. No meio de todos estes antropophagos, os *Campehos* são quasi os unicos, que não comem carne humana, mas cortam as cabeças aos seus inimigos, e trazem-nas penduradas no cinto. Entre a nação dos Tapuyas ainda se distinguem os *Aquigiros*, que por excepção notavel são verdadeiros pigmeos; foram os Europeos que lhes deram este nome; todavia não são menos corajosos, nem menos robustos.

Tambem se distinguiam particularmente por outros notaveis caracteres os *Mariquitos*, que habitavam uma parte da costa entre a Bahia e Pernambuco: os *Margajas* situados entre o Espirito Santo e o Rio de Janeiro: os *Aymorés*, senhores do interior das terras entre a Bahia e o Rio Doce, os mais selvagens e ferozes de todos os indigenas. Levam estes ao longe o terror, assim como os seus alliados *Ighigracuphos*, pela bulha estranha que fazem batendo os bastões de madeira sonora uns nos outros. Taes são as principaes variedades da grande nação dos Tapuyas (*).

(*) Os *Aymorés*, que adquiriram tão funesta celebridade, só appareceram na costa muito tempo depois do descobrimento. Pensa-se geralmente que este povo descendia de uma tribu de Tapuyas, que isolada nas solidões do interior, tinha perdido até as toscas artes de seus ascendentes. Os proprios selvagens os contemplavam como irracionaes por ignorarem a maneira de construir uma cabana, e não saberem adornar-se com as ricas plumas, cujo uso se encontrava em todas as outras tribus. Elles tinham ainda outro caracter mais distincto, que consistia no

Os *Ovaitagnasses* habitavam os contornos de Cabo Frio, entre o Rio de Janeiro e o Parahiba do Sul. Os maiores inimigos d'esta raça eram os *Ouctacazes* ou *Goaytacazes* seus visinhos, que se estendem desde as planicies, a que deram o seu nome, ao longo da margem septentrional do Parahiba do Sul, até a meridional do rio Xipoto nos contornos de Ouro Preto. Não comiam os prisioneiros, e mais bravos que as outras castas combattiam o inimigo em campo raso. Seguem-se depois os *Onayanarés* e os *Poriés* de caracter pacifico, e os *Molopaques*, que tem costumes brandos, ainda que na guerra não tenham renunciado os abominaveis banquetes de carne humana. Os *Molopaques* deixam crescer a barba, cobrem com decencia o corpo, e não usam da polygamia, posto que suas mulheres sejam bellas.

---

invencivel temor da agua, o que os impedia de perseguir o inimigo, quando este transpunha um rio ou um lago: circunstancia que parece attestar que os Aymorés provinham das hordas habitantes das aridas planicies de Pernambuco, Ceará e Piauhy; pois que um povo barbaro, que habita as margens dos rios, não deve ignorar por muito tempo a arte de nadar. Faziam os Aymorés mais uso da carne humana do que os antropophagos, de que temos fallado, e a conservavam como qualquer outro mantimento, sem a isso associarem idéa alguma de vingança. Elles assolaram Porto Seguro e Ilheos, a ponto de obrigarem todas as Fazendas a cessar os seus trabalhos pela falta absoluta de braços; avalia-se em tresentos colonos, e tres mil indigenas, e negros, o numero dos mortos. Os Aymorés foram depois batidos e dispersos, e dos restos d'esta raça procedem os *Botocudos*, que percorrem as margens dos rios Doce e Belmonte, alguns em paz com os brancos. (*Res. da Hist. do Brasil.*)

Os *Guégues*, *Timbiras*, *Jeicos*, e *Aucapuras* habitavam o vasto paiz do Piauhy para a parte do Maranhão. Os *Guanares*, *Arahis*, e *Caicazes* avisinham-se ao Amazonas. Na outra extremidade meridional do Brasil, perto de Matto Grosso, habitam os *Guaycurús* (ou Indios cavalleiros, porque quando os Portuguezes chegaram áquella provincia já acharam estes selvagens com criações de gado cavallar, e combatendo a cavallo), que provavelmente são da mesma casta que os *Guaycurús* do Paraguay. Finalmente, entre o Rio Grande do Sul e S. Vicente, está situado o paiz dos *Carijós*, os mais humanos de todos os selvagens do continente occidental, e aquelles a quem a policia europea achou mais accessiveis.

Acaba aqui finalmente o que ácerca das differentes povoações do Brasil é possivel dizer-se em um abreviado resumo. No longo espaço de tres seculos, depois de tantas transmigrações e guerras continuas, estas povoações indigenas, a maior parte errante, deviam passar frequentemente de um á outro territorio: d'est'arte as suas mudanças, o seu mesmo enfraquecimento ou a sua inteira destruição, não permittem mais hoje torna-las a achar na sua posição geographica primitiva. As relações frequentes d'estas differentes povoações com os Portuguezes, ou

com as outras nações que aportaram ao Brasil, apparecerão no decurso d'este compendio, seguindo a ordem dos factos, o progresso dos estabelecimentos e o das conquistas; o que completará o quadro dos costumes e dos usos das principaes tribus do Brasil.

CAPITULO SEGUNDO.

1532—1580.

I.

Capitanias hereditarias estabelecidas no Brasil no reinado d'El-Rei D. João III.

Instruido emfim D. João III da importancia do Brasil, dividiu esta vasta região em Capitanias hereditarias, as quaes concedeu á titulo de senhorios a alguns vassallos de qualidade do seu reino, que se offereceram para vir aqui formar estabelecimentos. Os senhores donatarios deviam gosar de jurisdicção civil e criminal; deviam gosar tambem de todos os direitos de regalia, á excepção do direito de impôr pena de morte,

cunhar moeda, e a dizima territorial, cuja prerogativa reservou para a Corôa (*).

Os senhores portuguezes, que ambicionavam estes meios de grandeza e de fortuna, não viram ao principio em seus vastos dominios senão terras, de que uma cultura pouco dispendiosa provava fertilidade, e nações estupidas, que poderiam subjugar sem perigos, e sujeitar sem esforços.

Elles se enganavam no que respeita a este ultimo ponto: a resistencia contumaz da maior parte das tribus selvagens, os combates sanguinolentos que foi preciso sustentar contra ellas, seu odio implacavel, sua vingança feroz, destruiram por muitas vezes as mais bellas esperanças. Porém cousa nenhuma podia desanimar a homens, cujas emprezas eram fundadas sobre os motivos irresistiveis de dominio e sêde das riquezas. S. Vicente, Santo Amaro, Parahiba do Sul, Espirito Santo, Porto Seguro, Ilhéos, Bahia de Todos os Santos, Pernambuco, e Maranhão, foram as primeiras Capitanias, que o Rei de Portugal concedeu ao longo das costas maritimas do Brasil (**).

(*) Veja-se o titulo de Doação, e o Foral da Capitania concedida á Pero Lopes de Souza, que vêm insertos nas notas do Diario do mesmo Pero Lopes, publicado em Lisboa em 1839.

(**) O historiador João de Barros, que foi um dos donatarios, attesta que o paiz fôra repartido em doze Capitanias; mas não

Martim Affonso de Souza, cujo nome é citado com honra na historia das Indias Portuguezas, foi o primeiro possuidor de uma Capitania no Brasil. Partindo de Lisboa com cinco vélas em 1530, como dissemos no capitulo antecedente, depois de ter examinado attentamente a costa, desde o Cabo de Santo Agostinho até o Rio da Prata, voltou aos 24 gráus e meio de lat. sul, e formou o seu primeiro estabelecimento (em Janeiro de 1532) n'uma ilha similhante á Goa, ou á antiga Tyro, pois é separada do Continente por um braço de mar. Os naturaes a denominavam *Guaiba*, de uma arvore assim chamada, que ali cresce com abundancia.

Os selvagens da costa vendo gente desconhecida estabelecer-se tão perto d'elles, reuniram-se para expulsa-la, e pediram auxilio a *Tebyreçá*, o mais poderoso chefe da tribu dos Guayanazes, que possuiam as planicies de Piratininga. Estes Indios differençavam-se essencialmente das outras tribus, porque não eram antropophagos. Com tudo, *Tebyreçá*

---

menciona os proprietarios, porque reservou-se, segundo elle mesmo declara, a dar informações sobre este assumpto na parte que escreveu, intitulada — *Santa Cruz* —, manuscripto que se julga perdido. Depois d'elle nenhum outro escriptor faz menção senão das nove Capitanias que referimos. O Padre Ayres de Casal, na sua Corographia Brasilica, suppõe que talvez se contassem por outras tantas Capitanias os cinco pedaços, de que constavam as duas dos dois irmãos Souza.

se dispunha a soccorrer seus alliados contra os estrangeiros, quando foi d'isto dissuadido por João Ramalho, de quem já fallámos, que vivia debaixo da sua protecção, e á quem, satisfeito do seu zelo e admirado da sua intelligencia, tinha dado uma filha em casamento. Ramalho, julgando que aquelles recem-chegados podiam ser compatriotas seus destinados para a India, que, impellidos por ventos contrarios sobre a costa do Brasil, tinham buscado abrigo n'esta ilha, persuadiu ao seu bemfeitor a favorece-los antes que a maltrata-los; e vindo procurar a Martim Affonso de Souza, concluiu entre este Capitão e os Guayanazes alliança perpetua.

Como o terreno que os Portuguezes escolheram logo não era tão vantajoso, os colonos se transportaram para a ilha visinha de S. Vicente, nome que ficou a toda a Capitania. Os seus progressos foram rapidos: Souza presidia á tudo com intelligencia e sabedoria. Fez plantar as primeiras cannas de assucar, que fôram levadas da Madeira, criou o primeiro gado, e foi d'esta Capitania que depois as outras se abasteceram. Com dadivas e afagos soube ganhar a affeição dos naturaes, cujas relações e frequentes communicações fôram mui vantajosas á Colonia.

Seu irmão *Pero Lopes de Souza* foi

menos feliz nas suas emprezas; de oitenta leguas de costa que lhe couberam em patrimonio, dividiu-as em dois senhorios, mui distantes um do outro, querendo fundar dois estabelecimentos distinctos e separados. Pôz o primeiro em uma ilha perto de S. Vicente, proxima á costa, e lhe deu o nome de Santo Amaro. Foi na ilha de Itamaracá, mais perto da equinocial alguns gráus, que Pero Lopes fundou o seu segundo estabelecimento colonial; onde teve que sustentar frequentes attaques da parte dos *Pitagoares*, que vieram sitia-lo na sua mesma ilha. Conseguindo repelli-los, logrou depois expulsa-los tambem da costa visinha; porém voltando ao seu estabelecimento do sul, veiu naufragar e morreu na embocadura do Rio da Prata em uma segunda exploração.

Pedro de Góes pediu e obteve uma Capitania, limitada á trinta leguas de costa entre as de S. Vicente e do Espirito Santo. Góes, auxiliado por Martim Ferreira, deu á véla para o rio Parahiba do Sul, onde desembarcou e se fortificou; esteve dois annos em paz com os Goaytacazes, porém a final não pôde evitar a guerra com estes selvagens, a qual durou cinco annos, e foi desgraçada para a Colonia nascente. Os Colonos desanimados pediram em altas vozes deixar tão incommoda habitação; e o do-

natario teve que ceder aos clamores de seus compatriotas, evacuando a Colonia em navios que pôde obter do visinho estabelecimento.

Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo portuguez que tinha enriquecido na India, obteve a Capitania do Espirito Santo, e veiu com uma grande expedição crear o seu estabelecimento em uma pequena bahia ao norte do Rio de Janeiro, onde os Colonos, que elle trouxe, fundaram uma villa, a que chamaram Nossa Senhora da *Victoria;* cujo nome ficou logo justificado pelos frequentes triumphos, que obtiveram dos Goaytacazes, seus primeiros inimigos. Os vencedores, uma vez senhores da costa, começaram a construir casas, edificios, a lavrar as terras, a plantar cannas de assucar, e a levantar engenhos.

Á *Pedro de Campos Tourinho* havia sido dada a Capitania de Porto Seguro; e fazendo-se á véla com sua mulher e filhos, e grande numero de colonos, abordou felizmente na mesma enseada, em que Cabral havia tomado posse do Brasil. Um dos dois degradados, que este almirante ali tinha deixado, vivia ainda e serviu de interprete a Tourinho em suas primeiras relações com os naturaes. Os Tupiniquins, senhores do paiz, oppuzeram-se logo ás emprezas dos colonos; porém Tourinho soube attrahi-los, dispondo-os em povoa-

ções, nas quaes introduziu a policia e costumes dos Europeos. É isto uma prova da sabedoria com que obrou, não devendo por consequencia caber-lhe a nota de tyrannia, imputada aos primeiros colonos portuguezes.

Jorge de Figueiredo Corrêa, historiographo d'El-Rei D. João III, foi o primeiro donatario da Capitania dos Ilhéos, quasi no meio do continente brasilico. Como não podesse sahir de Lisboa, por causa do seu emprego, mandou um cavalheiro castelhano, chamado Francisco Romera, para tomar posse. Com effeito a colonia foi estabelecida, e logo cresceu sem perturbação. O filho de Figueiredo, tendo herdado esta Capitania, a vendeu a Lucas Giraldes, que a beneficiou com grandes obras, e a fez tão florescente, que dentro de pouco tempo se levantaram n'ella oito ou nove engenhos de assucar.

Duarte Coelho Pereira, havendo expulsado os Francezes de Itamaracá, como já tivemos occasião de dizer, pediu e obteve a Capitania de Pernambuco, cujo primeiro estabelecimento foi no logar onde hoje existe a Cidade de Olinda. Quasi toda a costa de Pernambuco estava então em poder dos Cahetés, tribu barbara, notavel entre todas as outras pelas grandes canôas de que fazia uso. Coelho, diz o historiador Rocha Pita, foi obrigado a

conquistar d'esta tribu temivel palmo a palmo o que lhe tinha sido dado por leguas. Os Cahetés, conduzidos por Francezes que vinham traficar na costa, attacaram e sitiaram a nascente colonia, que teria succumbido, se Duarte Coelho tivesse menos experiencia da guerra. Tendo este feito alliança com a tribu dos Tabayares, repelliu e venceu os Cahetés.

Os Tabayares, dirigidos por um dos seus chefes por nome *Tabyra* ou *Tapeyra*, que era o terror dos selvagens inimigos, foram os auxiliares mais efficazes de Coelho; com tão intrepidos alliados pôde afugentar os Cahetés, e lançar os fundamentos da Capitania de Pernambuco, hoje uma das mais ricas provincias do Imperio do Brasil. Um accidente, infeliz para Portugal, se tornou favoravel para as colonias da America. Os Judeus, perseguidos pela Inquisição, vieram procurar um asilo d'este lado do Atlantico: o Brasil se povoou rapidamente, e a população europea se foi augmentando em proporção das vantagens, que ia offerecendo a nova colonia pela sabia administração de Duarte Coelho.

João de Barros, historiador e homem d'Estado, obteve a Capitania do Maranhão. Porém Barros não era opulento nem moço para se aventurar em pessoa, e por si só, á uma expedição arriscada,

e cedeu os seus direitos a Luiz de Mello da Silva, que acabava de chegar a Portugal, tendo feito o reconhecimento de toda a costa desde Pernambuco até o Amazonas. Silva fez-se á véla acompanhado de dois filhos de Barros, levando ás suas ordens cinco navios; mas esta esquadra se perdeu, salvando-se tão sómente uma caravela com o commandante e os dois filhos de João de Barros; o qual tornou a entrar em seus direitos, dividindo a propriedade da sua Capitania com Fernando Alvares de Andrade e Ayres da Cunha (*).

Formando todos tres um plano de colonia, fizeram uma nova expedição, da qual Cunha tomou o commando, levando comsigo os referidos filhos do donatario, que escaparam do primeiro naufragio. Esta segunda esquadra, chegando ao Bra-

(*) O Senhor Francisco Adolpho de Varnhagen nas suas « *Reflexões criticas sobre o escripto do Seculo* 16.° &c. » a pag. 85, diz que estes tres individuos, Fernando Alvares de Andrade, Ayres da Cunha e João de Barros, foram distinctos donatarios, que obtiveram entre si toda a parte septentrional da costa, segundo as doações e foraes que a cada um aponta na mesma pagina; porém isto não se oppõe ao que dissemos no texto, por isso mesmo que toda essa parte septentrional se chamava Maranhão; nem consta que cada um destes individuos tivesse uma Capitania distincta. O mesmo auctor das citadas *Reflexões* accrescenta, que Antonio Cardoso de Barros fôra tambem um dos doze primeiros donatarios, entre os quaes El-Rey D. João III repartira as terras do Brasil; mas não menciona a Capitania, que lhe tocára. Este trecho faz sentir a falta do manuscripto do chronista Barros, em que elle se reservava dar conta circumstanciada de todos os donatarios e suas Capitanias, de cuja perda muito se resente a nossa historia.

sil, perdeu-se tambem sobre os mesmos baixos, em que se havia perdido a primeira. Os infelizes naufragos ganharam uma ilha, onde luttaram por muito tempo com a morte: os dois filhos de João de Barros acabaram por fim ás mãos dos selvagens Pitagoares, e o resto dos seus infelizes companheiros só pôde escapar á mercê de um navio, que para este fim veiu expressamente de Portugal. Estas tentativas malogradas desanimaram o governo e os armadores portuguezes.

Francisco Pereira Coutinho, a quem El-Rei tinha concedido o territorio entre a Ponta do Padrão e o Rio de S. Francisco, com a condição de fundar uma cidade, apparelhou logo uma pequena armada em Lisboa, e com grande numero de soldados e aventureiros veiu emprehender a povoação da Bahia. Vinte e cinco annos antes um acaso singular tinha já posto estes sitios em poder de um Portuguez por nome Diogo Alves Corrêa, que indo para a India naufragou sobre os baixos ao norte da barra da Bahia. Uma parte da tripulação pereceu; os que escaparam ás ondas foram devorados pelos Tupinambás á vista de Alves Corrêa, que tinha ficado perto do navio naufragado para tirar alguns objectos, entre os quaes salvou um mosquete e alguma polvora. Exposto á todas as necessidades, seguiu

a costa á discrição dos selvagens, que correspondendo aos signaes de affeição e de paz, que lhes fez Alves, approximaram-se para receber os seus presentes, e o trataram como amigo.

Conduzido á aldêa mais proxima, foi appresentado ao chefe, do qual recebeu, assim como de toda a povoação, respeitos e attenções, porque tiveram logo occasião de admirar a sua intelligencia e habilidade. Um dia matando com a sua espingarda um passaro diante d'estes selvagens, as mulheres e as crianças gritaram: *Caramurú, Caramurú!!* (*), e manifestaram medo de morrerem assim ás suas mãos. Diogo Alves fez entender então aos homens, que iria com elles á guerra, e mataria os seus inimigos. Marcharam com effeito contra os Tapuyas, que fugiram logo pela fama da terrivel arma do *Homem de fogo*. Alves que se persuadia ser devorado, como seus companheiros, viu-se poucos dias depois mais poderoso que os chefes d'estes selvagens, que não só lhe obedeciam como a um senhor absoluto, senão que disputavam entre si a honra de dar-lhe suas filhas por esposas.

(*) Homem de fogo, filho do trovão ou dragão do mar, que tudo isto significa *Caramurú* na lingua brasilica; este nome que os barbaros lhe puzeram, espantados pela vista da espingarda, e pelo som do seu tiro, é o mesmo com que ainda hoje é conhecido na Europa e na America Diogo Alves Corrêa, depois de mais de tres seculos.

Caramurú fixou sua residencia no logar onde foi depois fundada *Villa-velha*; fez logo levantar algumas cabanas, e reuniu uma povoação, á qual deu uma fórma de administração e policia como chefe e regulador do novo estabelecimento. Assim permanecia cercado de suas mulheres e amigos, quando um navio Normando fundeou á sua vista, e abriu communicações com elle. A chegada do navio trouxe-lhe a idéa de voltar á Europa, e obteve facilmente passagem para si e para a famosa *Paraguaçú*, sua mulher estimada, da qual não quiz separar-se. Caramurú appareceu na côrte de França, onde foi acolhido por Henrique II com grande demonstração de benevolencia; sua mulher foi baptisada, e recebeu o nome de Catharina em honra da Rainha, mãi de Henrique II, porém lhe não foi permittido ir a Portugal, como desejava. Todavia fez passar a D. João III as informações, que não podia levar, e voltou para a Bahia conduzindo uma expedição mercantil.

Os Tupinambás tornaram a ver com transportes de alegria aquelle que elles consideravam como seu pai e chefe supremo. Paraguaçú, soberba com o nome de Catharina, e com os conhecimentos que tinha adquirido na Europa, fez todos os esforços para converter e civilisar suas

compatriotas. D'est'arte progredia a nova povoação, quando Francisco Pereira Coutinho appareceu para tomar posse da provincia inteira; e fixando a sua residencia no mesmo local occupado por Caramurú, recorreu a este para o successo da sua empreza. Mas bem depressa Coutinho não viu em Caramurú senão um rival encoberto de seu poder. Seus soldados, ou antes aventureiros, assignalaram a sua chegada por toda a qualidade de violencias e rapinas. Os altivos Tupinambás, resentidos por tantas offensas, não respiravam mais do que vingança. Em vão Caramurú fez todos os esforços para evitar a lutta; tornando-se importuno e suspeito a Coutinho, foi preso por sua ordem, e levado para bordo de um navio.

Os selvagens reunidos em grande numero, e inflammados pelos clamores de Paraguaçú, fizeram encarniçada guerra de destruição e morte aos Portuguezes, obrigando depois de alguns annos de sanguinolenta lutta o donatario Coutinho a refugiar-se com os seus na visinha Capitania dos Ilhéos, levando preso a Caramurú. Porém os Tupinambás, que já estavam acostumados ao uso das mercadorias europeas, começaram a sentir a sua falta, e cederam por fim ás proposições de Coutinho, convindo em um tratado de paz, que alhanava todas as suas desaven-

ças. Com effeito, embarca-se o donatario, e se dirige para a Bahia; antes porém de chegar, uma furiosa tempestade o arrojou sobre a ilha de Itaparica, onde naufragou. Os Tupinambás reconhecendo o seu oppressor, lançaram-se sobre elle e sobre a tripulação, que já havia ganhado a praia; e apesar da opposição dos chefes, que tinham feito o tratado, travou-se horrivel combate, em que Coutinho attacado, cerrado por uma multidão de inimigos ferozes, viu assassinar quasi toda a sua equipagem, até que traspassado de muitas flechas cahiu morto de um golpe de maça. Sua cabeça separada do corpo, e ornada de plumas, foi levada em triumpho pelos vencedores, manifestando com isso toda a sua barbara alegria.

Caramurú foi respeitado durante o tremendo conflicto, e por sua causa tambem alguns companheiros de naufragio; e entrando na sua antiga habitação, tornou a levantar sua colonia com o soccorro e ajuda dos Tupinambás, sobre os quaes continuou a exercer o mesmo poderío que d'antes. A mulher e os filhos de Coutinho não acabaram com elle n'este lance cruel, porque parece que ficaram nos Ilhéos; mas perderam o dominio da colonia, e passaram depois uma existencia miseravel, não tendo outro alivio senão a caridade publica.

II.

Estado das outras Capitanias. Chegada ao Brasil de Thomé de Souza, primeiro Governador Geral.

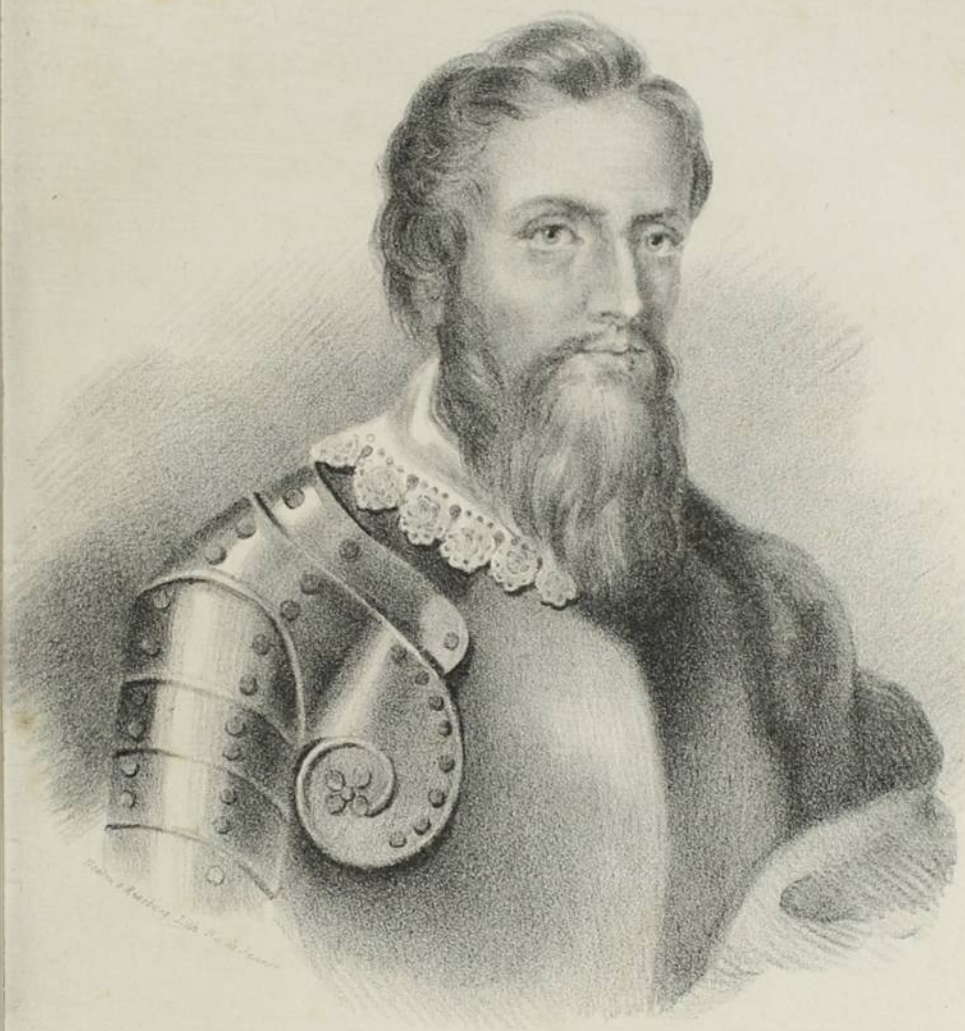
Acabamos de ver como se malogrou a fundação da Capitania da Bahia; a do Maranhão nunca chegou a verificar-se pelos successivos naufragios das duas expedições de Luiz de Mello e Ayres da Cunha; a do Parahiba do Sul tambem foi frustrada pela falta de meios do seu donatario Pedro de Góes; vejamos agora como progrediram as outras, de que temos fallado, começando pela de S. Vicente, a mais antiga entre todas as Capitanias do Brasil.

Florescia a pequena colonia de S. Vicente, em tanto que alguns de seus habitantes se internavam para reconhecer o paiz, ou talvez com intenção de descobrir as riquezas, que tanto se apregoavam; porém malogradas todas as expedições pela morte dos aventureiros, que as emprehenderam, só serviram para excitar o ciume e as discordias entre os Hespanhóes, que já occupavam o Paraguay, e os colonos da nascente Capitania. Felizmente

as côrtes de Lisboa e de Madrid, longe de participarem do furor de seus colonos respectivos, atalharam o mal com medidas salutares, que produziram os desejados fins, suspendendo as hostilidades. Voltando Martim Affonso para Portugal deixou a Capitania em estado florescente a seu filho, ao qual confiou a administração.

A colonia de Santo Amaro, situada á pequena distancia da de S. Vicente, não teria podido progredir, se os dois chefes, estreitamente unidos pelos vinculos do sangue, não tivessem mutuamente concorrido para viverem em boa harmonia. Em todo o tempo que este estado de cousas durou, a visinhança das duas colonias foi proveitosa á ambas; mas quando pelo decurso do tempo tiveram outros possuidores, que não eram unidos por laços tão estreitos, o ciume e o interesse desuniram os colonos até a epocha, em que os dois estabelecimentos, reunidos em um só, entraram emfim, como os outros, depois de muitas alternativas, nos dominios da Corôa.

As Capitanias do Espirito Santo, Porto Seguro, e Ilhéos, se não cresciam em prosperidade, mantinham-se pelo menos á custa de grandes esforços dos seus donatarios para conservarem a sua posse; se bem que vivessem quasi constantemente em estado de guerra com os in-



PEDRO ALVARES CABRAL

SENHOR DE BELMONTE ALCAIDE MOR D'AZURARA

DESCOBRIDOR DO BRAZIL

digenas. O comportamento oppressivo dos colonos de Pernambuco para com os Cahetés excitou de novo o odio d'estes selvagens, que se armaram e puzeram cerco ao estabelecimento ou feitoria de Iguarassú. Compunham a sua guarnição noventa Portuguezes e trinta escravos negros: os sitiantes eram doze mil. O sitio durou mais de um mez; porém os selvagens perdendo a esperança de se apoderarem do estabelecimento pela fome, fizeram a paz e retiraram-se. Depois d'estas hostilidades a Capitania de Pernambuco, e principalmente a Cidade de Olinda, continuou a prosperar até a morte de Coelho.

D. João III não podia desconhecer as vantagens, que promettia ao Brasil a rica cultura do assucar, e quanto era necessario evitar que os Francezes chegassem a estabelecer-se n'esta região, conforme o projecto que haviam concebido, attrahindo a seu partido os naturaes da costa. Todas as participações, que lhe iam do Brasil, faziam conhecer cada vez mais a necessidade de crear aqui um poder protector, á roda do qual os colonos portuguezes podessem reunir seus esforços, ou para combater com prospero successo as nações selvagens que se oppunham ao seu dominio, ou para malograr as emprezas hostis que meditavam os Francezes. Considera-

ções tão ponderosas não escaparam a um Monarcha instruido, cujas colonias e relações commerciaes augmentavam cada dia a prosperidade da sua nação.

Como Soberano e pai d'este povo, que tinha vindo habitar outro hemispherio, foi que El-Rei D. João III quiz organisar a nascente colonia. O inconveniente, que podia haver para a Corôa, nos privilegios que tinha concedido com mui pouca parcimonia aos primeiros donatarios, não devia escapar ao Monarcha, a quem a experiencia era util lição; em consequencia resolveu revogar os poderes dos Capitães privilegiados, e nomear um Governador geral com plena auctoridade civil e criminal. *Thomé de Souza* foi investido d'este importante cargo para estabelecer no Brasil uma nova administração, e fundar na Bahia de Todos os Santos uma cidade, capaz não sómente de conter os attaques dos selvagens e as aggressões dos Europeos, mas ainda de ser a séde do governo e a metropoli da America Portugueza.

O Governador geral partiu de Lisboa no mez de Fevereiro de 1549, e chegou á Bahia a 28 de Março. A expedição, composta de seis vélas, e mil pessoas entre gente de serviço, colonos, e degradados, estava calculada para preencher os fins a que se destinava, porque era acompa-

nhada de varios Officiaes de artilharia e de Engenheiros, sem esquecer os interesses da religião. Seis Missionarios Jesuitas, os primeiros d'esta Sociedade que vieram ao novo mundo, compunham uma missão cujo chefe era o Padre Manoel da Nobrega, um dos mais instruidos da sua Ordem. Assim que desembarcou o Governador, veiu o velho *Caramurú* prestar-lhe obediencia, e segurar-lhe o espirito dos selvagens, os quaes á vista do novo chefe e da sua comitiva, deitaram por terra os seus arcos em demonstração de paz e de amizade.

Thomé de Souza lançou os fundamentos da cidade nova, distante meia legua do antigo estabelecimento, em uma altura escarpada abundante de aguas vivas á pouca distancia da praia. Deu o nome de S. Salvador á esta metropoli do Brasil, situada aos treze gráus de latitude austral, perto de um porto commodo e vasto, que se abre na Bahia de Todos os Santos. Os Tupinambás levados pelos conselhos de Caramurú, pelo caracter circumspecto do Governador, e por outros motivos de interesse, ajudaram os colonos na edificação da cidade, cujos primeiros edificios, projectados e começados, foram a Cathedral, a Alfandega, e o Palacio do Governador. Em quatro mezes se construiram cem casas com cerrados e plantações. Os

Jesuitas obtiveram a posse de um terreno, onde edificaram logo uma Igreja, e um Collegio magnifico, para o qual a Corôa assignou depois rendimentos.

Reinava a maior actividade nas construcções da nova Capital; o Governador presidia em pessoa aos trabalhos, e cuidava ao mesmo tempo em regular a administração, attrahir os Brasileiros, e civilisa-los: infelizmente um dos colonos foi morto por um Tupinambá a oito leguas distante da cidade; o Governador, para prevenir o máu exemplo, exigiu que o homicida lhe fosse entregue, e mandando-o atar á bocca de uma peça, foi feito em pedaços. Não havia execução menos dolorosa para o culpado, nem mais horrorosa para os expectadores; o terror se espalhou entre os Tupinambás; e os colonos, que receberam tambem uma lição terrivel, se abstiveram de ir imprudentemente metter-se em. meio dos selvagens.

Thomé de Souza dirigiu igualmente a sua attenção para as differentes Capitanias, que lhe estavam sujeitas; visitou as fortificações, regulou a administração da justiça, e tomou outras providencias para que os privilegios dos donatarios não obstruissem a acção do governo geral. No anno seguinte a côrte de Lisboa mandou toda a qualidade de soccorros, e no terceiro anno chegaram muitas orphãas de

familias distinctas, que deviam cazar ali com officiaes ou empregados do governo; assim como rapazes orphãos para serem educados pelos Missionarios Jesuitas. Taes medidas fizeram prosperar rapidamente a Capital do Brasil; mas isto não era, por dize-lo assim, senão uma prosperidade material, porque a moral e a religião são os unicos fundamentos reaes das sociedades.

Debaixo d'este ponto de vista tudo era ainda imperfeito no Brasil; todas as desordens, os excessos de todo o genero estavam no seu auge entre os colonos. Para suspender o curso d'esta inundação, nada menos era preciso do que restabelecer o imperio dos costumes. Este triumpho estava reservado á Religião e aos Missionarios Jesuitas. Vê-los-hemos espalhar por toda a parte as luzes da policia, e, como verdadeiros Apostolos, redobrar seus esforços para reprimir a ávida ferocidade dos invasores portuguezes, e a vingança, talvez justa, das povoações selvagens.

III.

Influencia da Religião no Brasil. Estado do Clero da Colonia. Segundo e terceiro Governadores Geraes.

Desde a sua chegada empregaram os Missionarios todo o desvelo na conversão e civilisação dos selvagens; porém os obstaculos eram grandes e numerosos, porque era mister triumphar da deshumanidade e avareza dos colonos portuguezes. A côrte de Lisboa em vão promulgou edictos cheios de humanidade e de sabedoria em favor dos povos do Brasil; a tudo se oppunha a cobiça insaciavel dos aventureiros, a ponto de fazer com que os indigenas esquecessem suas contendas intestinas para resistirem de commum accordo a seus oppressores; mas sabendo que os Missionarios, dedicados ao trabalho do Apostolado, estavam dispostos a protege-los, mandaram trazer suas armas ao Governador, sollicitando-lhe os recebesse de novo na sua alliança. Com effeito Nobrega e seus dignos companheiros começaram a prégar com tão feliz successo entre os selvagens da Bahia, que chegaram a pôr freio á muitas de suas viciosas inclinações.

Todavia, a voracidade d'estas tribus pareceu ao principio invencivel; muito mais porque os mesmos colonos portuguezes animavam por politica estes barbaros festins, que excitando odios ateavam guerras implacaveis. Um incidente deploravel veiu ainda mais complicar a situação embaraçosa dos Missionarios. Ouvindo um dia na povoação visinha espantosos alaridos d'estes regosijos homicidas, correram ao logar do sacrificio e tiraram a victima, que acabava de receber o golpe mortal, das mãos das velhas selvagens que a iam despedaçar. Immediatamente os barbaros se armaram e correram a procurar os Missionarios para arrancar-lhes de novo a sua preza. Avisado a tempo o Governador Geral, fez recolher á cidade os Jesuitas, e preparou-se para receber os selvagens, que á vista das armas de fogo, ou por persuasões amigaveis, retiraram-se em paz, com o simulado projecto de vingarem-se em occasião opportuna.

Passado este perigo, os colonos se levantaram contra o que elles chamavam zelo indiscreto dos Jesuitas; porém pouco tempo depois os Tupinambás, recordando-se da doçura e bondade dos Missionarios, pediram ao Governador Geral que se interessasse com os Padres afim de perdoar-lhes, promettendo não comer mais os prisioneiros. Não era sem grandes diffi-

culdades, a todos os instantes renascentes, que os Missionarios conseguiram converter algumas tribus. A vida edificante d'estes Padres, e sobre tudo seu incançavel zelo pela propagação do Evangelho, produziram grande effeito entre os selvagens, que attrahidos pelo exemplo sahiam dos bosques para sujeitar-se á direcção dos Jesuitas. Estes infatigaveis Apostolos acharam da parte de seus compatriotas maiores obstaculos a vencer.

Durante cincoenta annos a povoação do Brasil foi abandonada ao acaso, e os colonos tinham ficado quasi sem religião e sem leis, e por isso estavam entregues a todo genero de vicios e de crimes, que não é facil conceber em uma sociedade civilisada. O Clero secular, que existia na colonia, participava tambem de todas as paixões dos colonos, e por isso mesmo fazia grande opposição aos Jesuitas desinteressados, que não punham sua mira senão na nobre e penosa carreira do Apostolado. Entretanto chegou (1552) D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro Bispo do Brasil, que, de accordo com o Governador Geral, pôz algum termo á estas deploraveis desordens. Só depois de haver assegurado a paz, pediu Thomé de Souza ser rendido (*), vindo succeder-lhe

(*) Durante o Governo de Thomé de Souza, os Portuguezes

como Governador Geral Duarte da Costa em 1553. Acompanharam o novo Governador deseseis Jesuitas, entre os quaes se distinguia José de Anchieta, destinado a fazer-se celebre como o *Apostolo do Novo Mundo.*

Ainda que Duarte da Costa se não mostrasse, como seu predecessor, muito affeiçoado aos Missionarios, não se oppôz todavia á suas fadigas religiosas. Como os Padres da Sociedade eram já em grande numero, e de todas as partes lhes chegavam discipulos e catechumenos, resolveu o Padre Nobrega, primeiro Provincial do Brasil, estabelecer um collegio nas planicies de Piratininga, debaixo da direcção do Missionario Anchieta. Sua primeira missa foi celebrada no dia da festa da conversão de S. Paulo (25 de Janeiro), circumstancia que fez dar ao seu collegio este nome, que se estendeu ao depois á cidade ali construida, e que chegou a ser tão famosa nos annaes da America Portugueza. Porém, se por um lado lograram os Missionarios os sazonados fructos dos seus desvelos, por outro viram-se perseguidos.

---

do Brasil fizeram as primeiras diligencias para a descoberta das minas de ouro e de diamantes no interior das Capitanias de Porto Seguro e do Espirito Santo: mas os aventureiros, que se arriscaram sem algum indicio certo á estas pesquizas perigosas, encontraram tão grandes difficuldades, que voltaram a seus estabelecimentos sem alcançar resultado algum, nem ainda esperanças.

por uma raça perversa (*), que nascendo no seio do Brasil, n'elle espalhou mais de uma vez o terror e a desolação.

Os *Mamelucos*, excitando algumas das tribus visinhas, vieram attacar o collegio de Piratininga; mas Anchieta fez tomar as armas aos novos convertidos, e repelliu os aggressores. O Bispo da Bahia, indignado de tanta ousadia, procedeu logo contra aquelles malfeitores, porém longe de achar apoio na autoridade civil, foi isto causa de serias desavenças entre o Prelado e o Governador Geral. N'esta conjunctura embarcou o Bispo para Lisboa, com designio de ir pessoalmente submetter á decisão d'El-Rei as discordias do Clero com o Governador; porém, naufragando entre o Rio de S. Francisco e Cururipe, cahiu em poder dos Cahetés com toda a tripulação, que se tinha salvado na costa. Homens, mulheres, crianças e velhos, fôram todos em numero de cem devorados por estes selvagens, sem exceptuar o proprio Bispo, a primeira e a mais deploravel victima.

Ainda assim, a immensa colonia do

(*) Dava-se á esta raça hybrida, isto é, mestiços descendentes de Portuguezes e Brasileiras, a denominação de *Mamelucos;* estes homens eram comparados com os dominadores do Egypto por causa das extorsões e das crueldades, que exerciam para com os Indigenas, e aborreciam os Jesuitas porque se oppunham, diziam elles, aos usos da Colonia, e lhes tiravam a liberdade de fazer escravos.

Brasil, apesar d'essas luttas inevitaveis, crescia e prosperava todos os dias, quando o fallescimento d'El-Rei D. João III collocou sobre o throno a seu neto D. Sebastião, tendo então de idade tres annos tão sómente. Este novo reinado, começando em 1557, concorreu a preparar a revolução, que devia reduzir Portugal á provincia da Hespanha. O reinado precedente tinha-se feito celebre pela attenção com que o Monarcha se empenhou em estabelecer no Brasil um governo regular: a Rainha regente não perdeu de vista as maximas de seu esposo, e executava os mesmos planos para a prosperidade da colonia.

No anno seguinte (1558) Mendo de Sá, terceiro Governador Geral, veiu succeder a Duarte da Costa. A sua patente dizia, que elle seria Governador, não tres annos conforme o costume, mas todo o tempo que El-Rei julgasse conveniente. Assim a sua administração foi das mais dilatadas, e das mais celebres, que offerece a historia do Brasil. Se foi severo com os indigenas, obrigando-os a todos os actos da vida civilisada, não o foi menos com os colonos, aos quaes submetteu de grado ou por força ao regimen legal, de que de certo modo se tinham subtrahido durante os governos precedentes. Era assim que pelo comportamento justo, e ao

mesmo tempo firme, Mendo de Sá executava os planos do Avô d'El-Rei D. Sebastião a favor dos seus vassallos da America.

Occupava-se este novo Governador com os pormenores da sua administração, quando se viu obrigado a voltar a attenção e as armas contra inimigos de fóra, mais formidaveis que os bandos selvagens: eram os Francezes. Já no fim do governo de Thomé de Souza, tinham apparecido corsarios d'esta nação nas alturas do Brasil meridional, derramando o susto e o desalento entre os colonos portuguezes; e guiados por um chefe atrevido, emprehenderam formar aqui um estabelecimento permanente. Vejamos pois as consequencias d'esta tentativa singular, cujas circumstancias nos fôram conservadas por testemunhas oculares de uma e outra nação.

IV.

Tentativa dos Francezes para se estabelecerem no Brasil. Expedição de Nicolau Durand de Villegaignon. Expulsão dos Francezes do Rio de Janeiro. Fundação da Cidade de S. Sebastião.

A importancia que o governo portuguez dava já ao Brasil, as producções naturaes de um paiz do qual se exageravam as riquezas, tudo parecia advertir aos povos navegantes da Europa, que suas bandeiras podiam tambem fluctuar pelo Oceano, que banha as costas orientaes da America do Sul. Já alguns armadores francezes tinham feito celebres em seu paiz a Bahia de Todos os Santos, e o porto de Cabo Frio, cuja occupação não devia ser exclusiva dos Portuguezes. O projecto pois de formar um estabelecimento duravel n'este paiz deslumbrou principalmente a Nicoláu Durand de Villegaignon, Cavalleiro de Malta e Vice-Almirante da Bretanha, que concebeu desde logo o designio de crear aqui uma especie de Soberania independente, que podesse servir de asilo aos sectarios de Calvino, de quem havia adoptado os dogmas: suas relações com o Almirante Coligny favoreceram além d'isto seus intentos.

Com o pretexto de formar, a exemplo da Hespanha e de Portugal, estabelecimentos em o novo mundo, occultou Villegaignon á Corôa de França o principal objecto da sua ambição, e para excitar Coligny a apoia-lo com todo o seu poder, deu-lhe a certeza de fundar no Brasil uma colonia de Sectarios de Calvino; d'est'arte conseguiu que lhe confiassem dois navios bem armados, e com elles veiu demandar a bahia de Nictheroy em Novembro de 1555. As tribus selvagens, que occupavam esta parte do Brasil, eram da casta dos Tupinambás, e tinham traficado por muito tempo com os corsarios de Dieppe; e por isso receberam com alegria os Francezes, suppondo que vinham livra-los da oppressão, de que eram ameaçadas as povoações visinhas. Em uma ilha deserta, cingida de rochedos á flor d'agua, desembarcou o Almirante, fazendo construir toscamente um forte, a que deu o nome de Coligny, e que hoje tem o do seu fundador.

Depois das primeiras relações com os naturaes, cuidou Villegaignon de fazer constar á Corôa de França a sua bella adquisição, reclamando não só reforços, mas por outras vias secretas ao Almirante Coligny tinha pedido Doutores da seita de Calvino. Com effeito uma nova expedição foi preparada á custa de Henrique II,

a qual tinha por chefe *Bois le Comte*, sobrinho do mesmo Villegaignon, com uma colonia de Protestantes Francezes e dois Ministros Calvinistas; esta expedição chegou em Março de 1557 ao Forte Coligny, onde foi acolhida por Villegaignon com toda a benevolencia. Porém não sendo já o apoio e a propagação do Calvinismo o fim principal a que elle se propunha, começou a dar preferencia aos interesses temporaes. A mudança total no procedimento e nas opiniões de Villegaignon provou logo aos colonos protestantes, que este chefe tinha illudido as esperanças de Coligny.

O zelo que havia manifestado pela religião reformada era fingido; desde que achou interesse em mudar de partido, deixou cahir a mascara, atraiçoando e perseguindo os colonos protestantes. Attribuiu-se esta mudança repentina ás cartas do Cardeal de Lorena, que o arguia de ter abjurado a fé catholica. Depois da conjuração dos interpretes normandos contra a sua vida, tornou-se ainda mais sombrio e mais cruel, a ponto de empregar contra os Protestantes toda a severidade, expulsando-os do Forte e do Continente. Villegaignon não ficou por muito tempo de posse da autoridade, de que fazia odioso abuso. Reduzido a fracos meios de defesa, resolveu embarcar-se para a metropoli a fim de reclamar novos soccorros,

e fazer prevalecer os seus projectos. Deixou a Ilha e o Forte guarnecidos por cem Francezes de sua confiança, e partiu fazendo lançar ao mar o Ministro Protestante, que tinha ficado com elle.

As perturbações porém, que se seguiram á morte de Henrique II, contrariaram todos os seus vastos designios. Finalmente logo que a sua colonia nascente cahiu no poder dos Portuguezes, elle renunciou totalmente o Brasil, assim como as bellas esperanças com que tanto tempo havia lisongeado a sua ambição; e retirando-se para a sua Comenda de Beauvais, morreu no fim de alguns annos sem deixar grata memoria. A ambição de uma parte, da outra o zelo religioso, dividiram a epocha mais notavel da sua vida. Cada um d'estes sentimentos lhe serviu alternativamente de mascara; e quando acabou de representar este duplicado papel, declarando-se contra o Calvinismo, recebeu dos Protestantes Francezes o apellido de *Caim da America.*

É impossivel comprehender como a Côrte de Lisboa, ciosa pelas vantagens do seu commercio, deixasse correr quatro annos sem parecer inquietar-se da empreza de Villegaignon. Foram os Jesuitas que fizeram despertar do somno lethargico o gabinete de Lisboa por suas informações, e a final trouxe Mendo de Sá ordem de attacar e de expulsar os Francezes do Forte

Coligny; mas querendo executar esta parte de suas instrucções, achou grande repugnancia no conselho dos seus subordinados, cujas apprehensões foram dissipadas pelo Padre Nobrega, que acompanhou o Governador n'esta expedição, dando as melhores provas da rectidão do seu juizo na habilidade com que se houve, indo a S. Vicente a pedir soccorros, que decidiram do bom exito da empreza.

Finalmente foi o Forte de Coligny tomado de assalto em 1560, refugiando-se os Francezes que escaparam, uns para bordo dos seus navios, outros para o Continente, onde reunidos com os Tamoyos, se fortificaram de novo. Mendo de Sá não tendo forças sufficientes para guardar a Ilha, tirou a artilharia, fez demolir as obras, e embarcou para Santos com o fim de visitar a primeira e mais antiga Capitania do Brasil. Durante a sua residencia ali mandou transferir para Piratininga o estabelecimento de Santo André, que se achava exposto aos attaques imprevistos das tribus inimigas. N'este novo sitio a colonia tomou o nome de S. Paulo, e veiu a ser logo a cidade mais consideravel e mais florescente d'esta parte do Brasil. Como o caminho de Santos para S. Paulo era difficil, e demais infestado pelos Tamoyos, foi aberto outro mais seguro, segundo a traça e direcção dos Missionarios Jesuitas.

Voltando o Governador a S. Salvador, viu-se logo a braços com os Aymorés, que assolavam as Capitanias dos Ilhéos, e de Porto Seguro, e teve de marchar contra elles, batendo-os em varios attaques até extermina-los, ou arroja-los mais de sessenta leguas pelo interior. Todavia, em quanto Mendo de Sá obtinha este triumpho, por outro lado se formava uma das mais terriveis confederações de selvagens, que jamais ameaçára o poder portuguez no Brasil. Os Tamoyos, senhores então de todo o paiz situado entre o Rio de Janeiro e S. Vicente, ajuntaram-se para attacar os Portuguezes. Vencedores no primeiro encontro, estenderam suas vistas sobre S. Paulo, que teriam aniquillado se um catechumeno não descobrisse o projecto. Assim mesmo a villa foi attacada; porém defendida pelos Indios Christãos, commandados por Martim Affonso (nome de baptismo do celebre Tebyreçá), pôde resistir com grande damno dos selvagens.

Mas se o valor d'este chefe e o zelo dos Jesuitas se assignalaram com bom successo na defesa de S. Paulo, por outro lado os inimigos eram victoriosos em S. Vicente e na Capitania do Espirito Santo, onde morreu combatendo Fernão de Sá, filho do Governador Geral. A guerra continuava com incrivel tenacidade da parte dos Tamoyos; todas as tribus se reuniam

para um attaque geral, e o perigo parecia imminente, quando os dois Apostolos do Brasil (Nobrega e Anchieta), cheios de zelo e de fé, resolveram entregar-se aos selvagens na esperança de obter d'elles a paz. Com effeito, depois de cinco mezes de padecimentos, de angustias, e de sacrificios de todo o genero, coroou Deos a obra d'estes seus Ministros permittindo concluir uma pacificação tão difficil. A milagrosa embaixada dos dois Missionarios foi reputada como a salvação das colonias portuguezas.

Não bastava a guerra, era ainda mister que outra calamidade pesasse tambem sobre estas nascentes colonias. A enfermidade das bexigas se introduziu na Ilha de Itaparica, depois em S. Salvador, e estendeu os seus estragos ao norte da costa; quasi trinta mil Indios, que os Jesuitas tinham convertido, foram rapidamente levados pelo contagio. Este flagello destruidor foi seguido do flagello mais lento da fome; como se a atmosphera se tivesse corrompido, as plantas murchavam, e todas as producções da natureza pareciam attacadas de languidez e da morte como os homens. A fome occasionou a segunda mortandade; de onze estabelecimentos formados pelos Jesuitas, seis foram destruidos, ou pela morte dos habitantes, ou pela deserção de grande numero, que fugiam para o

interior das terras buscando refrigerio a tantos males.

Quando a Côrte de Lisboa recebeu a noticia de que Nobrega e Anchieta acabavam de concluir a paz com os Tamoyos, resolveu logo não perder a occasião de fundar uma colonia no Rio de Janeiro, e excluir inteiramente d'ella os Francezes, que de alguma sorte haviam ficado senhores do posto apesar da primeira derrota. Em virtude d'esta resolução a Rainha Regente fez partir a Estacio de Sá, sobrinho do Governador, com dois galeões para a Bahia (1564), onde veiu trazer a seu tio ordem de ajuda-lo com todas as forças da Colonia, afim de expulsar os Francezes do Continente. Mendo de Sá reuniu immediatamente todas as forças de que podia dispôr, e pô-las á disposição de seu sobrinho, que seguiu para o Rio de Janeiro, e d'ali a S. Vicente, d'onde trouxe outros soccorros de gente e de pequenas embarcações, que eram de summa necessidade.

Como os preparativos em S. Vicente consumissem o resto do anno de 1564, Estacio de Sá só pôde voltar ao Rio de Janeiro no principio do seguinte, e veiu desembarcar junto ao Pão d'Assucar, onde tomou posições para attacar os Francezes; porém estando estes prevenidos, repelliram todos os seus attaques, e sustentaram a

lutta por mais de um anno, apesar dos esforços, conselhos, e denôdo do incansavel Missionario Nobrega. Esgotados já todos os recursos do Sul, foi preciso recorrer ao Governador Geral implorando o seu auxilio; em consequencia do que Mendo de Sá armou uma frota, cujo mando confiou a Christovão de Barros, e acompanhando em pessoa o reforço, chegou ao acampamento de seu sobrinho em 18 de Janeiro de 1567. O attaque geral foi deferido para o dia de S. Sebastião, em que os Francezes perderam a praça forte *Uraçumiri* (*), não escapando um só dos Tamoyos que defendiam os intrincheiramentos. Os vencedores marcharam contra outra fortaleza dos Francezes, que tambem levaram de assalto; mas no primeiro attaque Estacio de Sá recebeu uma setta na cara, que lhe causou a morte um mez depois. Seu primo Salvador Corrêa de Sá, nomeado General para o succeder, tomou logo o commando.

Poucos Francezes morreram n'estas duas acções decisivas, das quaes os Tamoyos alliados haviam sustentado todo o esforço. Quando estes ultimos succumbiram, os Francezes se embarcaram em quatro navios, que tinham no porto, e fizeram-se á véla para Pernambuco, d'onde foram

(*) Pizarro escreve *Uruçumiri*.

rechaçados pelo Governador da Capitania, obrigando-os a reembarcar, sem que lhes ficasse outro partido senão voltar para a Europa. D'est'arte acabou no Brasil para sempre esse poder ephemero, que chegou a ameaçar o porvir das colonias portuguezas. Certamente, se Mendo de Sá houvesse sido menos leal, se Nobrega e Anchieta fossem menos habeis, o Rio de Janeiro, agora Capital do Brasil, seria talvez uma colonia franceza. Immediatamente depois da victoria, o Governador Geral, em consequencia das suas instrucções, traçou sobre a praia occidental d'esta bahia o plano de uma nova cidade, que depois de dois seculos de existencia foi erigida em metropoli da America Portugueza.

Apenas a nova cidade de S. Sebastião teve aspecto regular, deu-se-lhe logo por Governador a Salvador Corrêa de Sá, o mesmo que já se havia distinguido durante a conquista. Creado primeiro Alcaide Mór, foi tambem empossado do seu cargo com todas as formalidades usadas em Portugal. O chefe dos indigenas convertidos Martim Affonso de Souza, aliás Arariboia (*), que tanto se havia assignalado

(*) Dois Indios celebres se apresentam com o nome de *Martim Affonso*, e alguns escriptores os confundem com grave prejuizo da verdade historica; portanto convém extrema-los com toda a clareza para não commettermos um anachronismo. O primeiro

nas ultimas expedições, foi collocado com a sua gente do outro lado da bahia, no logar chamado hoje S. Lourenço. Entretanto chegam a Cabo Frio quatro navios francezes, talvez os mesmos que tinham sido expellidos successivamente do Rio de Janeiro e de Pernambuco; Mendo de Sá havia regressado para S. Salvador, e poucas forças tinham ficado a cargo do Governador; sem embargo, Salvador Corrêa de Sá, ajudado pelo celebre Ararigboia, conseguiu arroja-los de novo, tomando-lhes um navio com grossa artilharia, que serviu para guarnecer a barra. Quando o joven Rei D. Sebastião soube do nobre comportamento do chefe brasileiro Martim

---

d'estes indigenas, que tomou depois da sua conversão o nome de Martim Affonso, foi o celebre *Tebyreçá*, chefe da tribu dos Guayanazes, que habitavam nas planicies de Piratininga, hoje S. Paulo; porém este Indio só adoptou o nome e o cognome do primeiro donatario, e sempre foi chamado, e conhecido entre os Portuguezes por *Martim Affonso Tebyreçá*. O segundo foi o celebre *Ararigboia*, que deixando o seu apellido patronimico adoptou o nome inteiro de Martim Affonso de Souza, e é d'elle que aqui tratamos. Quando Estacio de Sá, desenganado de que com os pequenos recursos de S. Vicente não poderia expellir os Francezes do Rio de Janeiro, recorreu a seu tio o Governador Geral Mendo de Sá, como fica dito n'este Cap. e §.; este apromptando uma expedição na Bahia, acompanhou-a pessoalmente, e passando pelo Espirito Santo trouxe d'ali duzentos flecheiros indigenas de uma tribu, de que era chefe *Ararigboia* (vide Rocha Pita, Simão de Vasconcellos, &c.). Este chefe, depois de haver obrado prodigios de valor e de astucia na guerra, principalmente no attaque e tomada da Praça Forte de Uraçumiri, convertendo-se com todos os seus, tomou então o nome inteiro de Martim Affonso de Souza, e foi o primeiro fundador da aldêa de S. Lourenço do outro lado d'esta bahia. Finalmente morreu affogado perto da ilha chamada hoje do Fundão. Tebyreçá tinha já fallecido em S. Paulo.

Affonso de Souza, fez-lhe mercê do habito de Christo, e mandou-lhe presentes de grande valor, entre os quaes havia o escudo de suas armas, signal honroso de valor e de estima.

Os Jesuitas, sempre empregados na propagação da fé, tinham já feito grandes serviços á Corôa de Portugal, tanto na India como na America, e por isso resolveu El-Rei mandar ao Brasil um reforço d'estes Missionarios com D. Luiz de Vasconcellos, que escolheu para succeder a Mendo de Sá no governo da Colonia. Sessenta e nove padres se reuniram em Lisboa, e embarcaram na frota que devia trazer o novo Governador. Portugal ainda não tinha mandado para o Occidente expedição alguma tão consideravel; porém contrastada pelos ventos e pelas correntes, dividiu-se, e foi inteiramente destroçada e aniquilada pelos dois famosos corsarios, Jacques de Soria e João Capdeville, Huguenotes sahidos da Rochella com o intento de exterminar todos os Catholicos que cahissem em seu poder. O desgraçado Governador morreu combatendo; e dos sessenta e nove Missionarios apenas um chegou ao seu destino para confirmar a noticia de tanta desgraça, e do martyrio dos seus companheiros.

Nobrega não viveu bastante para saber da sorte d'estes novos martyres da sua

Ordem : morreu quasi na mesma epocha aos 53 annos de idade, vergado com o peso de longos trabalhos e continuas fadigas. Nobrega por seus incessantes desvelos e beneficios merece figurar com honra nos annaes do Brasil, onde levantou a moral sobre os fundamentos da Religião e da sãa politica, sustentou a Colonia vacillante, e foi o verdadeiro legislador dos Indios. Nenhum homem empregou a sua vida com mais actividade, nem mais utilmente para a sua patria e para os seus semelhantes.

V.

Divisão do Brasil em dois Governos distinctos. Transmigração dos Tupinambás. O Brasil reunido de novo debaixo de um sò Governo. Acontecimentos que fazem passar o Reino de Portugal e suas colonias para o dominio da Hespanha.

Quando se soube em Lisboa da morte de Vasconcellos, El-Rei D. Sebastião nomeou Luiz de Brito de Almeida para render a Mendo de Sá, que ainda teve a fortuna de entregar o governo ao seu successor (1572); porém, pouco tempo depois, a morte o levou na cidade de S. Salvador, onde deixou a lembrança de uma administração sabia e prospera por espaço de quatorze annos (*). Luiz de Brito não succedeu em toda a autoridade do seu antecessor: o augmento da Colonia foi tão rapido no tempo da administração de Mendo de Sá, que a côrte de Lisboa julgou conveniente dividir o Brasil em

(*) Mendo de Sá morreu em S. Salvador em 1572, depois de quatorze annos de governo no Brasil; foi enterrado na Igreja, que era dos Jesuitas, a quem dedicava extrema affeição. A este varão illustre deve o Brasil a sua consolidação como uma só colonia, cuja prosperidade elle promoveu por meio de uma sabia e prudente administração, e do seu infatigavel zelo pelos interesses da Corôa e da Religião.

dois governos distinctos. A Bahia continuou a ser a residencia do antigo Governador, cuja autoridade devia estender-se sobre as Capitanias do Norte, e S. Sebastião veiu a ser a séde do novo governo do Rio de Janeiro, cuja jurisdicção começava na Capitania de Porto Seguro, e comprehendia todos os estabelecimentos ao sul; este foi dado ao Doutor Antonio Salema, que passou de Pernambuco para o Rio de Janeiro.

A nascente cidade de S. Sebastião estava sempre ameaçada, não só pelos Tupinambás e Tamoyos, mas tambem pelos corsarios francezes, que continuavam seu commercio com aquelles indigenas. Antonio Salema, homem firme e intelligente, resolveu livrar o seu governo d'estes inimigos irreconciliaveis: ajuntou um corpo de quatrocentos Portuguezes e setecentos Indios auxiliares, debaixo da direcção de Christovão de Barros, e fez attacar ao mesmo tempo os Tupinambás, os Tamoyos, e seus alliados europeos. Os Portuguezes vencedores fizeram nos selvagens horrivel mortandade (*): os Tamoyos foram quasi

(*) Segundo as relações d'aquella epocha, a perda dos selvagens, em mortos ou captivos de ambos os sexos, foi computada entre oito a dez mil pessoas. A guerra e as enfermidades, que os Indigenas adquiriram pelo commercio e trato com os Europeos, foram a causa do aniquilamento d'aquella raça, que cobria as costas do Brasil, estendendo-se em muitas partes pelo interior até as mais elevadas serras. Muitas castas foram inteiramente

todos aniquilados, e o resto da tribu dos Tupinambás, abandonando a costa, fugiu para o interior, depois de haver queimado todas as suas habitações. Esta perseguição foi constante em toda a direcção da nova colonia, tanto que os Tupinambás para se não entregarem á discrição dos vencedores, resolveram fugir para sempre de uma terra, que elles tambem haviam conquistado. Mas o infortunio os tinha de tal modo abatido, que parecia impossivel reduzi-los a um sentimento unanime.

A final *Japy-Assú*, um dos chefes a quem a experiencia e a longa idade davam maior influencia e credito, lhes fallou em termos tão energicos, que os persuadiu a emprehenderem esta grande emigração. Fascinados pelo discurso de Japy-Assú, os Tupinambás tomaram a resolução de effeituar a retirada, e partiram em chusmas dirigindo-se para o Norte. Detidos em fim pelo grande rio Amazonas, estabeleceram-se sobre muitos pontos da sua margem meridional, desde a confluencia com o Madeira até a sua embocadura. Este acontecimento extraordinario tinha deixado toda a costa em poder dos colonos portuguezes, sem que tivessem mais a temer a influencia

---

aniquiladas, como Tamoyos, Carijós, Cahetés, &c., e outras confundiram os seus restos e vieram a formar novas tribus, que tambem desappareceram com o correr dos tempos.

dos corsarios europeos sobre as povoações indigenas. Tranquillo para o futuro sobre a sorte da nova cidade de S. Sebastião, o Governador Salema não se occupou d'ahi em diante senão da prosperidade e do augmento da Colonia.

O Governador da Bahia aproveitando este intervallo de paz, deu toda a attenção aos descobrimentos interiores. Sebastião Fernandes Tourinho foi destinado pelo Governador Luiz de Brito para fazer as primeiras explorações; e subindo pelo Rio Doce (1573) reconheceu parte do territorio, hoje de Minas Geraes, atravessou o Jiquitinhonha, e voltou por elle a beira mar, com as provas da existencia de ricas e copiosas minas n'aquellas paragens. Desejoso o Governador de fazer continuar estas indagações, encarregou o Capitão Antonio Dias Adorno de emprehender segunda expedição d'este genero. Com effeito, Adorno confirmou as relações de Tourinho, accrescentando a existencia de diamantes e de outras pedras preciosas. Novas expedições se tentaram com o mesmo objecto, dando em resultado a certeza da existencia de abundantes minas, que só muito depois foram lavradas com proveito.

Passados quatro annos, viu-se que a divisão do Brasil em dois governos separados era nociva aos interesses da Colonia,

e a côrte de Lisboa sujeitou de novo o governo do Rio de Janeiro ao da Bahia: assim nos fins da sua administração Luiz de Brito governou a Colonia inteira. Depois de cinco para seis annos, que tanto durou a sua autoridade, Brito a entregou em mãos do Governador Geral Diogo Lourenço da Veiga (*). Este novo Governador tomou as redeas da administração na cidade de S. Salvador em 1578, anno calamitoso para Portugal, por morrer em Africa El-Rei D. Sebastião com a flôr da sua nobreza. A dôr publica derramou por todo o Reino lucto geral, e o sceptro passou ás mãos do Cardeal D. Henrique, cuja idade avançada promettia proximo fim.

Com effeito, a morte do Cardeal Rei seguiu de perto a de D. Sebastião, que entregou Portugal á astuciosa cubiça de Filippe II (**). Entre todos os pretendentes á Corôa portugueza distinguiam-se por seus direitos, mais ou menos contestados, D. Antonio Prior do Crato, a Duqueza de Bragança, e Filippe Rei de Hespanha. Com quanto o povo de Lisboa se decidisse pelo primeiro, fez inclinar o ultimo a balança

---

(*) Diogo Lourenço da Veiga foi nomeado ainda por El-Rei D. Sebastião, quasi nas vesperas da jornada de Africa.

(**) A batalha de Alcacer, em que morreu D. Sebastião, foi a 4 de Agosto de 1578, e o Cardeal Rei D. Henrique morreu no dia 31 de Janeiro de 1580, com 68 annos de idade.

a seu favor, enviando um exercito de vinte cinco mil homens com o Duque de Alva, que mui prestes fez reconhecer os direitos de seu augusto amo pelas côrtes de Thomar. Filippe assenhoreou-se da monarchia portugueza confirmando as leis e privilegios da nação, e promettendo não augmentar os impostos, nem confiar os cargos e os logares de governo senão a Portuguezes, tanto na Europa como nas duas Indias.

Taes foram as causas que fizeram passar sem opposição todas as colonias portuguezas ao dominio de Filippe II, cuja autoridade foi logo reconhecida nos dois hemispherios. Em vão uma expedição franceza tentou restabelecer D. Antonio em Portugal e no Brasil: a victoria declarou-se pela frota hespanhola perto dos Açores; a esquadra franceza completamente batida retirou-se em desordem, e D. Antonio foi muito feliz por escapar fugindo. Tres navios francezes, expedidos ao Brasil para o fazer reconhecer, enviaram um commissario ao Rio de Janeiro afim de prevenir a Salvador Corrêa de Sá, Governador da Cidade, que o commandante da frota trazia despachos de D. Antonio, Prior do Crato, a quem os Francezes davam o titulo de Rei. Porém Filippe II reinava já no Brasil, e o Governador do Rio de Janeiro não quiz receber as cartas

do Rei titular, nem permittir aos navios francezes entrar no porto. Assim acabou a tentativa de D. Antonio sobre o Brasil: ainda que baldada, foi menos infeliz que qualquer outra de suas emprezas.

A administração de Diogo Lourenço da Veiga foi notada sómente por esta mudança de dominio. Pouco tempo depois este Governador, velho e doente, vendo-se no fim da sua carreira, renunciou a sua autoridade em mãos do Senado da Camara e do Ouvidor Geral Cosme Rangel de Macedo. Filippe II confirmou esta nova forma de governo collectivo, que durou quasi dois annos até a chegada de Manoel Telles Barreto, a quem este Monarcha tinha conferido o importante cargo de Governador Geral da America Portugueza.

CAPITULO TERCEIRO.

1580—1640.

I.

Estado do Brasil na epocha em que passou para o dominio da Hespanha. Diversas incursões dos piratas inglezes. Novas indagações sobre as minas de prata do Brasil. O fabuloso paiz — El Dorado.

Oitenta annos haviam passado desde o descobrimento do Brasil, quando as circumstancias, que acabamos de expôr, reduziram a colonia inteira ao dominio da Hespanha. Seus progressos, lentos umas vezes, outras vezes rapidos, tinham sido quasi sempre contrariados, ou pelas aggressões dos indigenas, ou pela indifferença da metropoli. De repente as esperanças de melhoramento vieram desvanecer-se pela mudança, que, durante quasi um seculo, trouxe comsigo todos os furores

da guerra. Antes porém de fallar dos acontecimentos, que tornaram muito celebre este periodo calamitoso, faremos um esboço do estado do paiz na epocha em que recebeu o jugo de Filippe II.

A Capital da Bahia de Todos os Santos continha então oito mil habitantes, e o *Reconcavo*, ou o contorno da cidade, contava para mais de dois mil, sem que os Negros e os Indios entrassem n'este arrolamento. O luxo e a riqueza excediam tudo quanto se podia esperar d'esta nascente população. Os engenhos do Reconcavo montavam a trinta e seis, além de outros estabelecimentos agricolas, e de ricas caudelarias, que davam grande interesse aos colonos. Em poucos annos todas as producções necessarias ao homem civilisado se naturalisaram na Bahia; finalmente era a mais rica e a mais povoada das Capitanias do Brasil.

Pernambuco florescia quasi do mesmo modo: Duarte de Albuquerque Coelho, filho do primeiro donatario, tendo afugentado os Cahetés para o interior, animou de tal sorte a cultura da canna de assucar, que em pouco tempo chegou a exportação a milhares de arrobas. A cidade de Olinda, situada em uma eminencia arida, dependia do porto do Recife em distancia de uma legua: circumstancia que tornava incommoda a sua habitação para

o commercio exterior. Entre os productos exportados com grande vantagem dos colonos, era o páu brasil um dos mais preciosos por seu valor e qualidade. A necessidade que já se experimentava de manter relações por terra entre a Bahia e Pernambuco, fez fundar o primeiro estabelecimento de Sergipe afim de tornar mais faceis as communicações entre as duas capitaes.

A Capitania de S. Vicente continuava tambem a florescer: a cidade de Santos era o estabelecimento maritimo mais consideravel d'esta colonia; e com quanto fosse diminuta a sua população, todavia o caracter emprehendedor de seus habitantes a tornava muito interessante. A cidade de S. Paulo começava a prosperar, porque já se tinham descoberto as preciosas minas, que depois assombraram o mundo por sua riqueza e variedade. A Capitania do Espirito Santo apenas se achava restabelecida depois da derrota e morte de Fernão de Sá. A de Porto Seguro começava tambem a sahir de suas ruinas debaixo da influencia do Duque de Aveiro, que a havia comprado a uma neta do primeiro donatario.

A Capitania dos Ilhéos, situada entre a de Porto Seguro e a da Bahia, estava quasi reduzida á ruinas pelos differentes attaques dos Aymorés. Então a Provincia

do Rio de Janeiro não tinha em seu seio senão um estabelecimento começado; porém a sua fertilidade era tal, e tão admiravel a magnificencia da sua bahia, que se podia presagiar sua grandeza futura. Á excepção das Capitanias da Bahia, de Pernambuco, e de S. Vicente, e de alguns estabelecimentos creados pelo zelo dos Missionarios, as outras colonias do Brasil, quando chegou a mudança de dominio, apenas nasciam, ou já tinham sido assoladas e quasi destruidas. Todos os esforços para augmentar a povoação na embocadura do Amazonas, e sobre as costas visinhas, foram malogrados: duzentas leguas de costa ao norte de Pernambuco estavam ainda occupadas pela formidavel e numerosa casta dos Tapuyas.

Á excepção dos Guayanazes e dos Aymorés, todas as povoações selvagens estabelecidas ao longo da costa, desde Pernambuco até S. Vicente, tinham sido repellidas, vencidas, e sujeitas. A barbara tribu dos Cahetés tinha desapparecido de Pernambuco, e os Tupinambás haviam emigrado. A conversão inteira de muitas tribus punham a salvo estas colonias dos attaques das que existiam nos sertões. Entretanto formava-se no Brasil uma nova raça de mestiços, que por sua perseverança nos trabalhos, por seu valor altivo, e mais que tudo por sua independencia

quasi selvagem, tinha de assegurar para si, e para a Dynastia de Bragança, a possessão das mais ricas minas, e da mais bella porção do mundo habitavel.

A sujeição de Portugal á Hespanha não podia deixar de envolver o Brasil na guerra calamitosa, que foi consequencia do odio que mutuamente se consagravam Filippe II e Isabel de Inglaterra. Os armadores inglezes não despresaram esta opportunidade. A expedição de Eduardo Fanton, destinada para as Indias Orientaes, foi a primeira que appareceu na America Portugueza; aproximando-se de S. Vicente quiz enganar os colonos, porém não tirou outro proveito senão metter a pique um navio hespanhol, seguindo immediatamente para o seu destino. Tres annos depois (1588) outra expedição, debaixo do commando de Roberto Withrington, veiu á Bahia de Todos os Santos, e depois de assolar o Reconcavo, tentou o attaque da cidade, donde foi repellida com grande perda; em consequencia do que fez-se ao largo e apartou-se do Brasil.

Tendo morrido o Governador Geral Manoel Telles Barreto, succedeu no governo interino D. Fr. Antonio Barreiros, terceiro Bispo da Bahia, com Christovão de Barros, Provedor mór da Fazenda. Francisco Giraldes, nomeado então Governador, embarcando-se por duas vezes em

Lisboa para o seu destino, e vendo-se outras tantas constrangido a arribar, deu a sua demissão. D. Francisco de Souza foi escolhido para lhe succeder. O novo Governador e Capitão General chegou a S. Salvador em 1591 trazendo as mais brilhantes esperanças, que jamais conceberam os seus antecessores. *Roberio Dias*, descendente de Caramurú, e rico colono da Bahia, tinha ido a Madrid offerecer a Filippe II o descobrimento de certas minas de prata, assegurando serem mais abundantes d'este metal do que em ferro as de Biscaya; exigindo porém em recompensa o titulo de Marquez das *Minas*.

Como parecesse ao Rei excessiva a exigencia, offereceu ao novo Governador o titulo que ao colono recusára, sempre que por suas diligencias conseguisse descobrir a fonte de tanta riqueza. Roberio Dias, descorçoado pela negativa, voltou á Bahia com o designio de apagar todos os vestigios, que podessem denunciar aquelle descobrimento; e com effeito logrou o seu intento, porque morrendo pouco tempo depois, levou para a sepultura o seu segredo(*). Em quanto os Portuguezes na America

(*) Não sendo possivel ao Governador D. Francisco de Souza descobrir as minas de prata, que Roberio Dias tinha ido offerecer a Filippe II, não se verificou n'elle o titulo de Marquez das Minas, que veiu a lograr seu neto do mesmo nome, 3.º Conde do Prado, em 1670, por mercê d'El-Rei D. Affonso VI.

buscavam em vão o rasto d'aquellas minas de prata, sahiu do Tamisa o famoso *Thomaz Cavendish* com o fim de pilhar e assolar o Brasil, se bem que esta expedição não produzisse outro resultado senão uma serie de desastres e de infortunios, que causaram a morte d'este celebre Corsario.

Cavendish sahiu ao mar (1591) com tres navios de alto bordo e duas galeras, tudo bem tripulado: chegando á altura da Capitania de S. Vicente destacou dois navios para se apoderarem da cidade de Santos e fazerem provimento. Os piratas surprehendem os habitantes na Igreja durante a Missa, cercam-nos e propõem-lhes o comprarem a liberdade; porém o Vice-Almirante *Cooke*, em logar de assegurar-se do resgate immediatamente, perde um tempo precioso entregando-se com os seus á intemperança. Os colonos aproveitando as trevas e o somno dos piratas, fogem para o interior com todas as suas riquezas; de sorte que chegando Cavendish, oito dias depois da occupação da cidade, não encontrou provisão para a sua frota. Frustrado o objecto d'este imprevisto attaque, mandou queimar a povoação de S. Vicente, e deu á véla para o Cabo de Hornos.

Um violento temporal dispersou a frota de Cavendish: o seu navio apartado dos outros pela força dos ventos, foi lançado

outra vez sobre as costas do Brasil; de novo, perto de Santos, desembarcou vinte e cinco homens para tomar algum mantimento, porém d'estes só dois escaparam á morte, e foram conduzidos, com as cabeças de seus companheiros, em triumpho até a cidade. Desanimado o commandante inglez com a corajosa resistencia dos Paulistas, seguiu para o Espirito Santo, cujo Governador se achava prevenido; e quando *Roberto Morgan* abordou com duas chalupas bem armadas e tripuladas, foi recebido com um fogo tão activo e bem dirigido, que poucos voltaram aos seus navios, ficando as praias juncadas de mortos, além de muitos prisioneiros. Depois d'este ultimo revez decidiu Cavendish voltar á Europa, e morreu na viagem.

Tão desastroso resultado não foi porém bastante para impedir, que os Inglezes tentassem novas hostilidades contra o Brasil. Uma companhia de Londres armou segunda expedição, e o Cavalheiro *Jayme Lancaster*, sem embargo de muito devedor á hospitalidade portugueza, tomou o commando da frota composta de tres navios, e se dirigiu sobre Pernambuco. Passando pela Ilha de Maio, reuniu as suas forças ás de *João Venner*, e veiu surgir defronte de Olinda (1593). O Governador da Capitania fortificou-se no Recife; porém Lancaster em pessoa attacou as fortificações,

levou-as de assalto, e apoderou-se da povoação com todos os seus armazens providos de grandes riquezas. Conseguido o primeiro triumpho, tratou o pirata de embarcar os ricos despojos de que estava de posse, e n'isso levou muitos dias, sempre acossado pelos Portuguezes.

Finalmente a frota ia a sahir, quando Lancaster descobriu os inimigos em grande numero, protegidos por uma bateria bem collocada, que podia impedir ou pelo menos demorar a sua sahida; trezentos homens, Inglezes e Francezes, tiveram ordem de rechaçar as tropas de Pernambuco, e destruir aquella obra; porém estas, abandonando a bateria, attrahiram e envolveram os piratas de tal modo que poucos escaparam ao seu furor. *João Barker*, segundo de Lancaster, e dois capitães francezes ficaram mortos. Lancaster levantou ancora n'essa mesma noite, e foi levar á Inglaterra o fructo do seu temerario e feliz arrojo. O bom successo d'esta ardua empreza teria feito nascer outras do mesmo genero, se *Raleigh* não tivesse offerecido á preoccupada imaginação dos aventureiros inglezes a fabula do paiz *El Dorado*, afastando-os assim das costas do Brasil.

Em quanto os Inglezes buscavam na Guyanna o paiz *El Dorado*, um colono brasileiro, chamado *Gabriel Soares de Souza*, fazia no Brasil, e n'outra direcção,

uma tentativa para a mesma descoberta (*). Chegando á origem do rio S. Francisco, adiantou-se até as fronteiras do Perú; porém os males que soffreu, e a perda da maior parte de seus companheiros, obrigaram-no a voltar para o Brasil sem nenhum proveito d'esta sua empreza. Pedro Coelho de Souza, colono da Parahyba, fez igualmente outra tentativa para o mesmo fim; e depois de gastar n'esta insensata empreza uma grande parte da sua fortuna, voltou ao seu lar, sem que o máu successo o dissuadisse de uma segunda expedição. Foi esta menos chimerica, e deu logar á outras descobertas, e novos estabelecimentos no norte do Brasil, porém debaixo de outro reinado, porque Filippe II já não existia.

(*) É este o mesmo Gabriel Soares de Souza, para quem o Senhor Varnhagen, nas suas « *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo* 16.°, &c. » reclama o titulo de auctor da obra intitulada: *Noticia do Brasil*, que vem inserta no principio do Tomo 3.° da collecção de Memorias Ultramarinas. Segundo o Senhor Varnhagen é Gabriel Soares incontestavelmente o melhor escriptor do seculo 16.°, de cuja obra se serviram muitos outros historiadores, com mais ou menos variantes, entre os quaes o Padre Ayres de Casal, Roberto Southey, e ultimamente o erudito Fernando Denis. Depois de atravessar manuscripta mais de dois seculos, esta obra teve varias copias anonymas, que forneceram materiaes para os auctores que referimos; assim como do impresso da Academia das Sciencias de Lisboa utilisou modernamente um naturalista Allemão o Doutor Martius, que faz de tal obra menção favoravel. O Senhor Varnhagen, restaurando o nome do auctor, fez de certo importante serviço á litteratura do seu paiz, não só por tornar genuino tão interessante escripto, como por salva-lo dos vicios de tantos traslados manuscriptos. As provas, que apresenta o erudito auctor das *Reflexões*, são incontestaveis, tanto pelo que diz respeito ao nome do verdadeiro escriptor, como ao titulo, idade e doutrina da mesma obra.

II.

Administração de Pedro Botelho. Alliança dos Aymorés. D. Diogo de Menezes. Fundação do Ceará. Estabelecimento dos Francezes no Maranhão. Gaspar de Souza.

O primeiro Capitão General mandado ao Brasil por Filippe III foi Pedro Botelho, que veiu render em 1603 D. Francisco de Souza. Botelho proseguiu com ardor os projectos de Coelho, um dos exploradores do *El Dorado*, dando-lhe commissão especial para novas conquistas e descobrimentos. Este aventureiro partiu com oitenta homens para a Serra de *Ibiapaba;* porém os Tapuyas, dirigidos por um Francez chamado Adolpho Montbille, se oppuzeram aos seus designios. Sem embargo os Portuguezes conseguiram cercar os Tapuyas, e submette-los á escravidão. Coelho teria logrado o objecto da sua empreza, se não tivesse perpetrado uma injustiça revoltante: não sómente vendeu como escravos os Tapuyas prisioneiros, mas tambem exerceu a mesma tyrannia com os Indios, que fielmente o tinham servido como alliados na sua expedição. Abandonado por todos, teve que voltar a pé para a Parahyba, quasi como fugitivo, para subtrahir-se á vingança dos selvagens.

Este e outros factos semelhantes foram parte para que a côrte de Hespanha revogasse todas as leis tendentes á escravidão dos Indios, e promulgasse outras a favor da sua futura liberdade. Os Jesuitas de Pernambuco, que tinham visto com pezar a empreza de Coelho, meditaram outra mais pacifica com o designio de civilisar os Tapuyas; porém chegando dois Missionarios á mesma Serra de Ibiapaba, era tal a irritação dos selvagens, que um foi morto, e o outro pereceria igualmente, se não se refugiasse com alguns Indios do seu sequito nos bosques do Ceará, d'onde voltou para Pernambuco.

Outra perfidia, semelhante á de Coelho, foi tambem exercida para com os Pitagoares convertidos, que tinham sido mandados de Pernambuco a defender a Capitania da Bahia ameaçada pelos Aymorés. Depois d'este importante serviço tiveram por premio de sua fidelidade a escravidão, á que só se sujeitaram pelo poder absoluto dos Missionarios, que lhes embargaram toda a resistencia. Os Aymorés assolavam de novo as Capitanias do sul: Porto Seguro e Ilhéos estavam quasi destruidas. A força prodigiosa dos Aymorés não era menos estupenda do que a sua ferocidade; sem embargo, o colono Alvares e o Jesuita Domingos Rodrigues não só conseguem amainar o odio d'estes sel-

vagens, como chama-los á Religião reduzindo-os á vida civilisada. D'ahi em diante nada alterou a alliança dos Aymorés, que se deve considerar como um dos acontecimentos mais favoraveis ao repouso e prosperidade do Brasil, debaixo da administração de Pedro Botelho.

A este Governador succedeu em 1608 D. Diogo de Menezes, authorisado para mandar explorar as boccas do Amazonas, e repellir pela força qualquer invasão estrangeira, visto que os Francezes pretendiam estabelecer-se no Norte do Brasil. Porém nada pôde fazer, porque lhe faltavam tropas, e sobre tudo dinheiro para as pagar; pelo que contentou-se com enviar ao Ceará um official portuguez, chamado Martim Soares Moreno, que tinha acompanhado a Coelho e se havia conduzido bem com os Tapuyas, afim de attrahi-los á sua alliança, e por este meio fundar um estabelecimento que servisse de avançada para ulteriores projectos. Quasi sem sequito partiu Moreno, mas foi bem recebido dos Tapuyas, tanto que chegou a construir um forte, e lançar os fundamentos de uma colonia, que abandonada a seus fracos recursos, pôde assim mesmo conservar-se apezar do deleixo do governo geral, e das perfidas insinuações de um selvagem que tentou alienar-lhe os animos de seus compatriotas.

Menezes nada mais tinha adiantado no Norte do Brasil, quando os Francezes ali appareceram inesperadamente para formar uma nova colonia. Já em 1594 um armador de Dieppe, chamado Jacques Riflault, tinha começado um pequeno estabelecimento no Maranhão; voltando para a Europa deixou outro Francez, Carlos de Veaux, encarregado de administra-lo na sua ausencia; este ganhando-se a affeição dos Tupinambás, logrou a possessão de toda a ilha situada na bahia do Maranhão; e com esta vantagem partiu para França, afim de obter de Henrique IV o apoio e protecção para fundar ali um estabelecimento permanente. Depois de muitos esforços, organisou-se uma companhia entre Augusto de la Ravardière, Emilio Rassylly e Carlos de Harley, os quaes armaram e equiparam á sua custa uma pequena esquadra.

A expedição partiu de Cancale, e veiu lançar ancora no Maranhão em 11 de Junho de 1612. Desembarcados os chefes e quatro Missionarios, que os tinham acompanhado, cuidaram aquelles de erigir um forte, a que deram o nome de S. Luiz, em honra de Luiz XIII; e começaram os fundamentos de uma colonia, que crescia e prosperava rapidamente pelo concurso dos selvagens, e porque os chefes obravam perfeitamente de acordo.

N'este estado, porém, a côrte de Madrid nomeou para Capitão General e Governador do Brasil a Gaspar de Souza (*), com ordem de colonisar e conquistar as margens do rio Amazonas; para o que devia fixar a sua residencia em Olinda, afim de estar mais ao alcance de vigiar os armamentos, e de accelerar a partida das expedições, que deveriam dar ao Brasil augmento de população, territorio e poder.

(*) Ao Governador e Capitão General D. Diogo de Menezes succedeu Gaspar de Souza, filho de Alvaro de Souza Senhor d'Alcube, no anno de 1613, por cuja disposição e ordem foram expulsos os Francezes da ilha de S. Luiz do Maranhão; visitou todas as Provincias do Brasil (zelo de que resultou tanto serviço ao Rei como aos subditos) examinando pessoalmente tudo o que podia ser mais util ao augmento da Real Fazenda, sem detrimento, mas antes em beneficio dos povos; e governou quatro annos. (Rocha Pita, Liv. III, num. 101.)

III.

Expedições de Jeronimo de Albuquerque, e de Alexandre de Moura. Expulsão dos Francezes da ilha e costa do Maranhão. Conquista do Grão-Pará, e fundação da Cidade de Belem. Creação do novo Estado do Maranhão.

O commando da expedição, destinada a conquistar o norte do Brasil, foi confiado em 1614 a Jeronimo de Albuquerque, que levou em sua companhia Martim Soares Moreno, fundador da Capitania do Ceará. Não consistia no principio o armamento portuguez de mais de cem homens, e de tres ou quatro navios ligeiros; eis ahi como por mais de um seculo tinham sido invadidos os mais bellos paizes da America por um punhado de aventureiros. Albuquerque desembarcando perto do Maranhão construiu uma fortaleza, e mandou Moreno com uma véla reconhecer a ilha, que occupavam os Francezes; e como este tardasse, voltou a Pernambuco a sollicitar novos auxilios. Com effeito, conseguiu Jeronimo de Albuquerque reunir novas forças, e com ellas tornou a apparecer no Forte, onde tinha deixado a primeira expedição.

O Commandante portuguez mandando novamente reconhecer o posto, que os Francezes occupavam, porque Moreno tinha arribado ás costas da Hespanha, e por isso não havia mais apparecido entre os seus, veiu no conhecimento de que na costa fronteira á ilha podia fortificar-se com mais vantagem, e esperar ali novos recursos, ou pelo menos pôr-se ao abrigo do inimigo; e com effeito partiu para o logar denominado *Guaxenduba*, e ali desembarcando, cuidou logo de intrincheirar-se. Não passou muito tempo que os Francezes não viessem attacar a expedição de Albuquerque, tomando-lhe dois navios, e reduzindo a sua tropa ao pequeno acampamento, que á pressa tinha formado; porém os Portuguezes, longe de se acobardarem á vista de forças quatro vezes maiores, sahiram das suas trincheiras, e derrotaram completamente os Francezes e seus alliados Tupinambás.

La Ravardière pôde apenas retirar-se do campo de Guaxenduba com menos de metade das suas forças, abandonando os feridos á mercê dos vencedores, e fazendo depois um tratado de suspensão de armas, em quanto os chefés recorriam ás respectivas côrtes de França e de Hespanha sobre a posse da ilha, que no em tanto ficava em poder dos Francezes até a decisão formal. Todavia os artigos da convenção

não foram por muito tempo guardados com fidelidade. A côrte de Madrid ordenou um novo armamento, cuja direcção e mando fôra confiado a Alexandre de Moura, com o objecto de expellir immediatamente os Francezes do Maranhão. A expedição chegou finalmente ao logar em que se achava Jeronimo de Albuquerque, o qual submettendo-se ao novo chefe com toda a lealdade, investiu em pessoa o Forte de S. Luiz, onde os Francezes se tinham refugiado. Rendido o Forte á discrição, embarcou o General francez com mais de quatrocentos de seus compatriotas, abandonando para sempre a colonia, que promettia a mais lisongeira prosperidade.

Em virtude dos plenos poderes, que lhe tinham sido delegados, nomeou Alexandre de Moura a Jeronimo de Albuquerque Capitão Mór do Maranhão, e a Francisco Caldeira de Castello Branco Commandante de uma expedição sobre o Amazonas. Caldeira deu principio á empreza com duzentos homens e tres navios; e desembarcando, apezar da opposição dos naturaes, na margem oriental do Tocantins sobre a bahia de Guajará, pôz os primeiros fundamentos da cidade de Belem construindo um forte de madeira (1616), d'onde muitas vezes foi obrigado a repellir os *Tupinambaranás*, e *Maués*,

que por largo tempo fizeram uma guerra crua e desastrada aos Portuguezes, e a quem só podiam resistir a constancia e o valor de Caldeira. Como os Hollandezes tivessem fundado ao norte do Amazonas algumas feitorias, onde faziam proveitoso commercio com os naturaes, mandou Caldeira o Alferes Pedro Teixeira para as destruir; o que logrou completamente, tomando e incendiando ao mesmo tempo um navio da mesma nação, cuja artilharia salvou e trouxe depois para Belem.

No em tanto Alexandre de Moura, deixando o governo da Colonia a Jeronimo de Albuquerque, voltou para Pernambuco, e este começou a edificar uma cidade em torno do Forte de S. Luiz. Em 1619 grandes dissenções vieram perturbar a marcha do novo estabelecimento do Grão Pará; o fundador Caldeira foi preso por seus proprios subditos, e a cidade correu o risco de perder-se por este acto de indisciplina. Em consequencia d'isto foi nomeado Governador do Pará Jeronimo Fragoso de Albuquerque pelo Governo Geral, ao mesmo tempo que Bento Maciel Parente teve o mando de uma expedição contra os selvagens, que infestavam todo o territorio desde a margem opposta da ilha do Maranhão até a cidade de Belem. Nada póde igualar em todo o curso d'esta guerra a crueldade de Bento Maciel, ho-

mem cheio de energia e talentos, porém de um caracter feroz.

A Colonia do Maranhão prosperou constantemente: em 1621 duzentos colonos dos Açores, aos quaes seguiram mais quarenta, vieram reparar os damnos causados pelas bexigas. No anno seguinte chegou Diogo de Mendonça Furtado como Governador e Capitão General do Brasil (*). Havendo conseguido Bento Maciel que o nomeassem Capitão Mór do Pará, fez continuar as correrias contra os Indios, e por sua ordem se praticou horrivel matança n'estes infelizes; assim como mandou investigar e conquistar o rio Curupá, e todos os canaes por onde o Amazonas desagua no Oceano, expellindo os Estrangeiros que se encontraram nas margens d'aquelle rio. Desde este tempo tomou Maciel com ostentação o titulo de primeiro investigador e conquistador dos rios Curupá e Amazonas.

Estas novas conquistas foram justamente consideradas na côrte de Madrid como importantissimas, e deram logar á outra divisão politica do Brasil. Em 1624 Filippe IV separou as possessões do Maranhão e do Pará do Governo Geral do

(*) Diogo de Mendonça Furtado tomou conta do governo em 1622; era o primeiro Governador e Capitão General nomeado por Felippe IV para o Estado do Brasil.

Brasil, fazendo segunda repartição debaixo do titulo de *Estado do Maranhão*. Francisco Coelho de Carvalho foi o primeiro Governador d'estas porções reunidas. Porém ainda as desgraças do Brasil não tinham tocado o seu termo; os Portuguezes em logar de augmentarem ou de estenderem os seus estabelecimentos, estavam nas vesperas de uma guerra desastrosa, que por muito tempo lhes arrancaria as mais ricas Provincias da America, ameaçando-os de perderem tudo quanto, havia mais de um seculo, possuiam.

IV.

Os Hollandezes invadem o Brasil. Occupação da cidade de S. Salvador. Expulsão dos Hollandezes. Desastre das esquadras hespanhola, portugueza, e hollandeza. Incursões parciaes. Crueldade commettida contra os Indios.

Até aqui não tem tido os Portuguezes que superar na America senão difficuldades locaes; não combateram senão com piratas ou aventureiros destemidos, que não sendo ajudados pelos seus governos, faziam inuteis esforços para se estabelecerem no Brasil. Adversarios mais temiveis vão offerecer o espectaculo de uma lutta mais renhida. É pelos fracos auxilios do governo hespanhol, que a America Portugueza vai ser presa de um povo illustrado pela sua firmeza e pela sua constancia nas desgraças.

A Hollanda, herdeira da gloria portugueza no Oriente, estendia os seus dominios pelas costas da Asia, quando intentou estabelecer-se no novo mundo: e ainda que o projecto de conquista, proposto ao conselho geral, encontrasse fortes oppositores, a quem parecia imprudente vir arriscar em novas e longinquas terras os

homens e o cabedal, que a Republica podia empregar nas suas colonias; todavia, a tregoa concedida á Hespanha ia expirar, e a fraquesa d'este Estado promettendo a facilidade da execução, offerecia vasto campo para esta nova empreza. Formou-se por tanto a companhia das Indias Occidentaes, á qual se concedeu o privilegio exclusivo de fazer o commercio da America e da costa opposta da Africa durante vinte e quatro annos. Eram os mesmos privilegios obtidos pela companhia das Indias Orientaes etc.

A companhia cuidou logo de armar uma frota de sessenta vélas em duas divisões, uma das quaes teve por commandante em chefe a *Jacob Willekens*, General de consummada experiencia, e por Almirante o celebre *Pieter Haynes:* a segunda divisão estava ás ordens de *Hans Vandort*, destinado a commandar as tropas de desembarque, e tinha por Almirante o famoso *Adrião Patrid.* Havendo huma tempestade separado as duas divisões, bastou que a de Willekens apparecesse na Bahia de Todos os Santos para que tudo se lhe rendesse (1624). O General hollandez sabia que os Portuguezes do Brasil estavam tão abandonados como a mesma Côrte de Madrid; igualmente sabia que a administração do Conde Duque de Olivares, pesada a Portugal, não tinha

favorecido o Brasil, e que os cofres do Estâdo, abertos para toda a classe de prodigalidades, estavam fechados para as necessidades da Colonia.

Tal era o apuro, a que a Côrte de Hespanha tinha levado esta interessante parte da America, que o Governador geral Diogo de Mendonça não tinha mais de oitenta homens de tropa regular para a defensa da Capital. Os Milicianos, que elle ajuntou precipitadamente em numero de dois mil homens, o abandonaram logo que o inimigo abordou. A resistencia se tornou então inutil; o Governador, porém, homem corajoso e firme, entrincheirando-se no seu palacio não consentiu em depôr as armas senão debaixo da condição de que se lhe conservaria a liberdade, bem que depois, contra o direito e todas as leis da honra, fosse conduzido como prisioneiro para bordo da náu Almirante. *Vandort* chegou a S. Salvador quando estava já em poder dos seus compatriotas, e tomando posse do governo, que lhe havia sido destinado, resolveu fortificar a cidade com toda a diligencia.

Willekens fez-se á vela para a Hollanda com parte da esquadra, deixando o resto ao Almirante *Patrid*, que poucos dias depois partiu para Angola, afim de assenhorear-se d'aquella importante colonia;

mas Loanda foi a tempo soccorrida, e a vigilancia do Capitão General Fernando de Souza fez malograr a empreza. O Almirante hollandez não foi melhor succedido, quando, tornando para o Brasil, attacou a Capitania do Espirito Santo. A guarnição da cidade da Victoria era muito pequena, porém a resistencia que oppuzeram seus habitantes, dirigidos por Francisco de Aguiar Coutinho, bastou para inutilisar todos os esforços de Patrid, que embarcou precipitadamente dirigindo-se para a Bahia. Mas já os Hollandezes não eram senhores da capital do Brasil, que acabava de entrar de novo no poder das armas catholicas; e por isso fez-se o Almirante no rumo da Hollanda, em cujo trajecto tomou os galeões, que do Mexico levavam annualmente para a Metropole o producto de suas minas: preza a mais rica que se tinha feito sobre os mares.

Os habitantes da Bahia, obrigados no primeiro impulso (*) a refugiarem-se no interior do paiz, resolvem immediatamente expulsar os invasores, escolhendo

(*) Os Bahianos no primeiro assalto defenderam-se com valor, tanto que rechaçaram os inimigos; mas o panico terror pela difficuldade de soccorros, que não podiam esperar, foi occasião de desempararem a cidade para salvarem as vidas. Todavia, o que deixaram de obrar na defeza desempenharam depois no attaque, impedindo todo o progresso das armas dos Hollandezes, como diz Rocha Pita fazendo a descripção d'aquella campanha.

para seu chefe o Bispo D. Marcos Teixeira (*); este os anima com discursos cheios de patriotismo e de eloquencia, e cahe denodadamente sobre o inimigo. O General *Vandort* perde a vida em um reconhecimento ás mãos do Capitão Padilha; seu successor tem a mesma sorte poucos dias depois, e estes revezes começam a atterrar os Hollandezes diminuindo a reputação das suas armas. Os Portuguezes redobram de brios, e estreitam o cêrco da cidade; em tanto que Mathias de Albuquerque manda de Pernambuco a Francisco Nunes Marinho tomar o commando do exercito da Bahia. O Bispo Teixeira troca outra vez a espada pelo baculo, e quando devia prestar serviços de outra monta, desce ao tumulo exhausto de suas forças, mas com a gloria de haver restaurado a honra das armas portuguezas.

Francisco Nunes Marinho, tomando o commando provisorio das forças portuguezas, seguiu o mesmo systema de

---

(*) D. Marcos Teixeira foi quinto Bispo do Brasil, e successor de D. Constantino Barradas. Reunido o Conselho, depois da prisão do Governador, achou-se que o successor nomeado pela Côrte era Mathias de Albuquerque, então Governador de Pernambuco; e como a distancia era muita, e as circumstancias exigiam um chefe de prompto que tomasse o commando, o Conselho, depois de varias propostas, resolveu a final nomear o Bispo Governador e General interino durante a ausencia de Mathias de Albuquerque. D. Marcos Teixeira, arvorando o estandarte da Cruz, cingiu a espada para defensa da Patria e da Religião.

guerra, que fôra por assim dizer creado pelo seu predecessor, e consistia em cansar o inimigo, enfraquecendo-o por continuas perdas. Finalmente a Côrte de Madrid accordou do seu lethargo, e uma expedição, a maior que tinha passado a linha, composta de voluntarios portuguezes, e de uma columna de tropas hespanholas e italianas, veiu surgir defronte de S. Salvador. D. Fradique de Toledo, Almirante hespanhol de grande nomeada, era o commandante em chefe d'esta expedição. Os Hollandezes ainda se defenderam com esforço e habilidade, mas no fim de 30 dias foram constrangidos a capitular; depois do juramento previo de não tomarem armas contra a Hespanha e Portugal, evacuaram a cidade, embarcando em navios para isso destinados pelo Almirante Toledo.

De balde o Almirante Batavo *Balduino Henrick* vem com grande reforço soccorrer seus compatriotas; o chefe Hespanhol o obriga a regressar navegando para o Norte. *Henrick*, corrido de vergonha, tenta restaurar a sua perdida reputação, fazendo um desembarque na Parahyba; porém foi rechaçado com grande perda, e teve que amarar-se buscando novas aventuras. Repellido de Porto Rico, e ultimamente de S. Jorge da Mina em Africa, declarou-se a bordo da sua es-

quadra uma molestia contagiosa tão violenta, que quasi toda a guarnição pereceu, sendo o mesmo Almirante uma das primeiras victimas do contagio. Cansados, os que sobreviveram, da occupação de piratas, obrigam seus officiaes a fazer força de véla para a Hollanda.

Depois de haver regulado o estado politico do Brasil, D. Fradique de Toledo entregou as redeas da administração a D. Francisco Rolim de Moura, novo Governador geral, e se dispoz para regressar á Europa com as esquadras hespanhola e portugueza. Na viagem recebe aviso que uma armada ingleza de cem navios navegava para interceptar os galeões do Mexico e as frotas do Brasil, e para evitar o seu encontro, se dirige para a costa da Africa. Toda a esquadra n'estas paragens foi assaltada por furiosas tempestades: muitos navios foram submergidos, outros tomados pelos Hollandezes; apenas tres poderam alcançar as costas da Hespanha. Taes foram as desgraças, que assignalaram na Africa, na America, e na Europa os principios da guerra do Brasil, que tanto opprimiu os vencidos como os vencedores.

A restauração de S. Salvador fez descorçoar os Hollandezes, que bem viam a vantagem que offerecia a guerra maritima, sem necessidade de sacrificar tropas

e dinheiro em estabelecimentos permanentes; e d'est'arte começaram a infestar as costas do Brasil com pequenas frotas, arruinando o commercio hespanhol e portuguez. A inercia da côrte de Madrid alentava ainda mais estes corsarios pela lentidão de suas medidas. Filippe IV imaginou sem duvida que bastava enviar ao Brasil um novo Governador, recommendavel como homem d'estado e como General, e por isso escolheu Diogo Luiz de Oliveira para substituir a Francisco Rolim de Moura. Apenas aquelle toma posse, apparece de novo o Almirante Patrid e arrebata do porto doze navios carregados, levando o terror por todo o *Reconcavo*, que assolou por esta incursão inesperada.

No Maranhão e no Pará as dissensões internas favoreciam as vistas do inimigo. Os Missionarios tinham obtido um Decreto, que despojava os Colonos de seus privilegios sobre os Indios alliados, que em realidade não eram outra cousa senão escravos. Os Colonos do Maranhão, depois de muita resistencia, assentiram pelo temor do poder ecclesiastico; porém os do Pará zombaram do Decreto, e até recusaram aos Jesuitas a licença de fundar um collegio na sua cidade. N'este intervallo o Grão Pará estava mais exposto ás crueldades de Maciel do que

aos designios hostis dos Hollandezes. Este chefe indomito e feroz não se cansava de fazer aos Indios guerra de exterminio: perseguia com igual barbaridade os alliados como os inimigos, os Indios pacificos como os revoltosos.

Debaixo do pretexto de novo projecto de sublevação, prendeu vinte e quatro chefes dos Tupinambás, e no mesmo dia e hora mandou-os cortar em pedaços pelos Tapuyas, seus implacaveis adversarios, servindo-se assim do odio, que entre si nutriam os Brasileiros, para os subjugar e destruir. Por muito insensiveis que os colonos de Belem se mostrassem ás desventuras dos Indigenas, esta acção atroz de Maciel os horrorisou; e sem a chegada de Manoel de Souza d'Eça, que o veiu render no governo da Colonia, talvez não tivesse escapado aos justos effeitos da indignação geral.

V.

Segunda expedição hollandeza contra o Brasil. Occupação de Olinda e do Recife. Campo Real do Bom Jesus. Sorpresa do General Loncq. Attaque de Olinda pelos Portuguezes.

Entretanto os Hollandezes, senhores do mar, e ricos com os despojos da America hespanhola, meditavam novas conquistas no Brasil. A provincia de Pernambuco, pela sua vantajosa posição e riqueza, atrahiu mutuamente as attenções da Companhia Occidental, que já calculava com os milhões de lucros que de Olinda tiraria. Em quanto se preparava esta segunda expedição, soube-o a côrte de Madrid, que apenas deliberou enviar Mathias de Albuquerque com uma caravéla, algumas munições de guerra, e um pequeno numero de soldados, mas honrado com o especioso titulo de Commandante em chefe, independente do Governador geral. Albuquerque saltando no Recife achou as fortalezas desmanteladas, sem armamento nem guarnição; longe porém de cuidar em reparar estas faltas com diligencia, entreteve-se em frivolas occupações, promovendo festas pelo nascimento de um principe herdeiro da Corôa de Hespanha.

Com effeito, no dia 16 de Fevereiro de 1630 appareceu á vista de Olinda a armada hollandeza debaixo das ordens do Commandante em chefe Henrique Loncq. A frota tinha a seu bordo sete mil soldados, commandados por Theodoro Vandemburg. Em quanto os navios entretinham as baterias da costa com sua artilharia, o General Vandemburg com quatro mil homens foi saltar em Páu Amarello, e marchou a sorprender a Cidade de Olinda. Illudido pelo fogo que continuava a frota hollandeza, Mathias de Albuquerque tinha ficado no Recife, e não correu em soccorro do ponto ameaçado senão para testemunhar a fuga vergonhosa das suas tropas. Occupada a Cidade de Olinda pelos Hollandezes, no meio da confusão geral viu-se Albuquerque quasi só; e perdendo então as esperanças de conservar o Recife, mais pela cobardia dos seus do que pelo valor e intrepidez do inimigo, pôz fogo aos armazens e aos navios ancorados no porto (*), e retirou-se para a outra margem do Capibaribe.

(*) Brito Freire avalia esta perda em trinta milhões, assim das fazendas carregadas nos navios como das recolhidas nos armazens; a tudo porém puzerão fogo seus proprios donos, com as casas de toda a povoação, por ordem do General. A' vista do incendio choraram os Hollandezes a destruição d'estes ricos despojos, de que Mathias de Albuquerque acabava de priva-los. O saque de Olinda tambem não foi tão consideravel, como era de esperar, porque os habitantes levaram comsigo a maior parte de suas preciosidades retirando-se para o interior.

Ainda assim não podiam os Hollandezes tomar o Recife sem ganhar o Forte de S. Jorge, que lhes embargava o passo. Tres peças de ferro, montadas grosseiramente sobre algumas traves desde a conquista, compunham todo o seu armamento; abandonado o Capitão Antonio de Lima, que o commandava, pela sua pequena guarnição, enviou um soldado a Mathias de Albuquerque para pedir-lhe reforço. Á chegada do enviado estava com o General um mancebo de 17 annos, chamado *João Fernandes Vieira* (*), o qual logo se offereceu para defender aquelle ponto com vinte voluntarios, que o acompanharam. Com este punhado de homens intrepidos ousa Antonio de Lima desafiar o poder dos Hollandezes, que sahindo de Olinda com quatro mil e quinhentos homens, vêm durante a noite assaltar o Forte. Um combate terrivel se prolonga por cinco dias, até que reduzido á ruinas,

(*) João Fernandes Vieira, filho do Funchal na ilha da Madeira, tinha-se embarcado de idade de onze annos para vir procurar fortuna em Pernambuco, não tendo então outros bens senão as suas disposições felizes, e o germe de alguns talentos. Este feito de armas, o primeiro em que o moço Vieira entrou, foi o precursor da grande empreza, na qual alcançou o titulo honorifico de Restaurador de Pernambuco. Capitulando o Capitão Antonio de Lima, quando o Forte não era mais do que um montão de ruinas, Vieira cingiu-se com a bandeira, e sahiu com ella occultando-a debaixo dos vestidos para que não cahisse em poder dos vencedores. Sua vida especial póde ler-se no que d'elle escreveu Fr. Raphael de Jesus, além de Brito Freire, Rocha Pita, D. Francisco Manoel de Mello, &c. &c.

capitula a guarnição com as honras da guerra. Admirado Vandemburg de uma tal coragem, manda livre a guarnição portugueza, fazendo assim justiça á sua heroica defensa. Ficando livre a barra, a frota hollandeza entrou no porto em triumpho. Nove dias depois entrou outra esquadra com reforços, e os Batavos ficaram senhores absolutos da segunda cidade do Brasil.

Os habitantes de Pernambuco, assim como tinham feito os da Bahia, ainda bem não tinham abandonado ao inimigo a sua capital, mutuamente se lançavam em rosto os seus soffrimentos e miserias, como se não fossem todos culpados de negligencia e cobardia. Quando cada um tinha dado á dôr seu livre curso, fez-se ouvir a voz dos bravos, e os seus conselhos prevalesceram. Mathias de Albuquerque lhes fallou então com todo o zelo de sua honra e do seu patriotismo, conseguindo accender em todos o santo fogo do amor da patria, de suas leis, e de sua religião. Entre o Recife e Olinda se estende uma vasta planicie circular, no meio da qual plantou Albuquerque o seu arraial, a que deu o nome de Campo Real do Bom Jesus, fortificando-se como pôde para arrostar os attaques do inimigo. Os Hollandezes apenas perceberam que os Portuguezes se refaziam do seu pri-

meiro espanto e sorpresa, attacaram o Campo Real com dois mil homens, porém foram repellidos com perda de cem mortos.

Este successo feliz foi seguido de outro, em que o chefe brasileiro Filippe Camarão com trezentos homens da sua tribu logrou sorprender o General Loncq no seu transito do Recife para Olinda, matando, dispersando, e fazendo prisioneira quasi toda a sua escolta, composta de seiscentos Hollandezes: Loncq conseguiu escapar pela ligeireza do seu cavallo. Foi então que Albuquerque creou as famosas guerrilhas com o nome de *Companhias de emboscada*, que tanto mal causavam aos invasores. Em quanto os Hollandezes no Recife gosavam de todas as commodidades, que lhes offerecia a rica Companhia Occidental, soffriam os Portuguezes no seu campo as maiores miserias, já mortos de fome e de cansaço, já nús e faltos de todo o soccorro em suas molestias e feridas. Não se podia conceber como estes homens, antes abastados e pacificos, soffressem tantas privações, a não ser pelo sentimento da honra levado ao maior gráu de exaltação.

Os Hollandezes renovaram por vezes os seus attaques; mas vendo que nada conseguiam, trataram de fortificar-se dando mais desenvolvimento ao seu plano de defensa. Todas as partidas, que enviavam

alem de Santo Antonio, eram batidas, e por isso construiram dois Fortes contra os quaes os Portuguezes luttaram de balde, sempre rechaçados com grande perda (*). Mathias de Albuquerque entretanto não cessava de reclamar soccorros da metropole; a côrte de Madrid parecia insensivel á perda de uma tão rica colonia, de tal sorte que, no espaço de mais de um anno, só receberam os denodados Pernambucanos o auxilio de quatrocentos homens por differentes vezes. A negligencia da Hespanha ia dando ganho de causa aos Hollandezes; tudo annunciava o intento de permanecerem em Pernambuco. Albuquerque julgando então que não poderia impedir os seus progressos, resolveu reunir todas as suas forças, e tentar a fortuna com um golpe estrondoso.

O projecto do General portuguez foi unanimemente applaudido; marchando em tres columnas investe a cidade de Olinda, leva de rojo os postos avançados, e destróe as fortificações exteriores; mas ainda restavam ao inimigo quatro mil homens no recinto da praça. Para não expôr-se á uma derrota, manda Albuquerque tocar a retirada, e recolhe-se ao

(*) Estes dois Fortes eram: o de Santo Antonio, que hoje não existe, e o de Frederico Henrique, a que deram depois o nome de *Cinco-pontas*, porque era construido em figura de pentagono com cinco bastiões.

seu campo. Tal foi o resultado d'este attaque inconsiderado, que custou quatrocentos homens á Hollanda, porém maior numero aos assaltantes.

Em quanto os Hollandezes esperavam novos soccorros das Provincias Unidas, resolveram aproveitar-se do imperio do mar para estender a conquista sobre as costas do Brasil. Com este intuito fizeram construir um Forte em Itamaracá, afim de terem um posto avançado n'aquella ilha. Se os Portuguezes perdiam as esperanças de expulsar os Hollandezes, estes não as tinham mais lisonjeiras de penetrar no paiz: tão exactamente guardavam aquelles todas as avenidas do campo inimigo; mas esta vantagem não podia ser de longa duração, uma vez que a Capitania de Pernambuco ficasse abandonada ás suas proprias forças em presença de um inimigo audaz e emprehendedor, e que dispunha além d'isso de grande força maritima.

VI.

A guerra muda de aspecto. Combate naval. Incendio de Olinda. Calabar abandona os Portuguezes. Consequencias funestas da sua trahição. Morte do General Reimbach. Rasgo patriotico de Jaguarary. Os Palmares. Conquista da Parahiba pelos Hollandezes. Occupação do Pontal de Nazareth.

Talvez fosse Pernambuco então abandonado inteiramente, se a côrte de Madrid não recebesse informação de que a Hollanda mandava uma armada consideravel contra o Brasil; e que o Almirante *Adrião Patrid* tinha ordem de ir depois em cata dos galeões do Mexico. O temor de ver segunda vez passar ás mãos do inimigo tão grandes riquezas, obrigou o Conde Duque de Olivares a mandar D. *Antonio Oquendo* com uma esquadra, e algumas tropas disciplinadas para proteger as duas mais importantes Capitanias do Brasil (1631). Com effeito a frota hollandeza, havendo desembarcado no Recife os reforços de gente e munições que trazia, dirigiu-se para o sul em busca da frota hespanhola, que devia tocar primeiramente em S. Salvador. As duas esquadras se encontraram por acaso nos mares da Bahia, onde a

victoria disputada com igual valor pertenceu finalmente aos Hespanhóes.

Esta sanguinolenta acção custou a vida do bravo Patrid, que vendo o seu navio incendiado, lançou-se ao mar envolto no seu pavilhão, dizendo aos officiaes que o queriam deter: *o Oceano é o unico tumulo digno de um Almirante batavo.* As duas frotas ficaram tão arruinadas, que nenhum dos seus navios podia resistir ao mar. Os Hollandezes fizeram-se ao largo e vieram ancorar no Recife, e Oquendo desembarcando em uma enseada a expedição composta de setecentos homens (entre Portuguezes, Hespanhóes, e Italianos) commandados pelo Conde Bàgnuolo, e destinada para Pernambuco, tratou de reparar os seus navios, e com elles partiu para comboiar os galeões do Mexico, segundo as suas instrucções. Bagnuolo, depois de uma marcha penosa, juntou-se com Mathias de Albuquerque. Os Hollandezes julgando o reforço muito mais consideravel incendiaram a cidade de Olinda (*),

(*) Foi este fatal acontecimento no dia 23 de Novembro de 1631, em que se reduziu á cinzas a mais bella cidade do Brasil com seus ricos Conventos e Igrejas, sem que os seus habitantes a podessem salvar de tamanha desgraça. Os Hollandezes, antes de pôrem fogo á cidade, propuzeram a Mathias de Albuquerque o seu resgate, porém o General Portuguez, conhecendo os artificios do inimigo, respondeu: *Queimai Olinda, se a não podeis conservar; não nos faltarão os meios de melhor a reedificarmos.* Durou este incendio dois dias, até que o fogo se extinguiu com o ultimo edificio.

e concentraram-se no Recife; advertidos porém do seu engano, quizeram reparar esta falta com um attaque repentino sobre a Parahiba, donde foram rechaçados valerosamente por João de Mattos Cardoso Commandante do Forte do Cabedello.

Vandemburg resolveu então ir em pessoa attacar o estabelecimento do Rio Grande do Norte; mas á vista das fortificações temeu arriscar um lance duvidoso, e voltou para o Recife. Entretanto, para não perder todo o fructo d'esta expedição, dirigiu-se ao Cabo de Santo Agostinho para tomar o porto chamado *Pontal de Nazareth*; d'onde tambem foi repellido com perda de setenta homens, e teve de regressar cheio de confusão e de despeito. Até este tempo pouco motivo tinham os Hollandezes de se ensoberbecerem com o successo das suas armas, porque todas as suas emprezas, fóra do recinto do Recife, tinham sahido frustradas, e as milicias brasileiras adquiriam cada vez mais o habito da vida militar. Todavia, um mulato nascido em Pernambuco, chamado Domingos Fernandes Calabar (*),

(*) Este homem, que combatia entre os seus compatriotas, tinha recebido em differentes encontros feridas honrosas, e tinha mesmo alcançado alguma reputação. Não se sabe se elle fugiu para escapar á punição de algum crime, ou se a insolencia de seus commandantes lhe inspirára o desgosto do seu partido, ou finalmente, o que é mais provavel, se a esperança de melhorar de fortuna fez d'elle um transfuga. Quaesquer que fossem os motivos da sua rebeldia, teve elle a triste preeminencia de ser o primeiro Brasileiro, que passou para o campo dos Hollandezes.

fez mudar a face das cousas, tornando aos Hollandezes o seu primeiro ascendente. Este homem habil, emprehendedor e temerario, conhecia perfeitamente toda a costa e o interior da Provincia, e por isto os Hollandezes o acolheram com todas as demonstrações de benevolencia.

O desertor Calabar induziu logo os Flamengos a tentarem novas expedições, e é elle quem sorprende e saqueia o estabelecimento de Iguarassú. Antes que se dissipasse o terror, conduz os invasores a Rio Formoso, onde vinte homens commandados por Pedro de Albuquerque defendem o Forte, e morrem todos gloriosamente (1632); seu digno chefe, coberto de feridas, torna á vida em poder do inimigo, que pasmado de tanta bravura lhe concede a liberdade. No seguinte anno chegam a Pernambuco mais tres mil Hollandezes com dois commissarios da Companhia Occidental. A grande autoridade, de que vinham revestidos os Commissarios, desgosta o General Vandemburg, que entregou o commando ao General Lourenço Reimbach, e voltou para a Hollanda. Soprando a fortuna favoravel ás armas dos Hollandezes, resolveram os Commissarios proseguir o curso das suas vantagens.

O General Reimbach por conselho de Calabar attacou o campo do Bom Jesus

com tres mil homens; porém Mathias de Albuquerque com trezentos e cincoenta sómente lhes fez tal resistencia, que Reimbach cahiu morto no campo com seiscentos dos seus soldados; e teria sido completa a derrota, se Bagnuolo, opprimido pela gota, não tivesse moderado o ardor dos Portuguezes. Calabar para recuperar o seu credito, prometteu a *Sigismundo Van Scop*, que succedera no mando a Reimbach, de lhe entregar toda a ilha de Itamaracá; o que conseguiu por capitulação, em que os nossos sahiram livres com todas as honras da guerra. Sigismundo tenta por segunda vez attacar o campo entrincheirado dos Portuguezes, e é repellido novamente; querendo então formar um cêrco regular, dirige para ali onze peças de artilharia, que tambem foram preza dos sitiados. Enganados ainda d'esta vez, decidiram os Hollandezes levar suas armas a pontos mais affastados.

Todas estas victorias dos Portuguezes os tinham enfraquecido de tal forma, que Mathias de Albuquerque apenas podia contar com mil e duzentos homens de tropas regulares; de um pequeno reforço de seiscentos homens, que vinha de Portugal em uma frota de sete vélas, commandada por Francisco de Vasconcellos da Cunha, chegaram pouco mais de cem, porque a frota foi destruida pelos Hol-

landezes no rio Potangi. Favorecidos pela fortuna, os Hollandezes, depois de haverem tomado Porto Calvo nas Alagoas, se dirigiram para o Rio Grande sempre guiados por Calabar, e por uma infame trahição se apoderaram do Forte, onde acharam preso e deram liberdade ao famoso Indio *Jaguarary*, que depois fez tantos serviços ao Brasil debaixo do nome de Simão Soares (*). Os Hollandezes concluiram então allianças entre os indigenas, e serviram-se da tribu dos *Janduis* para perpetrarem horriveis crueldades. O assassinio, o roubo, e o estupro não satisfaziam estes tremendos selvagens; queriam além d'isso saciar-se com a carne de suas victimas.

Inimigos, quasi tão formidaveis como os selvagens Janduís, se tinham estabelecido desde 1630 no interior da Provincia de Pernambuco. Eram negros escravos d'esta provincia, e de outras visinhas,

(*) Este Indio era tio de Antonio Filippe Camarão. Tendo-se passado na Bahia aos Hollandezes para vêr se recuperava sua mulher e um filho, que tinham ficado prisioneiros na occupação d'aquella cidade; quando voltou aos Portuguezes, por mais que se justificasse, estes o lançaram em uma masmorra por oito annos. Achava-se ainda preso no Forte do Rio Grande, quando foi solto pelos Hollandezes; mas longe de unir-se com os seus libertadores, correu á sua aldêa, excitou o enthusiasmo de seus compatriotas, e appareceu depois com elles no campo dos Portuguezes, para participar da gloria do seu já muito celebre sobrinho. Esta acção generosa do Indio *Jaguarary* lhe valeu a fama do seu nome, que ficou eternisado pela honrosa menção, que d'elle fazem todos os historiadores d'aquella epocha.

que aproveitando o ensejo favoravel da guerra com os Hollandezes, resolveram recobrar a sua liberdade e independencia no meio dos bosques. Quarenta foram os primeiros, que se refugiaram armados em um grande bosque de palmeiras, donde lhes veiu o nome de *Palmares*, ou *Republica dos Palmares* (*). A estes primeiros desertores reuniram-se outros muitos, de sorte que em poucos annos o seu numero chegou a trinta mil. Em suas excursões causavam estes negros grandes estragos, levando a devastação e a morte a todos os estabelecimentos dos colonos, a que podiam alcançar. Taes foram a origem e progressos d'esta horda negra, que, tor-

---

(*) A povoação dos Palmares suppõe-se hoje que teve a sua séde na Serra do Barriga, provincia das Alagoas, onde em 1837 se descobriram vestigios de seus antigos moradores. Barleu e Brito Freire fazem distincção entre Palmares *Maiores* e *Menores;* Rocha Pita, porém, não faz esta distincção. Segundo o historiador Hollandez, os Palmares menores tinham mais aspecto de povoação do que os maiores. Segundo Brito Freire, uns e outros constavam de pequenas povoações. Segundo Rocha Pita, havia uma grande povoação e muitas outras pequenas. Brito Freire parece collocar os Palmares fóra da provincia de Pernambuco. Barleu e Rocha Pita fazem situados os Palmares na provincia das Alagoas, parte n'esse tempo da provincia de Pernambuco; mas não designam os logares com toda a necessaria precisão, ou servem-se de indicações hoje desconhecidas. Não eleva Gaspar Barleu a população dos Palmares a mais de onze mil pessoas; Rocha Pita dá-lhe mais de vinte mil homens, e Brito Freire refere, que o seu numero era calculado em trinta mil almas. Estas notaveis contradicções não desmentem todavia a veracidade do facto, isto é, a existencia da povoação dos Palmares com todas as circumstancias que o revestem. (*Veja-se o que a este respeito diz o Desembargador Silva Pontes, a pag.* 152 *e* 153 *do* 3.° *vol. da Revista Trimensal do Instituto Historico*, &c.)

nando-se poderosa, pôde resistir aos Hollandezes victoriosos, e aos Portuguezes por mais de meio seculo, até que, livre inteiramente o Brasil, os poderam attacar com forças respeitaveis.

Tendo-se feito á véla o General hollandez Sigismundo com quatro mil homens para attacar a Parahiba, os Portuguezes tentam retomar o Recife, donde foram rechaçados com grande perda. Sigismundo apenas ameaça o Forte do Cabedello, e volta sobre o Pontal de Nazareth com toda a sua força. Ainda seria inutil esta segunda tentativa a não ser Calabar, que por um admiravel estratagema fez servir a marinha hollandeza á tomada do porto, desmastreando os navios, e fazendo-os passar por um canal tão estreito e baixo, que até então as mais ligeiras barcas não tinham ousado n'elle aventurar-se. Mathias de Albuquerque chega com oitocentos homens de auxilio, e tenta em vão repellir os Hollandezes do Pontal; apoderando-se um terror panico de suas tropas, a artilharia dos navios acabou de as dispersar. Os Hollandezes com este triumpho voltam suas vistas sobre a Parahiba.

O General Sigismundo com trinta e dois navios e dois mil e quinhentos homens de desembarque rende os Fortes de Santo Antonio e do Cabedello. N'esta conjunctura os habitantes queimam a

cidade, e retiram-se para o interior; porém vexados e irritados pela conducta relaxada dos soldados Hespanhóes e Italianos, que tinham vindo em soccorro da praça, ainda que tarde, preferiram voltar para os seus abrasados domicilios, e entregarem-se á mercê dos Hollandezes, antes que soffrer dos proprios seus o que não poderiam soffrer mais dos inimigos. Sigismundo coberto de gloria recolheu-se ao Recife com o titulo de conquistador da Parahiba. O pavilhão hollandez estava pois arvorado no littoral do Rio Grande, da Parahiba, e de Pernambuco. Desde então devia-se ter por infallivel, que os vencedores não tardariam em consummar a conquista do interior d'estas provincias, com cuja permanencia pacifica podiam aspirar ao dominio de todo o Brasil.

VII.

Ultimos esforços dos Portuguezes em Pernambuco. Emigração e abandono da Provincia. Occupação de Porto Calvo. Supplicio de Calabar. Albuquerque é chamado á Europa. Rebello, Camarão, e Henrique Dias. Segunda emigração de Pernambuco. Mauricio de Nassau. Derrota dos Portuguezes em Porto Calvo. Fuga de Bagnuolo. Segunda invasão da Bahia. Retirada de Nassau. Outras conquistas dos Hollandezes.

Restavam tão sómente aos Portuguezes dois pontos fortificados na provincia de Pernambuco, nos quaes pretendia Mathias de Albuquerque conservar-se esperando sempre auxilios da Hespanha. Os Hollandezes porém conheciam que toda a inacção lhes era prejudicial, e resolveram attacar o campo do Bom Jesus, e o Forte de Nazareth. Custa a crer os prodigios de valor, que obraram as duas pequenas guarnições, até que reduzidas á ultima extremidade capitularam em ambas as praças. Albuquerque informou então por uma proclamação aos habitantes de Pernambuco a resolução que tomava de evacuar a provincia, offerecendo-se para escoltar a todos quantos quizessem emigrar e segui-lo. O maior numero, irritado com o

desprezo da côrte de Madrid, quiz antes render obediencia aos vencedores; porém quasi oito mil familias, abandonando suas propriedades e seus commodos, preferiram dedicar-se sem reserva ao serviço da mãi patria, e puzeram-se em marcha com o pequeno exercito portuguez.

Chegando a emigração perto de Porto Calvo, *Sebastião do Souto*, um dos principaes habitantes d'aquella villa, fez cahir os Hollandezes em uma cilada. Offerecendo-se ao Governador hollandez Alexandre Picard para reconhecer os fugitivos, voltou assegurando que Mathias de Albuquerque apenas tinha comsigo duzentos homens, e que todos iam carregados de avultadas riquezas, faceis de tomar com pequena força. O Governador Picard fez immediatamente sahir trezentos homens com ordem de seguirem os passos de *Souto;* mas este, chegando em frente dos Portuguezes, passa-se para elles e se arremessa de subito sobre os Hollandezes, que, sorprendidos por este acto inesperado, fogem precipitadamente. Mathias de Albuquerque os segue então com igual velocidade, indo entrar d'envolta com o inimigo dentro da praça, cuja guarnição cede a este attaque repentino, e abandona a Villa. *Calabar* ficou prisioneiro, e pagou com a vida, n'este mesmo logar onde nascera, a sua infame trahição (1635).

Este successo momentaneo não deslumbrou Albuquerque, nem lhe fez esquecer a sua situação embaraçosa. Vendo que não podia demorar-se, arrasou as fortificações de Porto Calvo, e retirou-se para as Alagoas, d'onde os emigrados tomaram nova direcção, uns para a Bahia, e outros para o Rio de Janeiro; ficando ali o mesmo Albuquerque com as reliquias de suas tropas, que consistiam em oitocentos soldados, e duzentos Indios auxiliares do terço de *Camarão*. No fim d'este mesmo anno (1635) desembarcou na barra das Alagoas um pequeno reforço, que a Hespanha mandava para Pernambuco, ás ordens de D. Luiz de Roxas y Borja; este General devia render a Mathias de Albuquerque, o qual teve ordem de voltar para a Europa, onde os seus serviços ficaram sem a menor recompensa. Porém quando Portugal reivindicou seus direitos e assumiu a sua soberania, Albuquerque vingou-se da Hespanha fazendo-a reconhecer o seu transcendente merito na guerra arriscada, que firmou a independencia do seu paiz, e lhe valeu o titulo de Grande de Portugal.

D. Luiz de Roxas quiz seguir um systema de guerra em tudo opposto ao do seu antecessor; assim que tomou o commando do pequeno exercito portuguez, deixando nas Alagoas o Conde Bagnuolo

com seiscentos a setecentos homens, marchou com o resto ao encontro do inimigo, e mandou occupar Porto Calvo, que Sigismundo acabava de evacuar, pelo seu Tenente General Manoel Dias de Andrade com quinhentos homens; d'este modo desfalcado de forças, foi batido pelo General hollandez Arquichoffle, e morto no conflicto, em que todo o exercito teria igualmente succumbido, se Filippe Camarão (*) e Francisco Rebello não tivessem, por meio de acertadas manobras, sabido proteger uma perigosa retirada (1636).

Havendo os dispersos buscado asilo em Porto Calvo, onde se conservou Manoel Dias de Andrade, Bagnuolo, em quem recahira o mando militar depois da morte de Roxas, veiu das Alagoas juntar-se n'este ponto com as reliquias do exercito, chegando a reunir dois mil soldados e algumas centenas de Indios auxiliares; mandou buscar a sua artilharia das Alagoas, e tratou de fortificar-se o melhor que pôde. Desde então começaram os dois partidos uma guerra de exterminio e de assolação, que não tem exemplo entre os povos civilisados. O successor de Roxas adoptou o unico systema de hostilidade, que con-

(*) D. Luiz de Roxas tinha trazido para Antonio Filippe Camarão o habito da Ordem de Christo e o titulo de *Dom*, cujas mercês elle já tinha merecido; e d'ahi por diante não deixou jámais de se mostrar digno de semelhantes recompensas.

Heaton e Rensburg Lith. Rio de Jan.º

HENRIQUE DIAS

I. MESTRE DE CAMPO DO TERÇO DE HOMENS PRETOS NA PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

vinha á situação desgraçada e violenta dos Brasileiros. O Capitão Rebello, Camarão, e o negro Henrique Dias, já n'esta epocha Commandante de um terço de homens da sua côr, fizeram correrias até a provincia da Parahiba, levando o terror e a morte não só aos Hollandezes, como aos colonos, que se tinham submettido á sua autoridade.

Desolados por esta guerra de rapina, e querendo esquivar-se á crueldade de ambos os partidos, quasi todos os habitantes de Pernambuco, que não tinham seguido Albuquerque, resolveram emigrar debaixo da escolta de Camarão. Este chefe habil conduziu os emigrados a través de setenta leguas de paiz inimigo. Bagnuolo, logo que soube da sua approximação, mandou um corpo de tropas com provisões de toda a especie para soccorrer estes infelizes, porém mais de quatrocentas pessoas já tinham perecido de miseria por estes caminhos desertos. Tal foi a segunda emigração de Pernambuco, exemplo raro do mais nobre aferro á patria. Talvez que a obstinação dos vencidos ganhasse vantagem sobre um inimigo poderoso, se a chegada de um Principe guerreiro e politico, e o augmento de forças não fizessem inclinar a balança para o lado dos invasores.

N'estas circumstancias chega a Pernam-

buco o Principe João Mauricio de Nassau, primo do Stathouder, que vinha na qualidade de Commandante General das forças de mar e terra com um poderoso reforço, a fim de assegurar a conquista em nome das Provincias Unidas da Hollanda. O novo chefe batavo cuidou antes de tudo de estabelecer a ordem no paiz conquistado, e reunindo todas as forças de que podia dispôr, marchou contra Porto Calvo. Era pois este o unico ponto, que os Portuguezes occupavam na provincia de Pernambuco, quando foram investidos por dez mil hómens debaixo do commando de Mauricio de Nassau. Travou-se furiosa batalha entre ambos os exercitos, e apezar da vantagem do numero, a victoria não seria tão facil aos Hollandezes, ou talvez não a tivessem conseguido, a não ser a infame deserção do General Bagnuolo, que abandonou cobardemente Porto Calvo pela noite, fugindo para as Alagoas (1637).

Parecem quasi incriveis os actos de bravura, denodo e bizarria, que se commetteram n'esta acção por parte de Henrique Dias (*), de Filippe Camarão, e

(*) Henrique Dias, de origem africana e natural de Pernambuco, patenteou durante esta acção uma intrepidez digna de ser posta em parallelo com o que a historia refere de mais assombroso. Uma balla lhe atravessa o punho; manda sem demora que lhe façam a amputação da mão para se desembaraçar do apparelho, que impediria os seus movimentos, e voando de novo ao combate: «Basta-me uma mão, disse elle, para servir a

de sua mulher D. Clara (*). Pela fuga do Conde de Bagnuolo o exercito portuguez se pôz logo em retirada, marchando pelos vestigios do seu General; em consequencia do que occuparam os Hollandezes a cidadella de Porto Calvo por capitulação; porém não foi senão depois de alguns dias de um cerco regular, em que a pequena guarnição, que ali tinha ficado abandonada, salvou de algum modo a honra das nossas armas. A capitulação,

---

« meu Deus e ao meu Rei: cada um dos dedos d'esta, que « que me fica, me fornecerá os meios de me vingar. » Ainda que negro por nascimento não deixou de obter pela fama eterna memoria; porque esta não attende ao accidente da côr, senão ás qualidades do coração. Este esclarecido valor, com que mandou cortar a mão, era só por si bastante para o immortalisar, ainda a não ter obrado outras acções. « Já a antiguidade (diz Fr. « Raphael de Jesus no seu Castrioto), se acha vencida nos enca- « recimentos, com que celebra o dar o seu Romano uma mão « ao fogo pela patria; porque o excedeu na causa com que este « Capitão a deu ao ferro pela opinião. » Os terços de homens pretos, que depois passaram a Regimentos, tiveram desde então a denominação de *Henrique Dias*, em honra d'este heroe. Destrui-los, como fizemos, foi lançar por terra o unico monumento que restava de nossas glorias passadas: esquecidos talvez de que esta classe de homens tinha em todas as epochas prestado grandes serviços á Monarchia, e ultimamente á nossa independencia. Um brasão resta pelo menos aos nobres filhos de Henrique Dias, e é a sua nunca desmentida lealdade, que muito honraria aos homens de outras côres. — Fazemos votos pelo restabelecimento d'esta milicia, que recorda uma epocha de tanta lealdade e bravura.

(*) A mulher de D. Filippe Camarão, conhecida pelo nome de D. Clara, combatteu com um denodo que o seu sexo fazia incrivel: afrontando todos os perigos, carregou por muitas vezes o inimigo, e penetrou nos mais cerrados batalhões. Ao passo que combatia, exortava os soldados a fazer os seus deveres, promettendo-lhes a victoria, e dando assim o exemplo á outras muitas mulheres, que procuravam imita-la. Faz d'esta matrona illustre honrada memoria o Theatro Heroino, Tom. 1.°, pag. 232.

concedida por Nassau ao Commandante da cidadella, é o testemunho mais honroso e solemne da estima que merece, ainda aos proprios inimigos, o valor infortunado.

Logo que pôz em segurança Porto Calvo, partiu Mauricio em seguimento de Bagnuolo, a quem alcançou a final na Villa de São Francisco, hoje do Penedo, junto á margem do rio do mesmo nome, porém Bagnuolo passou o rio retirando-se para Sergipe. Nassau cessou então de o perseguir, julgando mais proveitoso assegurar-se do fructo de suas victorias do que continuar a apertar o seu adversario. Depois de haver mandado construir um Forte na villa do Penedo, no qual deixou mil e seiscentos homens de guarnição, voltou para o Recife, onde a sua presença e autoridade eram necessarias. Com effeito, Mauricio mostrou-se grande administrador e politico: conteve a intolerancia religiosa, mandou reedificar Olinda, chamou a todos os emigrados com promessas lisonjeiras, e finalmente pôz cobro á pilhagem dos soldados com fortes castigos, ao mesmo tempo que cuidava em melhorar as rendas, estabelecendo um systema de impostos mais analogo ás producções do paiz e ao seu consumo.

Em quanto Nassau consolidava as suas conquistas, parou o exercito fugitivo de

Pernambuco em Sergipe d'El-Rei; mas não podendo Bagnuolo sustentar-se contra um novo attaque, toma a deliberação de retirar-se para a Bahia. As particularidades d'esta jornada formam um dos mais dolorosos quadros, que possam offerecer os annaes do mundo conhecido. Os infelizes emigrados tiveram que soffrer todos os horrores da fadiga, da fome, da perseguição dos Pitagoares e dos batedores hollandezes. Um grande numero pereceu pelo cansaço, pela miseria, e pelas ciladas dos selvagens. Chegando á torre de Garcia d'Avila recebeu Bagnuolo a ordem de fazer alto. O Governador geral *Pedro da Silva* admittiu com muita repugnancia as tropas commandadas por Bagnuolo, e só depois de algumas formalidades foi que se approximaram de S. Salvador; cedo porém conheceu que este soccorro inesperado o subtrahia de igual sorte.

O Principe Mauricio, sempre animado pela victoria, embarca sete mil e oitocentos soldados em quarenta navios, e vai attacar a cidade de S. Salvador, em quanto outra divisão commandada por Sigismundo assalta a povoação de Sergipe, e a incendia depois de horroroso saque. Logo que a armada inimiga appareceu na Bahia, o Governador geral, apezar de viva opposição, deu o commando em chefe ao Conde Bagnuolo, o qual desen-

volvendo então pela primeira vez todo o valor e actividade de que muitos duvidavam, salvou a capital de uma invasão que parecia inevitavel, pondo *Mauricio* na necessidade de regressar a Pernambuco com perda consideravel do seu exercito (1638). Tiveram grande parte n'este feito heroico Henrique Dias e Camarão, além de outros Portuguezes de que fazem menção honrosa Brito Freire e varios escriptores. Nassau entrou finalmente no Recife, onde o resfriamento do seu humor guerreiro lhe permittiu por algum tempo entregar-se á administração das Provincias sujeitas.

Os habitantes de S. Salvador não foram ingratos com as tropas de Pernambuco, fazendo-lhes um donativo de dezeseis mil cruzados. Bagnuolo recebeu um titulo honorifico (*), e Pedro da Silva foi feito Conde de S. Lourenço. Sem embargo os Hollandezes iam augmentando a conquista por outro lado. A Capitania do Ceará quasi espontaneamente submetteu-se ao seu dominio. A ilha de Fernando tinha-se entregado ao Almirante Jol. *João Korn*, membro do Supremo Conselho do Recife, fez-se á véla com nove navios, e apoderou-se de S. Jorge da Mina na costa

(*) As mercês, que Filippe IV fez ao Conde de Bagnuolo, foram: um titulo de Principe na Italia, um feudo em Napoles, e uma nova commenda, com faculdade de passar a que tinha para seu filho.

de Guiné; cujo feito vingou os Hollandezes da derrota, que ali tinham soffrido em 1625. Nassau tornando-se senhor do estabelecimento mais importante da costa occidental da Africa, feriu os Portuguezes com o golpe mais funesto, que, depois da perda de Ormuz, tinham recebido.

VIII.

Estado politico das Provincias do Maranhão. Viagem de Teixeira pelo Amazonas até Quito. Sua volta a Belem. O Conde da Torre. O Marquez de Montalvão, primeiro Vice Rei nomeado para o Brasil. Revolução de Portugal.

Em quanto a capital do Brasil repellia as armas hollandezas, a provincia do Maranhão, e os ricos paizes que rega o rio Amazonas, se tornavam o theatro de acontecimentos de outra natureza. Por duas vezes tentaram os Inglezes formar estabelecimentos na provincia do Pará, e outras tantas foram repellidos pelo Governador do Estado. Morto este, usurpa a autoridade o official Jacome Raymundo de Noronha, e se conserva no governo do Maranhão, ganhando-se a affeição de todos os habitantes por sua conducta generosa antes que por seus actos de vigor e energia. O rio Amazonas, que desde a famosa jornada de Orelhana tinha excitado mais curiosidade de o conhecer, offerecia a vantagem de uma communicação segura com o Perú, evitando que as riquezas de todo aquelle vasto imperio se expuzessem ao risco

imminente do longo trajecto pelo Cabo de Hornos.

Tendo uma missão de Padres Franciscanos vindo de Quito para converter os Indios chamados Cabelludos, na confluencia da ribeira Ahuarico com o rio Napo, viram-se os Missionarios na necessidade de tornarem para Quito, á excepção de dois Leigos, Domingos de Brieba e André de Toledo, que preferiram confiar-se ao curso do rio em uma fragil barca. Com effeito, passam o Napo, entram no Amazonas, e chegam salvos a Belem no anno seguinte. Com que sorpresa e cordialidade foram estes homens recebidos, depois de haverem atravessado por espaço de mil leguas provincias immensas, povoações antropophagas, e tantas maravilhas da natureza! Elles não podiam dar senão informações vagas; com tudo certificaram que em todo o curso d'aquelle immenso mar de agua doce nenhum obstaculo se oppunha á sua navegação.

Exultando o Governador Noronha com a narração dos Missionarios, e desejoso de dar principio á empreza que gisava desde longo tempo, como meio de fazer esquecer a maneira illegal com que tinha tomado conta do governo, propôz a Pedro Teixeira, official de rara probidade, conhecido por valente e instruido no

idioma e costumes dos Indios, o commando da arriscada expedição, que elle acceitou, levando em sua companhia a Bento Rodrigues de Oliveira, Brasileiro de nascimento, acostumado desde a mais tenra infancia á esta especie de navegação; e com uma esquadrilha composta de quarenta e cinco canoas, guarnecidas por setenta soldados e mil e duzentos Indios auxiliares, partiu immediatamente tendo por guias os dois religiosos castelhanos (1637).

Logo que os navegantes entraram na embocadura do Amazonas, tiveram de luttar com as impetuosas correntes que os lançavam, ora ao sul, ora ao norte, com tal violencia, que muitos remadores desanimaram, e amotinando-se alguns indigenas, ao cabo de dez dias de viagem, regressaram para Belem em quatro canoas. Teixeira dividiu então a sua esquadrilha em duas secções, e confiou a da vanguarda ao habil Bento Rodrigues, com ordem de aportar onde conveniente fosse. Assim navegou a expedição por longo tempo, até que chegando ao logar onde o rio Paganino se lança no Amazonas, fez alto a vanguarda junto ás ruinas de um pequeno Forte, ali construido pelos Hespanhóes para conservar em respeito a tribu dos *Quixos*. Rodrigues deu d'isto parte ao Commandante, que o seguiu

de perto; e como o rio deixasse mais adiante de ser navegavel, abandonou as canoas e partiu por terra para Quito.

Teixeira não se demorou em acompanha-lo, fazendo a pé o resto do caminho por um paiz aspero e montanhoso, passando por Baeza, praça hespanhola, mas abandonada e quasi deserta. Rodrigues, que o precedeu de alguns dias, chegou a Quito onde as suas relações passaram por fabulosas, até que a chegada do General portuguez veiu confirma-las. O Clero, a Municipalidade, e os habitantes vieram em procissão ao seu encontro; renderam-se graças ao Todo Poderoso por tão grande mercê de sua divina misericordia, e todos os Religiosos se offereceram com ardor para levar ás margens do Amazonas os thesouros da luz evangelica. O Vice-Rei do Perú, a quem se deu parte d'este notavel acontecimento, o apreciou como devia, fazendo-o objecto de deliberação do Conselho de Lima; o qual determinou a volta de Teixeira para o Pará baixando pelo mesmo rio, a fim de obter cabal conhecimento da sua navegação.

Foi tal o enthusiasmo que causou esta expedição, que o Corregedor D. João Velasques da Cunha se offereceu com sua pessoa e bens para acompanhar a Teixeira; e como este offerecimento não

foi acceito, porque elle faria falta em Quito, foi escolhido seu irmão Christovão da Cunha, Reitor do Collegio de Cuenca, com outro padre, a fim de se encarregarem do roteiro ou diario da navegação, com ordem de examinarem o curso do grande rio e seus affluentes, e os povos que habitavam as suas margens. Pela actividade e zelo do Vice-Rei do Perú, e das autoridades de Quito, em pouco tempo achou-se a grande frota prompta para partir de retorno. Com o fim de evitar a marcha por terra, que tinha sido tão encommoda, Teixeira começou a sua viagem entrando por uma das origens do Napo, e veiu por este rio sahir ao Amazonas.

Como a sua volta devia ser destinada ás explorações do grande rio e de seus confluentes, Teixeira depois de tomar posse dos vastos campos dos Açores (povoados pelos Indios Cabelludos) em nome da Corôa de Portugal, seguiu rio abaixo examinando os seus mais consideraveis tributarios, e as hordas que habitavam suas margens. Com effeito, mais de cento e cincoenta nações, conforme a relação que seguimos, povoavam as terras regadas pelo Amazonas; todas se exprimiam em idiomas differentes, e tinham feições distinctas. Era tal a população selvagem, tão numerosa e junta, que pelo espaço de

mil duzentas e setenta e seis leguas do curso d'este rio, desde a confluencia do Napo até sua embocadura, segundo refere o Padre Cunha, as tribus do Amazonas se prendiam umas ás outras sem grandes intervallos, de sorte que em muitos logares o estrondo dos golpes do machado em uma povoação era ouvido em outra de diversa tribu. Foi na ilha dos Tupinambás, vinte oito leguas abaixo do Madeira, que o Padre Cunha e todos os Portuguezes ouviram, como antes d'elles Orelhana, a celebre historia das Amazonas (*), que

(*) São mui discordes as opiniões dos escriptores sobre este ponto; muitos negam inteiramente a existencia d'estas mulheres, outros querem que fossem vistas. Ninguem poderá duvidar com razão do testemunho do padre Christovão da Cunha, Jesuita de grande fé pela minuciosa averiguação com que escreveu, depois de haver navegado e explorado com extraordinario trabalho e desvello o Rio Amazonas, muito mais quando em tudo se conforma com as noticias de Francisco Orelhana, que o precedeu; porém sem faltar ou renunciar á *fé humana*, como diz o padre Cunha, apezar das indagações dos modernos La Condamine e Southey, duvida-se que existissem, ou fossem vistas nas margens d'aquelle rio, mulheres bellicosas, e tão formidaveis aos povos confinantes: nem é conforme ás luzes da critica ter por provavel, que fossem estas em tudo semelhantes ás antigas Amazonas da Scythia com todas as particularidades, que d'ellas referem Herodoto, Diodoro Siculo, Arriano, Plinio e outros. E não é para admirar o duvidar-se d'isto, quando até d'aquellas antigas muitos duvidaram, se tinham existido, pelo parecer de Strabo, auctor grave e acreditado; assim como não faltou quem imaginasse outra raça de Amazonas na Africa, como referem o padre Fr. João dos Santos na historia da Ethiopia, e Fr. Gaspar de S. Bernardino no seu Itinerario; até na China houve tambem quem suppozesse Amazonas, como o padre Mendonça. Entretanto até hoje a historia de semelhantes mulheres entre nós, quer existissem quer não, só serviu para dar o nome ao grande rio, sendo certo que nenhum facto existe, que possa corroborar a opinião dos que acreditaram na tradição dos Tupinambás.

um seculo depois La Condamine não ousou desmentir.

Finalmente depois de haver costeado immensas ilhas de muitas leguas de circumferencia, e de ter percorrido muitos lagos e esteiros, que communicam com o Amazonas e seus confluentes, a flotilha chegou á cidade de Belem com onze mezes de navegação (*), e vinte seis depois da sua primeira partida. Teixeira foi recebido com todo o enthusiasmo, que excitava a sua pasmosa expedição. É facil imaginar o jubilo que causou ao Governador Noronha o bom resultado da empreza, pelo qual foi perdoado do crime de haver usurpado o governo. Porém a revolução de Portugal fez bem depressa desvanecer e dissipar os projectos concebidos pela Hespanha, a fim de tirar partido da união das duas corôas, conservando esta communicação entre o Brasil e o Perú. A negligencia, mais do que a politica, tem feito com que as ferteis margens do Amazonas se conservem ainda desertas: e tanto

(*) Teixeira partiu de Belem no dia 28 de Outubro de 1637, e chegou a Quito nos fins de Julho do anno seguinte, tendo levado oito mezes de navegação, porque desembarcou no dia 3 de Julho na margem do Paganino, onde deixou a sua flotilha com a maior parte da guarnição em um logar fertil e commodo. Partiu de Quito em Janeiro de 1639, e no dia 12 de Dezembro do mesmo anno lançou ancora no porto da cidade de Belem, com onze mezes de viagem. A volta foi mais longa por isso mesmo que teve de demorar-se em muitos logares para reconhecer os confluentes do grande rio, assim como para informar-se das nações que povoavam as suas margens.

mais quanto as mesmas nações barbaras, que as povoavam, tem desapparecido sem que saibamos seus destinos.

Em quanto a expedição portugueza corria a immensa extensão, que separa o Perú do mar Atlantico, os Hollandezes, senhores de muitas provincias do Brasil, procuravam ardentemente consolidar o seu poder. A expedição contra a Bahia, apezar de desgraçada, pagou a sua despeza com o grande saque do Reconcavo, onde os invasores tomaram quatrocentos negros, além de outros ricos despojos. Comtudo, o monopolio da Companhia era um grande estorvo para o augmento da nova colonia, e o parecer de Nassau, de que se tornasse livre o commercio, preponderou, franqueando-se os mares do Brasil, com reserva tão sómente do trafico dos escravos e da madeira de tinturaria. Apezar das restricções, que os Hollandezes impunham á agricultura, as colonias iam prosperando pelo restabelecimento de muitos engenhos de assucar, que tinham sido destruidos pela guerra, e por outras providencias economicas do Conselho do Recife. Sem embargo, Mauricio não cessava de pedir novos auxilios á Companhia Occidental para tentar outro attaque contra a Bahia, e manter as possessões adquiridas.

Finalmente as perdas passadas, que tanto

tinham lastimado os corações portuguezes, fizeram despertar a apathia do Conde Duque de Olivares, o qual mandou sahir de Lisboa uma esquadra ás ordens de D. Francisco Mascarenhas, Conde da Torre, nomeado Governador e Capitão General do Brasil; o destino porém d'esta expedição estrondosa não correspondeu á confiança, que inspirava a experiencia do chefe que a dirigia. Havendo-se demorado em Cabo Verde contrahiu as molestias d'aquelle clima, de sorte que chegando á Bahia conservou-se por muito tempo como em um lazareto, em quanto os Hollandezes reuniam todas as suas forças de mar e terra, e se preparavam para resistir-lhe. O Conde da Torre depois de tomar posse do governo em S. Salvador, deixou em seu logar o Conde de Obidos, e fez-se á véla com a esquadra para Pernambuco a fim de effeituar um desembarque; mas contrariado pelos ventos e pelos Hollandezes, com os quaes travou quatro combates navaes, teve que desviar-se do Brasil, errando nos mares occidentaes, até que alcançou com custo o porto de Lisboa, onde, logo que chegou, foi mettido em uma estreita prisão.

Todos os chefes brasileiros, que tinham marchado da Bahia por terra seguindo os movimentos da esquadra portugueza para

proteger o desembarque, tomaram o bom accordo, em consequencia do que acabava de acontecer, de voltar para a Bahia, causando entretanto todo o mal aos Hollandezes. Esta espantosa marcha, de mais de quatrocentas leguas de ida e volta, é um dos mais gloriosos successos d'aquella guerra. Com effeito, a não terem assim praticado, talvez a Bahia fosse presa do Almirante Jol, que levou a ferro e a fogo todos os logares visinhos da cidade; porém André Vidal de Negreiros, Luiz Barbalho, Filippe Camarão, e Henrique Dias, appareceram dentro em pouco sobre os muros de S. Salvador, e os temores dos Portuguezes se dissiparam. Nassau com este systema de destruição esperava diminuir os rendimentos da capital do Brasil, e fatiga-la de tal modo que lhe fosse mais facil submette-la.

N'este estado de desolação chegou de Lisboa D. Jorge de Mascarenhas, Marquez de Montalvão, que vinha nomeado primeiro Vice-Rei do Brasil; e tomando posse do governo (1640), tratou logo de prevenir novos attaques, multiplicando as fortificações e todos os meios defensivos. Para distrahir os Hollandezes mandou a Henrique Dias, e a Paulo da Cunha, que fossem devastar as suas possessões. Nada iguala o horror dos excessos perpetrados por estes guerrilheiros. Divididos

em pequenos destacamentos, cahiram de improviso sobre as habitações dos Hollandezes: a ruina e o incendio marcavam seus passos. Tal era a situação do Brasil, quando no 1.° de Dezembro de 1640 rebentou em Lisboa a revolução, que collocava no throno de Portugal a Casa de Bragança. Sessenta annos de oppressão tinham abatido, mas não podido aviltar o nobre animo dos Portuguezes, que, lembrados da sua antiga independencia, sacudiram o ignominioso jugo dos Filippes.

CAPITULO QUARTO.

1641—1654.

I.

O Brasil entra de novo no dominio portuguez. Mauricio de Nassau deixa o governo da Colonia, e volta para a Hollanda. Decadencia do Brasil hollandez. O Maranhão e o Ceará libertam-se dos Hollandezes. Conspiração de Pernambuco descoberta. João Fernandes Vieira reune os seus amigos e toma as armas.

Tendo Portugal dado provas de uma dedicação sem exemplo ao novo Soberano (o Duque de Bragança, acclamado Rei de Portugal debaixo do nome de D. João IV), não tardou muito que as possessões mais longinquas da Africa, da America, e da Asia, se apressassem em imita-lo. O Brasil se distinguiu sobre tudo pela adhesão mais animosa e sincera. Todas as provincias, sobre as quaes não pesava o

jugo dos Hollandezes, se declararam espontaneamente; e o novo Rei conhecia de quanta importancia era a obediencia de seus vassallos da America, pois que de seu proprio punho escreveu ao Marquez de Montalvão para o decidir a reconhecer a sua autoridade. Este, longe de oppôr o menor obstaculo, foi o primeiro que o acclamou em S. Salvador; porém levados por um falso zelo, o Mestre de Campo Luiz Barbalho e o Bispo D. Pedro da Silva prenderam o Vice-Rei, e o enviaram para Lisboa carregado de ferros (*).

Não tardaram em seguir o exemplo da Bahia tanto o Maranhão como o Rio de Janeiro, onde governava Salvador Corrêa de Sá (**), particularmente inclinado á

(*) Como a culpa do Marquez de Montalvão tinha só parte na calumnia, El-Rei D. João IV, informado da verdade, tanto que chegou preso á côrte, mandou-o soltar, e fez-lhe muitas honras, occupando-o no seu serviço em altos empregos; e mandou reprehender o Bispo com palavras de muito sentimento, e conduzir presos á Lisboa o Mestre de Campo Luiz Barbalho, e ao Provedor Mór Lourenço de Brito, pelo procedimento indigno que haviam praticado com o Vice-Rei.

(**) Salvador Corrêa de Sá e Benavides era filho d'esta cidade do Rio de Janeiro. Começando as suas primeiras armas no Brasil, tornou-se pelo tempo adiante um dos mais assignalados Capitães d'aquella epocha. Com o seu auxilio muito concorreu para a expulsão dos Hollandezes da cidade de S. Salvador em 1625. Nomeado Almirante do mar do sul em 1634, combatteu os rebeldes que ameaçavam a provincia do Paraguay, e pacificou a de Tucuman. Por carta patente de 1637 foi nomeado Capitão Mór e Governador do Rio de Janeiro, em cujo exercicio entrou logo. Em consequencia dos tumultos occasionados pelos Paulistas contra os padres da Companhia, tomou muitas providencias para

Casa de Bragança. O voto unanime dos Portuguezes manifestava uma verdadeira

---

evitar o contagio no Rio de Janeiro. Nomeado depois, por D. João IV, Governador Geral e Administrador da repartição do sul, com inspecção sobre as minas, partiu para S. Paulo a fim tambem de pôr termo aos disturbios promovidos pelas imprudentes exigencias dos Jesuitas, o que conseguiu com louvavel moderação. E como julgasse mais conveniente tomar o mando da frota, que devia seguir para Portugal, delegou o governo em outro, e fez tres viagens; na primeira das quaes, passando por Tamandaré deixou grande soccorro, que muito concorreu para os bons successos de João Fernandes Vieira. Lembrado depois para soccorrer o Reino de Angola, volton ao Rio de Janeiro, onde preparou uma expedição, e com ella não só expulsou os Hollandezes de toda a Costa (1648), como submetteu todo o Congo; e depois de governar este reino por tres annos, voltou ao Rio de Janeiro a cuidar das suas immensas propriedades. Achando-se em Lisboa em 1658, foi-lhe novamente confiado o governo da repartição do sul, independente em tudo do da Bahia. Chegando ao Rio de Janeiro, achou os cofres exhaustos, e a cidade em fermentação por causa da falta de numerario; propoz então á Camara o expediente de algumas fintas e tributos, o que exacerbou os habitantes, porém a sua presença os conteve em respeito e obediencia. Entretanto, era-lhe preciso ir a S. Paulo para fiscalisar as minas, segundo as instrucções que trazia, e deixando o governo interino a seu primo Thomé Corrêa de Alvarenga, partiu para aquella cidade. Alguns dias depois o povo do Rio de Janeiro alvoroçou-se, e depôz o governador interino, declarando igualmente deposto o proprio Salvador Corrêa de Sá, porque, dizia, o vexava e opprimia. As providencias que tomou o governador foram tão sabias e prudentes, e tão decidido o apoio dos Paulistas, que os amotinados do Rio de Janeiro tiveram de submetter-se só com a presença do desembargador Peçanha, que veiu da Bahia como sindicante. Salvador Corrêa voltou ao Rio de Janeiro, e susteve o governo até 1661, em que o entregou a seu successor. Finalmente foi para Lisboa depois de ter tomado as redeas do governo D. Affonso VI, e com a desgraça d este principe teve elle de soffrer todas as consequencias da sua amizade e privança. Depois de uma vida activa, vigorosa e longa, finou-se em 1688 com noventa e quatro annos de idade; tendo visto em sua vida conferir-se a seu filho o titulo de Visconde d'Asseca por seus serviços, sem se lembrarem de os gratificar primeiro em seu auctor, a quem lançaram em rosto a revolta do Rio de Janeiro. *(Veja-se a sua Biographia no Tomo 3.° da Revista Trimensal do Instituto Historico, &c. pag. 100.)*

revolução moral, que tendia á unidade e integridade da sua monarchia. D. João IV estava já reconhecido pela maior parte dos governos da Europa, quando assignou uma trégoa com a Hollanda por dez annos; estipulação illusoria, porque os Hollandezes proseguiram no Brasil em seus planos de conquista. Com effeito, Mauricio aproveitando-se da impericia das autoridades portuguezas, invade S. Christovão de Sergipe e a ilha de Maranhão a despeito da tregoa. Depois d'isto voltou tambem suas vistas para as possessões portuguezas da Africa, e as suas esquadras, esquipadas no Brasil, fizeram no Reino de Angola, e Ilha de S. Thomé conquistas importantes.

Inteirado D. João IV da insufficiencia dos Governadores provisorios da Bahia, nomeou para lhes succeder no governo geral do Brasil Antonio Telles da Silva, que partiu immediatamente para o seu destino (1642). Este Governador consegue que Mauricio acceite as consequencias da tregoa, mas sem devolver as ultimas praças conquistadas. Sendo a paz o melhor apoio do commercio, dirigiu o chefe batavo toda a sua attenção para os melhoramentos interiores: fez edificar um palacio magnifico para si, delineou uma vasta cidade, animou a agricultura, e promulgou regulamentos uteis, que ten-

diam ao augmento das rendas publicas. Estas medidas, tão sabias como prudentes, longe de agradarem aos Estados Geraes, fizeram-os desconfiar das miras ambiciosas da Casa de Orange; pelo que foram coarctando a autoridade de Nassau, até que o demittiram do governo chamando-o á Hollanda. Mauricio entregou o governo da Colonia ao Supremo Conselho do Recife (1643), e fez-se á véla para Amsterdam com uma frota de treze navios.

Desde este momento começou a decadencia do Brasil hollandez. Tomando o leme da administração, os novos membros do governo não sonhavam senão no augmento das rendas, sem ponderarem que tudo com elles mudava, que era inevitavel uma crise politica, e que a restauração a favor da Casa de Bragança, e a partida de Mauricio tinham feito nascer na alma dos vencidos a esperança de reconquistar em fim sua independencia. A Religião Catholica, cujo culto não fôra prohibido por Mauricio, chegando até a conceder-lhe templos, tornou-se o objecto das perseguições mais encarniçadas; os templos foram entregues á pilhagem, e seus ministros perseguidos. Os devedores portuguezes foram acossados por violentos processos, e no cabo de tudo veiu ainda o flagello das bexigas augmentar as desgraças dos Colonos pela mortandade dos

escravos. Inflammados por tantos motivos de revolta, resolveram os habitantes de Pernambuco reunir todos os seus esforços para derribar o governo hollandez.

Vai apparecer agora sobre a scena politica um homem, cujas qualidades brilhantes e façanhas memoraveis o recommendam á posteridade. João Fernandes Vieira, que vimos figurar pela primeira vez na entrada dos Hollandezes, foi um dos poucos colonos portuguezes que ficaram entre os invasores, e vivia no Recife entre as riquezas, que elle accumulara por um assiduo trabalho, e felizes especulações. Ali, cedendo ao imperio da necessidade, tinha-se submettido, ao menos na apparencia, ao dominio hollandez; mas a sua alma activa e livre não supportava, havia muito tempo, senão com impaciencia o jugo estrangeiro. Rendeiro dos direitos da Companhia, gosava de grande credito, e podia julgar por si mesmo da situação e forças dos vencedores. Confiando os seus projectos ao Vice-Rei Antonio Telles da Silva, mandou este ao Tenente Coronel André Vidal de Negreiros para conferenciar com Vieira, e sondar entretanto o espirito do paiz; cuja commissão desempenhou com um tino e sagacidade admiraveis (*).

(*) André Vidal de Negreiros era filho da Parahiba, onde tinha seu pai ainda vivo no tempo da revolta. Official sagaz, habil e experimentado, desempenhou a commissão, de que o

Preparava em segredo João Fernandes Vieira todos os meios de levar ao cabo a sua empreza, quando repentinamente, sem impulso algum estranho, os habitantes do Maranhão levantam primeiro o estandarte da revolta. Sujeitos em despreso de uma tregoa, conceberam o projecto de libertarem-se; o que conseguiram venturosamente com pouca gente á força de seu braço no anno de 1643. As vastas planicies do Ceará, que antes se tinham voluntariamente submettido aos Hollandezes, imitaram o exemplo do Maranhão. Com tudo, se as sublevações do Maranhão e do Ceará excitaram o ardor dos conjurados do Recife, ellas accordaram tambem do seu lethargo o Supremo Conselho, que começou a vigiar os passos de Vieira, contra quem haviam graves suspeitas, mas não de maneira alguma formal. A insurreição estava preparada para

---

incumbira o Vice-Rei, com uma prudencia extraordinaria. Chegando a Pernambuco favorecido pela tregoa, não só animou o espirito de revolta, como passou a Parahiba, e ali traçou o plano que Vieira tinha de executar, reunindo os principaes habitantes da provincia, e fazendo-lhes saber a nomeação de Vieira para o commando em chefe da insurreição. Na sua volta á Bahia deu conta da sua commissão, conforme em tudo com os sentimentos de João Fernandes Vieira; de cuja relação veridica resultou que o Vice-Rei, sem esperar instrucções de Lisboa, approvasse o plano da revolta, sem comprometter com tudo as relações politicas entre as duas potencias na Europa. Pelo decurso d'esta historia veremos, que André Vidal de Negreiros foi um dos mais valentes e mais esforçados cabos de guerra, durante a lutta da independencia até a total expulsão dos Hollandezes.

o dia 24 de Junho de 1645; nada mais faltava do que a chegada de Camarão e de Henrique Dias, que se achavam em marcha com os seus respectivos corpos; e assim tudo parecia favorecer os projectos dos conspiradores.

N'este estado, quando as ultimas disposições tocavam o seu termo, dois conjurados (Sebastião de Carvalho e Fernão do Valle) denunciaram por uma carta ao Supremo Conselho todo o plano da revolta. Já não foi então possivel duvidarem da realidade de todas as anteriores suspeitas, e os membros do Governo só cuidaram de apoderar-se de João Fernandes Vieira; porém este, avisado a tempo, fugiu para os bosques visinhos, onde já de antemão tinha preparado seguro asilo; e despachando immediatamente os seus correios, teve o gosto de ver em poucas horas todos os Portuguezes, em estado de pegar em armas, correrem para junto d'elle com suas mulheres, filhos, e escravos, formando um corpo de mil e duzentos homens, que logo armou e municionou. Tal foi o primeiro signal da revolta, ou para melhor dizer, o rompimento da guerra memoravel, que libertou o Brasil do dominio hollandez.

II.

Vieira é reconhecido Chefe dos Independentes de Pernambuco. Combate de Tabocas. Juncção de Vidal, Moreno, Henrique Dias, e Camarão, com João Fernandes Vieira. Combate naval de Tamandaré. Attaque e tomada da Casa Forte por Vieira e Vidal. O General Huss prisioneiro.

Todos estes generosos defensores do Brasil logo prestaram a Vieira o juramento de fidelidade e obediencia, e elle se occupou então de dar-lhes uma organisação militar. O fogo da insurreição se ateou com igual vigor por quasi toda a provincia; por toda a parte ambos os partidos corriam ás armas. O governo hollandez desprevenido, apenas pôde tomar algumas medidas reforçando as guarnições dos pontos fortificados; e vendo que se lhe tinha escapado a presa na pessoa de João Fernandes Vieira, tratou de uma cobarde seducção, mandando-lhe offerecer duzentos mil ducados (dois milhões), se quizesse abandonar o partido que elle de moto proprio abraçara, e retirar-se para qualquer parte do mundo, que julgasse a proposito escolher. É facil conceber com que despreso não seria olhada semelhante

offerta por um homem, que fazia consistir toda a sua felicidade na gloria de libertar a sua patria. Sem embargo, até então não tinha recebido da Bahia senão exhortações vagas e promessas estereis.

A Côrte de Lisboa, occupada com a Hespanha, temia comprometter-se desafiando novo rival na Republica da Hollanda, e por isso contentou-se com deixar á prudencia do Vice-Rei Telles da Silva o negocio do Brasil, dando-lhe faculdade para favorecer a insurreição, mas sem comprometter a sua autoridade. Outro qualquer, que não fosse Vieira, ficaria desanimado com um systema tão tortuoso; todavia elle não se acobardou com este desemparo, e tomando sobre si a responsabilidade, declarou a guerra á Hollanda em seu proprio nome. Assombrado o Supremo Conselho, publicou um Decreto pondo em almoeda a cabeça de Vieira, e tomando outras medidas de terror contra os insurgentes; porém longe de produzirem o desejado effeito, vieram excitar ainda mais o direito de represalia, com que Vieira tambem avaliou as cabeças dos membros do Supremo Conselho, offerecendo por cada uma doze mil florins.

O impaciente Vieira não tardou a pôr-se em campo. Sabendo que dois regimentos hollandezes se tinham reunido em Moribeca debaixo do commando do Coronel

Huss, marcha contra elles e toma posições no monte de *Tabocas*. Em 3 de Agosto de 1645 descobrindo Vieira as tropas hollandezas, formou os seus soldados sobre a colina, e lhes fallou em tom resoluto, promettendo-lhes a victoria. Durou o conflicto mais do que pareciam comportar as poucas munições, com que os Portuguezes pelejavam, pois não tinham mais do que duzentas armas de fogo; porém combatendo-se com igual porfia de parte a parte, por espaço de cinco horas, ficaram victoriosos os Portuguezes, e o campo alastrado de mortos; e foram tão sangrados os inimigos do nosso ferro, que fugiram em completa debandada, não podendo o seu General salvar-lhes as vidas, a não serem amparados da noite que sobreveiu. Depois do combate, retirou-se o Coronel *Huss* para o Recife com os restos da sua columna, deixando a Vieira toda a vantagem d'esta victoria (*).

O Supremo Conselho tinha dirigido antes uma reclamação formal ao Vice-Rei

(*) Foi este successo por todas as circumstancias notavel, pois a divisão Hollandeza compunha-se de mil e quinhentos homens, e se lhe haviam agregado oitocentos Indios Pitagoares destros e bem disciplinados com officiaes praticos: e Vieira apenas tinha mil e duzentos homens com poucas munições e menos disciplina, e só perdêra oito mortos e trinta e dois feridos, em tanto que o campo ficára juncado de mortos e feridos da parte dos inimigos. Taes foram as consequencias d'esta ousada empresa, que fazia antever o triumpho da causa brasileira.

contra o que elle chamava infracção da tregoa, queixando-se sobre tudo de João Fernandes Vieira, a quem denominava chefe dos rebeldes, e denunciando a marcha de Camarão e de Henrique Dias, que já se aproximavam de Pernambuco; porém Telles da Silva respondeu, que elle era estranho a todos estes movimentos; nem os podia prevenir por meio da sua autoridade, visto que aquella gente não tinha lei nem patria, e que mais pareciam réos de policia que tropa disciplinada. Sem embargo, que mandaria agentes seus ao campo dos rebeldes a fim de os persuadir a que deixassem as armas, e voltassem ás suas occupações pacificas. Debaixo d'este pretexto sahiu da Bahia uma frota com dois regimentos, commandados por André Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno, os quaes desembarcaram em Tamandaré com o simulado designio de forçar os rebeldes á obediencia.

Á vista do pavilhão portuguez todos os districtos visinhos se revoltaram. Informado Vieira da chegada dos dois Mestres de Campo Vidal e Moreno, encaminhou-se a espera-los, acompanhado de Camarão e Henrique Dias, que no dia antecedente se lhe tinham reunido; e no porto de Tamandaré se avistaram todos, praticando-se de parte a parte o que a cada um

convinha. Vidal, nas ordens que intimou da parte do Governo, soube ostentar a inteireza com taes mostras de dissimulação, que bem se entendeu que no exterior vinha medianeiro de pazes, mas no secreto vinha proseguir a guerra com mais calor. As razões com que Vieira apoiava a sua firme resolução de libertar a provincia, acharam echo no coração dos que tinham vindo para dissuadi-lo, e todos de commum accordo se abraçaram, dando em altas vozes *vivas á Liberdade e á Fé.* N'este interim appareceu sobre o Recife a frota do Rio de Janeiro, commandada por Salvador Corrêa de Sá, e não podendo attrahir a dos Hollandezes, como desejava, tomou o largo na volta de Portugal.

Assim que Salvador Corrêa se fez ao largo, sahiu o Almirante batavo Lichtart com a sua esquadra e foi a Tamandaré, onde encontrou e destruiu completamente a frota portugueza commandada por Jeronimo Serrão de Paiva, que ficou prisioneiro coberto de feridas, depois de comprar a honra d'ellas á custa de muito sangue dos Hollandezes. Tanto que se soube este revez, ouviram-se no campo de Vieira os brados da indignação e da vingança; por outro lado as tropas batavas, animadas pelo successo de Tamandaré, ardiam em desejos de sahirem do Recife, esperando vingar a affronta do combate

de Tabocas. O General *Huss* com as suas melhores tropas sahe para o campo, assola e devasta as habitações, e arrebata muitas damas cujos maridos serviam no exercito de Vieira. Este chefe indignado marcha sobre o Engenho de With (conhecido hoje pelo nome de Casa Forte por este mesmo successo), onde o General hollandez estabelecera o seu quartel general (*).

O inimigo entrincheirado repelliu os primeiros attaques; porém investido de novo com inaudito vigor, manda expôr nas janellas as mulheres cativas. Os gritos d'estas infelizes não detêm a Vieira, que manda pôr fogo em todos os edificios, continuando com a sua mosquetaria. O incendio propaga-se, e a matança começa. Os Hollandezes assombrados arvoram bandeira branca, e o proprio *Huss* se apresenta ás janellas com a cabeça descoberta em signal de submissão. Vidal então ob-

(*) Esta habitação pertence á minha familia, ha mais de trinta annos. Está situada no limite da extensa planicie, que vai desde a Boa Vista até as collinas do Monteiro e de Apipucos. Foi meu pai quem derribou as antigas paredes do edificio, que serviu n'essa occasião de *casa forte* aos Hollandezes (donde lhe veiu o nome que ainda conserva), e sobre os seus mesmos alicerces edificou a casa nobre que hoje existe. A maior parte das vigas sobre que pousava o primeiro andar estavam calcinadas, e por todo o solo, e mesmo encravadas nas paredes, se acharam muitas balas de ferro de mosquetaria, pedaços de espadas e lanças, que serviram n'essa occasião provavelmente de instrumentos de morte para muitos infelizes. Em diversas escavações, que se fizeram, encontraram-se sempre os mesmos vestigios.

tem que se atalhe o incendio, e que se recebam os vencidos, exceptuando os Brasileiros que foram todos passados á espada. Este revez, um dos maiores que os Hollandezes tinham experimentado, custou as suas melhores tropas, e arrojou o Supremo Conselho e os habitantes do Recife na mais pungente consternação: julgavam a cada momento ver os Portuguezes ás suas portas, e todos os seus pensamentos e esforços se voltaram para a defensa do Recife e da cidade de Mauricio.

III.

Compra da Fortaleza de Nazareth. Attaque de Itamaracá. Trahição dos Transfugas. Vieira queima as suas proprias plantações. Conspiração contra Vieira. Sua magnanimidade. O General Sigismundo chega com uma frota hollandeza ao Recife.

A fortaleza mais importante da Costa era a de Nazareth, porque era o ponto principal do Cabo de S. Agostinho. O Major *Hoogstrate* tinha o commando d'ella; porém não sómente a vendeu aos Portuguezes, como lhes entregou tambem toda a guarnição hollandeza. No em tanto a posse d'esta importante fortaleza offerecia a Vieira a vantagem de poder receber soccorros da Bahia, e desde então não duvidou de poder consummar a sua obra. Viam d'est'arte os Hollandezes propagar-se o movimento de insurreição sem pode-lo obstar. A Provincia da Parahiba alça o grito apezar da vigilancia de Paulo de Linge, que apenas pôde conservar o forte do Cabedello. Porto Calvo tinha cedido aos esforços de Christovão Caval-

canti, e Valentim Rocio acabava de apossar-se da cidade e dos fortes do Rio de S. Francisco. Por toda a parte era Vieira reconhecido como chefe supremo; a sua reputação e forças cresciam igualmente, até com muitos transfugas hollandezes, que vinham augmentar as suas fileiras.

Ensoberbecido com estes felizes successos, veiu sitiar o Recife. O Forte dos Afogados tambem lhe foi entregue pelo Commandante hollandez, que amigo de Hoogstrate quiz imita-lo na trahição; mas querendo apoderar-se do Forte das *Cinco-Pontas*, desviou-o d'este intento o projecto de attacar a Ilha de Itamaracá, que era o celeiro do Recife. Com effeito dirige suas tropas e atravessa o canal, que separa a Ilha do Continente, investe a Villa junto da qual se elevava o Forte principal, e depois de um attaque, tão porfiado como inutil, retira-se Vieira sentindo a perda que acabava de experimentar. N'este lance alguns transfugas, seduzidos pelas promessas dos Governadores do Recife, tentaram uma trahição voltando as armas contra os Portuguezes no momento do combate. Felizmente o golpe foi obstado; porém serviu para fazer accreditar, que não deviam contar com aventureiros d'esta especie; e Vieira desarmou e despediu todos os que restavam, enviando-os para S. Salvador.

O fogo da insurreição lavrava por todas as provincias. O Chefe Camarão tinha marchado contra o Rio Grande, e tinha obrado acções de tanto lustre, que cada vez mais augmentavam a sua reputação. Lisonjeava-se João Fernandes Vieira que assim tocaria finalmente o coração do Rei de Portugal, de quem não cessava de sollicitar soccorros; enganava-se porém, ao menos na esperança de obter um apoio real. D. João IV, movido pela politica da Europa, não só escusava dar protecção e auxilio, como até fez transmittir a ordem formal de desistir da empreza. Reprovada a sua conducta pelo Rei, Vieira firmou todas as suas esperanças no Governador da Bahia. Telles da Silva, imaginando que tudo quanto podia enfraquecer o inimigo, augmentava os meios de attaque, ordenou a Vieira que fizesse cortar e queimar todas as cannas de assucar de Pernambuco, a fim de arruinar esse ramo de commercio, de que os Hollandezes estavam de posse, deslembrado de que tambem os Portuguezes tiravam d'este recurso productos consideraveis para acudir aos gastos da guerra.

Vieira não quiz autorisar senão parcialmente a execução das ordens do Vice-Rei; e para dar uma prova espantosa de que elle não era guiado por nenhum interesse pessoal, fez queimar as suas proprias

plantações(*): rasgo de desinteresse que lhe mereceu os elogios do mesmo Vice-Rei, e do exercito inteiro, o qual desde então admirou com complacencia a infatigavel solicitude, e a verdadeira grandeza d'alma d'este heróe. Como a expulsão dos Hollandezes era o seu principal objecto, dirigiu então todas as suas attenções para o bloqueio do Recife. As suas tropas interceptavam as communicações e guardavam as passagens, e por toda a parte estabeleceram uma cadêa de postos, que apertavam a praça cada vez mais. Já a penuria n'ella se sentia, quando, para priva-la de todo o auxilio, dois moços portuguezes tentaram incendiar os navios hollandezes surtos no porto. Logrado o primeiro intento, teriam consummado a sua obra, a não ser a vigilancia do Almirante Lichtart, que conseguiu apagar o fogo ateado em dois navios.

Entretanto eram sem numero os feitos de bravura, com que rivalisavam entre si os homens de todas as côres. Os Negros de Henrique Dias attacam vivamente todos

(*) Esta acção de Vieira foi reputada por um extremo da sua muita prudencia. Bem conhecia elle que mal poderia durar aquella empreza, se aos moradores faltassem cabedaes para a proseguirem, sem que El-Rei concorresse com os soccorros necessarios; e assim não approvou a opinião e ordem de Telles da Silva. Mas por não se julgar que o afeiçoavam mais os seus interesses que os do Estado, não duvidou cumprir a ordem que recebêra, e experimentou os graves prejuizos, em que o mesmo Telles reconheceu e louvou, como devia, a sua generosidade e grande obediencia.

os reductos, que os sitiados tinham levantado entre o Forte dos Afogados e o das Cinco-Pontas para impedir o progresso do cerco; sorprendem em alta noite os trabalhos já adiantados, degolam as guardas, penetram nas obras com a rapidez do raio, e levam de rojo tudo quanto se lhes oppõe. Não impede a artilharia dos Fortes visinhos que estes bravos destruam todos os trabalhos, e entrem em triumpho nas suas linhas. Vieira, collocado em uma boa posição com as tropas de reserva, foi testemunha d'esta façanha, que elle muito elogiou, galardoando e recompensando aquelles que a fizeram. Em quanto isto se passava, o Almirante Lichtart com muitas tropas de desembarque se dirigiu a Tijuco-papo com o intento de saquear S. Lourenço; porém foi tão vigorosamente rechaçado, que voltou para o Recife sem ter colhido fructo algum d'esta excursão.

N'esta epocha a influencia e ascendente de Vieira sobre o exercito não tinham limites; e querendo aproveitar estas boas disposições das suas tropas, tenta de novo apoderar-se da Ilha de Itamaracá, que era o ponto de apoio do Recife. Tomadas as suas disposições com melhor accordo, aconselhado pela experiencia do primeiro attaque, dirigiu com tanto acerto as suas columnas, que conseguiu tomar a Villa, e successivamente o Forte com o auxilio de

tres embarcações, que tinham vindo de Nazareth com este objecto. Todavia, a sua grande ventura não podia deixar de produzir odios e inveja. Os inimigos de Vieira, ciosos de sua fama, tramam uma conspiração contra os seus dias. Os assassinos emboscados perto do campo fazem fogo, quando elle passava a cavallo, ferem-no e fogem. Facil era conhecer os trahidores, e elle mesmo sabia d'onde lhe vinha o golpe; mas antes quiz dissimular que castigar, como se fosse só contra elle a trahição, que tambem se dirigia contra a patria (*).

Curado de suas feridas, e consolado pelos testemunhos de affecto e estima que lhe prodigalisava o seu exercito, aperta Vieira de tal modo o sitio do Recife, que dentro em pouco se viu a Cidade

---

(*) Tramava-se contra Vieira a conjuração mais indigna. Advertido por seus amigos não quiz acreditar que homens, que elle enchêra de beneficios, fossem capazes de uma tão negra ingratidão; mas esta nobre confiança não desarmou os traidores. Um dia em que entrava no campo, tres negros sahem d'entre as cannas, e fazem fogo sobre elle: um o fere com duas balas no braço direito. Vieira mette o cavallo sobre os assassinos, mas não pôde alcança-los; a sua guarda logra prender um d'elles, que logo foi morto. O rumor d'este attentado espalhou-se immediatamente pelo campo, onde os soldados pediam com grandes gritos o supplicio dos conspiradores. Vieira apparece todo coberto de sangue, e apasigua a tropa e seus amigos, promettendo-lhes que o crime seria castigado severamente; porém, com quanto elle conhecesse d'onde lhe vinha o golpe, recusou toda e qualquer vingança, e contentou-se com reprehender os delinquentes, e depois expulsa-los de entre os seus companheiros de armas: rasgo inaudito de generosidade e de clemencia. Tal era o mais formidavel inimigo dos Hollandezes; tal era o mais denodado campeão da independencia de Pernambuco.

reduzida ao estado mais deploravel. No meio de horrorosos soffrimentos, entre a fome e a peste, resolveram os Chefes militares, o Supremo Conselho, e os Magistrados, tentar uma medida desesperada, fazendo uma sortida contra os sitiantes. Já toda a guarnição ia sahir, quando os vigias annunciaram varios navios com bandeira hollandeza. Esta feliz apparição fez sem demora desapparecer todos os horrores e calamidades do cerco. Era com effeito a esquadra que conduzia o General *Sigismundo Van-Scop*, que se tinha assignalado nas primeiras guerras do Brasil, e a quem a inveja reconduzira á Europa durante o governo de Mauricio de Nassau.

Além das tropas de desembarque trazia a esquadra muitos viveres, munições, e cinco novos membros do Supremo Conselho destinados para substituir os antigos. Não sómente esta expedição preservou o Recife do flagello da fome, como tambem os Hollandezes tiraram a vantagem inapreciavel de poderem retomar a Ilha de Itamaracá. Os independentes a abandonaram prevendo, com razão, que não tardaria muito que a retirada lhes não fosse cortada pelos navios da frota. D'este modo as desgraças, que opprimiam o Brasil hollandez, achavam-se minoradas; a desesperação tinha cedido o logar á esperança, um dos principaes elementos da vida.

IV.

Proposição de amnistia. Resposta de Vieira. Sigismundo é batido e ferido. Tomada de Itaparica. Morte de Rebello. O Conde de Villapouca vem render a Telles da Silva. Francisco Barreto de Menezes toma o mando do exercito de Pernambuco. Batalha dos Guararapes. Triumpho dos Pernambucanos.

Tendo os novos Governadores do Recife tomado posse dos seus cargos, cuidaram logo de passar revista á guarnição; ordenaram nova leva de homens, e propuzeram novas condições de amnistia aos Generaes portuguezes. Vidal ainda quiz contemporisar, porém Vieira respondeu logo nos termos mais desabridos; o que fez desenganar os Hollandezes, de que a lutta não se acabaria senão por meio das armas: opinião esta do General Sigismundo, o qual julgava que bastaria o terror do seu nome para dissipar os insurgentes. Possuido d'esta confiança sahe do Recife com mil e duzentos homens escolhidos para se apoderar de Olinda, porém Braz de Barros, que defendia aquelle ponto,

fez tão vigorosa resistencia que deu tempo a João de Albuquerque reunir-se-lhe, e ambos estes officiaes carregaram por tal forma os Hollandezes, que os puzeram em vergonhosa fuga. Sigismundo ferido na acção, e não menos sorprendido que humilhado, retirou-se para o Recife com o resto das suas tropas.

Apenas restabelecido das suas feridas, tenta Sigismundo um novo attaque contra as obras dos sitiantes, das quaes foi repellido com grande perda. Auxiliado pela sua frota, sahe com quatro mil homens, toma o Forte da Barreta, e surge no rio de S. Francisco; porém a corajosa resistencia do Commandante do Forte fez malograr a expedição. Sigismundo levava mais longe os seus projectos, pois meditava o attaque da Bahia, e reunindo toda a sua esquadra foi fundear á vista de S. Salvador. Parecendo-lhe impossivel o attaque da Cidade, desembarcou na Ilha de Itaparica, e ali construiu um Forte flanqueado por quatro bastiões. Irritado o Vice-Rei por ver o inimigo tão perto da capital, ordenou ao Mestre de Campo Francisco Rebello que com mil e duzentos homens, que pôz á sua disposição, o fosse desalojar.

Não escutando Rebello senão as vozes da subordinação, marcha com tão fracos recursos, e morre no assalto atravessado

por uma balla (*); mais de seiscentas victimas d'esta desgraçada empreza acabaram pela metralha do Forte e das embarcações; o resto voltou em desordem para S. Salvador. Sigismundo não tirou fructo algum d'esta vantagem tão assignalada: chamado com instancia para o Recife, fez arrasar as fortificações e abandonou a Ilha. No em tanto a Côrte de Lisboa temendo pela segurança da Bahia, fez apromptar uma esquadra de doze galeões commandada por Antonio Telles de Menezes, Conde de Villapouca, com o fim de proteger a Capital do Brasil. A esquadra chegou depois da partida de Sigismundo, e Menezes tomou posse do governo da Bahia substituindo a Telles da Silva, que o Rei julgou conveniente chamar para dar satisfação aos Estados Geraes.

Vieira animado com a vinda de Menezes, julgou que era chegado o tempo de receber promptos soccorros; mas illu-

(*) O infeliz successo d'esta empreza foi devido á morte do Mestre de Campo Francisco Rebello, mais conhecido pelo nome de *Rebellinho* por ser de estatura menos de ordinaria; mas o seu valor lhe tinha grangeado respeito entre os naturaes, e entre os estranhos assombro, emendando ou accrescentando a pequenez do corpo com o esforço do coração. Cahiu tambem morto n'esta acção o capitão Antonio Gonçalves Tição, e ficou ferido o Sargento mór Ascencio da Silva com alguns outros officiaes. A ruina, tanto pela perda da gente, como pelas circumstancias d'ella, foi, segundo Rocha Pita, a maior que os Portuguezes tiveram em toda a guerra dos Hollandezes no Brasil: porém foi o preludio das seguintes victorias.

diu-se, porque o novo Vice-Rei só trazia ordem de assegurar a Bahia. Não confiando mais senão em seus proprios recursos, manda tomar o Forte do Rio Grande, cuja commissão desempenhou Henrique Dias como tinha de costume. Tantas perdas, e o estado de penuria do Brasil hollandez, obrigaram os Estados Geraes a tomarem um partido decisivo para conservar ao menos esta parte de suas conquistas. E na verdade, nunca a Hollanda tinha feito tão grande esforço. Quarenta e quatro navios e nove mil homens de desembarque partiram para o Brasil. Informado D. João IV da sahida d'esta formidavel expedição mandou, sem aberta declaração, a Francisco Barreto de Menezes com alguma gente a tomar o mando do exercito de Pernambuco.

Barreto tendo sahido de Lisboa em uma caravéla, foi tomado na altura da Parahiba e conduzido ao Recife, sem que os Hollandezes suspeitassem da sua commissão. Durante nove mezes que esteve prisioneiro, pôde ganhar-se um moço hollandez por nome *Francisco de Brat*, que o pôz em liberdade, atravessando mattos, pantanos, e rios com grandissima difficuldade, até que chegou ao campo de Vieira. Devia-se todavia receiar, que a sua chegada excitasse o ciume d'este chefe. Era acaso de suppôr, que lhe entregaria de

D.ANTº FELIPPE CAMARÃO

GOVERNADOR DOS INDIOS NA PROVINCIA DE

PERNAMBUCO.

boa vontade a direcção de uma empreza, sustentada até então por elle com tanta gloria? Viu-se porém um homem nascido na escravidão, e elevado pelo seu merito, offerecer todos os exemplos de moderação e de grandeza d'alma; cedeu sem murmurar o commando ao novo chefe, e foi o primeiro que lhe jurou obediencia. Barreto soube apreciar as raras qualidades de seu antecessor, ouvindo os seus conselhos e dirigindo-se por elles: harmonia a que se devem attribuir as victorias successivas alcançadas pelos Portuguezes.

Os reforços chegados da Hollanda davam a Sigismundo a vantagem do numero, e não hesitou pôr-se em campo com oito mil homens para tentar a sorte de uma batalha decisiva. Os officiaes portuguezes, convocados pelo novo General, foram de parecer que deviam evitar um combate tão desigual, porém Vieira sustentou a opinião contraria, dizendo que uma retirada n'aquellas circumstancias lançaria o desalento entre todos os patriotas, desgostosos já por tantas fadigas e privações. Foram igualmente d'este mesmo parecer Vidal, Dias, e Camarão, rendendo-se Barreto sem custo a um sentimento conforme ao seu caracter emprehendedor e decisivo. Pôz-se portanto em marcha com as suas tropas, e foi acampar nas montanhas dos Guararapes. Já Sigismundo se tinha apro-

ximado, e dava por acabada a guerra de Pernambuco; mas o successo lhe deu o desengano: mediu as nossas forças pelo numero, devendo medi-las pelo valor.

Deu-se dentro em pouco o signal; o toque das trombetas e dos tambores, e os gritos dos Brasileiros auxiliares se confundem com o echo dos canhões; a acção torna-se geral em todos os pontos pelos atiradores portuguezes. Para que façamos idéa dos esforços praticados pelos independentes, basta considerar que todo o exercito de Barreto não alcançava a mais de dois mil e quinhentos homens, porém cheios de valor e de enthusiasmo, e animados d'esse amor da patria, que não tinha o inimigo. Sem embargo pelejou-se com tal encarniçamento de parte a parte que assombra só de ouvi-lo; duas vezes vieram os Hollandezes á carga e outras tantas foram repellidos, até que mesclados ambos os exercitos, o valor individual, mais do que a pericia da guerra, decidiu a victoria em favor dos Pernambucanos. Immensa bagagem, artilharia, o estandarte das Provincias Unidas, e outras vinte e nove bandeiras cahiram em poder dos vencedores. A batalha foi tão mortifera, que o exercito de Sigismundo contou quinhentos feridos e mil mortos, entre os quaes se apontavam dois Coroneis, dezoito Capitães, e um grande numero

de officiaes subalternos. O mesmo Sigismundo foi ferido em uma perna, e o Coronel Rener ficou prisioneiro com duzentos soldados das Provincias Unidas (*).

O General em Chefe Barreto expressou o testemunho mais honroso aos seus subalternos, especialmente a Vieira, que pelos seus conselhos e evoluções contribuira muito para o ganho da batalha, assim como Vidal e outros que não é facil mencionar. A batalha dos Guararapes exaltou a reputação dos independentes ao mais alto gráu de gloria, e mudou a face da guerra. Os vencidos, refugiados nas suas fortificações, não cuidaram em mais do que na defensa do Recife, que não podia resistir sem novos soccorros da Europa. Por cumulo de males esta derrota lançou entre o Supremo Conselho e o Conselho de Guerra do Recife germes de dissenções, porque ambos se recriminavam como causa do desastre. Tal é a consequencia dos revezes, quando não esperados: elles dividem e indispõem os homens entre si, como se a fortuna lhes estivesse sujeita, e podessem dispôr d'ella a seu talante.

(*) Deu-se esta batalha gloriosa para as nossas armas no dia 19 de Abril de 1648. Da nossa parte morreram apenas noventa soldados, e dos officiaes só dois capitães; porém de uns e outros foram muitos feridos, que brevemente ficaram sãos, servindo-lhes o gosto do triumpho do melhor medicamento, e ficando-lhes o desejo de pelejar por effeito da cura, ou por simpathia das cicatrises. *Rocha Pita*, &c.

V.

Apoderam-se os Hollandezes de Olinda. Sortida do General Brinck. Sigismundo devasta de novo as costas da Bahia. Morte de Camarão. Segunda batalha dos Guararapes. Derrota e morte do General Brinck. O Conde de Castello-melhor Vice Rei do Brasil. Continuação do cerco do Recife.

Em quanto os Independentes colhiam tranquillamente o fructo da sua victoria, Sigismundo depois de haver entrado no Recife com as reliquias do seu exercito, procurava reparar as desgraças da guerra dando novo realce ás suas armas; e sabendo que Olinda tinha uma fraca guarnição, destacou seiscentos homens, que a tomaram quasi sem resistencia. Informado Barreto d'este successo, ordena a Henrique Dias que com o seu corpo fosse retomar a cidade; a rapidez dos Negros confundiu as medidas do Chefe hollandez, que acossado por elles abandona Olinda e retira-se para o Recife. No em tanto chega da Hollanda com algumas tropas de reforço o Coronel Brinck, que apenas desembarcado, censura abertamente as operações de Sigismundo. O Supremo Conselho para evitar algum desaguisado entre os dois chefes, achou conveniente que este

partisse com uma esquadra a tentar um desembarque nas costas da Bahia.

Sigismundo para bem desempenhar a sua nova commissão, embarca e vai surgir no Reconcavo, cujos proprietarios estavam bem longe de esperar uma invasão tão repentina: entrega tudo á pilhagem, destróe as propriedades e volta ao Recife carregado de despojos. Estimulado por este acto de pirataria, o Vice-Rei conheceu então que era preciso tomar medidas para terminar a guerra, e mandou para Pernambuco um corpo de quinhentos homens ás ordens de Francisco de Figueirôa, official de grande reputação. Á chegada d'este reforço espalhou-se a alegria no campo dos Portuguezes; porém não foi de longa duração, porque tiveram de sentir a morte do intrepido Camarão, que havia succumbido á uma grave molestia. Este velho Chefe brasileiro tinha-se achado em muitas batalhas, e nunca tinha sido ferido. Julgaram honrar a sua memoria dando o regimento, que elle commandára, a Diogo Pinheiro Camarão, seu sobrinho e successor, official já conhecido pela sua prudencia e energia, e que caminhava pelas pisadas do seu parente.

Por este tempo Salvador Corrêa de Sá, partindo do Rio de Janeiro com uma esquadra, tinha libertado todo o Reino de Angola, expulsando os Hollandezes de

muitos pontos importantes. Menos circumspecto do que antes, ordenou D. João IV a creação de uma companhia de commercio, á imitação da de Hollanda, para com seus capitaes e credito sustentar os estabelecimentos do Brasil. Talvez as vistas do Monarcha fossem mui diversas das consequencias, que ellas produziram; por em quanto logrou-se o principal objecto, que foi proteger por navios armados o commercio entre o Brasil e Portugal. Porém isto não era tudo, porque o sitio do Recife continuava sem meios de o estreitar por agua, unico modo de tomar a praça. Sem embargo os Generaes hollandezes, fatigados do longo cerco, resolveram tentar outra vez a sorte de uma batalha. Brinck foi encarregado do commando: sahiu do Recife com cinco mil homens escolhidos, a flôr das suas milicias, e foi acampar-se sobre aquelles mesmos Guararapes, tão fataes ás armas da Republica (*).

Bem longe de se atemorisarem por estas disposições, decidiram os Chefes portu-

(*) O Exercito hollandez compunha-se de cinco mil homens de infanteria, setecentos gastadores, tresentos marinheiros arregimentados, duas companhias de negros, e duzentos indios, além de numerosa artilharia. O nosso porém constava de dois mil e seiscentos infantes, entre brancos, indios e negros, e um troço de cavallaria commandado pelo capitão Antonio da Silva, o que ainda assim era menos d'ametade dos inimigos; mas o que faltava no numero sobrava no valor, compensação com que não contavam os Hollandezes, e por isso perderam no calculo d'esta vez como da primeira.

guezes de commum accordo ir ao encontro do inimigo para o provocar ao combate. Deixando no campo um pequeno numero de tropas, marcharam até a fralda da montanha, e ali tomaram posição durante a noite, até que pela manhãa do dia seguinte (19 de Fevereiro de 1649) travou-se a peleja com igual encarniçamento de ambos os lados. Finalmente, depois de infinitos prodigios de valor, de audacia, e de constancia, a victoria decide-se pelos Portuguezes. João Fernandes Vieira perseguindo as tropas de Brinck, é assaltado por um troço de inimigos, que lhe matam o cavallo, e o deixam cahido julgando-o morto; a nova da sua morte espalha-se entre os Hollandezes: porém o nosso heróe ganhando outro cavallo, monta n'elle e corre outra vez a derramar o terror entre os vencidos.

O General Brinck, querendo ainda sustentar o seu posto, foi feito em pedaços por uma bala de canhão, atirada das suas mesmas baterias já rendidas: o exercito assombrado toma a fuga e abandona o campo de batalha, onde deixou seis peças de artilharia, dez bandeiras, e toda a sua bagagem, immensidade de mortos e muitos feridos, que não poderam escapar. Barreto ainda o perseguiu por longo espaço, porém cansado de tanta mortandade, fez alto para cuidar tambem dos

seus feridos, que foram em grande numero, entre elles Henrique Dias e outros officiaes distinctos. Escusado é dizer que muito se assignalaram Vieira, Vidal, Figueirôa, e Diogo Pinheiro Camarão. Barreto tinha-se distinguido n'esse dia como soldado e como capitão. Vieira a si mesmo se excedeu, dando por sua propria mão a morte a muitos officiaes e soldados inimigos, que lhe tinham feito frente.

Recolhidos no Recife os fracos restos do exercito hollandez, fez Sigismundo pedir a Barreto suspensão de armas por alguns dias para enterrar os mortos; o que foi concedido, enviando aquelle Chefe um Capitão com uma escolta de batedores para este fim. Ainda os Hollandezes acreditavam na morte de Vieira, e foi para o Capitão de grande assombro, quando este lhe appareceu, e lhe disse com uma dignidade severa: « Dizei a Sigismundo, » vosso General, que se os Hollandezes » em quanto vivo me olharam como seu » flagello, não cessarei de o ser depois » da minha resurreição. » A segunda batalha dos Guararapes foi ainda mais funesta para os vencidos, do que a primeira, pois que nunca mais ousaram medir-se em campo raso com os vencedores. Todavia o Recife ainda encerrava poderosos meios de defensa: o mar podia ainda dar entrada a immensos soccorros.

N'esta conjunctura uma esquadra portugueza, esquipada pela nova companhia commercial, appareceu na altura de Pernambuco debaixo do commando do Conde de Castello-melhor, que vinha como Vice-Rei succeder ao Conde de Villapouca. Os Independentes ainda accreditaram d'esta vez que D. João IV, pondo termo ás suas indecisões, os quizesse ajudar com todo o seu poder; porém *Castello-melhor* não tinha outro encargo senão o de ir á Bahia para tomar o leme do governo, e de enviar depois o Almirante Jacques de Magalhães com a sua esquadra para Portugal. Foi esta commissão cumprida á risca, e a esperança dos patriotas foi outra vez illudida. Esta frota foi a primeira, que aos mares do Brasil mandou a nova Companhia geral do Commercio.

Se por uma parte D. João IV persistia em não proteger os Independentes de Pernambuco, por outra os Estados Geraes, cansados de tantos e tão inuteis esforços, resolveram imitar a circumspecção de Portugal, não enviando mais soccorros ao Brasil. Desde então ficou o Recife abandonado ás suas proprias forças, e a guerra só se sustentava pela tenacidade dos dois partidos. O menor esforço directo da Côrte de Lisboa podia apressar o fim da guerra; entretanto a lutta se ia dilatando sem esperança de proximo termo.

Mui fracos para attacar, contentavam-se os sitiantes com manter a mais exacta disciplina, preservando-se de toda a sorpresa; em quanto os sitiados viam d'este modo diminuirem-se cada dia seus fracos recursos, a ponto de chegar a sua penuria ao maior gráu. Desesperados de todo auxilio, tentaram os Hollandezes sorprender por uma sortida as linhas dos sitiantes, e vieram attacar o seu quartel general.

Sigismundo pensava que acharia os Portuguezes descuidados, mas enganou-se; e no primeiro encontro viu que, quando não o esperassem, pelo menos não os atemorisou a sua visita. A intrepidez, com que foram recebidos os Hollandezes, os desconcertou por tal modo, que apezar de todos os esforços de seus Officiaes, tomaram a fuga em debandada completa. Sigismundo, querendo lavar a nodoa d'esta vergonhosa deserção, reune os fugitivos e volta á carga; mas recebido com tanto ou mais vigor que d'antes, foi rechaçado de novo, deixando muitos mortos e feridos sobre o campo. N'este transe mandou tocar a retirada para sepultar nos Fortes do Recife a sua vergonha. Alguns navios chegados da Europa trouxeram algum allivio á praça, soccorrendo-a com viveres, ao mesmo tempo que promettiam á guarnição promptos auxilios para prolongar a sua resistencia.

VI.

A esquadra de Magalhães surge em Nazareth. Conselho de guerra. Bloqueio do Recife. Attaque das obras exteriores por Vieira. Attaque das Cinco-Pontas. Motim do povo e da guarnição do Recife. Capitulação dos Hollandezes. Todo o Brasil entra no dominio da Corôa de Portugal.

Corria o anno de 1653, quando de Lisboa sahiu a frota commandada por Pedro Jacques de Magalhães, e veiu fundear em Nazareth, onde se reuniram todos os Generaes portuguezes para deliberarem sobre o modo de concluir aquella guerra. Magalhães e seus principaes officiaes se ajuntaram em conselho de guerra na presença de Barreto, Vieira, Vidal, e Figueirôa. Barreto depois de expôr com muita franqueza o estado do paiz, apellou para a honra e patriotismo do Almirante, invocando o seu auxilio n'esta lutta, visto que sem o apoio da marinha, o sitio seria sempre inefficaz. N'este sentido fallaram tambem Vieira e os outros Chefes; e quando todos acabaram de expressar os mesmos sentimentos, não hesitou o Almirante nem mais um momento. Desem-

barcando logo a tropa que tinha a bordo, dispôz a sua esquadra de modo, que todo soccorro por mar ficou interdicto á praça do Recife; muitos navios hollandezes foram preza da esquadra, e Sigismundo tomou suas disposições para a mais vigorosa defensa (*).

O General Barreto concebeu logo que devia attacar todas as obras exteriores dos Hollandezes, e quiz que esta gloria pertencesse a Vieira. Com effeito no dia 15 de Janeiro de 1654 começou este o attaque pelo Forte das Salinas, que se rendeu depois de porfiada lutta; assim como o de Altanar, a uma milha distante do primeiro. Não podendo Sigismundo guarnecer todos os Fortes destacados, fez abandonar o da Barreta, e successivamente o de S. Jorge, concentrando as suas forças no Recife. Além

(*) Magalhães, habil marinheiro e guerreiro experimentado, devia acompanhar os navios mercantes empregados no commercio do Brasil, e comboiar depois os que voltassem com os productos coloniaes. Sabendo que nos portos de Pernambuco occupados pelos independentes existiam alguns, enviou ao General Barreto uma carta pedindo-lhe que ordenasse a todos os navios do commercio, que se ajuntassem á frota no momento da sua passagem. Barreto conhecendo quão importante seria a cooperação desta frota, respondeu com fortes instancias ao Almirante, pedindo-lhe que viesse ancorar no porto. Magalhães cedendo aos desejos do General apareceu dentro em pouco; porém não quiz por si só deliberar sobre tão ardua empresa, sugeitando-se ao que decidisse um conselho de Guerra, que para isto convocou. Foi só depois que o conselho tomou sobre si a responsabilidade, que o Almirante se prestou a coadjuvar os esforços do exercito, dirigindo-se então a bloquear o Recife com dezoito navios armados.

d'isso as deserções enfraqueciam estes destacamentos sem proveito para a defensa da Cidade, pelo que fez tambem desmantelar os Fortes Parrexil e dos Afogados afim de reduzir mais o recinto das fortificações. O Forte das Cinco-Pontas foi o unico importante que ficou aos Hollandezes, e a sua vantajosa posição fazia d'elle o baluarte mais precioso do Recife.

Para attacar pois o Forte das Cinco-Pontas era mister apoderar-se antes de um ponto fortificado, que o dominava; esta commissão foi confiada a Vidal, que a desempenhou com a sua costumada bravura. Sabendo Sigismundo o perigo que o ameaçava, vem retomar o posto occupado por Vidal; mas era tarde, porque as tropas portuguezas estavam já entrincheiradas; Sigismundo voltou para o Recife, onde levou a consternação. Nada pois se oppunha ao attaque do Forte principal, e Barreto mandou bater os parapeitos com a sua artilharia. Attacado o Recife d'esta vez debaixo de todas as regras da arte militar, estava já entregue á anarchia e á desordem; mais de quinhentos Judeus que não conheciam outro interesse senão o do commercio, cedendo ao medo do saque, de que viam ameaçadas as suas riquezas, corriam pelas ruas enchendo o ar de seus gritos e gemidos.

Estes homens tinham em vista amotinar

o povo contra os Governadores, afim de exigir d'elles que se capitulasse para salvar a Cidade dos riscos do assalto e dos horrores do saque. Em vão Sigismundo, preenchendo os deveres de leal e bravo Capitão, oppõe-se a esta vergonhosa deliberação, porque o povo já entregue á licença não obedece aos Magistrados. Os mesmos soldados tomam parte no motim, e começam a desesperar da salvação publica, manifestando abertamente o intento de capitularem. O Supremo Conselho e os Generaes, temendo a guerra civil, conhecem que esta lutta de trinta annos (*) tocava um termo, de que elles não recolheriam fructo algum; e querendo adoçar o derradeiro dos seus sacrificios, enviaram ao General Barreto como *parlamentario* o Capitão *Vonter Vanloó*, encarregado de reclamar a nomeação de commissarios para regular os artigos da capitulação (**). No-

(*) Os leitores se lembrarão de que a primeira invasão dos Hollandezes na Bahia fôra em 1624.

(**) O General Francisco Barreto, recebendo com muita cortezia o enviado de Sigismundo, respondeu que estava prompto a convir nos meios que lhe propunha aquelle General, passando logo a nomear os commissarios da sua parte, que foram: Manoel Gonçalves Correia, secretario do exercito; Affonso de Albuquerque, capitão de cavallos reformado; e Francisco Alvares Moreira, ouvidor da provincia e auditor geral da gente de guerra. De parte do Supremo Conselho vieram: o mesmo capitão Vanloó, commandante do Forte das Cinco-Pontas; Gisberto Vuit, primeiro conselheiro do Governo; e Brest, presidente dos Escabinos e director das fragatas de Flessinga. Durou o conselho desde 24 até 26 de Janeiro, em que se assignaram as capitulações de uma e outra parte.

meados os commissarios, entraram em conferencia no dia 24 de Janeiro, e dois dias depois foi assignada a capitulação, que pôz em poder dos Portuguezes os Fortes, e tudo o que os Hollandezes occupavam ainda no Brasil.

Foi ao General Francisco Barreto de Menezes, representante de D. João IV Rei de Portugal, que o Supremo Conselho entregou, em nome das Provincias Unidas, o porto do Recife e a Cidade Mauricéa com todos os Fortes de mar e terra. Convieram tambem na maneira pela qual a guarnição Hollandeza sairia da Cidade, estipulando-se ao mesmo tempo a entrega das provincias do Rio Grande, Parahiba, Ceará, Itamaracá, e da Ilha de Fernando. Uma inteira amnistia foi concedida a todos os Brasileiros compromettidos no partido Hollandez, ficando d'este modo livre para sempre o Brasil do jugo estrangeiro (*). Vieira, que era o chefe da vanguarda, tomou posse da cidade em nome do Rei de Portugal no dia 27 de Janeiro, e os Portuguezes applaudiram o acaso, que parecia ter destinado esta honra áquelle que todos d'ella julgavam mais digno.

Barreto entrou igualmente como trium-

(*) Como julgamos de summo interesse o conteúdo da capitulação celebrada entre os Portuguezes e Hollandezes na cidade do Recife, copiámos o auto e documento authentico, como vem na Epanaphora V de D. Francisco Manoel de Mello. (Vid. Documentos, letra A.)

phante na cidade, onde Sigismundo o esperava a pé e sem sequito. Barreto apeou-se, e indo ao seu encontro o encheu de carinhos. Foi depois á casa da Camara, onde Vieira lhe entregou pessoalmente as chaves da cidade e dos Fortes entre as acclamações geraes de regosijo do povo e do exercito. Mais de trezentas peças, e grande quantidade de munições de guerra, foram os tropheos d'esta importante conquista. Figueirôa foi encarregado pelo General em Chefe de ir tomar posse de todas as outras praças. Em todas ellas se meteram guarnições portuguezas, e dentro em pouco não houve no Brasil um só palmo de terra, que deixasse de estar sugeito ás leis de Portugal.

Se a invasão dos Hollandezes prejudicou a Portugal e ao Brasil pelas devastações, que se seguiram em consequencia de uma guerra quasi de exterminio, é igualmente incontestavel que elles, transportando ás possessões de Ultramar a ordem e actividade que os distinguia na Europa, muito concorreram para o augmento e civilisação d'este paiz. Muitos vestigios de sua industria attestão ainda hoje no Brasil a verdade d'esta asserção, e por muito tempo as observações de *Pison* e de *Marcgraff* foram as unicas, que podiam servir de guias na Historia Natural d'estas regiões.

CAPITULO QUINTO.

1654—1807.

I.

Tratado de paz de 1660 entre Portugal e a Hollanda. O Principe D. Pedro, Regente de Portugal. Tratado de paz de 1668 entre Portugal e a Hespanha. Estado do Brasil. Os Paulistas ou Mamelucos do Brasil durante o seculo 17.°

A perda do Brasil hollandez causou uma sensação penosa em todas as cidades maritimas da Hollanda, e sobre tudo em Amsterdam. Os membros do Supremo Conselho foram accusados até de alta trahição, mas elles se defenderam victoriosamente com as ordens do Governo, e com as da Companhia Occidental, que pela demissão de Nassau e outras falsas medidas tinham apressado a perda d'esta

Colonia maritima e commercial. Em quanto o commercio das Provincias Unidas deplorava este desastre, todo o Reino de Portugal experimentava um contrario sentimento, porque era o da satisfação e alegria. D. João IV não dissimulou o prazer, que lhe fazia experimentar este successo, dando provas do seu contentamento nos elogios que prodigalisou a Magalhães, Brito, Barreto, Vidal, e aos Officiaes que os tinham ajudado n'esta empreza gloriosa; mas cousa alguma igualou aos que fez a João Fernandes Vieira, nem á magnificencia com que os acompanhou.

Foi a elle que o Monarcha declarou dever particularmente todas as vantagens da guerra do Brasil, e o seu glorioso resultado. Um breve do Papa Innocencio X dava a Vieira o titulo de *Restaurador da Igreja na America.* O Rei o nomeou Conselheiro de Guerra, Capitão General e Governador de Angola. Entretanto as Provincias Unidas pagavam-se com usura d'esta perda nas Indias Orientaes, onde os Portuguezes degenerados viam declinar o seu poder. A situação relativa entre Portugal e a Hollanda ficou a mesma na Europa; era unicamente além dos mares que as duas potencias se debatiam. Morto D. João IV, e na Regencia da Rainha viuva, a paz tor-

nava-se um beneficio para todas as classes do Reino, porque a Monarchia estava esgotada posto que triumphante (*).

Depois de longas e penosas negociações, concluiu-se finalmente a paz com a Hollanda no anno de 1660; a qual firmou a Casa de Bragança na inteira posse do Brasil pela somma de doze milhões, que a Côrte de Lisboa pagaria á Hollanda em dinheiro, em mercadorias, ou por diminuição de direitos dos navios da Republica nas alfandegas de Portugal. D'este modo se espalharam os beneficios de uma longa paz sobre todas as Provincias da America Portugueza. Chegava no em tanto D. Affonso VI á sua maioridade, e a Rainha lhe entregou o governo (**); porém este Principe, cobarde e perverso, teve que

(*) Dona Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV, experimentou durante o seu governo muitas contrariedades de parte da nobresa, e outras excitadas pela Hespanha com o intuito de tirar partido d este estado excepcional para perturbar, e até mesmo apoderar-se de Portugal; mas a perspicacia da Rainha, e a sua conducta firme, malograram todas as maquinações. Ella obteve entretanto um tratado vantajoso com a Inglaterra, e concluir a paz com a Hollanda, assegurando a possessão do Brasil. Foi ella que, logo no principio da sua administração, nomeou Vice-Rei para o Estado do Brasil ao General Francisco Barreto de Menezes, o mesmo a quem se devia em grande parte, como vimos no capitulo anterior, a restauração das provincias occupadas pelas armas hollandezas.

(**) D. Affonso VI, cujo governo de cinco annos foi marcado por intrigas abjectas e sordidos manejos, como se deprehende da obra intitulada — *Catastrophe de Portugal*, — não occuparia logar na historia do Brasil, a não ser pela nomeação do Conde d'Obidos para Vice-Rei d'este Estado no anno de 1663; unico motivo porque o seu nome se faz lembrado em nossas paginas.

ceder o throno a seu irmão o Principe D. Pedro, que o occupou como Regente em quanto elle viveu, e depois como Rei de Portugal debaixo do nome de D. Pedro II.

O Regente tratou logo de terminar a guerra com a Hespanha, o que conseguiu pela mediação da Inglaterra, celebrando-se em 13 de Fevereiro de 1668 o tratado, que gloriosamente assegurou o exito da revolução a favor da Casa de Bragança, livrou para sempre Portugal do jugo estrangeiro, e pôz termo á lutta que durante vinte oito annos tinha conservado os dois povos em armas. D'esta epocha por diante começa a datar-se uma nova era para Portugal e para o Brasil. A sabia administração de D. Pedro, e as doçuras da paz fizeram renascer a tranquillidade e a abundancia. O Regente pôz todos os seus cuidados em reformar os abusos, e em restabelecer o commercio; toda a sua attenção se fixou sobre a America Portugueza.

As scenas que nos offerece a historia, depois da expulsão dos Hollandezes, mudam de caracter. O Brasil, não sendo disputado, ganhará importancia e riqueza. Vão aqui começar as primeiras descobertas no interior; porque á excepção do curso do Amazonas, só se conheciam as costas e as cidades maritimas. Do reinado de

D. Pedro começa o Brasil a engrandecer-se pela descoberta e povoação de varias Provincias, mais vastas do que as que formavam este Estado em vida de seu pai. Os Governadores e todas as autoridades curando as cicatrizes, que tinha deixado abertas uma guerra assoladora, correspondiam ás intenções e aos votos do Principe Regente. Pernambuco sahia de suas ruinas: Bahia e Maranhão estavam em um estado de defensa respeitavel : o Rio de Janeiro não só tinha augmentado consideravelmente, como até se conservou florescente durante a guerra dos Hollandezes, da qual tinha sido preservado como por milagre.

Com effeito, na magnifica bahia do Rio de Janeiro se reuniam todos os annos as frotas mercantes, que partiam do Brasil para Lisboa, e que de volta vinham carregadas com a abundancia dos productos da industria europea. As Capitanias de segunda ordem estavam igualmente pacificas, e se esforçavam no seio da paz para chegar a um prompto melhoramento. Um unico districto do Brasil respirava constantemente a guerra e as emprezas atrevidas: era o de S. Paulo de Piratininga, o mais visinho das possessões hespanholas do Paraguay. Vamos pois traçar rapidamente a sua historia, que em pedaços perderia todo o seu interesse e importancia.

Viu-se a Colonia de S. Paulo offerecer em sua origem uma população inquieta e turbulenta, nascida da mescla da raça brasileira com a de differentes povos da Europa. Esta população, conhecida pela denominação de *Mamelucos*, era sobre tudo bellicosa. Foi no principio com o commercio de escravos que se enriqueceram os Paulistas, e por isso oppuzeram-se sempre ao systema de civilisação christã dos Jesuitas, e foram os maiores inimigos dos Christãos do Paraguay reduzidos á fé pelos Hespanhóes. Estes corajosos Missionarios tinham arrancado da barbaridade milhares de Indios, tinham conquistado pela persuasão todo o paiz regado pelo Paraguay, Uruguay, e pelo Paraná, e lhe tinham dado uma forma de civilisação, superior á de todos os povos recentemente convertidos; mas nada podia sopear a cubiça dos Paulistas, que consideravam a conversão dos Indios como a abolição do commercio de escravos.

Despresando o dominio da Hespanha, quando todo o Brasil lhe obedecia, attacaram as povoações do Paraguay, e redusiram á escravidão todos os neophytos dos Jesuitas hespanhóes. Embora o Papa Urbano VIII fulminasse contra os traficantes de escravos os raios do Vaticano: a publicação do Breve no Rio de Janeiro provocou um motim contra os Jesuitas,

em que teve de mediar a autoridade publica, dando o citado Breve por nullo e sem nenhum effeito. Na Bahia aconteceu outro tanto; mas foi em S. Paulo onde as grandes desordens se manifestaram: expulsam os Jesuitas, criam uma seita, nomeiam um Chefe da nova Igreja a quem deram o nome de Papa, instituem Sacerdotes, fundam Collegios, e pregam uma doutrina favoravel a seus sordidos interesses, resultando d'ahi uma mescla impura do Christianismo com as superstições brasilicas.

Organisaram tambem uma nova forma de governo, crearam tribunaes, e se constituiram inteiramente independentes e livres de todo dominio estranho. Assim foi que estes homens intrepidos, erigindo-se em exploradores exclusivos do Brasil, fizeram correrias no interior, afrontaram o governo hespanhol, arruinaram todas as povoações indias formadas no Guayra pelos Padres da Companhia, arrebataram e redusiram á escravidão mais de quarenta mil neophytos, invadiram a Provincia do Uruguay, e ensoberbecidos com estes felizes successos, continuaram e levaram suas depredações até o Paraguay. Era impossivel que essas povoações mal armadas podessem resistir a tropas aguerridas, commandadas por officiaes experimentados; portanto não havia outro recurso senão a

emigração, fugindo dos logares infestados por essa horda de aventureiros, tão crueis como os Mamelucos do Egypto. Porém esta resolução já não pôde salvar senão doze mil Indios de cem mil, que os Jesuitas tinham reunido e civilisado no Guayra.

Estes piratas da terra, não achando mais em que cevar a sua cubiça, voltaram suas aggressões para Ciudad Real e Villa Rica do Paraguay, destruindo e arruinando completamente estas duas importantes cidades hespanholas. S. Paulo não cessava de desafiar o poder da Hespanha, e ainda mais o afrontou, quando a revolução de Portugal veiu legitimar todas as hostilidades dos Paulistas (*). Fi-

(*) Já dissemos como S. Paulo se tinha tornado uma especie de Republica militar e independente em tempo do governo Hespanhol. Pela revolução de Portugal legitimavam-se todas as hostilidades contra aquelle governo, porém era mister reconhecer o de Portugal, o que contrariava em muito o habito de independencia d'aquelles aventureiros; e isto foi sem duvida o que deu margem ao seguinte episodio de sua historia. Alguns homens, a quem fazia conta este estado de independencia, e que muito tinham concorrido para que Salvador Corrêa de Sá não podesse passar de Santos a S. Paulo, interceptando toda a communicação com a costa; confiando de mais na ignorancia do povo d'aquella Capitania, trataram de aproveitar o abandono em que ella se achava, para constituir-se de uma vez em Estado soberano. Com estas vistas, e não com as que se suppõe de parte dos Hespanhóes, que eram então mal vistos e tidos como inimigos, se lembraram de eleger um Rei, e com este intento foram á casa de *Amador Bueno de Ribeira*, homem nobre e de grande credito, e o proclamaram gritando, *Viva Amador Bueno, nosso Rei.* Este, porém, dando assombroso exemplo de fidelidade, recusou a criminosa corôa, com razões para convencer aos que lh'a offertavam da sua nescia temeri-

nalmente a Côrte de Hespanha, cedendo ás sollicitações dos Missionarios, permittiu o uso de armas de fogo nas Colonias Christãas, e com este expediente mudou bem depressa a sorte dos estabelecimentos do Paraguay. Foi então que o genio emprehendedor d'estes homens endurecidos se voltou para outro genero de empresas, ainda que não glorioso, ao menos mais lucrativo; tinham conquistado escravos, e por isso idearam fazer o mesmo ao ouro.

Era cousa sabida, havia muito tempo, que o Brasil encerrava prodigiosa quantidade d'este metal precioso. Nos rios e nas montanhas tinham-se achado alguns pedaços. O cuidado de procurar o ouro nos leitos dos rios e nas cavidades das montanhas estava confiado aos escravos; mas este trabalho, além de incerto, era pouco lucrativo. Apenas os Paulistas se viram independentes, começaram a buscar

---

dade; mas como insistissem os revoltosos no seu projecto, saiu elle com a espada na mão pelas ruas, gritando: *Viva El-Rei D. João IV nosso Senhor.* Sem embargo, crescia o tumulto, e Bueno teve de refugiar-se no Convento dos Benedictinos. N'esta conjunctura algumas pessôas mais notaveis se reuniram no mesmo Convento, e tomando parte na leal repugnancia de Bueno, se dirigiram ao povo, mostrando-lhe toda a enormidade e desatino da sua conducta, e aconselhando-o que mudasse de parecer. Com tal vehemencia e razões animaram os seus discursos, que todos os rebeldes ali mesmo acclamaram por seu Rei a D. João IV (1642), e fazendo logo reunir o Senado da Camara, nomearam dois Commissarios (Luiz da Costa Cabral, e Balthazar de Borba Gato) para irem á Côrte prestar juramento de fidelidade á nova casa reinante em nome dos Paulistas.

indicios de uma mina, de que os Jesuitas tinham recolhido algumas tradições; atravessaram o Tieté, e abandonando as bellas terras virgens, que pelo seu magnifico prospecto mereciam o nome de Eden do Brasil, foram descobrir, a vinte milhas de S. Paulo, a mais antiga mina de ouro das Colonias Portuguezas na montanha de Jaraguá (*). Tal é o districto famoso d'este nome, contemplado durante quasi dois seculos como o Perú do Brasil. Thesouros ainda mais preciosos iam ficar expostos á cubiça e á industria dos Paulistas.

(*) Este estabelecimento em tempo de Arthur de Sá e Antonio de Albuquerque Coelho, e durante os governos de Affonso Furtado, e os mais que se podem vêr em Rocha Pita, foi de muita importancia, e bem lucrativo para Portugal. No reinado d'El-Rei D. João V se começaram a recolher copiosissimos productos d'estas minas. Foi tão grande a concurrencia dos povos, que em pouco tempo edificaram-se Villas e Aldeas, que se repartiram em diversas ouvidorias. D'aqui procederam os que depois descobriram tambem as minas de Cuyabá e de Goyaz, assim como as de Villa Rica, e Serro do Frio que além de ouro dá diamantes tão admiraveis, que em nada cedem aos do Oriente.

II.

A Ilha de Santa Catharina. Povoação das Alagoas. Fundação da Colonia do Sacramento. Sabará e Villa Rica. Guerra civil. Antonio d'Albuquerque, Governador do Districto das Minas. Destruição completa dos Palmares.

A importante Ilha de Santa Catharina, chamada antigamente Ilha dos Patos, foi por muito tempo o ponto de escala para todos os que navegavam os mares do Sul. Chegando á Côrte de Lisboa a nova de que os Castelhanos tentavam estabelecer-se n'ella, concedeu D. João IV a Francisco Dias Velho a posse da mesma Ilha, e do territorio opposto no Continente; o qual tendo chegado com pouca gente, dava principio ao seu estabelecimento quando Roberto Lewis, corsario inglez, abordando alli o assassinou, e dispersou a Colonia (1655). Por tempos depois se conservou deserta aquella Ilha, até que em 1692 João Felix Antunes veiu com duzentos e sessenta Açorianos dar começo á povoação; para o que achou grande auxilio nos habitantes da Laguna, que, cento e trinta e cinco annos antes,

o Vicentista Domingos de Brito Peixoto havia começado a povoar.

As Capitanias do Norte tinham recebido consideravel augmento sempre protegidas pelas frotas, que de Portugal vinham annualmente comboiar os navios do commercio. Foi em um d'estes comboios que o distincto Almirante João Corrêa da Silva pereceu com mais de quatrocentos Portuguezes, naufragando perto da entrada da Bahia (1669). Todavia os selvagens, que se tinham retirado para o interior, não estavam de todo sujeitos, e uma vez por outra appareciam nos logares do centro, onde exerciam a sua natural fereza. Em um d'estes logares, na Povoação de Cayrú, foram os habitantes sorprendidos por oitocentos selvagens na occasião da Missa; porém o Capitão Manoel Barboza de Mesquita com sete soldados cahiu denodadamente sobre os barbaros, e os afugentou; succumbindo finalmente por effeito de cinco feridas que recebera, mas depois de haver salvado as vidas dos habitantes, cuja segurança lhe estava confiada (1672).

Entre as sabias providencias, que o Brasil deveu ao Regente D. Pedro, é mister contar a expressa ordem ao Vice-Rei Affonso Furtado de Mendonça (1674) para mandar povoar o territorio das Alagoas, e fortificar o porto de Maceyó, a

fim de prevenir o continuo contrabando do páu brasil, e preservar os poucos habitantes da costa do insulto dos traficantes estrangeiros (*). Por morte d'este Vice-Rei (1675) um triumvirato governou o Brasil até a chegada de Roque de Castro Barreto (1678), nomeado para succeder-lhe. Entretanto as vistas de D. Pedro se estendiam tambem para a parte meridional do Brasil. A Côrte de Lisboa tinha para si, que o Rio da Prata deveria servir de limite ás possessões hespanholas; e para conte-las ali imaginou fundar uma poderosa Colonia na margem septentrional do mesmo rio.

Confiou por tanto a execução d'este importante projecto ao Mestre de Campo D. Manoel Lobo, a quem nomeou Governador do Rio de Janeiro. A noticia da expedição assustou o Governador de Buenos-Ayres, que logo pediu explicações; porém Lobo, tendo lançado anchora em uma enseada defronte das Ilhas de S. Gabriel, respondeu que estava no seu direito, porque pisava o territorio do Rei seu Augusto Amo; e começou a edificar uma fortaleza (1680), origem da famosa Colonia do Sacramento, que foi o pomo

(*) A Comarca das Alagoas se conservou subordinada á Capitania geral de Pernambuco, e fazendo parte d'ella até o anno de 1817, em que por Decreto de 16 de Setembro do mesmo anno foi desmembrada para formar governo separado, tendo por primeiro Governador a Sebastião Francisco de Mello Povoas.

da discordia que desuniu entre si por muito tempo as Côrtes de Lisboa e de Madrid. O Governador Lobo, deixando o Forte do Sacramento em estado de defensa, voltou para o Rio de Janeiro. Não era passado um anno, quando o Governador do Paraguay com os Indios das Missões veiu attacar a Fortaleza, tomando-a de assalto, e arrasando-a logo até os fundamentos (1681). Por convenção das duas Corôas foi depois a Colonia restituida a Portugal, e reedificada por Duarte Teixeira Chaves (1683) (*). Voltemos agora aos Paulistas, cuja historia interrompemos para não preterir a ordem chronologica, que temos observado até aqui.

A Cidade de S. Paulo era rica e po-

(*) Como dissemos que a Colonia do Sacramento tinha sido o pomo da discordia, que desuniu por muito tempo entre si as Côrtes de Lisboa e de Madrid, apontaremos aqui as diversas vicissitudes porque passou este estabelecimento até a sua definitiva cessão aos Hespanhóes. Em 1703 D. Alonzo Valdez, pondo-lhe rigoroso assedio, obrigou o Governador Sebastião da Veiga Cabral a evacuar a Fortaleza, que voltou ao dominio portuguez em 1713 pelo Tratado de Utrecht. Em 1735 D. Miguel de Salcedo a attacou de novo, e apezar de haver reduzido a guarnição á mais calamitosa extremidade, foi a final repellido pelo valeroso Antonio Pedro de Vasconcellos, que a commandava. Em 1763 D. Pedro Cevalhos, Governador de Buenos-Ayres, attacou de improviso a mesma Colonia: o Governador Vicente da Silva da Fonseca resistiu com geral admiração por trinta dias consecutivos; mas obrigado a ceder ao poder do numero, sahiu pela brecha com toda a guarnição. Sobrevindo a paz, Cevalhos restituiu de novo a Colonia, entregando-a a Pedro José Soares de Figueiredo Sarmento, para isso expressamente nomeado. Assim permaneceu até que pelo Tratado de S. Ildefonso (1777) foi a Colonia do Sacramento definitivamente cedida á Hespanha, como se verá no logar competente.

pulosa, os seus habitantes já possuiam uma mina de ouro, que parecia inextinguivel; sem embargo, o seu genio inquieto e ambicioso não os deixava em repouso. Os mais emprehendedores se reuniram em caravanas, e se dirigiram ao Norte por um territorio agreste e montanhoso, que hoje forma o districto de Sabará, onde descobriram novas minas, das quaes tomaram posse em 1690. Ali fundaram a Cidade do mesmo nome, capital do districto, e enviaram para S. Paulo o producto de suas explorações. O ardor pela descoberta das minas tornou-se então geral e irresistivel entre os Paulistas. Formam novas caravanas, e proseguem na empresa começada, caminhando para o Oeste do Rio de Janeiro a travez da cadeia de montanhas, que separa da costa os terrenos auriferos. Combatem a cada passo com a tribu feroz dos *Botocudos*, e por fim lançam os fundamentos da povoação do *Ouro Preto* (1697), que foi mudada em 1711 para outro local com o titulo de Villa Rica.

A noticia correu bem depressa em S. Paulo, e outros aventureiros se puzeram a caminho para irem partilhar a fortuna dos primeiros; mas estes não estavam dispostos a repartir o fructo de seus grandes trabalhos, com quanto fosse o

ouro tão abundante que a todos fartaria, se consentissem em minera-lo de commum accordo. Discussões continuas degeneraram em guerra aberta; os dois partidos vieram ás mãos, e depois de um combate violento, foram os segundos derrotados. Os mortos foram enterrados nas margens do rio que d'ahi tomou, e ainda hoje conserva, o nome de Rio das *Mortes*. Informado El-Rei d'estas desordens, e de outras que se preparavam, tomou a deliberação de enviar Antonio de Albuquerque, official de reconhecida capacidade, para que pozesse cobro áquellas desavenças (*).

(*) Albuquerque veiu revestido do poder civil e militar, debaixo do titulo de Governador do Districto das Minas. Chegando ao Rio de Janeiro com um regimento ás suas ordens, recebeu aqui mais tropa, e foi a S. Paulo, e d'ali a *Ouro Preto*, onde desenvolveu toda a sua energia para impôr respeito aos partidos; o que conseguiu de todo á força de constancia e de muita prudencia. Em 1711 mudou elle a povoação do *Ouro Preto* para o local, onde hoje se acha a cidade do mesmo nome; porém com a mudança do sitio, mudou-lhe tambem o nome, dando-lhe o de *Villa Rica*. Foi aqui que elle lançou os fundamentos de uma Cidade regular com um palacio do Governo, um erario e uma casa de fundição. Segundo os seus poderes, e instrucções, deu um codigo de leis relativas ás minas, e aos mineiros, em virtude do qual eram estes obrigados a entregar aos officiaes d'El-Rei todo o ouro, que podessem colher nos seus terrenos, para ser redusido á barras, marcadas e selladas conforme o seu titulo e valor, e depois entregues aos proprietarios com um certificado, que autorisava para poderem correr. Permittiu-se tambem, para facilitar as transacções do commercio, a circulação do ouro em pó para os pequenos trocos e pagamentos. Tornada o centro de grandes riquezas, abriu Villa Rica o seu commercio com o Rio de Janeiro, ainda que sempre sujeita a S. Paulo; até que em 1720 se desmembrou, formando com o immenso territorio, que lhe

Antes de passarmos adiante, cumpre aqui darmos conta da celebre reunião dos *Palmares*, de cuja existencia fallámos no Capitulo 3.°, § VI. Dissemos então que havendo-se reunido grande numero de escravos fugidos n'aquelle logar, se tinham tornado formidaveis a ambos os partidos, assim aos Portuguezes como aos Hollandezes; levando o terror e a devastação por todos os logares visinhos, até que se constituiram em Estado independente e soberano. Com effeito, fraca foi a sua origem, porque constava tão sómente de quarenta negros armados, que ali se refugiaram; mas affluindo em pouco tempo muitos outros, ganhou a reunião um rapido e assombroso crescimento. Como os fugitivos não possuiam sufficiente numero de companheiras, sairam a procura-las á maneira dos Romanos, caindo brutalmente sobre as habitações visinhas, e apoderando-se de todas as mulheres de côr: Rocha Pita diz, que o roubo das Sabinas não fôra nem mais completo nem mais geral.

Os salteadores dos Palmares imitaram ainda os antigos dominadores do mundo, saqueando as povoações, e comettendo mil outras barbaridades. Os agricultores

---

fôra adjudicado, a importante provincia de Minas Geraes, cujo primeiro Governador e Capitão General foi D. Lourenço d'Almeida.

de Porto Calvo, obrigados a comprar a alliança dos negros, lhes forneciam armas, munições e outras mercadorias, e a Colonia Africana tomou um aspecto florescente e terrivel. A agricultura, a que os Palmarienses se entregaram com uma ordem e previdencia que fazem pasmar, adoçou seus costumes. Um chefe electivo e vitalicio, escolhido d'entre os mais bravos, denominado *Zumbè*, estava encarregado de vigiar sobre a segurança e augmento da povoação, executando por meio de Ministros de sua nomeação uma especie de codigo, hoje infelizmente ignorado. A religião adoptada era provavelmente o Christianismo, alterado por muitas superstições gentilicas.

Mais de meio seculo tinha decorrido desde o começo do estabelecimento, quando o Governo de Pernambuco amedrontado resolveu aniquila-lo. Caetano de Mello, que governava esta Capitania, de acordo com João de Lencastro, então Vice-Rei do Brasil, fez marchar sete mil homens de infantaria; porém os negros os repelliram vigorosamente. Com tudo, como os attacantes conservassem em sitio a povoação, em quanto lhes chegava a artilharia, que haviam requisitado, e os habitantes circumvisinhos se tivessem concentrado n'este ponto, veiu a fome completar a ruina dos sitiados, fazendo-os

succumbir aos primeiros tiros de canhão. Então viu-se um d'aquelles rasgos, que attestam ser o verdadeiro valor o mesmo em todas as especies do genero humano. Tendo que optar entre o horror do cativeiro e a morte, *Zumbé* e seus companheiros preferiram o ultimo partido, despenhando-se do pico de um rochedo alcantilado (1697). Os velhos, meninos e mulheres, foram vendidos; extinguiram-se as mesmas ruinas da Cidade, e só resta hoje dos Palmares a memoria de seus celebres habitantes (*).

(*) Veja-se a nota, que corresponde á pagina 134 d'este volume.

III.

Bispados do Brasil. Expedição malograda de Duclerc. Duguay Trouin toma a cidade do Rio de Janeiro, que foi depois resgatada pelos seus habitantes.

O Bispado da Bahia, creado em 1550, havia sido elevado á preeminencia de Arcebispado em 1676. Um synodo diocesano, celebrado em 1707, organisou a Constituição d'este Arcebispado primaz; a qual tendo sido aprovada pelo Governo Portuguez, ainda hoje rege os Bispados do Brasil. No mesmo anno de 1676, em que a Bahia tivera a primazia de Arcebispado, foram as Igrejas do Rio de Janeiro, Pernambuco e Maranhão, elevadas tambem á cathegoria de Episcopaes. O Pará só teve esta preeminencia em 1719, Minas Geraes e S. Paulo em 1746. Eis-ahi pois os Bispados que existiam no Brasil, e que ainda existem, com o accrescimo das duas Prelasias de Goyaz e de Matto-Grosso, creadas igualmente em 1746, e que foram tambem elevadas a Bispados por Bulla do Summo

Pontifice Leão XII, approvada pelo Decreto da Assembléa Geral Legislativa de 3 de Novembro de 1827.

Cessando por morte de Carlos II o ramo da dynastia Austriaca, que reinava na Hespanha, quiz Luiz XIV enthronisar n'ella seu neto o Duque d'Anjou. D. Pedro II de Portugal fez ao principio uma alliança com a França, mas cedendo á influencia do Gabinete de S. James, rompeu esta alliança para se lançar nos braços da Inglaterra. Ateada a guerra de successão na Hespanha, não só abrasou toda a Europa, como tambem levou suas faiscas á America. D. Pedro figurava como auxiliar dos Inglezes, e tomou uma parte activa na contenda. Morto elle, subiu ao throno seu filho e successor D. João V, que seguiu a mesma politica, e persistiu na alliança que seu Pai firmára contra Luiz XIV. A conducta de Portugal tinha excitado indignação geral em França. Armadores intrepidos faziam ricas presas sobre o commercio portuguez das duas Indias, quando um official da Marinha franceza concebeu o atrevido projecto de vir apoderar-se do Rio de Janeiro.

O Capitão Carlos Duclerc preparando uma expedição de seis navios armados, com mil homens de desembarque, fez-se á vela do Porto de Brest, e veiu surgir no Rio de Janeiro em Agosto de 1710.

O Governador Francisco de Moraes e Castro, avisado pelos habitantes de Cabo Frio da aproximação do inimigo, preparou-se para a defensa; mas sabendo que Duclerc desembarcara no porto da Guaratiba, e marchava sobre elle, em vez de disputar-lhe o passo em terreno proprio, conservou-se em inacção, e deixou que o invasor penetrasse na cidade, sem que das suas fileiras se disparasse um só tiro. Duclerc animado com tão cobarde recepção, se dirigiu sobre o Palacio do Governo; e o teria occupado, se Gregorio de Moraes e Castro, com quem a natureza fôra tão prodiga em coragem como avara para o Governador seu irmão, não defendesse o posto durante tres horas, até cahir mortalmente ferido.

Esta heroica resistencia acendeu os brios de Francisco de Moraes, que se aproximou então com suas tropas, quando já o inimigo tinha perdido quatrocentos homens. Duclerc retirando-se, foi loucamente encerrar-se no trapiche da cidade. Então o Governador, depois de infructuosa intimação, manda lançar fogo ao edificio, que continha boa porção de polvora. Aqui cabe mencionar o nome de Francisco de Macedo Brito, que possuindo n'aquelle logar, além de importantes propriedades, sua esposa, mãi e filhos, se offereceu para executar este atrevido projecto, em-

bora vôasse elle com tudo que lhe era mais caro. Os Francezes vendo-se em tão dura alternativa, depuzeram as armas, e renderam-se prisioneiros com seu chefe. Poucos dias depois foi Duclerc aleivosamente assassinado na sua prisão, embaciando este acto de infame cobardia todo o lustre da brilhante defeza do Palacio.

Chegaram a França estas novas desastrosas com pormenores ainda mais tristes; estremeceram os Francezes de horror sabendo do abuso, que se tinha feito da victoria: uma geral indignação occupou todos os animos, e o celebre Duguay Trouin, um dos maiores homens de mar que a França possuia, jurou vingar os seus compatriotas. Apoiado pelo commercio de S. Maló, e auxiliado por Luiz XIV, obteve Duguay Trouin armar dezeseis navios de alto bordo com quatro mil e quinhentos homens de desembarque, e com esta brilhante expedição apareceu na barra do Rio de Janeiro em Setembro de 1711. Entretanto o Governo Portuguez, atemorisado pela tentativa de Duclerc, tinha enviado para este porto quatro náus e tres fragatas, destinadas a transportar tropas e munições, debaixo do commando de Gaspar da Costa Atayde. Um navio entrado de Lisboa preveniu a Capital; mas dias depois o Governador, por fraco, vendido ou imprevidente, dando tal

noticia por falsa, mandou desguarnecer as fortificações e as trincheiras, que se haviam construido.

Duguay Trouin a favor do vento, maré, espesso nevoeiro, e da pouca resistencia das fortificações, ganha a bahia, e váe occupar a desguarnecida fortaleza da Ilha das Cobras, que tinha sido abandonada imprudentemente; e d'ali começa a bater a Cidade e o morro de S. Bento. Sem embargo, esta praça achava-se guarnecida com mais de oito mil homens, e a resistencia podia ser fatal ao inimigo, se este não tratasse logo de vencer quaesquer obstaculos, desembarcando todas as suas forças, e occupando os pontos mais prominentes, que dominavam as nossas fortificações. Com effeito, favorecido pelo fogo dos seus navios, que varriam as praias, e das suas lanchas armadas, foi desembarcar na praia de Valongo em tres columnas: a da vanguarda dirigida pelo Cavalheiro de Goyon, a da retaguarda por Adolpho Courserac, e a do centro pelo proprio Duguay Trouin. A imprevidencia do Governador tinha deixado esta paragem sem defeza, assim foi que a poucos passos estava o inimigo senhor do morro de S. Diogo, e de outras posições importantes.

Estabelecidas as baterias para fulminar a Cidade, antes de romper o fogo, escreveu

Duguay Trouin a Francisco de Moraes exigindo os assassinos do Capitão Duclerc, a liberdade de todos os prisioneiros, e uma quantia sufficiente que o indemnisasse das despezas da expedição. O Governador procedendo n'esta occasião por maneira, que mal se compadecia com a sua conducta anterior, responde que não satisfará a nenhuma das condições exigidas, e conclue protestando que saberá morrer no seu posto. Com esta resposta negativa deu Trouin o signal convencionado para que todas as baterias rompessem o fogo sobre a Cidade. Os navios francezes tinham ordem de atirarem juntos ao signal de terra, protegidos por uma noite tormentosa, em que o Ceo se desfazia em raios e as nuvens em agua.

Esta detonação simultanea, o ruido dos trovões, cem vezes repetido pelos echos das montanhas, e o clarão interpolado das boccas de fogo e dos relampagos, atterraram por tal modo toda a população, e mais que muito ao Governador, que a despeito dos votos da maior parte dos chefes e officiaes, foi o primeiro a abandonar a praça ganhando o interior do paiz. Todas as guarnições receberam ordem de deixarem as trincheiras, e os pontos que guardavam; ficando d'este modo deserta a Cidade, e á mercê do inimigo. Foi tão grande a desordem n'esta retirada

que as mesmas tropas, umas foram ter com o Governador ao Rio Iguassú, outras com o Mestre de Campo João de Paiva a Irajá, e algumas se dirigiram para Maxambomba com Francisco Xavier. Duguay Trouin informado d'este abandono pela manhã, deu-se pressa de entrar na Cidade para aproveitar o espanto dos Portuguezes com uma capitulação vantajosa.

Grande foi o trabalho que teve o General Francez para conter o saque da cidade, a que se havia entregado a sua tropa, e sobre tudo os prisioneiros do Capitão Duclerc, que se tinham evadido das prizões. No meio d'esta desordem geral pôde apenas manter a disciplina com fortes castigos, salvando d'esta arte muitos effeitos, que foram depois resgatados por seus proprios donos. Entretanto Duguay Trouin via bem, que não era possivel conservar uma praça cercada por inimigos numerosos, e que todos os dias podiam augmentar com os reforços do interior; tratou por tanto de tirar partido do primeiro assombro, propondo o resgate da cidade, e ameaçando com a incendiar e arrasar no caso de não ser acceita a sua proposta. Depois de algum debate pela differença no preço, assignou o Governador a afrontosa condição de pagar a Duguay Trouin seiscentos e dez mil cruzados em

moeda e quinhentas caixas de assucar, como contribuição de guerra, o que foi realisado dentro do prazo de quinze dias (*).

Tal foi o resultado da famosa empresa d'este celebre aventureiro: em onze dias triumphou de todos os obstaculos, viu-se senhor da Cidade mais importante do Brasil, e de todos os Fortes que a defendiam. Duguay Trouin regressou á França levando, não obstante o naufragio de uma de suas melhores náus, noventa e dois por cento sobre o custo da expedição. Avalia-se em mais de seis mil contos a perda dos particulares, além de toda a esquadra encalhada, e parte incendiada pelo commandante Atayde. Se os Portuguezes se sustentam mais vinte quatro horas, teriam recebido o possante soccorro de tres mil homens, que desceram de Minas Geraes commandados por Antonio de Albuquerque Coelho, dois mil dos quaes eram de boa cavallaria e infantaria. Assim outro, que não fosse o inerte

(*) Aos que quizerem saber as particularidades d'esta famosa empresa aconselhamos que leiam a participação, que a Camara da Cidade do Rio de Janeiro fez a El-Rei D. João V no mesmo anno d'este acontecimento, extrahida do registo das contas da mesma Camara a fl. 179, e se acha inserta no Jornal das Bellas Artes ou *Mnemosine Lusitana*, numero 13; assim como em uma Memoria do Bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, apresentada na Academia Real das Sciencias de Lisboa; e seq. trasladada no tomo 6.° da traducção portugueza da Historia do Brasil por Beauchamp.

e cobarde Francisco de Moraes e Castro, caro teria feito pagar ao invasor seu temerario arrojo (*).

(*) A Côrte de Lisboa, que por mal informada havia remunerado o Governador Francisco de Moraes e Castro, pelos serviços prestados na invasão de Duclerc, attribuindo a elle o que fôra devido ao denodo de seu irmão e ao temerario arrojo de Macedo Brito: mais bem inteirada agora, não só lhe retirou todos os seus favores, como o condemnou a degredo por toda a vida para os Estados da India.

IV.

Tratado de Utrecht. A Cidade de Marianna. Villa do Cuyabá. Villa Bôa de Goyaz. Primeiro diamante achado no Brasil. Tratado de 1750. O Marquez de Pombal. Extincção dos Jesuitas.

A paz de Utrecht, trazendo de novo a tranquillidade á Europa, reconciliou tambem Portugal com a França. Um Tratado particular entre as duas potencias assegurou os limites do Brasil pelo Norte (1713). Pelo artigo 8.° desistia a França de todas as suas pretenções sobre as terras chamadas do Cabo do Norte, situadas entre o rio das Amazonas e o do Oyapock. A Inglaterra afiançava a inteira execução do Tratado, e o Brasil já não tinha que temer da Europa. Depois da volta de Duguay Trouin, o Rio de Janeiro cuidou de reparar as suas perdas, e Antonio de Albuquerque regressou para Villa Rica, deposito natural do producto das minas. Abriu-se de novo o commercio com o Rio de Janeiro, interrompido pela invasão dos Francezes; porém a tranquillidade, que

se gosava em Villa Rica, foi perturbada no Sabará, onde os Mineiros resistindo ao imposto do *quinto*, pegaram em armas e se bateram contra as tropas reaes. Submettidos pela força, sujeitaram-se a todas as condições do oneroso tributo, pagando a quinta parte do ouro das suas lavras.

No em tanto crescia Villa Rica em população e riqueza; os seus habitantes estendendo-se por todos os lados fundaram a Cidade, a que deram o nome de Marianna, em honra da Rainha, que assim se chamava. Os Paulistas, apesar de suas immensas riquezas, não perdiam a mania das explorações. Foi um Paulista o primeiro que, penetrando pelos sertões até as cabeceiras dos rios Piauhy e Gurguéa, fundou Fazendas de criar no territorio do Maranhão, que depois se separou para formar a provincia do Piauhy. Em outras direcções avançaram igualmente os Paulistas a largos passos pelo interior do paiz. Pascoal Moreira Cabral, subindo o rio Cuchipomirim, edificou nas suas margens algumas cabanas (1719). No seguinte anno mudou-se o arraial para o logar da Forquilha, em cujas visinhanças o ouro se offerecia em tanta abundancia, que no espaço de um mez se extrahiram quatrocentas arrobas d'este metal. Em 1723 a povoação foi transferida para o sitio do

Cuyabá, sujeita a S. Paulo, e recebeu o titulo de Villa em 1729 (*).

Uma tradição conservada em S. Paulo designa as minas dos Martyrios, ao presente desconhecidas, como descobrimento de Bartholomeu Bueno, explorador de minas, e que se fez tão celebre no principio do seculo XVIII. Este homem activo, depois de haver descoberto este novo manancial, voltou a S. Paulo para angariar trabalhadores, e levar instrumentos proprios de mineração; tornando pelo mesmo caminho, parece que se desviou das minas dos Martyrios, das quaes perdeu os vestigios em desertos immensos, por onde andou errante muitos mezes. Porém não foram totalmente malogrados seus intentos, porque achou por fim as minas de Goyaz, que seu pai antes d'elle descobrira; Bueno tomou posse d'ellas, e se estabeleceu no logar onde hoje está o Arraial dos Ferreiros (1726). Foi d'estas minas que um filho do mesmo Bueno extrahiu o ouro, de que formou uma collecção de fructos brasileiros em tamanho natural, e os foi pessoalmente offertar a El-Rei D. João V. Em pouco tempo

(*) A primeira divisão que saiu de Cuyabá em 1730, transportando sessenta e cinco arrobas de ouro, foi acommetida por uma flotilha de mais de oitenta canoas com oitocentos Payagoás; os quaes depois de porfiado combate se apossaram da riquesa, matando noventa Portuguezes com perda de quatrocentos dos seus.

achou-se a povoação com mais de quatro mil almas, e foi então transferida para as margens do Rio Vermelho (1728), onde tomou o titulo de Villa Bôa em 1730.

Este periodo da Historia do Brasil se torna ainda mais notavel pelo descobrimento de novas e ficticias riquezas, que arruinando o Estado, iam pejar os cofres estrangeiros. Antonio da Fonseca Lobo tendo penetrado no Serro do Frio, em cata de terras auriferas, achou o primeiro diamante (1729) em uma mina, que enriqueceu os futuros exploradores. Muitos Sertanejos se dirigiram logo para aquella paragem, que a natureza, como querendo occulta-la aos olhos humanos, cercou de altas e escarpadas montanhas. Á intrepida ambição Paulistana se deve pois o descobrimento dos thesouros brasileiros; esta epocha porém, da qual pareceria datar a prosperidade d'estas colonias, é aquella em que mais se abandonaram as artes, e particularmente a agricultura, unicas bases solidas da felicidade das nações; por isso nenhum monumento existe de sua ephemera grandeza. A industria europea empresta hoje com avultados lucros aos Estados da America Meridional o mesmo ouro, em que ha um seculo nadavam os ociosos colonos.

A nação portugueza, que tinha successivamente tomado novos caracteres analogos

ás circumstancias, e sobre tudo ao genio dos seus differentes soberanos, tinha cahido em uma especie de aviltamento, desde que não mostrava essa energia, que a tornára assombro do Universo. A Inglaterra aproveitou-se d'esta degeneração dos Portuguezes para se apossar do commercio; parecendo ao principio contentar-se com o seu ouro, aspirou por fim apoderar-se de todas as suas riquezas. O Governo de D. João V tolhendo a actividade e industria portugueza, foi produsir iguaes effeitos em todas as colonias. Mais de quarenta annos que este principe occupou o throno, offerecem uma longa e humilhante retrogradação, e fazem do seu reinado uma epocha de luto nos annaes de Portugal. Durante este periodo, é verdade que o Brasil tinha-se augmentado com muitos novos districtos de minas; porém estas riquezas, longe de produsirem nenhum beneficio ao paiz, só serviram para dar um falso brilho á Côrte do Monarcha, e sustentar todo o fausto do seu fanatismo religioso.

A Côrte de Madrid aproveitando-se da fraqueza de D. João V, a quem uma proxima morte ameaçava, fez adoptar á Côrte de Lisboa o projecto da troca de algumas povoações do Paraguay pela Colonia do Sacramento (*). Mas os Portu-

(*) Tratado de limites das conquistas entre os Reis D. João V de Portugal, e D. Fernando VI de Hespanha, celebrado em

guezes do Brasil bem prompto conheceram, que não poderiam jámais governar os seus novos subditos, oppondo os Indios uma obstinação invencivel, decididos a não obedecerem senão aos seus soberanos espirituaes (*). De outro lado a Colonia do Sacramento recusava tambem reconhecer o Rei de Hespanha, e foi necessario empregar, senão a força, ao menos o aparato das armas para se conseguir a obediencia ás ordens da Côrte. Governava então D. José I, Principe fraco, cujo reinado foi só memoravel por terriveis catastrophes e pela administração do Marquez de Pombal, Ministro absoluto, tenaz e imperioso, a quem o Brasil sem embargo deve muito.

Apesar do quanto se imputa a Pombal,

Madrid a 13 de Janeiro de 1750. Este Tratado, cuja execução pela parte do Sul foi confiada a Gomes Freire de Andrada, não teve effeito por causa das difficuldades locaes, com que se não havia calculado na Europa. Gomes Freire, depois Conde de Bobadella, foi já nomeado por El-Rei D. José I Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, e partiu para o Rio da Prata em 1752.

(*) Os Jesuitas tinham de tal maneira sublevado aquelles Indios nas duas Colonias, com tamanho odio contra ambas as nações, tanto Portugueza como Hespanhola, que foi necessario levantar contra elles exercitos, e empenharem-se a prudencia e constancia do General Gomes Freire de Andrada por uma parte, e por outra a do Marquez de Valdelirios, para os abater e subjugar. Não era só no Sul que isto acontecia, porque desde o Pará escrevia ao mesmo tempo o irmão do Marquez de Pombal para a Côrte, dizendo, que a politica dos Jesuitas afrontava os seus esforços e o poder das armas. Veja-se a Deducção Chronologica e Analitica, e a Relação abreviada da Republica dos Jesuitas, inserta nas provas da mesma Deducção Chronologica, &c.

não era elle menos susceptivel de conceber grandes idéas, de dispôr com maduresa vastos planos, e de apressar a conclusão d'elles. Restabeleceu o commercio, e a este respeito lhe deveu Portugal vantagens reaes. Este Ministro, homem d'Estado, não hesitou em atacar ás claras os vergonhosos tratados concluidos com a Inglaterra: formou duas companhias de commercio, rivaes do monopolio inglez, promulgou ordenações salutares, e conseguiu subtrair Portugal á influencia britannica, debaixo da qual tornou depois a cahir. O Brasil não podia ser despresado por um Ministro occupado em tão grandes interesses nacionaes: confiando a repartição do Sul a Gomes Freire de Andrada, mandou para a do Norte a seu proprio irmão. Pelas relações que ambos estes Governadores enviaram á Côrte, penetrou-se o Marquez de Pombal da necessidade de extinguir o dominio dos Jesuitas (*).

(*) Pelo Alvará de 19 de Janeiro de 1759 foram os Jesuitas declarados banidos e proscriptos de Portugal; e pelo de 13 de Setembro (publicado na Chancellaria a 3 de Outubro) foram havidos como rebeldes, traidores, adversarios, e agressores que tinham sido contra a Pessôa d'El-Rei D. José, e por taes declarados proscriptos e desnaturalisados. Em virtude da Carta Regia de 21 de Julho do mesmo anno, fez o Conde de Bobadella prender os Jesuitas n'esta Cidade, e nas outras Capitanias do Sul, no mez de Novembro, mandando-os sahir de todos os logares onde residiam; outro tanto se praticou nas Capitanias do Norte com o mesmo sigillo e pontualidade. Por outro Alvará de 25 de Fevereiro de 1761 se mandou que os bens dos Jesuitas, consistentes em moveis não dedicados ao culto divino, e sómente

V.

Influencia da administração de Pombal sobre o Brasil. Guerras do Sul. Santa Catharina e a Colonia do Sacramento cahem em poder dos Hespanhòes. Dona Maria I. Queda do Marquez de Pombal. Tratados de 1777 e 1778. O Arraial do Tejuco. Grande diamante da Corôa de Portugal.

Era por sabios regulamentos, e vivificando o commercio, que Pombal fazia florescer o Brasil. Prohibiu que os colonos ricos, como era costume, enviassem suas filhas para os Conventos de Portugal, da Hespanha e da Italia: animou o commercio das provincias do Norte por meio de uma companhia: autorisou aos navios mercantes para que podessem sair de Portugal ou regressar do Brasil, quando bem lhes parecesse, abolindo as-

---

em mercadorias dos Conventos, seus fundos de terras, casas e rendas de dinheiro que possuiam livres, sem encargo pio, fossem, á semelhança dos bens vacantes, incorporados ao Fisco, e revertessem para a Corôa os que a seu beneficio haviam saido d'ella; o que assim se praticou em todo este Estado, e de mais dominios de Portugal. Esta violenta e inesperada medida causou sem embargo poucos pesares ao Brasil, onde o systema de civilisação adoptado pelos Jesuitas não tinha achado entre os Colonos, a cuja avareza se oppunha, senão repugnancia invencivel, e uma perpetua lutta de interesses. (*Annaes do Rio de Janeiro*, tom. 6.º)

sim o nocivo costume de não navegarem senão em comboi; no que perdiam tempo immenso, esperando uns pelos outros, com damno dos seus carregamentos: favoreceu todas as classes, especialmente os Indios (*), os escravos e homens de côr, por sabias pragmaticas: estimulou o genio dos Brasileiros, chamando-os aos mais elevados empregos: espalhou com mão prodiga a instrucção por todas as Capitanias: protegeu as artes e as sciencias: animou a agricultura e o commercio; e tudo isto sem desattender a segurança do paiz, tanto interior como exteriormente. Não esqueçamos todavia um dos maiores beneficios da sua administração, e foi o pôr limites ao poder da Inquisição, peando d'este modo a tyrannia, que este tremendo tribunal exercia sobre todas as consciencias.

No em tanto as provincias do Rio de Janeiro e de Minas tiveram de soffrer differentes incursões dos selvagens Goyta-

(*) « Declarando-se por Editaes postos nos logares publicos « das Cidades de Belem do Grão Pará, e de S. Luiz do « Maranhão, que os sobreditos Indios, como livres e isentos de « toda a escravidão, podem dispôr das suas pessôas e bens, « como melhor lhes parecer, sem outra sujeição temporal, que « não seja a que devem ter ás minhas leis, para á sombra « d'ellas viverem na paz e união Christã, e na Sociedade Civil, « em que, mediante a Divina Graça, procuro manter os povos, « que Deos me confiou; nos quaes ficarão incorporados os « referidos Indios, sem distincção ou excepção alguma, para « gozarem de todas as honras, privilegios e liberdades, de que os « meus vassallos gozam actualmente conforme as suas respectivas « graduações e cabedaes. » Lei de 6 de Junho de 1755.

cazes e Botocudos em 1757 e 1758; porém o zelo e actividade do Padre Angelo Peçanha poderam atalhar esta guerra barbara por meio de uma alliança concluida entre os Goytacazes e os Portuguezes de Minas; pacificação que nunca mais foi interrompida por parte d'estes selvagens, de tal sorte que, quando em 1767 a provincia de Minas foi attacada por todos os lados pelos Botocudos, governando Luiz Diogo Lobo da Silva, foram os Goytacazes chamados pelo Padre Peçanha em auxilio dos Mineiros, e não só correram em defeza de seus alliados, como cairam sobre os Botocudos, fizeram n'elles grande carnagem, e os forçaram a retirar-se para além do Rio Doce. Causará sem duvida assombro que esta nação brasileira, posto que em paz comnosco, conserve ainda hoje a sua inteira independencia.

Hostilidades mais serias ameaçavam o extremo meridional. Chegando á America a nova do rompimento da paz entre Portugal e a Hespanha (1762), D. Pedro Cevallos attacou de improviso a Colonia do Sacramento, e continuando a sua marcha foi occupar os Fortes de S. Miguel, Santa Thereza, e S. Pedro (1763). N'este mesmo anno mandou El-Rei D. José transferir a Capital do Estado do Brasil da Bahia para o Rio de Janeiro, onde

se fixou o Vice-Rei (*), afim de mais facilmente acudir á guerra do Sul. Os Brasileiros por sua parte oppuzeram invasão á invasão: penetraram pelo interior de Matto Grosso até os estabelecimentos do Perú: fundaram a Fortaleza da Nova Coimbra sobre o Paraguay: rechaçaram do Rio Pardo um corpo de mil e seiscentos homens, derrotando-os completamente; e organisaram uma cavallaria errante á maneira da dos Arabes Beduinos, tão terrivel que os Hespanhóes, acommettidos de um terror panico, fugiam sómente ao seu aspecto.

Todavia as Côrtes de Madrid e de Lisboa não se hostilisavam na Europa; fallava-se mesmo de ajustes de paz, com quanto Portugal recusasse dar uma satisfação reclamada pela Hespanha. Para vingar offensas, que dizia ter recebido, pôz no mar a Côrte de Madrid cento e vinte vélas guarnecidas com dez mil homens de tropa de desembarque, dois mil sol-

(*) Por morte do Conde de Bobadella, Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, em 1763, mudou-se a Capital do Estado do Brasil para esta Cidade, e desde então sete Vice-Reis teve o Rio de Janeiro: 1.° O Conde da Cunha D. Antonio Alves: 2.° O Conde d'Azambuja D. Antonio Rolim de Moura: 3.° O Marquez de Lavradio D. Luiz de Almeida: 4.° Luiz de Vasconcellos e Sousa: 5.° O Conde de Rezende D. José de Castro: 6.° D. Fernando José de Portugal, depois Marquez de Aguiar: 7.° finalmente o Conde dos Arcos D. Marcos de Noronha e Brito, cujo governo terminou com a chegada da Rainha e do Principe Regente no dia 7 de Março de 1808. (*Revista Trimensal do Instituto Historico, tomo* 2.°, &c.)

dados de marinha, armamento e munições em abundancia, e viveres para seis mezes. Esta grande armada partiu nos primeiros dias de Novembro de 1776 debaixo do commando de D. Pedro Cevallos, que o Rei Catholico nomeára Vice-Rei e Capitão General de toda a provincia de Buenos Ayres, com ordem de reprimir os excessos dos Portuguezes. A armada conseguiu mais na America do que as negociações na Europa. Os Hespanhóes tiveram a vantagem, e retomaram dos Portuguezes quasi todas as Praças, que estes lhes tinham arrebatado: apoderaram-se sobre tudo da Ilha de Santa Catharina, chave do Brasil Meridional (*).

(*) Chegando a esquadra Hespanhola á Ilha de Santa Catharina, onde commandava o General Antonio Carlos Furtado de Mendonça, foi tal o terror panico, que se apoderou dos principaes Cabos de guerra á vista do inimigo, que se renderam vergonhosamente á discrição, a pesar de estar a ilha bem provida de gente e munições em estado de resistir por muito tempo. Entre outros corpos, que ali se achavam de guarnição, estava o regimento de infantaria de Pernambuco: assim que se espalhou a noticia de que Cevallos não admittia capitulação, e que era mister entregar-se á discrição, o Alferes do mesmo regimento José Corrêa da Silva, natural da Villa do Recife, tomou a bandeira do seu regimento, cingiu-se com ella, e entranhou-se pelo sertão. Facil é imaginar todas as privações porque passou este bravo official, atravessando toda a provincia de S. Paulo e a de Minas até que logrou, ao cabo de seis mezes, chegar a Pernambuco com o deposito sagrado, que elle quasi arrebatára das mãos do inimigo. Depois da paz, quando se restaurou o regimento, foi José Corrêa nomeado Tenente Ajudante, e depois Capitão encarregado da policía da Capital, com o governo da Fortaleza do Mar, que conservou até sua morte em 1810, sendo já Tenente Coronel. Tenho tanto mais obrigação de mencionar este lance brioso, quanto que este official foi um dos meus avoengos, cujos relevantes serviços ainda hoje recorda com ufania a provincia de Pernambuco.

O Marquez de Pombal quiz em vão oppôr algumas forças navaes á grande armada da Hespanha. O máu estado de saude d'El-Rei D. José, e o embaraço de todas as partes da administração, tinham feito contra os interesses do Brasil uma poderosa diversão. A Colonia do Sacramento, reconquistada e restabelecida pelos Portuguezes, experimentou a mesma sorte. El-Rei D. José não chegou a ver o fim d'esta guerra pouco honrosa: morreu em 1777, deixando o throno a sua filha Dona Maria, casada com D. Pedro seu tio. A desgraça de Pombal assignalou os primeiros momentos d'este novo reinado. Os Portuguezes não perdoaram a este grande politico o uso arbitrario, que fizera do poder; mas a Historia imparcial deve reconhecer, que as suas medidas e projectos tinham por alvo tirar seus compatriotas do abatimento em que se achavam, fazer reviver o commercio, e animar a industria nacional. A sua constante sollicitude pelo Brasil foi marcada por melhoramentos, que o tinham levado a um ponto de prosperidade até então desconhecido.

O novo reinado pôz termo ás contrariedades, que dividiam as duas nações na America por causa dos limites das respectivas Colonias. O Tratado de S. Ildefonso, concluido no mesmo anno de 1777,

determinou as fronteiras do Brasil pelo Sul e pelo Norte; e o do Pardo, assignado pelos mesmos Plenipotenciarios em 11 de Março de 1778, estipulou as condições de amizade, garantia e commercio, que deviam existir entre as duas Corôas. O Tratado de S. Ildefonso limitando a immensa extensão da America Portugueza, abandonava irrevocavelmente á Hespanha a Colonia do Sacramento, e deixava livre á esta potencia a possessão da margem septentrional do Rio da Prata. Desde então viveram em paz as duas nações até 1801, em que novas causas vieram provocar em ambos os hemispherios uma guerra sem resultados.

Já dissemos como em 1729 foi achado o primeiro diamante no Brasil; mas foi só no reinado da Rainha D. Maria I, e no fim do seculo XVIII, que os exploradores começaram a procurar os diamantes no leito dos rios e nos barrancos. O Serro do Frio, que encerra a maior quantidade d'estas pedras preciosas, consiste em uma cadêa de montanhas, que tem uma direcção Norte Sul na provincia de Minas Geraes. Formou-se alli o famoso estabelecimento do Tejuco, que designam debaixo do nome de Districto Diamantino, e cuja extensão é de dezeseis leguas N. S. e de quasi oito L. O. O seu terreno esteril para a agricultura, é regado pelo Giqui-

tinhonha, o rio mais rico do mundo, pois que corre por um paiz semeado de diamantes. Para prevenir que a abundancia d'estas pedras não diminuisse o seu valor, creou-se uma administração Real como monopolio da Corôa, com prohibição de que ninguem mais explorasse aquelles terrenos.

Outras partes do Brasil, taes como o districto do Cuyabá e as montanhas de Guarapuara na provincia de S. Paulo, possuem tambem diamantes. Outros lugares ha, em que igualmente se tem descoberto de mui bella agua. O maior diamante, que possue a Corôa de Portugal, foi achado em 1800 perto de um regato, chamado Abayté, por tres malfeitores condemnados a exilio: um Ecclesiastico o apresentou ao Governador de Minas. O volume prodigioso da pedra, pesando sete oitavas de onça, fez duvidar de que fosse diamante, até que reiteradas experiencias fizeram convencer da sua identidade. Esta maravilha foi enviada a Lisboa, e os degradados obtiveram o perdão. Uma companhia, que depois foi explorar as margens do Abayté, colheu apenas com que equilibrar as suas despezas.

VI.

Projecto de revolução em Minas. O Principe D. João Regente de Portugal. Estado do Brasil no fim do seculo XVIII. Guerra de 1801. Transmigração da Familia Real de Bragança para o Brasil.

Desde a paz de 1777 se conservava o Brasil em completa tranquillidade, quando um facto, tão notavel por ser o primeiro que revelou assomos de independencia, como pela singular incuria com que se houveram os principaes que n'elle figuraram, veiu occupar todos os espiritos. Sendo Luiz da Cunha e Menezes Governador de Minas Geraes (1786), teve aviso de que uma conspiração com o fito de declarar independente aquella provincia, sob um governo republicano á imitação do da America Ingleza, estava a ponto de rebentar. Tão chimerico intento não mereceu a attenção do Governador; e os revolucionarios ganhando maior vigor, tiveram tempo de grangearem novos socios nas differentes povoações de Minas.

Com a chegada de outro Capitão General, o Visconde de Barbacena, por occasião de se effeituar a cobrança do imposto do ouro (1788), que tinha ficado em consideravel atraso, quizeram os insurgentes romper na revolta; mas considerando então que a sua posição topographica, no interior do paiz, era menos propria para tal projecto, enviaram ao Rio de Janeiro Joaquim José da Silva Xavier, denominado o *Tiradentes*, com o fim de aliciar partido n'esta cidade. José Alves Maciel, natural de Minas, que acabava de regressar da Europa (*), asseverou ao Emissario que as Potencias, que tinham protegido a emancipação da Colonia Ingleza, não deixariam de favorecer igualmente a causa de Minas Geraes, e que poderiam contar com um exercito francez, e uma armada hespanhola ou hollandeza em seu favor ao primeiro grito de liberdade, que soasse no Brasil.

Nada mais necessitou o inexperto *Tiradentes* para voltar a Villa Rica, contente da sua missão; e o que mais espanta, isto bastou para que a maior parte dos conjurados contasse com feliz successo.

(*) He provavel que este Maciel fosse o mesmo individuo, de quem falla Thomaz Jefferson na sua carta de 4 de Maio de 1787, dirigida a John Jay desde Marselha, e cujo extracto vem a pag. 209 do tomo 3.° da Revista Trimensal do Instituto Historico, &c. Recommendamos a leitura d'este extracto, que nos parece de grande importancia para a historia patria.

Em ultimo accordo, depois de adoptarem novas leis e nova bandeira, resolveram pôr-se em campo no momento, em que o Governo mandasse realisar a cobrança expressamente retardada; então soltando vivas á Republica, esperavam que a tropa de linha, commandada pelo conjurado Francisco de Paula Freire de Andrade, se lhes unisse. Uma proclamação fazia conhecer ao povo, que ficava desonerado de todos os impostos: o Governador seria preso, ou assassinado em caso de resistencia, e em ultimo apuro, se prometteria liberdade aos escravos.

N'esta conjunctura um dos conspiradores, por nome *Joaquim Silverio dos Reis*, denunciou todos os seus cumplices ao Visconde de Barbacena, que instruiu de tudo o Vice-Rei do Rio de Janeiro; em consequencia do que foram immediatamente presos os denunciados sem a menor resistencia (1789). Joaquim José da Silva Xavier, julgado chefe da conspiração, foi o unico que expiou na forca o delirio de todos os rebeldes. Claudio Manoel da Costa e Joaquim da Silva Pinto do Rego Fortes morreram na prisão; outros dez, igualmente condemnados ao ultimo supplicio, esperavam a hora final (encarcerados no mesmo edificio, onde por um estranho acaso alguns d'elles vieram depois figurar como membros da

Assembléa Constituinte), quando lhes foi intimada uma Carta Regia (1792), dirigida ao Vice-Rei Conde de Rezende, commutando-lhes a pena em degredo para diversos presidios d'Africa. Assim se malogrou o insensato projecto de uma sociedade, que mantinha no proprio seio o germen de sua destruição (*).

D. Pedro III, Rei apenas titular, Tio e Marido da Rainha Reinante, morreu em 1786. D'este consorcio dois Principes existiam de contrarios caracteres: o mais velho, D. José, dava as mais bellas esperanças, em quanto o mais moço, apartado dos negocios, seguia as suas inclinações pacificas e religiosas. A morte arrebatou (em 11 de Setembro de 1788) o herdeiro do throno, e D. João de Bragança veiu a ser Principe do Brasil. Chamado pela sorte para occupar o throno, viu-se dentro em pouco obrigado a lançar mão das redeas do Estado pela molestia e impossibilidade da Rainha sua Mãi. Governou ao principio sem mais titulo algum particular, que o de herdeiro presumptivo da Corôa; porém como as circumstancias se tornassem mais difficeis para Portugal,

(*) A gente de côr na Bahia tramou tambem uma revolta em 1801, mas foi descoberta antes que se tivesse effeituado tentativa alguma, porque a reciproca communicação entre as provincias não prestava a facilidade necessaria para que se generalisasse. Alguns foram executados, sem que a tranquillidade publica fosse um só momento alterada.

tomou então o titulo de Regente do Reino (*).

Vejamos agora o estado do Brasil no fim do seculo, que acabamos de passar em resenha. A America Portugueza achava-se dividida em dezesete governos debaixo de differentes denominações, e constava do Vice-Reinado do Rio de Janeiro: de oito Capitanias Geraes, a saber: o Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, S. Paulo, Minas, Goyaz, e Matto Grosso: e de oito Governos subalternos, que eram os seguintes: Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Sergipe, Espirito Santo, Santa Catharina, e Rio Grande do Sul. Ainda hoje subsiste a mesma divisão com o accrescimo tão sómente da Provincia das Alagoas, que foi desmembrada da de Pernambuco em 1817, como já tivemos occasião de dizer. Assim pois o Imperio acha-se hoje dividido em dezoito Provincias da mesma forma que existia antes da Independencia, com a unica differença de que hoje tem todas ellas a mesma cathegoria, ainda que distinctas representações segundo a população de cada uma.

As Provincias do Norte, dadas inteira-

(*) Tendo governado em nome da Rainha sua mãi desde 10 de Fevereiro de 1792, tomou o titulo de Principe Regente em virtude das Leis fundamentaes da Monarchia Portugueza por Decreto datado no Palacio de Queluz aos 16 de Julho de 1799.

mente á agricultura e á criação, tinham augmentado com incrivel rapidez a sua industria e riqueza, quando uma secca tremenda veiu devastar os sertões, desde Pernambuco até Piauhy, no ultimo periodo do seculo passado. Todavia, Maranhão exportava em abundancia arroz e algodão, Pernambuco algodão e assucar, e a Bahia assucar e tabaco, além do páu brasil que, por ser monopolio da Corôa, pouco ou nada influia para a riqueza do paiz. Se podessemos hoje avaliar a população d'aquellas Provincias na éra, de que tratamos, se podessemos comparar o seu bem-estar d'aquelle tempo, suas commodidades, seus usos e costumes, sua afamada hospitalidade, sua vida patriarchal no seio da religião e da fé, quem sabe se teriamos a deplorar o nosso estado de progressiva civilisação em troco de algumas virtudes, de que se gloriavam nossos antepassados. O certo é que as Provincias do Norte, á excepção da Bahia e de Pernambuco, não tem tido o augmento proporcionado das Provincias do Sul.

O acontecimento de Minas (1789) em nada tinha alterado a tranquillidade da repartição do Sul, de sorte que o augmento progressivo da população e do commercio foi espantoso nos ultimos annos do seculo XVIII. Ainda quando as

minas não fossem já tão productivas, como em suas primeiras lavras, com tudo a agricultura tinha suprido a falta dos seus productos, com a vantagem do accrescimo de industria e da mudança de costumes barbaros para outros mais suaves, consequencia da estabilidade dos povos agricolas, entre os quaes a familia é a primeira necessidade. O café, que hoje forma a grande riqueza da maior parte do districto do Sul, foi um thezouro ainda na infancia, que nos legou o seculo passado. Santa Catharina, e o Rio Grande de S. Pedro sobre tudo (*), prosperavam visivelmente, quando a guerra de 1801 veiu alterar a marcha do seu engrandecimento.

Chegando ao Rio Grande a noticia da declaração da guerra pela Hespanha, cuidou logo o Tenente General Sebastião Xavier da Veiga Cabral, que commandava n'aquella Provincia, de providenciar ácerca da defensa de todos os seus pontos, a

(*) « No remanso de uma paz de mais de vinte annos « (desde 1778 até 1801) florescia maravilhosamente esta pro- « vincia: a exuberante fertilidade do seu solo ministrava « variados artigos de commercio para infinito numero de « embarcações, que pejavam seus portos, e lhe tinham ao « longe grangeado creditos de *Celleiro do Brasil*; pelo interior « exportava copiosissimas e successivas tropas de animaes para « os territorios de S. Paulo e de Santa Catharina, e com a « nação limitrophe nutria vantajoso trafico; crescia em po- « voação, e por toda ella reinava a abundancia, a riqueza e « a satisfação. . . . . » (Annaes da Provincia de S. Pedro pelo Visconde de S. Leopoldo, Cap. XI.)

fim de evitar uma sorpresa dos Castelhanos pela extensissima linha das fronteiras. Estas medidas assustaram o inimigo, de sorte que abandonou immediatamente todas as vertentes da Lagoa Merim, ficando os nossos estabelecimentos cobertos pelo rio Jaguarão. O General Veiga Cabral, aproveitando habilmente este desanimo do inimigo, fez attacar o Forte do Serro Largo pelo Coronel Manoel Marques de Souza, que o rendeu por capitulação depois de um pequeno fogo. Os Hespanhóes abandonaram tambem as guardas de Batovy, Taquarembó, e o Forte de Santa Tecla, que os nossos arrasaram. Desde então as partidas portuguezas talavam francamente os vastos campos aquem do Rio da Prata; dictou porém a prudencia que voltassem ao alcance dos soccorros e da defensa.

Todavia, não é tanto para admirar o valor dos nossos Chefes e tropas do Rio Grande, como o arrojo inaudito de vinte aventureiros, que, commandados por Manoel dos Santos Pedroso, conquistaram os sete povos das Missões com a presteza do raio, engrossando suas fileiras com outros aventureiros, que depois dos primeiros successos se lhes foram reunir. Os Hespanhóes foram por toda a parte batidos, expulsos e perseguidos até além do Uruguay. Assim, por um golpe de audacia,

um punhado de homens, sem armas nem munições, que foi preciso arranca-las valorosamente dos proprios inimigos, annexou esta porção de territorio aos dominios portuguezes (*). A morte porém do General Veiga Cabral veiu pôr em confusão toda a provincia pela orphandade do Governo, e muito mais pela desavença entre os Chefes, que aspiravam ao mando superior. O Serro Largo foi de novo occupado pelos Hespanhóes, e novos conflictos iam apparecer, quando se houve noticia da paz celebrada em virtude do Tratado de Badajoz.

Tal era n'esta epocha o estado do Brasil, que iguala em extensão aos maiores Imperios do Mundo, e que não era então senão uma Colonia de uma das mais pequenas Monarchias. Vejamos como esta possessão colonial se tornou o assento do Governo e a metropoli da Monarchia Portugueza.

Em vão se esforçava Portugal por ficar neutral na grande lutta, que acabava de se empenhar entre a Inglaterra e a França. Velhos Tratados e relações intimas faziam inclinar a Côrte de Lisboa em favor da causa de sua antiga alliada. Finalmente exigiu a França que o Regente de Por-

(*) Sobre esta assombrosa empreza, e seus resultados, consultem-se os Annaes do Visconde de S. Leopoldo, Cap. 12 e 13.

tugal se explicasse com franquesa, e requereu que annuisse sem demora ao systema continental. O Principe Regente tudo prometteu, mas retardou a execução debaixo de diversos pretextos, até que urgido e ameaçado por uma invasão repentina, declarou a guerra á Inglaterra, oito dias depois que o Embaixador francez deixára Portugal.

N'este mesmo tempo a esquadra do Almirante Sidney Smith estabeleceu o bloqueio mais rigoroso na embocadura do Tejo. Lord Strangford, Embaixador inglez, não deixou ao Regente senão a alternativa de entregar a sua armada á Inglaterra, ou de a empregar immediatamente para transportar a Familia Real de Bragança ao Brasil, a fim de a subtrahir á influencia do governo francez. O momento era decisivo: o exercito de Napoleão penetrava nas montanhas da Beira; um partido vigoroso podia sómente salvar a Monarchia, e cumpria escolher entre Portugal invadido e o Brasil intacto. Não ficava portanto ao Regente outro recurso senão trocar uma situação precaria na Europa por um Imperio vasto na America (*). De repente

(*) O Padre Antonio Vieira já tinha lembrado este arbitrio a D. João IV, e antes d'elle o Jesuita Camara a D. Sebastião. Diz-se tambem que o Marquez de Pombal o sugerira a D. José I; outros porém asseveram que fôra D. Luiz da Cunha. Na grande lutta em que a Europa se achou empenhada no fim do seculo passado, o celebre Pitt concebeu a idéa da

tira-se o Principe de suas indecisões, e promulga um Decreto Real, em que annunciava a sua intenção de se retirar para o Rio de Janeiro até a conclusão de uma paz geral.

Nomeou depois uma Regencia para a administração do Reino durante a sua ausencia: fez embarcar os archivos, o thesouro, e os effeitos mais preciosos da Corôa; e estando tudo disposto para a sua partida, dirige-se ao porto acompanhado por sua familia, e por uma multidão de vassallos fieis, que o seguiram até a bordo da sua frota. Na manhãa do dia 29 de Novembro de 1807 passou a armada real atravez da esquadra ingleza, que a salvou com vinte e um tiros. Esta salva foi correspondida, e as duas esquadras se reuniram, offerecendo d'este modo um espectaculo nunca visto. A armada portugueza ganhou dentro em pouco o alto mar, escoltada pela britannica, transportando para o Brasil as esperanças e a fortuna da Monarchia Portugueza.

---

trasladação da Casa de Bragança para o novo hemispherio, como se collige de um opusculo d'aquelle Ministro, que se acha traduzido na nossa lingua. Esta resolução, que parecia momentanea, era pois o resultado de um plano, ha muito concebido pelos Inglezes, que em politica são os melhores mestres, como tinham sido os Jesuitas, que primeiro o aconselharam. O que teria sido o Brasil se D. Sebastião, seguindo o conselho do Padre Camara, em vez da expedição da Africa em que elle e o seu Reino se perderam, tivesse vindo fundar uma Monarchia d'este lado do Atlantico? Quaes teriam sido os destinos da nossa patria?

CAPITULO SEXTO.

1808—1821.

I.

A Familia Real chega ao Brasil. Enthusiasmo geral. Os portos do Brasil abrem-se a todas as nações amigas. Novos e importantes estabelecimentos. Tomada e occupação de Cayena. D. Rodrigo de Souza Coutinho. Os aventureiros que acompanharam a Familia Real. O Brasil elevado á categoria de Reino.

Durante a viagem foi dispersa a esquadra por uma tempestade, arribando alguns navios a varios portos do Brasil, e vindo ter outros directamente ao Rio de Janeiro. Entre os que arribaram á Bahia, achou-se a Capitania, em que vinha o Principe Regente, a qual entrou e fundeou no porto no dia 19 de Janeiro de 1808. É impossivel descrever o enthusiasmo com que Portuguezes e Brasileiros receberam e festejaram o Chefe da Casa de Bragança; basta dizer que durante a sua estada n'aquella Cidade, testemunharam

os habitantes da Bahia a sua affeição e lealdade por toda a classe de demonstrações de regosijo, de grandeza, e de magnificencia, que os seus meios e fortunas podiam proporcionar-lhes. Querendo dar ao Principe uma prova mais solida da sua dedicação, e do seu grande respeito, votaram unanimemente uma somma enorme a fim de edificar um Palacio para a Familia Real, se o Principe se dignasse residir entre elles; mas as razões de Estado não lhe permittiram, que accedesse aos desejos e supplicas dos habitantes da Bahia.

Os do Rio de Janeiro, mais felizes, receberam no meio do enthusiasmo geral o seu Soberano (7 de Março), que estabeleceu n'esta moderna Capital do Brasil o assento da Monarchia Portugueza. Nenhum porto do mundo está mais bem situado para o commercio: tem uma entrada segura, e uma facil sahida, e parece destinado a ser o centro da cadeia, que prende as relações entre as cinco partes do globo. A presença de um Governo activo e sabio era tudo quanto faltava a tantas vantagens reunidas. Nove dias depois da sua chegada á Bahia (28 de Janeiro) fez o Regente publicar uma Carta Regia, franqueando os portos do Brasil á Inglaterra, e ás Potencias em paz com a Corôa de Portugal, com a imposição só-

mente de vinte quatro por cento de direito de importação; medida de grande consequencia para o engrandecimento do paiz, e devida aos conselhos e instancias do Conde da Ponte, então Governador e Capitão General da Provincia da Bahia.

Em 21 de Outubro do mesmo anno se organisou um Banco Nacional no Rio de Janeiro. Crearam-se logo os principaes Tribunaes para a administração da Fazenda e da Justiça; promulgou-se um Decreto permittindo o livre exercicio de toda a especie de industria; estabeleceram-se varias Repartições de segunda ordem para regular o commercio, fabricas, e outros objectos, e finalmente montou-se a Imprensa Regia. A todas estas vantagens, devidas á sollicitude de D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois Conde de Linhares, accresceram outras de não menos importancia: fundaram-se Academias para a Marinha e para o Exercito, e outra Medico-Cirurgica; abriram-se ao Publico as portas da Bibliotheca Real; crearam-se varios outros estabelecimentos, como o Archivo Militar, o Arsenal de guerra, e a Fabrica da polvora. Finalmente recommendou-se aos Capitães Generaes e Governadores das Provincias, que abrissem caminhos, facilitassem as communicações, e animassem por todos os meios possiveis a agricultura, as fabricas, e a navegação.

Entretanto a invasão repentina dos Francezes em Portugal, sem previa declaração de guerra, tinha collocado o Principe Regente na necessidade de declara-la á França; e isto foi o que elle fez logo depois que chegou ao Rio de Janeiro (1.º de Maio). Declarada a guerra, não era possivel permittir que a Colonia franceza de Cayena se conservasse ás portas do Brasil; deu-se portanto ordem para preparar uma expedição, que devia organisar-se no Pará, onde era Governador José Narciso de Magalhães e Menezes. Um corpo de Pernambuco embarcou para o Amazonas, e d'alli com outras tropas em numero de novecentos homens ao mando do Tenente Coronel Manoel Marques, com duas embarcações de guerra, foi desembarcar no Continente; apoderando-se logo de tres pontos principaes, obrigou o Governador da Colonia, Victor Hugues, a pedir capitulação. Os Brasileiros entraram triumphantes na praça, na qual se arvorou a bandeira nacional, saindo a guarnição franceza de seiscentas praças com todas as honras da guerra (1809), debaixo da condição de ser transportada para França em navios portuguezes (*).

(*) O Governador Victor Hugues para disfarçar a cobardia, ou pelo menos negligencia, com que mal tinha defendido a Colonia, desculpou-se em França dizendo, que os Portuguezes, logo que saltaram em terra, foram incendiando as habitações,

Esta pequena correria, pois não merece outro nome, não distraiu as vistas do sabio Ministro Conde de Linhares, sempre dirigidas ao melhoramento d'esta importante parte da Monarchia. A agricultura sobre tudo lhe mereceu constante protecção, assim por meio de novos colonos mandados vir expressamente das Ilhas dos Açores, e que se espalharam pelas Provincias da Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Minas, e S. Paulo, como por uma Colonia chineza contractada para occupar-se no plantio e preparação do chá, cuja cultura forma hoje um dos ramos da nossa industria agraria. Fundaram-se quatro Jardins Botanicos em diversas Capitanias, concedendo-se generosos premios, pecu-

---

e sublevando os escravos contra seus senhores com a promessa de liberdade. Este facto, além de inverosimil por suas funestas consequencias, foi desmentido por um conselho de inquirição, a que de parte do governo francez se mandou proceder em Cayena, onde os habitantes não accusam os Portuguezes de semelhante attentado, e criminam muito de indolente e desanimado aquelle Governador. Com a adquisição d'este territorio avançavam os limites do Brasil até a foz do Marony; e assim permaneceram até que foi a Colonia restituida á França (8 de Novembro de 1818) pelo Tratado de 28 de Agosto de 1817, em execução do artigo 107 da Acta do Congresso de Vienna, firmada em 9 de Junho de 1815. O não se terem demarcado os limites consignados no artigo primeiro d'aquelle Tratado, logo depois da restituição de Cayena, pela negligencia do Governo Portuguez, deu logar á lutta diplomatica, em que nos achamos empenhados até o corrente anno (1841) com a França sobre a occupação do ponto do Amapá por esta potencia. — Deus permitta que sejamos agora mais prudentes para evitarmos no futuro compromettimentos de outra natureza, fixando de uma vez para sempre os nossos limites naturaes, segundo se acha convencionado no referido Tratado de 1817.

niarios ou honorificos, aos que introduzissem no Brasil quaesquer plantas exoticas; mandou-se vir expressamente de Cayena um naturalista (Monsieur Germain) para dar começo a estes estabelecimentos; e muito mais teria feito aquelle Ministro, se a morte o não arrebatára tão cedo (1812) com geral sentimento de todos os Brasileiros.

De mistura com estas vantagens alguns males sobrevieram: um enxame de aventureiros, necessitados e sem principios, acompanhou a Familia Real; foi necessario por tanto admitti-los nos differentes ramos da administração. Existindo desde muito tempo a rivalidade entre Portuguezes e Brasileiros, este procedimento da parte do Governo veiu ainda mais augmenta-la; além de que os novos hospedes pouco se interessavam pela prosperidade do paiz; considerando temporaria a sua ausencia de Portugal, tratavam mais de enriquecer-se á custa do Estado, do que de administrar justiça ou beneficiar o publico. Era igualmente notavel a extravagancia e prodigalidade da Côrte: ao mesmo tempo que a *Ucharia* por si só consumia seis milhões de cruzados, e as suas despezas eram pontualmente pagas, os empregados publicos estavam atrazados nove e doze mezes na percepção de seus honorarios; viam-se por isto necessariamente obri-

gados a recorrer á prevaricação para poderem subsistir.

Apesar de todos os beneficios, que o Conde de Linhares tinha proporcionado ao paiz, de muitos mais necessitava ainda, e só um genio como o seu poderia proseguir, depois da sua morte, na importante tarefa que elle tinha começado; mas infelizmente para o Brasil nenhum dos seus successores merece igual honrosa menção, com excepção talvez do Conde da Barca pelo estabelecimento da Academia de Bellas-Artes. O Governo jazeu tres annos em quasi perfeita apathia, até que o Principe Regente tendo creado, além de muitos tribunaes necessarios á moderna Côrte de tão extensos dominios, dez novas Comarcas, e vinte nove Villas, elevou o Brasil á cathegoria de Reino, unido aos de Portugal e Algarves (1815). Antes porém de progredirmos no nosso empenho, convem não esquecer uma serie de factos anteriores, que se prendem á outra epocha mais remota, e bem funesta para o Brasil: queremos fallar da influencia, que teve sobre nós a revolução do Rio da Prata.

II.

Revolução e Independencia de Buenos-Ayres. Exercito de observação nas fronteiras do Rio Grande. Campanha de 1811 e 1812. Armisticio. A divisão portugueza de voluntarios d'El-Rei. Campanha de 1816 e 1817. Occupação de Montevideo, e da Colonia do Sacramento.

Havendo-se pelos annos de 1808 e 1809 ateado em Buenos-Ayres o fogo da insurreição, começou alli a lavrar a horrorosa guerra civil, que tão longa e sanguinosa tinha de ser. O Vice-Rei D. Balthasar Hidalgo de Cisneros havia sido deposto em 25 de Maio de 1810, e substituido por uma Junta de nove membros, que em fins do mesmo anno mandou fusilar o General Liniers, vencedor dos Inglezes em Agosto de 1806. O Paraguay e Montevideo ardiam no mesmo fogo, e a guerra de partidos devorava aquellas provincias. Não podia o Brasil ser indifferente ao proximo perigo; organisou-se por tanto um exercito de observação na fronteira meridional da Provincia de S. Pedro, dividido em duas columnas: a primeira commandada pelo Marechal de

Campo Manoel Marques de Souza, e a segunda pelo de igual patente Joaquim Xavier Curado.

Commandava em chefe o Capitão General da Provincia D. Diogo de Souza, depois Conde do Rio Pardo, e passou revista ás duas divisões successivamente nos mezes de Fevereiro e Março de 1811. Restava-lhe prover na defensa da fronteira de Missões: em Abril marchou para alli com uma columna das tres armas o Coronel João de Deos Mena Barreto. Em Maio o Coronel Rondeau com as tropas de Buenos-Ayres cercou Montevideo; Elio, que alli mandava por parte da Hespanha, vendo-se sem recursos, pediu auxilio ao General portuguez. Concentrado o exercito em Bagé, não foi possivel marchar d'alli no rigor do inverno para atravessar uma distancia de mais de cem leguas com os fracos meios, que possuia; indispensavel foi descer á Lagoa Merim, e seguir em 17 de Julho na direcção do Jaguarão. O General Marques adiantou-se e occupou o Serro Largo.

Os insurgentes abandonaram tambem o Forte de Santa Thereza, depois de o haverem minado; porém reparadas as pequenas brechas, o General deixou n'elle sufficiente guarnição, e continuou a sua marcha victoriosa por toda a campanha até Maldonado. Aqui alcançou um expresso

do Governador Elio participando o armisticio arranjado com Rondeau, e requisitando vivamente a retirada das tropas portuguezas; parecia receiar mais da nossa fé do que da de seus verdadeiros inimigos, e por isso precipitou essa ephemera convenção. Prevendo o nosso General as consequencias, não annuiu ás instancias d'aquelle a quem vinha soccorrer. Rondeau, que tinha ordens de evitar todo e qualquer encontro com o exercito pacificador, levantou o cerco, e repassou o Prata, em quanto Artigas atravessava o Rio Negro levando por diante os habitantes da Campanha, desde o Rio de Santa Luzia até o Guaraim.

Novos motivos vieram animar as operações: o exercito pacificador deixou em 16 de Março de 1812 os quarteis de Maldonado, e a 2 de Maio chegou ás immediações de Paissandú, tendo feito noventa e sete leguas de uma marcha laboriosa; n'esta segunda campanha os combates foram mais frequentes e gloriosos. Artigas havia voltado áquem do Uruguay com tres mil homens, porém o Coronel Costa acossando-o com a sua columna, o levou de rojo até o outro lado. Nas costas do Rio Negro, no Salto, nas immediações de Serro Largo, e em outras diversas paragens foram os patriotas completamente batidos. Em meio d'estas

victorias, annunciou-se um *Parlamentario* no quartel general portuguez (10 de Junho), que vinha de parte da Junta de Buenos-Ayres, e do Enviado portuguez João Rademaker, trazendo a convenção de um armisticio por tempo indefinido, e o aviso para que o exercito se retirasse para as nossas fronteiras (*). O General deu immediatamente a ordem de marcha, e no dia 12 de Setembro as columnas se dirigiram aos quarteis, que lhes foram destinados em Bagé e na guarda da Conceição.

Releva notar que o Gabinete portuguez, longe de ratificar este vergonhoso armisticio, o mandou immediatamente reclamar por ser contrario ás instrucções, que tinha levado o Agente que o negociou; porque ainda no caso de uma suspensão de armas, nunca devia ser indefinida, e só durante o tempo necessario para se levar a effeito o arranjo, que Sua Magestade Britannica se propunha conseguir como mediadora. Não se comprehende como fosse depois approvada (**): é mais

(*) Esta Convenção tinha a data de 26 de Maio de 1812, e á ella seguiu-se outro arranjo debaixo do titulo « Clausulas « do Tratado entre os Governos do Brasil e de Buenos-Ayres, « na fórma de 16 artigos addicionaes ao assignado em Maio « de 1812. » *V. Correio Brasiliense de Setembro de* 1820, *pag.* 228.

(**) Diz o Visconde de S. Leopoldo em uma nota (na parte dos seus Annaes, que aqui extractamos): que pessôa fidedigna lhe referira ter ouvido a El-Rei D. João VI, que os dois successos que mais o magoaram, durante sua residencia no Rio de Janeiro,

uma razão para accreditar que a chave mestra para a explicação das negociações, e da conducta politica do Gabinete do Rio de Janeiro n'este e no seguinte periodo, jaz e talvez por longo tempo jazerá em segredo. Todavia, a munificencia Real não deixou sem premio o exercito, que havia feito prodigios de valor: deu-lhe uma medalha de distincção, promoveu os Officiaes aos postos immediatos, e condecorou o General com a Grãa-Cruz da Ordem de Christo, e mais tarde com o titulo de Conde do Rio Pardo.

Entretanto Montevideo succumbiu aos esforços da Junta de Buenos-Ayres em 1814. Este triumpho não bastou ainda assim para saciar a sêde de sangue, de que se nutriam as novas Republicas, ameaçando com seus furores intestinos a paz de seus visinhos. Por outro lado, desassombrada a Hespanha do dominio francez, tratava de recobrar suas antigas Colonias. Bem fosse a necessidade de prover á segurança dos limites meridionaes do Brasil, ou alguma convenção com a Hespanha, o certo é que D. João VI mandou vir de Portugal uma luzida divisão, composta de voluntarios (1816), á que se

---

tinham sido: a morte de seu sobrinho o Infante D. Pedro Carlos, e este desairoso armisticio, que por aziaga coincidencia se havia celebrado no mesmo dia da morte do Infante (26 de Maio de 1812).

uniram outras tropas brasileiras, e com ellas mandou occupar a banda oriental do Rio da Prata. As Campanhas de 1811 e 1812 foram movimentos de transição, a de 1816 porém effeituou progressivamente uma revolução, que principiou logo pela occupação do paiz, e acabou por incorpora-lo ao Brasil, persistindo ainda depois da independencia com o titulo de *Provincia Cisplatina* (*). Mas não anticipemos os factos.

Em quanto o General Carlos Frederico Lecor, depois Visconde da Laguna, com a divisão dos Voluntarios d'El-Rei marchava sobre Montevideo, o General Curado com as tropas brasileiras defendia as Missões contra o Chefe Artigas, que emprehendia subleva-las. Destacando o Coronel José de Abreu, depois Barão do Serro Largo, com uma columna de seiscentos e trinta homens, logrou este Chefe derrotar Artigas em S. Borja, depois de ter varrido as margens do Uruguay das partidas, que as infestavam. Pouco depois o General João de Deos Mena Barreto conseguiu outro triumpho entre o Guaraim e o Ubaraguay. Achan-

(*) Concordamos perfeitamente com o Visconde de S. Leopoldo quando diz, que nem por esta união gosamos de mais tranquillidade, e que as batalhas decisivas de *India Morta*, *Catalan*, e *Taquarembó* foram infructuosas; pois apesar de haver sido prudentemente confinado o Cabecilha Artigas pelo Dictador do Paraguay, assim mesmo não tivemos longo socego.

do-se as tropas brasileiras acampadas em Catalan, veiu sorprende-las o Cabecilha D. José Verdun, caindo de improviso sobre ellas; e teria logrado a sua completa derrota, se o General Joaquim de Oliveira Alvares com a legião de S. Paulo não tivesse sustentado a acção até a chegada do Coronel Abreu, que logo fez inclinar a victoria para a nossa parte (1817).

A perda do inimigo em Catalan foi immensa, e muito mais pelo que aconteceu depois. Uma partida ás ordens de Bento Manoel Ribeiro sorprendeu completamente outra de Verdun, em que este se achava, fê-lo prisioneiro, e o enviou a Porto Alegre com muitos outros Hespanhóes. Finalmente as nossas fronteiras estavam desassombradas e livres do contagio revolucionario. Por outra parte o General Lecor avançando pela Campanha, destacou o General Sebastião Pinto de Araujo Corrêa com alguma tropa para occupar o Forte de Santa Thereza, de que se apossou quasi sem resistencia. Depois seguiu para *India Morta*, e alli derrotou a Fructuoso Rivera, em quanto o General Lecor occupava Maldonado, d'onde marchou sobre Montevideo, tendo previamente combinado os seus movimentos com os da pequena esquadra, commandada pelo Conde de Vianna.

Uma deputação da Municipalidade o

veiu receber entregando-lhe as chaves da Praça, na qual entrou triumphante (20 de Janeiro de 1817), havendo-a antes abandonado o Chefe D. Manoel Barreros, que a commandava em nome de Artigas. Depois mandou o General Lecor a Manoel Jorge Rodrigues com dois batalhões occupar a Colonia do Sacramento, que já se tinha pronunciado em favor dos Portuguezes, e uma brigada assenhorear-se do Serro Largo. Taes foram os principaes feitos do exercito na abertura da campanha do Sul. A tomada e occupação de Montevideo, Colonia e Maldonado, além de ser um brilhante começo de operações, muito concorreu a principio para a diminuição dos numerosos piratas que, com bandeira de Artigas, infestavam as nossas Costas, por ficarem assim privados dos principaes portos, onde se armavam e recolhiam (*).

(*) Uma circumstancia muito interessante, e geralmente ignorada, occorreu n'essa epocha bem notavel da historia do Brasil. No meio do transtorno geral, que a prisão de Carlos IV e de Fernando, Principe das Asturias, por Napoleão, tinha causado á Monarchia Hespanhola, a Princeza Carlota, filha do primeiro e irmãa do segundo, não deixou um só momento de fazer valer seus direitos hereditarios em virtude da abdicação forçada de ambos aquelles Principes, e de sua renuncia ao throno; assim foi que, não só na Europa como na America, a Princeza fez os ultimos esforços para ser reconhecida Regente durante o cativeiro dos dois Monarchas. Sabe-se o que acerca d'isto se obrou na Hespanha, porém na America as cousas levaram outro giro. A emancipação trouxe comsigo novas idéas, e a Realeza foi alcunhada de tyrannia; portanto reconhecer a Princeza Carlota como Regente era não só renunciar a independencia, mas ainda a toda

III.

Morte da Rainha. Revolução de Pernambuco. Causas principaes d'este acontecimento. Conselho de guerra. Morte do Brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro. O Governador capitula no Forte do Brum, e parte para o Rio de Janeiro. Governo provisorio.

Em quanto estes acontecimentos se passavam no Sul, succediam outros de não menos gravidade no Norte. Entretanto

---

idéa de mudança de regimen. Sem embargo, a Côrte do Rio de Janeiro tornou-se por isso mesmo o fóco de todas as intrigas dos realistas, que tinham emigrado do Sul, e que não perdiam as esperanças de voltar para a terra da promissão.

Com a abdicação de Napoleão voltou Fernando ao throno da Hespanha, e cuidou logo de haver a si de grado ou por força todas aquellas Provincias da America, que se tinham separado durante seu cativeiro. Preparou-se uma expedição para Buenos-Ayres, porém a occupação de Montevidéo pelos independentes fez mudar o seu destino, e aquella força dirigiu-se então para Costa firme. É de crêr que entretanto se entabolasse por parte da Hespanha alguma negociação com a Côrte do Brasil acerca de Montevidéo e de Buenos-Ayres, porque só assim poderá explicar-se a conducta d'El-Rei em todo esse periodo, no qual nenhuma outra vantagem se obteve em trôco de tantos sacrificios.

Buenos-Ayres desassombrado pelo novo destino da expedição hespanhola, cuidava de libertar o interior e de afugentar os realistas, quando concebeu novos temores pela presença de uma forte divisão portugueza na Banda Oriental; foi n'essa conjunctura, ainda ameaçado pelos realistas do alto Perú e do Chili,

a Rainha de Portugal, D. Maria I, que

e de todos os horrores de uma reconquista, que formou o projecto de estabelecer uma Monarchia em todo o antigo Vice-reinado, chamando para o novo throno a um dos Infantes de Bragança, ou a qualquer outro Principe estrangeiro (com a condição de não ser da Hespanha), que enlaçando-se com uma das Princezas do Brasil, fosse governar o paiz debaixo de uma Constituição monarchica representativa. Esta resolução, tomada pelo proprio Congresso de Buenos-Ayres em Sessão secreta do dia 4 de Setembro de 1816, foi communicada ao Supremo Director das Provincias Unidas, o qual nomeou a D. Miguel Irigoyen para que munido das instrucções, que lhe deu, fundadas no precedente acordo, partisse para o Quartel General do General Lecor, afim de negociar um Tratado debaixo d'aquellas condições; devendo o Governo Portuguez, no caso de aceitar as proposições do Congresso, remover todas as difficuldades, que podesse suscitar a Hespanha.

Ora, que existiu a proposta, e que foi nomeado o agente Irigoyen, é facto incontestavel, porque não só consta das actas do referido Congresso, publicadas no *Processo original justificativo* no anno de 1820 (Imprensa de Alvares) em Buenos-Ayres, como tambem das informações, a que n'aquelle mesmo anno se mandou proceder em virtude do art. 7.° do Tratado de paz entre Buenos-Ayres e os chefes federaes de Santa Fé e da Banda Oriental. Agora pergunto eu, chegaria a entabolar-se alguma negociação a este respeito? qual foi a resposta do Gabinete do Rio de Janeiro? existiu algum Tratado? Parece que sim, porque por uma proclamação de D. Manoel de Sarratea, com data de 14 de Março de 1820, elle o affirma como existente, ainda que secreto.

De todo este inextricavel labyrintho o que se póde deduzir é que, se a Côrte do Brasil chegou a concluir algum Tratado n'este sentido, não teve a necessaria energia para o levar á effeito, ou que só tratou de contemporisar com os Argentinos, em quanto estendia suas mesquinhas vistas para a recuperação de Olivença pela troca de Montevidéo, que pretendia entregar á uma expedição hespanhola, segundo se disse então. Eis-ahi como aos pequenos interesses do velho Portugal se sacrificava o bello porvir da America, e em particular do vasto reino do Brasil. De qualquer modo perdeu a Côrte de D. João VI a melhor occasião de ensanchar a sua influencia por todo este Continente, de assegurar a paz futura do Brasil, e de salvar aquelles povos da anarchia, que ha 30 annos os devora. Em 1819, quando a França quiz aproveitar as boas disposições d'aquelles povos, já era tarde porque Buenos-Ayres estava emancipado de facto, e já tinha levado suas armas triumphantes e libertadoras ao Chili, e ameaçava o Perú.

Quem quizer consultar todos esses documentos, veja o *Correio Brasiliense*, tomo 25, pag. 10 a 138.

havia já muito tempo vivia em estado de demencia, tinha morrido no dia 20 de Março de 1816. A sua morte não trouxe alteração alguma na administração, porque o Principe Regente, que devia succeder-lhe, era de facto Rei, e governava como tal desde 1799. Cabe agora relatar um acontecimento desgraçado, cujo sanguinolento desfecho derramou o luto sobre uma provincia inteira, paralisando por muitos annos sua crescente prosperidade, e arruinando muitas familias, que ainda hoje soffrem a consequencia da barbara legislação d'aquelles tempos. Fallamos da malograda revolução de Pernambuco, que acaeceu no dia 6 de Março de 1817.

Duas foram as causas principaes d'aquelle successo: uma, e a que apressou o golpe, foi sem duvida a crescente rivalidade entre Portuguezes e Brasileiros, como dissemos no §. 1.° d'este Capitulo; e outra toda politica, estava relacionada com a situação violenta em que se achava Portugal, quasi sujeito ao dominio absoluto do Marechal Beresford. Com effeito, a Côrte do Rio de Janeiro, em vez de desarraigar com justiça imparcial a nascente discordia entre subditos de ambos os hemispherios, fomentava-a, crendo que só a desunião dos animos poderia perpetuar o seu dominio. O descontentamento e as queixas eram iguaes em todas as Provincias; cevando-

se esse odio com a persistencia da causa que o originava, cedo ou tarde deveriam apparecer violentos effeitos: o mal não podia curar-se sem remedio energico, e d'este genero nenhum outro apresentava-se, á excepção da independencia do corpo que soffria.

Já os Estados-Unidos a haviam obtido, e as Colonias hespanholas a disputavam com esperanças de bom successo. O Brasil, estimulado por exemplos de tanta magnitude, e com a consciencia da propria força, era impossivel que permanecesse em inacção. Por outro lado, Portugal não podia soffrer com resignação que a metropoli da Monarchia estivesse por mais tempo no Brasil. O Principe Regente tinha promettido voltar depois de concluida a paz geral, e esse termo tinha-se alcançado em 1815.

Portugal, redusido á uma Colonia da Inglaterra, attribuia a indecisão d'El-Rei em voltar para a sua antiga Côrte, ás intrigas e manejos do Gabinete inglez. O Marechal Beresford, com um grande numero de Officiaes da sua nação, continha Portugal debaixo de sua dependencia por tal forma, que mais parecia o Logar-Tenente do Reino do que Chefe do exercito. A sua autoridade, como membro do Governo, excedia em muito a que tinham seus collegas.

D'est'arte cumpria forçar El-Rei a regressar para Portugal, e o meio mais obvio parecia ser o da exclusão de todos os Inglezes do exercito, e dos mandos mais importantes, e mui principalmente do General Beresford de toda a participação da autoridade civil. Com este fim preparou-se uma revolução em Portugal, na qual entravam as pessoas mais gradas de todo o Reino. Todavia este passo não produziria só por si o effeito desejado, se El-Rei de algum modo não fosse impellido a deixar o Rio de Janeiro por algum outro acto independente d'aquella revolução; e para isso imaginou-se que outro movimento, preparado no Brasil, podia coadjuvar a concecução do plano premeditado. Os Portuguezes com a volta do Monarcha não queriam com tudo a separação do Brasil; mas os Brasileiros, que almejavam a independencia, e que tinham por grande obstaculo a presença d'El-Rei no Rio de Janeiro, abraçaram cordialmente o plano de Portugal, antevendo a realisação de todos os seus projectos.

Este plano assim traçado foi, tanto em Portugal como no Brasil, desenvolvido por meio da *Maçonaria*, a cujo sigillo estava adstricto. De todas as Provincias era Pernambuco a que já em 1816 contava maior numero de *Loges;* a tole-

rancia do Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro concorria para esse extraordinario progresso. Os Mações como se a lei de sangue, que os proscrevia, tivesse sido abrogada, congregavam-se quasi em publico, banqueteavam-se frequentemente, e em seus brindes manifestavam seus generosos designios. Isto bastou para irritar ainda mais os Portuguezes, sempre desconfiados e ciosos, porque viam em tudo aquillo uma ameaça contra o seu predominio. Sem embargo, Caetano Pinto conservava-se sempre indifferente, até que uma circumstancia bem trivial veiu excitar todas as desconfianças: um Portuguez, que soltou algumas palavras injuriosas contra os Brasileiros, foi espancado por um Official do regimento de Henrique Dias.

Este facto apenas individual tomou um caracter de partido, e assustou o Governador; desde então a desconfiança o subjugou, e a fidelidade dos Officiaes Brasileiros pareceu-lhe duvidosa. N'este estado de effervescencia, um Ilheu obscuro veiu ainda augmenta-la, dando a denuncia de uma conspiração tramada pelos Brasileiros contra o legitimo Soberano; em consequencia do que o Governador convocou a conselho os Officiaes Generaes Portuguezes, que estavam no Recife, com exclusão do Brigadeiro José Peres Cam-

pello, porque era nascido em Pernambuco. Esta excepção basta para ajuizar do espirito de animosidade, que então dominava. A denuncia foi considerada veridica por todo o Conselho, e ordenada por tanto a prisão dos paisanos denunciados, a de tres Capitães de artilharia, Domingos Theotonio Jorge Pessoa, José de Barros Lima, e Pedro da Silva Pedroso; a do Tenente Secretario do mesmo Corpo, e a do Ajudante de infantaria Manoel de Souza Teixeira.

Designados os individuos, que deviam ser presos, foram encarregados: o Marechal José Roberto de mandar prender os paisanos, o Brigadeiro Salasar, que commandava o regimento de infantaria, de o fazer ao seu Ajudante, e o Brigadeiro de artilharia Manoel Joaquim Barbosa de Castro aos Officiaes do seu commando. Tudo se teria levado a effeito, se o Brigadeiro Manoel Joaquim, Portuguez altivo, orgulhoso, e severo, não se persuadisse que nenhum dos seus subditos ousaria desobedecer-lhe em face. Com esta presumpção manda avisar os Officiaes do seu regimento, e á hora indicada apresenta-se no quartel. Assim reunidos, começou o Chefe a fallar em tom insolente da agitação da Provincia, e depois de um pequeno altercado com o Capitão Domingos Theotonio, deu-lhe a ordem

de prisão, e o mandou para a Fortaleza das Cinco-Pontas. Dirige-se então para José de Barros Lima com a mesma insolencia, porém não havia concluido a phrase, quando este Capitão, desembainhando a espada, lhe atirou uma estocada.

Em vão procurou o Brigadeiro defender-se; assaltado ao mesmo tempo pelo Secretario, que lhe ficava á esquerda, succumbiu aos repetidos golpes. Entre todos os Officiaes, que estavam presentes, nenhum ousou oppôr-se áquelle attaque, que mais parecia desforço do que agressão, tanta tinha sido a imprudencia do desgraçado Chefe. Um Official portuguez, que alli se achava, corre a dar parte ao Governador d'esta scena, em quanto outros Officiaes, cobrando alento depois do facto consumado, correram aos quarteis e puzeram a tropa em armas. Caetano Pinto, pensando ainda poder obstar a revolta, expede o seu Ajudante de Ordens, o Tenente Coronel Alexandre Thomaz, para que fosse reunir a tropa, e prender os Officiaes amotinados; porém o Capitão Pedroso, que já tinha municionado alguns soldados, apenas o reconhece, manda fazer-lhe fogo, e o misero cae por terra banhado em seu proprio sangue.

O Governador ouviu os tiros, e sa-

bendo da morte do seu Ajudante abandonou o Palacio, e foi encerrar-se na Fortaleza do Brum. A confusão crescia, continuava o rebate, os soldados recolhiam-se ao quartel, e os milicianos corriam incertos, uns a reunir-se á tropa de linha, outros para o Campo do Erario, onde casualmente encontraram o Marechal José Roberto, que os detinha e armava para repellir qualquer attaque. Os presos politicos foram logo soltos (*), e não sabemos por que fatalidade tambem o foram os da justiça, que, espalhados pela cidade, commetteram alguns attentados; porém o caracter da revolução não permittia a pestilente coadjuvação d'aquelles malvados, e dias depois foram todos de novo recolhidos á mesma prisão, d'onde não deveriam ter saido. N'esse momento de sorpresa alguns Portuguezes tentaram cortar a ponte do Recife para conservarem o bairro de S. Pedro Gonçalves; mas o Tenente Antonio José Henriques chegou a tempo de os dispersar, e occupou aquella parte da cidade, da qual Caetano Pinto por uma resolução incon-

(*) Um d'estes presos era Domingos José Martins, negociante e proprietario, que acabava de ser levado á cadêa, e mettido em um segredo. O Tenente Antonio José Henriques foi quem o livrou da prisão, collocando-o no meio da tropa entre os vivas de delirante enthusiasmo. Desde aquelle momento tornou-se Martins a personagem mais interessante de todo este drama, cuja peripecia foi mais rapida do que se podia imaginar.

cebivel tinha mandado retirar todas as guardas. É para louvar, e talvez cousa nunca vista em nenhuma outra revolução, a boa ordem que guardaram os officiaes e soldados de linha, respeitando a propriedade e o asilo de todos os cidadãos: nenhuma casa foi violada, nem um roubo se perpetrou.

Ás quatro horas da tarde dirigiram-se algumas tropas ao Campo do Erario, onde ainda se conservava o Marechal José Roberto com os milicianos, que se lhe tinham ido juntar; depois de algumas explicações seguiu o Marechal para a Fortaleza do Brum acompanhado por um Official, e os milicianos se incorporaram á tropa de linha com grande jubilo de todos. Finalmente toda a cidade e seus contornos se tinham pronunciado pela revolução; faltava tão sómente a Fortaleza do Brum, onde persistia o Governador com alguns Officiaes Generaes e uma pequena guarnição. O seu caracter pacifico era bem conhecido, e por isso longe de empregar-se a força, occorreu-se ás vias de uma capitulação honrosa para elle, debaixo da condição de abandonar a provincia, o que se conseguiu no dia seguinte pela manhã. Foi por tanto enviado para o Rio de Janeiro, em uma embarcação expressamente preparada com este fim, onde logo que

chegou foi recolhido á prisão da Ilha das Cobras, sem que se lhe permittisse fallar a nenhum dos Ministros de Estado, como requeria (*). Jamais povo ou tropa em iguaes circumstancias mostrou tanta moderação na victoria: ao odio succedeu a compaixão, e a desgraça foi respeitada.

As congratulações ferviam de todos os lados; mas no meio do excessivo jubilo não se sabia em quem residia a autoridade. Para pôr termo a este estado de incerteza, reuniram-se em uma das salas do Erario as pessoas mais notaveis e compromettidas na revolução, e alli de commum accordo nomearam um governo provisorio (**). Fizeram-se depois

---

(*) A parte original da revolução de Pernambuco, dada a El-Rei pelo mesmo ex-governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro (depois Marquez da Praia Grande), logo que chegou a Ilha das Cobras, foi por mim offerecida ao Instituto Historico, que não julgou conveniente faze-la publicar por motivos de consideração para com algumas pessôas, que ainda vivem, e ás quaes aquella parte se refere com alguma acrimonia.

(**) Depois de estarem fechados por algum tempo em uma das salas do Erario, apareceu o seguinte bando, que foi lido pelas ruas a tom de caixa:

« Nós abaixo assignados, presentes para votarmos na nomeação de um Governo Provisorio para cuidar na causa da Patria, declaramos á face de Deus que temos votado, e nomeado os cinco patriotas seguintes: da parte do Ecclesiastico o patriota João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro; da parte militar o patriota Capitão Domingos Theotonio Jorge Martins Pessôa; da parte da magistratura o patriota José Luiz de Mendonça; da parte da agricultura o patriota Coronel Manoel Corrêa de Araujo; e da parte do commercio o patriota Domingos José Martins; e ao mesmo tempo todos firmámos esta nomeação, e jurámos de obedecer a este governo em todas as suas deliberações e ordens. Dado na Casa do Erario ás doze horas do dia 7 de Março de 1817. E eu

proclamações para excitar o enthusiasmo popular; mudaram de laço e de bandeira, adoptaram o tratamento de *Vós*, organisaram as repartições do Governo, nomearam Conselheiros (*), deram varios regulamentos, e começaram sua marcha com toda a inexperiencia de homens novos no exercicio de uma administração turbulenta. Sem embargo, o movimento da Capital communica-se a todas as villas da Provincia: a de Itamaracá distingue-se com a prisão do Juiz de Fóra de Goiana; o Ouvidor da Comarca do Sertão José da Cruz Ferreira foi igualmente preso na sua fugida para o Ceará; por toda a parte recebia o Governo provas de adhesão e de lealdade; a revolução parecia consummada.

Maximiano Francisco Duarte o escrevi. — *Assignados* — Luiz Francisco de Paula Cavalcanti — José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima — Joaquim Ramos de Almeida — Francisco de Brito Bezerra Cavalcanti de Albuquerque — Joaquim José Vaz Salgado — Antonio Joaquim Ferreira de Sampaio — Francisco de Paula Cavalcanti — Felippe Neri Ferreira — Joaquim d'Annunciação e Siqueira — Thomaz Ferreira Villanova — José Maria de Vasconcellos Bourbon — Francisco de Paula Cavalcanti Junior — Thomaz José Alves de Siqueira — João d'Albuquerque Maranhão — João Marinho Falcão.» — Foram tão sómente estes individuos os que tiveram parte na eleição; sem embargo da sua irregularidade manifesta, a escolha agradou geralmente por ter recahido em pessôas de boa nomeada.

(*) Eram Conselheiros: o Desembargador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, o Doutor Antonio de Moraes (autor do Diccionario), o Doutor José Pereira Caldas, o Deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal, e o negociante Gervasio Pires Ferreira.

IV.

A Parahiba e o Rio Grande do Norte. Commissões ao Ceará e à Bahia. Funestos resultados. Bloqueio de Pernambuco. O Marechal Cogominho e as tropas da Bahia. Reacção nas Alagoas, no Rio Grande e na Parahiba. Combate de Ipojuca. Dissolve-se o Governo Republicano. Os Patriotas são remettidos para a Bahia. Novas execuções. Luiz do Rego chega a Pernambuco. Outros supplicios. A Alçada.

A revolução estende-se á Parahiba e ao Rio Grande do Norte, onde se estabeleceram Governos Provisorios á imitação do de Pernambuco; porém o Ceará tardava em responder ao brado, que já tinha echoado n'aquellas duas provincias; e para accelerar o golpe foi enviado um agente secreto, o Padre José Martiniano de Alencar, hoje Senador do Imperio, que por ser filho da mesma provincia tinha n'ella importantes relações de familia. Com effeito partiu Alencar, e chegando á Villa do Crato, logar do seu nascimento, deu o primeiro grito, que logo foi suffocado, sendo preso immediatamente com todas as pessoas que lhe eram mais caras. Algumas outras prisões

houveram, e com estas medidas cessou o pronunciamento do Ceará. No em tanto pela parte do Sul a revolução não tinha dado um passo, e era d'onde justamente tudo havia que receiar. Um homem houve que, conhecendo a importancia de dar mais impulso áquelle movimento, se offereceu para ir ás Alagoas, e d'alli á Bahia, correndo elle só todo o risco da sua temeraria empresa.

Este Cidadão era o Doutor José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, um dos mais habeis advogados de Pernambuco, vulgarmente conhecido depois da sua infausta morte pela denominação de *Padre Roma*. Suas relações na parte meridional da Provincia lhe inspiravam grande confiança, e na verdade a sua marcha até as Alagoas foi um constante triumpho; por toda a parte consegue fazer com que os povos e as autoridades se decidam pela revolução; e quando julga opportuno, volta a Maceyó, freta uma balsa, e se dirige para a Bahia. Abreu e Lima, sem embargo de seus variados conhecimentos, era homem, como todos os seus correligionarios, inexperiente dos manejos occultos das revoltas; sem nenhum disfarce apresentou-se sempre, desde que saiu do Recife, como se fosse o emissario de um governo autorisado. Ainda antes da sua marcha, sabia-se geralmente qual era a

sua missão, e d'ella tinha sido informado o Conde dos Arcos na Bahia com muita anticipação; assim foi que ao saltar em terra no logar da barra, foi logo preso e conduzido á cadeia da Cidade.

Por uma especie de presentimento teve elle o bom accordo de lançar á agoa todos os papeis, que levava comsigo, não só proclamações como varias cartas para individuos relacionados com os liberaes de Pernambuco; mas isto só serviu para alentar na cobardia aquelles mesmos, que o deixaram sacrificar sem nenhuma mostra de gratidão. O Conde dos Arcos tinha já em seu poder o corpo de delicto, que era a acta da eleição do governo provisorio de Pernambuco, na qual seu nome apparecia em segundo logar. Verificada a identidade da pessoa, foi julgado por uma commissão militar, condemnado á morte, e fusilado no dia 29 de Março no Campo da Polvora (*). O seu porte

(*) Meu pai foi preso ao anoitecer de 26 de Março; no dia seguinte fizeram-se todas as perguntas do costume, confrontação de testemunhas, e nomeou-se a Commissão Militar, que o devia julgar; no dia 28 foi condemnado á morte, e passou para o Oratorio ás tres horas da tarde; foi fusilado ás oito da manhãa do dia 29. No momento em que escrevo estas linhas, assalta-me todo o horror d'aquella tremenda noite, em que fui quasi companheiro da victima: era eu que parecia o condemnado, e não ella. Tenho visto morrer milhares de homens nos campos de batalha, e muitos nos supplicios, mas nunca presenciei tanta coragem, tanta abnegação da vida, tanta confiança nos futuros destinos da sua patria, tanta resignação emfim; era meu pai quem me animava, porque eu parecia inconsolavel: uma mão de ferro me arrancava o

em presença do Conselho, no Oratorio, e durante o trajecto para o logar do supplicio, foi sempre o de um philosopho christão, corajoso, senhor de si, mas tranquillo e resignado. Suas faces não se desbotaram senão quando o sangue, que as tingia, correu de suas feridas, regando o solo onde, seis annos depois, se firmou para sempre a independencia da sua patria.

Entretanto o Governo provisorio conti-

---

coração; meu pranto e minha dôr commoviam a todos os que se achavam presentes; era mister separar-me então para dar alivio ás minhas lagrimas, e me condusiam á outra prisão, donde voltava depois a poder de minhas supplicas, até que foi forçoso arrancarem-me de seus braços para sempre.

Uma circumstancia mais que todas vinha de quando em quando aggravar essa especie de martirio, com que os algozes de meu pai queriam amargurar ainda mais seus ultimos instantes: meu irmão Luiz, moço de compleição mui debil e delicada, fôra preso em sua companhia, e achava-se mettido em um dos immundos calabouços do Oratorio chamados *segredo*. Nú em carne, e estendido sobre a lama, mais parecia um espectro do que ser vivente; coberto de lodo faziam-no sair algumas vezes para que meu pai o visse: n'esse momento terrivel para seu coração de pai, parecia commovido, beijava a meu irmão, e como para distrair-se dirigia a palavra a algum dos Sacerdotes, que o acompanhavam. Com tudo essa prova tremenda de brutal ferocidade não fez desmentir um só instante sua resignação como philosopho nem como christão. Chegando ao lugar do supplicio, fez um pequeno discurso alusivo á sua situação, e desculpando os soldados do officio de algozes; depois pediu-lhes que atirassem com sangue frio para não martirisa-lo, e levando ambas as mãos algemadas ao peito, fez d'ellas o alvo de seus tiros. Durante o Conselho protestou contra a sua competencia, defendeu-se sem inculpar ninguem, e negou-se a todas as sugestões, que lhe fizeram, para descobrir o objecto da sua missão; no Oratorio ninguem lhe ouviu uma queixa contra pessôa alguma, e no logar do supplicio excedeu em longanimidade a todos quantos o precederam na mesma desgraçada sorte. « Os Bahianos viram como morreu o homem livre; a lição devia ficar-lhes impressa. »

nuou em suas medidas de politica e de administração interna: mandando em commissão aos Estados-Unidos Antonio Gonçalves da Cruz com o objecto de sollicitar a protecção e amizade dos Norte-Americanos, comprar armamento, e engajar alguns officiaes experimentados: dando regulamentos sobre os nascidos em Portugal: extirpando abusos na arrecadação das rendas: creando um corpo de cavallaria: pondo em estado de defeza as fortificações do littoral, e mandando armar algumas embarcações, que servissem de guarda-costas.

O Conde dos Arcos, assim que soube da revolução, preparou alguns navios, e os mandou bloquear o Recife, fazendo ao mesmo tempo marchar por terra uma columna, ás ordens do Marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda, em direcção ás Alagôas, que n'esse tempo ainda fazia parte da Provincia de Pernambuco. Informados da marcha dos soldados da Bahia, começaram os habitantes da margem meridional do Rio de S. Francisco a hostilisar os da banda opposta; e a contra-revolução se foi effeituando desde o Penedo até as Alagôas, onde a guarnição de linha, que alli se achava, foi a primeira a pronunciar-se. Um reforço de Pernambuco, que devia á marchas forçadas chegar a tempo de

conter algumas villas, foi desgraçadamente derrotado em Porto de Pedras por seu proprio medo. Em quanto isto se passava, chega Rodrigo Lobo com a esquadra do Rio de Janeiro para reforçar o bloqueio, que logo estendeu desde o Rio de S. Francisco até o Rio Grande do Norte por meio das suas embarcações mais ligeiras.

A revolução repentina de Pernambuco tinha acobardado os Portuguezes, porém a marcha lenta do Governo Provisorio os reanimou; além de que não era facil com bellas theorias e boas palavras desarraigar preconceitos populares, e abalar os fundamentos de uma Monarchia cimentada sobre usos, costumes, e religião. No momento em que o bloqueio se estendeu por toda a costa, e poderam chegar a terra as proclamações de Rodrigo Lobo, começou a reacção com tanta violencia como barbaridade. Com effeito, o Rio Grande do Norte seguiu o exemplo das Alagôas, e a Parahiba não esperou muito tempo para pronunciar-se no mesmo sentido. Os gritos de *Viva El-Rei* soavam por toda a parte, em cada canto surgia um defensor da Realeza; o brilhante horizonte da Republica se tinha anuviado, e a tempestade ameaçava innundar Pernambuco. A tropa da Bahia tocava já os limites da Provincia, e por todos

os povos era recebida com geral enthusiasmo.

O Governo Provisorio experimentava as ancias da morte: todo o sul da Provincia estava decididamente declarado, e os povos começavam a hostilisar os Republicanos com um encarniçamento que não era de esperar dos proprios, que tão cordialmente tinham antes abraçado a mesma causa. O Governo em vez de fazer marchar as tropas, que tinha amontoado no Recife, contentava-se com mandar pequenas partidas, temeroso de sua propria sombra. No em tanto avançava sempre o Marechal Cogominho augmentando no transito as suas fileiras com todas as Milicias da Provincia. As villas de S. Antão, Páo do Alho, e Tracunhem, declararam-se em favor da Monarchia. O systema de pequenos destacamentos, empregado contra ellas, só serviu para descredito das armas republicanas. O Capitão Mór Francisco de Paula Cavalcanti, que tinha logrado dispersar um ajuntamento de Realistas em Utinga, conservou-se depois em completa inacção; o desalento era geral, e a causa da Realeza vingava em todos os pontos.

Confiando em sua popularidade, parte do Recife Domingos José Martins com uma guerrilha, e vai reunir-se ao Capitão Mór Paula. A sua presença só serviu

para enfraquecer ainda mais a autoridade do improvisado General, que não podia competir com um membro do Governo. Não podendo obrar juntos, foi mister que se separassem, e esta divisão de forças perdeu a ambos. Martins, sorprendido por uma companhia dos pardos do Penedo e dos Indios d'Atalaia, foi ferido, e preso algumas horas depois com alguns de seus companheiros. Paula, attacado no Engenho Trapiche de Ipojuca pelo Marechal Cogominho, debandou completamente depois de algumas horas de fogo. Chegando á Capital a noticia de todos estes desastres, o Governo Provisorio tratou logo de capitular com o Commandante do bloqueio; mas Rodrigo Lobo repelliu a idéa de uma convenção, propondo a entrega da Praça sem condições.

Tinha-se entabolado nova negociação, quando Domingos Theotonio, creado Dictador, sem esperar pelo resultado, retira-se do Recife com toda a guarnição (19 de Maio), levando conjunctamente os cofres publicos. No dia 20 ao amanhecer appareceram nos bairros da Cidade grupos de homens, intitulados Realistas, dando vivas a El-Rei, quando ainda todas as fortalezas estavam guarnecidas pelos Republicanos; porém a cobarde deserção do Governo, abandonando a Capital, tinha annullado quaesquer meios de resistencia.

Soltaram-se logo todos os presos politicos, e a bandeira Real foi arvorada com salvas de artilharia. Rodrigo Lobo desembarcou com a maruja, e veiu occupar a residencia dos Governadores. Entretanto as tropas, que se tinham retirado, fizeram alto no Engenho Paulista, onde receberam a noticia d'este desfecho: a consternação foi geral, e ninguem cuidou mais senão de salvar-se como podesse.

Dos dois unicos membros do Governo, que seguiram com as tropas, o Padre João Ribeiro suicidou-se, e Domingos Theotonio fugiu disfarçado, procurando arredar-se de todos os companheiros, temeroso de ser entregue por elles aos Realistas. A tropa assim que soube da deserção escandalosa do seu Chefe, prorompeu em furioso motim, e debandou-se; porém, para honra dos Pernambucanos, o Capitão Manoel de Azevedo pôde conter alguns soldados, e com elles trouxe para o Recife os cofres publicos, que entregou intactos á autoridade competente. D'aqui começa a serie lacrimosa dos actos de barbaridade praticados contra os infelizes patriotas. Todos queriam para si a palma do triumpho, e cada um procurava assignalar-se por um meio ruidoso, ainda que torpe, com tanto que seu nome fosse inscripto na lista dos benemeritos da Monarchia; d'ahi as pesquisas mais

violentas, as delações mais infames, o perjurio, a traição, e toda a serie de torpezas, que acompanham sempre as reacções politicas.

As prisões estavam atulhadas de infelizes patriotas, e apenas começava a colheita; a necessidade de local para outros, que ainda se esperavam, fez com que Rodrigo Lobo mandasse os prisioneiros para a Bahia. Horrorisa o recordar ainda hoje a maneira por que foram tratados a bordo os desgraçados Pernambucanos, assim como o recebimento que tiveram na Bahia. Muito breve houve necessidade de outra remessa com todas as circumstancias aggravantes da primeira. Antes do desembarque foram todos acorrentados á excepção de cinco (*), que algemados caminhavam separados, indicando de antemão a sorte, que lhes estava destinada.

(*) Os cinco presos separados foram: Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, o Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, o Deão de Olinda Bernardo Luiz Ferreira Portugal, e o Doutor Caldas. Os tres primeiros foram arcabusados no campo da Polvora, ficando suspensa a execução dos dois ultimos, porque em suas defesas tinham alegado: o Deão, como prova da sua inalteravel lealdade ao Governo Monarchico, a disposição de sua ultima vontade, expressa em testamento legal feito no tempo da proclamada Republica, instituindo herdeiro universal de todos os seus bens ao Rei de Portugal e do Brasil; e o Doutor Caldas o ser nascido em Portugal, e por isso não podia ter tomado parte voluntaria na revolução; e se chamado a servir como Conselheiro não recusou, foi acto forçado de temor, visto que os Pernambucanos só se tinham insurgido para livrarem-se dos Portuguezes. A Commissão Militar condemnando-os á morte, recommendava-os sem embargo á clemencia do Soberano.

Ao outro dia forão os cinco presos, que estavam separados, ao palacio do Conde dos Arcos, onde se achava reunida a Commissão Militar, e alli por ella sentenciados com infamia: tres foram executados no dia seguinte, ficando suspensa a execução de dois por motivos allegados em suas defesas.

A noticia da revolução de Pernambuco havia aterrado a Côrte do Rio de Janeiro. El-Rei D. João VI tinha como acordado de um somno lethargico, e parecia querer sair da sua acostumada apathia, tomando por si mesmo todas as providencias necessarias, a fim de atalhar o mal em sua origem. Nunca tanta actividade se tinha desenvolvido na Capital: os arsenaes trabalhavam dia e noite, um recrutamento forçado abrangia todas as classes, era a imagem da guerra imminente sobre a séde do Governo. Expedida a pequena esquadra para o bloqueio, preparava-se a expedição, que devia combater em terra os revoltosos; e logo que se achou prompta, deu-se-lhe por Commandante o Marechal Luiz do Rego Barreto, que se tinha tornado celebre na guerra peninsular. Tocando a expedição na Bahia, já alli achou Luiz do Rego em segura prisão os chefes da revolta; todavia seguiu o seu destino, porque estava nomeado igualmente Governador e Capitão General de Pernambuco.

Em 29 de Junho do mesmo anno de 1817 desembarcou Luiz do Rego no Recife. Foi recebido com jubilo e recompensou com escarneo. Por sua ordem foram logo sequestrados todos os bens dos presos, ficando suas innocentes esposas e filhos igualmente expostos a todos os horrores da mendicidade. A Commissão militar pôz-se em permanencia. Descoberto o asilo de varios patriotas, atraiçoados em seus escondrijos, foram logo arrastados perante aquelle tribunal, cuja sentença não se fez aguardar muitas horas: quatro d'aquelles infelizes (*) foram successivamente condemnados á morte com infamia, e enforcados. A Provincia da Parahiba tinha sido a primeira, que seguiu o impulso de Pernambuco; sobre ella não podia deixar o agente do poder de descarregar promptamente sua mão de ferro. Por seu mandado foram conduzidos ao Recife os mais illustres patriotas, que alli já estavam encarcerados. Em poucos dias cessaram de viver o Coronel Amaro Gomes Coutinho, o Ca-

(*) O primeiro condemnado e enforcado foi o Tenente Antonio José Henriques; a intrepidez, com que se apresentou perante a Commissão, espantou os juizes. A sua cabeça mutilada foi exposta na ponte do Recife, e ahi consumida pelo tempo. Na semana seguinte foram igualmente condemnados, e enforcados, o Padre Pedro de Sousa Tenorio, e os Capitães José de Barros Lima e Domingos Theotonio Jorge; todos tres foram igualmente mutilados, e suas cabeças expostas em differentes logares.

valheiro Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, o Padre Antonio Pereira, e os Tenentes Coroneis Silveira e José Peregrino de Carvalho (*).

Por ordem da Côrte foi suspendida a carnificina para ser manejada por Juizes togados, com o fim de que procrastinando os tormentos dessem ás victimas toda a apparencia de justiça. O Ministerio nomeou uma Alçada composta de quatro membros, dois Desembargadores do Paço, e dois da Casa da Supplicação, todos quatro Portuguezes; o mais velho, e o mais surdo ás vozes da natureza, um certo Bernardo Teixeira era o Presidente. Não agradou ao arbitro das vidas dos Pernambucanos aquella suspensão, mas foi mister obedecer; e como por distracção, dedicou-se inteiramente a fazer da Provincia um campo militar. Luiz do Rego, pensando comprimir o espirito patriotico, muito mais o dilatava; no mo-

(*) Estes cinco individuos foram condemnados á forca, com mutilação da cabeça e mãos para serem expostas nas estradas da Parahiba. Parecerá hoje incrivel, porém foi assombrosa realidade, o barbaro aparato d'estas execuções, e ainda mais o aspecto selvagem do Tribunal que as decretava. Da Commissão Militar passavam os Juises á sala do jantar, que Luiz do Rego lhes offerecia, onde procuravam afogar nos licores, que copiosamente bebiam, o grito incessante da consciencia. D'estas orgias, diariamente repetidas, passavam a dar assaltos ás casas honestas, onde o pudor virginal e a fidelidade conjugal eram postos em dura prova. A extorsão dos dinheiros particulares, a titulo de protecção, era um commercio reservado aos agentes subalternos d'aquelle Governador, sempre criminoso; porque se não commandava o delicto, ao menos o permittia.

mento todos soffriam, mas era um soffrimento, que presagiava gloria.

Não entraremos na historia da tremenda Alçada, nem nos pormenores de seus escandalosos manejos; bastará saber-se, que aquella Commissão especial teve a devassa aberta em Pernambuco por espaço de dois annos, e que finalmente foi obrigada a partir para a Bahia com a multidão de presos, que ha muito tempo detinha nos carceres. A rivalidade entre o Governador e Bernardo Teixeira tinha trazido esta apparencia de bem: eram quatro algozes menos em Pernambuco, mas levavam comsigo muitas victimas innocentes, arrancadas de seu paiz natal para serem julgadas fóra do seu domicilio. Os presos até alli horrivelmente maltratados, melhoraram de condição, ou fosse por o longo tempo decorrido, em que as paixões se arrefecem, ou pela protecção que algumas pessoas já ousavam dispensar. Por fortuna especial foi o Conde da Palma render o Conde dos Arcos, e desde então alguma esperança vislumbrou nos animos d'aquelles infelizes. A Alçada não alterava sua lenta marcha, parecendo querer eternisar o seu officio; porém um perdão alcançado (*), quando ninguem

(*) O Padre Luiz José da Cahohan lembrou-se que na Côrte do Rio de Janeiro vivia com reputação o Desembargador João Severiano Maciel da Costa (depois Marquez de Queluz), seu intimo amigo.

contava com a clemencia d'El-Rei, veiu mostrar o fio d'este intrincado labyrintho.

Não cessaria ainda o exercicio da Alçada, se um inesperado acontecimento politico não viesse mudar a face de toda a Monarchia portugueza. A revolução do Porto, em 1820, que com prodigiosa celeridade tinha alcançado a todo o Reino, acabava de vingar a morte do infeliz General Gomes Freire de Andrade, sacrificado em 1817 aos interesses e poderio dos Inglezes. Creada uma Regencia nova, tratou immediatamente de convocar as Côrtes com o objecto de formar a Constituição, cujas bases a mesma Regencia apresentou antes da convocação, e sem exame solemnemente juradas. N'esta occasião lembraram-se os liberaes portuguezes das condições porque nos tinhamos sacrificado em 1817, e nos prodigalisaram pela primeira vez exagerados elogios, dando-nos a denominação de irmãos. Era chegada pois a occasião em que deviamos tirar a desforra, prestando-nos a seus interesses, em quanto não podiamos fazer valer os nossos.

Era bem diversa a posição de ambos : um respirava as delicias da Côrte, o outro as miserias de um calabouço. O Padre determinou escrever áquelle Desembargador, enviando-lhe uma supplica para Sua Magestade; um mez depois da remessa veiu o Decreto do perdão. Outros presos, principalmente aquelles que pouco haviam figurado na revolução, imitaram o exemplo dado; e para não comprometter as pessoas a quem se dirigissem, escreviam directamente ao Ministro do Reino Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal. O expediente teve bom effeito, porque cada mez expedia aquelle Ministro ordem de soltura para um ou outro, como graça particular do Soberano.

V.

Proseguem as hostilidades no Sul. Varios combates. Convenção de 1819. Artigas retido no Paraguay. Definitiva incorporação de Montevideo ao Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves.

A funesta lição, que o Governo tinha recebido do movimento revolucionario de Pernambuco, não foi aproveitada na Capital. El-Rei D. João VI, que melhor conhecia o damno do que era capaz de applicar-lhe o remedio, contentou-se com mandar vir de Portugal uma porção de tropas regulares, que se repartiram pelo Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, deixando a interna administração na sua quasi absoluta decadencia: tudo permanecia n'esta inacção, que costuma presagiar os grandes transtornos politicos. O Commandante militar portuguez, Vicente Antonio de Oliveira, em uma representação a El-Rei requisitou formalmente que aos Brasileiros não se concedesse mais alto posto que o de Capitão. Esta exi-

gencia foi desattendida; todavia as altas patentes do exercito, d'ahi em diante, só foram conferidas aos Portuguezes. D'est'arte o germen do descontentamento cobrou viço por aquellas mesmas medidas, de que se havia lançado mão para o destruir.

Cumpre entretanto não preterir factos essenciaes, que se ligam a grandes acontecimentos ulteriores, e para isto temos de voltar á campanha do Sul, que deixámos suspensa, em quanto descreviamos a revolução de Pernambuco com todas as suas consequencias. A occupação accidental da praça de Montevideo pelo General Lecor não pôde suffocar o espirito de revolta d'aquelles povos. Continuavam a vagar ousadas nos campos intermedios e margens do Uruguay as guerrilhas de D. José Artigas, mais confiadas na ligeireza dos seus cavallos do que na disciplina militar, com quanto fossem sempre repellidas pelos nossos. Por todo o anno de 1817 tinhamos constantemente combatido e vencido, e sem embargo os Gauchos como que se reproduziam de suas proprias cinzas. Em 1818 se renovaram os mesmos combates, quer nas Missões, quer fóra d'ellas. Caetano Alberto de Souza Canavarro logrou derrotar completamente no sitio de Figueredo uma forte columna inimiga, ao passo que o

General Francisco das Chagas conseguia em S. Carlos outra brilhante victoria.

O Cabecilha Aranda foi attacar o General Mena Barreto junto ao arroyo de Guabejú com mil e trinta homens; a refrega foi tremenda, porém o resultado fatal para o inimigo, que deixou no campo cento e trinta e tres mortos e duzentos e setenta prisioneiros, todo o armamento e seiscentos cavallos, com a pasmosa circumstancia de só ter custado a vida a um unico soldado nosso. Escandalisado o inimigo pelas muitas perdas, que n'estes combates parciaes tinha experimentado, resolveu reunir nas margens do Uruguay todas as suas forças, e tentar um golpe decisivo. Instruido d'este plano o General Curado, mandou Bento Manoel Ribeiro contra as partidas de Aguiar, Aedo e Ramires, antes que se reunissem a Artigas; esta ordem fielmente executada desmanchou o projecto dos Gauchos, caindo em poder de Bento Manoel os dois primeiros chefes (Aguiar e Aedo) com tresentos e trinta dos seus; ao mesmo tempo que Antero José Ferreira de Brito, Commandante da Guarda de Castillos, sorprendia as partidas da La Torre e Panxo fazendo-os prisioneiros.

Em 1819 ainda continuava a lutta com o mesmo encarniçamento. O General Jorge de Avilez, destacado da divisão portu-

gueza, logrou alcançar o inimigo no passo de Arenas, em quanto Bento Manoel, com seiscentos homens, batia no Arroio Grande a Fructuoso Rivera, resultando d'estes combates outros tantos triumphos como as mais vezes; porém nossas victorias, quasi sempre decisivas, nem nos davam esperanças de tranquillidade, nem nos afiançavam a paz. Convem agora mencionar um facto, que para bem comprehende-lo, é mister que expliquemos a situação politica de Montevideo durante a occupação da Praça pelas armas portuguezas; queremos fallar da Convenção de 1819, que traçou novos limites entre o Rio Grande e aquella Provincia.

A occupação da Praça nunca foi considerada como conquista, tanto assim que o *Cabildo* (Municipalidade) exercia certos actos de soberania, e obrava como poder politico: era por assim dizer o representante da Provincia. Debaixo d'estes principios o General Lecor considerava-se tão sómente como auxiliar, e em suas relações com o Cabildo de Montevideo nunca excedeu os termos de um simples alliado. E como pelas demarcações anteriores muito se tinha aggravado a questão de limites, julgou-se prudente traçar de uma vez a linha divisoria entre as duas Provincias, a fim de acabar para sempre

toda a contestação, que para o futuro podesse ainda suscitar-se. Com taes fundamentos o Cabildo de Montevideo nomeou seu Plenipotenciario a D. Prudencio Morguiondo, e o Governo do Brasil ao Conde da Figueira, Governador e Capitão General da Provincia do Rio Grande, os quaes, devidamente autorisados, ajustaram a Convenção de 1819 (*), pela qual a linha divisoria foi assignalada por barreiras certas e invariaveis, com o fito de segurar a paz e tranquillidade dos dois povos limitrophes. Verificada a demarcação, levantaram-se os padrões com os termos solemnes de posse, e El-Rei fez repartir esse espaço entre varios Officiaes em premio de seus serviços.

Todavia, isto que se passava entre o Cabildo de Montevideo e o Governo do Brasil, nada tinha de commum com o Cabecilha Artigas, inimigo jurado de am-

(*) Por esta Convenção a linha divisoria principia na costa do mar na angustura de Castillhos, busca as vertentes da Lagoa de Palmares, a pequena Canhada (salvos os Serros de S. Miguel), o Arroyo de S. Luiz, legoa e meia da sua barra, d'ahi segue pela costa occidental da Lagoa Merim, ressalvando sempre a distancia para o sul de dois tiros de canhão do calibre vinte quatro; sobe pelo Jaguarão até sua confluencia com o Jaguarão Chico, busca o galho mais ao sul, corta em linha recta os Serros de Acegua á Cruz de S. Pedro, ao depois ao galho principal do Arapey, até este desembocar no Araguay, pouco abaixo do Povo de Belem. Da parte do Brasil prometteu-se levantar um pharol na Ilha das Flores, dentro do Rio da Prata, para prevenir os naufragios, que acabavam de encher de consternação aquelle porto. (*Annaes do Visconde de S. Leopoldo.*)

bos; por tanto a guerra continuava como d'antes, por toda a parte em que appareciam os Gauchos. Conseguindo Artigas, alguns mezes depois, reunir dois mil e quinhentos homens, appareceu nas nossas fronteiras levando tudo a ferro e fogo. O General Abreu se lhe oppôz com quatrocentos homens para proteger a retirada dos fazendeiros, porém foi batido e obrigado a retirar-se em debandada para o Passo do Rosario, onde se reuniu com o General Bento Corrêa da Camara. D'aqui marcharam juntos ao encontro dos de Artigas, e depois de tres acções parciaes, reuniu-se-lhes o Capitão General Conde da Figueira, que veiu a tomar o commando de toda a nossa força. O inimigo, acampado na margem esquerda do Taquarembó, desafiava o nosso exercito, seguro da sua posição; porém attacado ao mesmo tempo por ambos os flancos foi batido, retirando-se em desordem, e deixando no campo, além de todos os seus petrechos de guerra, oitocentos mortos, entre os quaes o Caudilho Sotello, e quatrocentos e noventa prisioneiros (1820).

Depois d'esta brilhante victoria o Conde da Figueira, mandando varrer o resto da campanha até o Uruguay, estabeleceu postos avançados ao longo d'este rio e do Arapey, os quaes combinados com

a esquadrilha, asseguraram por algum tempo a tranquillidade das nossas fronteiras. Artigas, vendo-se desalojado e perseguido, chamou em seu soccorro a Fructuoso Rivera; mas este recusou unir-se-lhe, mostrando ambos que eram chimericos esses projectos de bem publico e de liberdade, com que tinham fascinado aquelles povos. Ainda assim, não teriamos logrado que esta guerra de partidas acabasse, se uma circumstancia favoravel não viesse inutilisar o Caudilho mais audaz e aventuroso, que a mantinha por seus proprios esforços e denodo. O prestigio de Artigas tinha desapparecido pela derrota de Taquarembó; os Cabecilhas, que até alli o tinham seguido, uns recusaram acompanha-lo, outros se declararam contra elle: perseguido pelos proprios seus, foi refugiar-se no Paraguay, onde o Doutor Francia o reteve durante sua vida (*), como a todos os que se confiavam á sua hospitalidade.

D'est'arte corriam as cousas pelo anno de 1820, quando a noticia da revolução de Portugal veiu abalar os fundamentos

---

(*) Artigas, perseguido pelo Caudilho Ramires, fugiu para o Paraguay (1820), onde o Dictador Francia, apoderando-se d'elle, o desterrou para a aldêa de Curugualy, oitenta e sete legoas ao nordeste da Assumpção, debaixo de cautelosa vigia, conciliando d'este modo os direitos de asilo com a sua costumada politica de não deixar sair a todos os que tinham a desgraça de penetrar nos seus dominios. (*Annaes do Visconde de S. Leopoldo.*)

do novo Reino do Brasil. Previu-se logo a necessaria volta d'El-Rei para a sua antiga metropoli, e n'este caso era mister pensar nos futuros destinos de Montevideo, a cujos habitantes tinha o mesmo Monarcha promettido não entrega-los nunca a seus inimigos. Duvidoso de quem confiaria semelhante deposito, julgou mais justo e assisado commetter a um Congresso de Representantes de toda a Provincia a escolha livre, ou de alliança com alguma nação poderosa, ou de constituir-se com a forma de governo, que melhor lhe conviesse. Entretanto o Gabinete hespanhol não cessava de reclamar contra a pretendida conquista, como um attentado contra seus fóros e direitos, e as Côrtes de Portugal chegaram a tratar d'esta questão; porém a maioria da Assembléa rechaçou o parecer da Commissão de diplomacia, que aconselhava a evacuação, depois de longa e calorosa discussão.

Em Abril de 1821 reuniram-se na Capital de Montevideo o Cabildo e os Deputados das diversas povoações; renhidos debates se levantaram: foram por fim assentindo ás solidas e bem reflectidas razões de D. Garcia de Zuniga, de Lambi, e de outros Deputados de igual conceito, os quaes opinavam que, não bastando desejos de constituir-se nação

independente, era indispensavel que interviessem certos elementos de poder; ponderaram os perigos da federação com qualquer das Republicas visinhas, a impossibilidade de por si existirem na falta d'aquelles elementos, e de resistirem a algum ambicioso externo; concluiram que em taes circumstancias o unico meio para a estabilidade seria o de incorporarem-se á alguma nação poderosa, e então nenhuma melhor lhes convinha que o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Por unanimidade decidiu-se, e lavrou-se a Acta de espontanea incorporação da denominada *Provincia Cisplatina*, debaixo de certas condições (31 de Julho).

VI.

Revolução de Portugal em 1820. Seus effeitos no Brasil. O Parà e a Bahia pronunciam-se pela futura Constituição Portugueza. Soltura dos presos de Pernambuco. Conducta de Luiz do Rego. Acontecimentos do Rio de Janeiro. A tropa e o Principe Real. Reunião eleitoral. Os tiros da Praça do Commercio. El-Rei embarca para Portugal. D. Pedro Regente do Brasil.

Desde que os portos do Brasil foram franqueados ao estrangeiro em 1808, o commercio de Portugal havia diminuido consideravelmente, e o ciume dos Portuguezes se tinha exasperado, vendo a sua antiga Colonia elevada á categoria de Reino. Accresce que já se impacientavam de um despotismo destituido do esplendor da Realeza, ao mesmo tempo que, terminada a guerra da Europa, a Hespanha e a Italia tentavam organisar os seus governos constitucionalmente. Portugal, estimulado pelo exemplo, tambem se levantou e exigiu a convocação das Côrtes

para a confecção de um novo pacto social. O primeiro movimento manifestou-se na Cidade do Porto no dia 24 de Agosto de 1820, e em 15 de Setembro declarou-se Lisboa, onde se reuniram as Côrtes geraes em Janeiro do anno seguinte. O seu primeiro acto foi um manifesto formal dirigido á nação portugueza, fazendo ver o estado retrogrado de Portugal, e todos os seus infortunios, devidos á trasladação da Familia Real para a Côrte do Rio de Janeiro, e á abertura dos portos do Brasil aos navios das nações estrangeiras.

A noticia dos primeiros movimentos do Porto e de Lisboa chegou promptamente aos dominios ultramarinos, onde produziu consideravel impressão. As tropas estacionadas no Pará, ainda antes de saber-se da installação das Côrtes, manifestaram sua adhesão no 1.° de Janeiro de 1821 ao Governo estabelecido em Portugal; o povo e todas as classes concordaram em opiniões, desenvolvendo-se o espirito publico com incrivel enthusiasmo. Na Cidade da Bahia o Tenente Coronel Manoel Pedro de Freitas Guimarães, chefe do regimento de artilharia, de accordo com os Commandantes da cavallaria e do batalhão n.° 12, tambem acclamou a futura Constituição, que houvessem de promulgar as Côrtes de Portugal. Tudo haveria

concluido sem uma gota de sangue derramado, se o Marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes não confiasse tanto em sua popularidade, offerecendo-se ao Conde da Palma, Governador e Capitão General da Provincia, para ir retomar o trem, já occupado pela artilharia de Manoel Pedro.

N'este pequeno conflicto perderam a vida dez soldados e o Major Hermogenes Francisco de Aguilar, Commandante da tropa que acompanhava o Marechal, o qual perdeu igualmente o seu cavallo, morto por uma metralha. Em taes circumstancias conheceu o Conde da Palma, que eram inuteis seus esforços para obstar á mudança politica, e decidiu-se a seguir a opinião geral: concorreu ás casas do Conselho com todo o seu Estado Maior, e sanccionou tudo quanto se havia feito. Dispostas as cousas d'este modo, passou o Senado a propôr as pessoas, que deviam formar a Junta governativa, cuja presidencia recusou o mesmo Conde; sendo nomeado para ella Luiz Manoel de Moura Cabral, e para Vice-Presidente Paulo José de Mello Azevedo e Brito. Installada a Junta no dia 10 de Fevereiro de 1821, foi seu primeiro cuidado tratar da eleição dos Deputados para as Côrtes reunidas em Lisboa, para cujo fim nomeou uma Commissão, denominada *Pre-*

paratoria e Consultativa para a eleição dos Deputados da Provincia da Bahia, etc.

Esta mudança pareceria favoravel aos desgraçados presos de Pernambuco, porém a Junta, creatura portugueza, oscillava entre as sympathias da liberdade, e o odio da independencia. Para sair do embaraço com algum decoro ostentou imparcialidade: o Tribunal da Relação teve ordem para proceder como de direito, e sollicitar a conclusão da sentença tanto procrastinada. Muitos criam que, com a nova ordem de cousas, vinha connexa a immediata soltura dos presos de Estado: o mesmo Bernardo Teixeira, receiando que assim acontecesse, abandonou logo o seu posto, e furtivamente partiu para o Rio de Janeiro. Todavia congratularam-se os Pernambucanos, porque a medida adoptada era-lhes honrosa em substancia; e nem a Junta podia obrar de outra forma sem postergar as leis da justiça, ou usurpar um direito soberano perdoando. Os vicios do processo eram evidentes: a Relação examinando-o, em poucas sessões os reconheceu, pronunciou a nullidade, e deu mandado de soltura a todos os presos n'elle envolvidos. Assim finalisou depois de quatro annos o famoso processo da Alçada; mas não finalisaram os males de Pernambuco.

O Brasil viu no principio do anno de 1821 os Portuguezes de todas as classes pronunciarem-se por uma Constituição liberal, cousa que elles não entendiam; mas era liberdade vestida á portugueza, e tanto bastava para os namorar. Luiz do Rego não ficou atraz dos improvisados liberaes; a elle urgia mais que a nenhum outro fingir-se tal. Os seus protectores no Rio de Janeiro decaindo pela força irresistivel da revolução, d'elle se desembaraçaria o novo poder; além de que elle sabia que a Provincia o odiava. Colligado secretamente com os seus principaes camaradas, sem consultar nenhum dos filhos do paiz, sem mesmo esperar ordens do Rio de Janeiro, ao simples convite da Regencia de Lisboa proclamou as bases da futura Constituição, e sem perda de tempo fez levar a effeito a escolha de eleitores em todas as parochias de Pernambuco, reuniu-os debaixo da sua presidencia, e proseguiu na eleição dos sete Deputados, a que a mesma Regencia lhe havia mandado proceder.

No Rio de Janeiro, onde menos abusos se praticavam, manifestaram-se com menos energia os effeitos da opinião popular. Desde Outubro de 1820, em que se havia recebido na Capital a noticia da revolução do Porto, até Fevereiro do anno seguinte,

El-Rei e o Ministerio tinham estado em continua anxiedade, sem que uma só medida revelasse as intenções da Côrte. O movimento porém da Bahia veiu tirar o Governo d'este estado de incerteza, publicando-se em 21 o Decreto datado de 18 de Fevereiro, pelo qual Sua Magestade annunciava a intenção de mandar o Principe D. Pedro a Portugal com plenos poderes para tratar com as Côrtes, e consulta-las acerca da Constituição: tambem se prometteu que seriam adoptadas no Brasil aquellas partes da Constituição, *que fossem applicaveis.* Esta declaração produziu diverso effeito do que se esperava; esta ultima condição revelava o intento de modificar-se a Constituição antes de ser applicada ao Brasil, e a isto se oppunham unanimemente os Brasileiros e os Portuguezes aqui residentes.

Ainda que privados de noções claras sobre este assumpto, estavam ambos os partidos anciosos por dilatar a esphera de suas liberdades individuaes, e na madrugada do dia 26 de Fevereiro, a tropa portugueza, determinada a partilhar os beneficios que esperava do novo systema estabelecido na metropoli, marchou para o Largo do Rocio para exigir, que fosse explicitamente jurada no Brasil a Constituição, tal qual a fizessem as Côrtes.

Os cidadãos ligados a este movimento, convocaram tambem uma reunião na sala do Theatro, e para alli se dirigiram os Principes D. Pedro e D. Miguel, que foram recebidos com acclamações de *Viva El-Rei! Viva a Constituição!* Depois de ser submettida a representação dos sublevados ao Principe Real D. Pedro, foi convocada a Camara Municipal; e vindo Sua Alteza para a varanda do Theatro, leu ao povo reunido na praça o Decreto pelo qual o Monarcha accedia sem reserva á futura Constituição das Côrtes. Em seguida os dois Principes prestaram juramento em nome d'El-Rei, e nos seus proprios. Concluida a ceremonia, insistiu-se na nomeação de novo Ministerio, o que igualmente foi concedido.

Foi excessiva a alegria: um immenso concurso dirigiu-se á Quinta da Boa Vista, e porfiou em puchar até a Cidade o coche d'El-Rei, honra que D. João de bom grado dispensaria. Pouco habituado a ver a desenfreada exhibição dos sentimentos do povo, desde que teve noticia da revolução da metropoli, foi assaltado de apprehensões terriveis. Logo que chegou á Cidade ratificou o juramento já prestado pelos Principes, e seguiram o exemplo da Familia Real todos os empregados, e outras pessoas notaveis do Rio de Janeiro. Fizeram-se festividades

publicas, e a Cidade se illuminou por nove noites successivas. Poucos dias depois chegou o celebre manifesto das Côrtes, o qual suscitou as mais serias apprehensões aos Brasileiros; porém foi recebido com applauso pelos Portuguezes, porque entretinham esperanças de subordinar o Brasil á tactica das Côrtes, obrigando a Familia Real a regressar para Portugal. Constou então que se forjava uma conspiração, sustentada pela tropa portugueza n'este sentido; mas parece que não chegou a haver plano fixo. Com tudo a sympathia dos Portuguezes para com o procedimento das Côrtes era manifesta; tanto assim que Sua Magestade foi induzido, contra seus desejos, a assignar um Decreto datado de 7 de Março (*), em que expôz a intenção de voltar a Lisboa, e deixar o Reino do Brasil encarregado a D. Pedro, até que se estabelecesse a Constituição da Monarchia Portugueza.

No mesmo dia se publicaram as instrucções para a eleição dos Deputados ás Côrtes de Lisboa; na falta de regulamentos a este respeito, as eleições deviam fazer-se pela forma estabelecida na Constituição hespanhola. O desenvolvimento gradual d'estas occurrencias despertou en-

(*) Este Decreto é sem duvida um documento bem interessante para a historia d'aquella epocha; por tanto tomámos o accordo de copia-lo por extenso. (Vid. Documentos, letra B.)

tre os Brasileiros natos um espirito, que não havia ainda apparecido nos acontecimentos passados. Os Portuguezes tinham tomado a precedencia nos movimentos anteriores, mas nas eleições conheceram os Brasileiros o quanto lhes convinha desenvolver toda a sua energia, e já aquelles se arrependiam de ter avançado com tanta precipitação; restava-lhes só o remedio de dissimular a sua magoa, em quanto não se offerecia occasião de esmagar este nascente impulso. Feita a eleição parochial, o Ouvidor da Comarca, em cumprimento das ordens d'El-Rei, convocou os Eleitores para lhes communicar officialmente o Decreto de 7 de Março; o qual punha D. Pedro á testa do Governo provisorio, que deveria instalar-se quando Sua Magestade partisse. A reunião verificou-se na tarde de 20 de Abril no edificio da nova Praça do Commercio.

A discussão começou logo tumultuaria; a confusão não tardou em chegar a tal auge, que o presidente não pôde mais dirigir as deliberações da Assembléa. Conduzidos por idéas exaltadas, e ignorando o termo de suas attribuições, os Eleitores procederam a decretar medidas, que não só affectavam os interesses geraes da nação, como a Pessoa Augusta do Monarcha. Tal era o estado de exaltação,

que se adoptaram por acclamação as mais violentas resoluções. Mandou-se ordem ás fortalezas para que não deixassem sair a esquadra, que devia conduzir Sua Magestade, e finalmente decidiu-se que a Constituição hespanhola fosse adoptada, enviando-se uma Deputação a El-Rei com este fim. Dirigiu-se a Deputação ao Paço, e não só foi bem recebida por D. João VI, como por um Decreto sanccionou a Constituição pedida, que talvez nunca tivesse lido. No em tanto soube-se que a tropa portugueza se reunia no Rocio: chamado o Commandante das Armas á presença dos Eleitores, asseverou que as intenções da tropa eram boas, e protestou profundo respeito ao Collegio Eleitoral.

Satisfeita a Assembléa com estas promessas, as deliberações continuaram do mesmo modo, até que pelas tres horas da madrugada chegou uma companhia da divisão portugueza, e sem a mais pequena advertencia previa, deu uma descarga de mosquetaria sobre os Eleitores desarmados e povo que os cercava, e tomou depois a casa á bayoneta calada. Felizmente a maior parte já se havia retirado, e as consequencias foram menos fataes do que se devia esperar: morreram tres individuos, e ficaram mais de vinte feridos. A consternação se apo-

derou de toda a Cidade do Rio de Janeiro, e succedeu ao delirio da exaltação. As praças publicas e logares de recreio tornaram-se desertos; suspenderam-se as operações do commercio, e durante muitas semanas esta Capital, até então cheia de actividade, parecia uma cidade de mortos. El-Rei aproveitando este estado de torpôr, promulgou no dia 22 de Abril um Decreto annullando tudo quanto na vespera se tinha feito, e outro conferindo a D. Pedro a dignidade e attribuições de Regente, e seu Logar-Tenente no Reino do Brasil (*).

A estes Decretos seguiu-se a formação de um novo Ministerio (**); no dia seguinte publicaram-se duas proclamações recommendando fidelidade ao Principe Regente, e na tarde do dia 24 de Abril, El-Rei com o resto da sua Familia embarcou-se a bordo da náu D. João VI. Os conselheiros do infeliz Monarcha, especialmente Silvestre Pinheiro Ferreira, Ministro da Repartição dos Estrangeiros, haviam já previsto a direcção que brevemente tomariam os negocios do Brasil. Calculavam elles que, habituado com a presença de

(*) Vid. Documentos, letra C.

(**) O novo Ministerio compunha-se: do Conde da Louzãa, Ministro da Fazenda; Conde dos Arcos, Ministro da Justiça, do Reino, e dos Negocios Estrangeiros; Manoel Antonio Farinha, Ministro da Marinha; e Carlos Frederico de Caula, até então Commandante da tropa portugueza, Ministro da Guerra.

um Governo local, este paiz mais se não sujeitaria aos inconvenientes, e ainda menos á humiliação de outro collocado além do Atlantico. As Côrtes irritariam este ciume, cujo germen se desenvolvia, e já a separação era considerada inevitavel, se á sua chegada a Portugal El-Rei não conseguisse encerrar as sessões da Legislatura Portugueza. Estas considerações fizeram profunda impressão no animo de D. João, que sentiu naturalmente toda a extensão da idéa repugnante, de vir este immenso territorio a ser desmembrado do patrimonio da Casa de Bragança.

Por outro lado estava escandalisado contra o Principe Real, por ter ajudado os esforços feitos para o obrigar a sair do Rio de Janeiro; e antes da partida, na manhãa de 26, conta-se que dirigira algumas exprobrações a Sua Alteza. Com tudo, quando se suspendia o ferro, quando a náu começava a navegar, no momento em que, pela vez derradeira, o velho Rei apertava seu filho nos braços, exclamou: « Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal; se assim fôr, põe a corôa sobre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão d'ella. » Na mesma esquadra, que conduzia Sua Magestade, retirou-se grande parte dos Fidalgos, que o haviam acompanhado de Portugal, e os seus adherentes, formando

todos uma comitiva de mais de tres mil pessoas: achavam-se n'este numero muitos capitalistas, levando sommas immensas em especie, que se extrairam do Banco.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO PRIMEIRO VOLUME.

Prefacio V
Introducção. XIII

CAPITULO PRIMEIRO. 1500—1531.

I. Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral. . 1
II. Primeiras explorações das terras do Brasil. 7
III. Martim Affonso de Souza navega por toda a costa desde o Cabo de Santo Agostinho até o Rio da Prata, e volta a fundar a Colonia de S. Vicente. Duarte Coelho Pereira expulsa os Francezes de Itamaracá. 14
IV. Descripção geral d'esta vasta região. 18
V. Caracter, usos, e costumes dos habitantes naturaes do Brasil 27

CAPITULO SEGUNDO. 1532—1580.

I. Capitanias hereditarias estabelecidas no Brasil no reinado d'El-Rei D. João III. 43
II. Estado das outras Capitanias. Chegada ao Brasil de Thomé de Souza, primeiro Governador Geral. . . . 57

III. Influencia da Religião no Brasil. Estado do Clero da Colonia. Segundo e terceiro Governadores Geraes. . . 64
IV. Tentativa dos Francezes para se estabelecerem no Brasil. Expedição de Nicolau Durand de Villegaignon. Expulsão dos Francezes do Rio de Janeiro. Fundação da Cidade de S. Sebastião. 71
V. Divisão do Brasil em dois Governos distinctos. Transmigração dos Tupinambás. O Brasil reunido de novo debaixo de um só Governo. Acontecimentos que fazem passar o Reino de Portugal e suas Colonias para o dominio da Hespanha. 84

CAPITULO TERCEIRO. 1580—1640.

I. Estado do Brasil na epocha em que passou para o dominio da Hespanha. Diversas incursões dos piratas inglezes. Novas indagações sobre as minas de prata do Brasil. O fabuloso paiz — El Dorado. 91
II. Administração de Pedro Botelho. Alliança dos Aymorés. D. Diogo de Menezes. Fundação do Ceará. Estabelecimento dos Francezes no Maranhão. Gaspar de Souza. 101
III. Expedições de Jeronimo de Albuquerque, e de Alexandre de Moura. Expulsão dos Francezes da ilha e costa do Maranhão. Conquista do Grão-Pará, e fundação da Cidade de Belem. Creação do novo Estado do Maranhão. 106
IV. Os Hollandezes invadem o Brasil. Occupação da Cidade de S. Salvador. Expulsão dos Hollandezes. Desastre das esquadras hespanhola, portugueza e hollandeza. Incursões parciaes. Crueldade commettida contra os Indios. . . 112
V. Segunda expedição hollandeza contra o Brasil. Occupação de Olinda e do Recife. Campo Real do Bom Jesus. Sorpresa do General Loncq. Attaque de Olinda pelos Portuguezes 121
VI. A guerra muda de aspecto. Combate naval. Incendio de Olinda. Calabar abandona os Portuguezes. Consequencias funestas da sua traição. Morte do General hollandez Reimbach. Rasgo patriotico de Jaguarary. Os Palmares. Conquista da Parahiba pelos Hollandezes. Occupação do Pontal de Nazareth 128
VII. Ultimos esforços dos Portuguezes em Pernambuco.

Emigração e abandono da Provincia. Occupação de Porto Calvo. Supplicio de Calabar. Albuquerque é chamado á Europa. Rebello, Camarão, e Henrique Dias. Segunda emigração de Pernambuco. Mauricio de Nassau. Derrota dos Portuguezes em Porto Calvo. Fuga de Bagnuolo. Segunda invasão da Bahia. Retirada de Nassau. Outras conquistas dos Hollandezes. 137

VIII. Estado politico das Provincias do Maranhão. Viagem de Teixeira pelo Amazonas até Quito. Sua volta a Belem. O Conde da Torre. O Marquez de Montalvão, primeiro Vice-Rei nomeado para o Brasil. Revolução de Portugal. 148

CAPITULO QUARTO. 1641—1654.

I. O Brasil entra de novo no dominio portuguez. Mauricio de Nassau deixa o governo da Colonia, e volta para a Hollanda. Decadencia do Brasil hollandez. O Maranhão e o Ceará libertam-se dos Hollandezes. Conspiração de Pernambuco descoberta. João Fernandes Vieira reune os seus amigos e toma as armas. 159

II. Vieira é reconhecido Chefe dos Independentes de Pernambuco. Combate de Tabocas. Junecção de Vidal, Moreno, Henrique Dias, e Camarão com João Fernandes Vieira. Combate naval de Tamandaré. Attaque e tomada da Casa Forte por Vieira e Vidal. O General Huss prisioneiro. 167

III. Compra da Fortaleza de Nazareth. Attaque de Itamaracá. Traição dos transfugas hollandezes. Vieira queima as suas proprias plantações. Conspiração contra Vieira. Sua magnanimidade. O General Sigismundo chega com uma frota hollandeza ao Recife 174

IV. Proposição de amnistia. Resposta de Vieira. Sigismundo é batido e ferido. Tomada da ilha de Itaparica. Morte de Rebello. O Conde de Villapouca vem render a Telles da Silva. Francisco Barreto de Menezes toma o mando do exercito de Pernambuco. Batalha dos Guararapes. Triumpho dos Pernambucanos. 181

V. Apoderam-se os Hollandezes de Olinda. Sortida do General Brinck. Sigismundo devasta de novo as costas da Bahia. Morte de Camarão. Segunda batalha dos Guararapes. Derrota e morte do General Brinck. O Conde de Castello-melhor Vice-Rei do Brasil. Continuação do cerco do Recife. 188

VI. A esquadra de Magalhães surge em Nazareth. Conselho de guerra. Bloqueio do Recife. Attaque das obras exteriores por Vieira. Attaque das Cinco-Pontas. Motim do povo e da guarnição do Recife. Capitulação dos Hollandezes. Todo o Brasil entra no dominio da Corôa de Portugal 195

CAPITULO QUINTO. 1654—1807.

I. Tratado de paz de 1660 entre Portugal e a Hollanda. O Principe D. Pedro, Regente de Portugal. Tratado de paz de 1668 entre Portugal e a Hespanha. Estado do Brasil. Os Paulistas ou Mamelucos do Brasil durante o seculo XVII. 201

II. A Ilha de Santa Catharina. Povoação das Alagoas. Fundação da Colonia do Sacramento. Sabará e Villa Rica. Guerra civil. Antonio d'Albuquerque, Governador do Districto das Minas. Destruição completa dos Palmares. 211

III. Bispados do Brasil. Expedição malograda de Duclerc. Duguay Trouin toma a cidade do Rio de Janeiro, que foi depois resgatada pelos seus habitantes. 220

IV. Tratado de Utrecht. A Cidade de Marianna. Villa do Cuyabá. Villa Bôa de Goyaz. Primeiro diamante achado no Brasil. Tratado de 1750. O Marquez de Pombal. Extincção dos Jesuitas. 229

V. Influencia da administração de Pombal sobre o Brasil. Guerras do Sul. Santa Catharina e a Colonia do Sacramento caem em poder dos Hespanhóes. Dona Maria I. Queda do Marquez de Pombal. Tratados de 1777 e 1778. O Arraial do Tejuco. Grande diamante da Corôa de Portugal 236

VI. Projecto de revolução em Minas. O Principe D. João Regente de Portugal. Estado do Brasil no fim do seculo XVIII. Guerra de 1801. Transmigração da Familia Real de Bragança para o Brasil. 244

CAPITULO SEXTO. 1808—1821.

I. A Familia Real chega ao Brasil. Enthusiasmo geral. Os portos do Brasil abrem-se a todas as nações amigas. Novos e importantes estabelecimentos. Tomada e occupação de Cayenna. D. Rodrigo de Souza Coutinho. Os aventureiros que acompanharam a Familia Real. O Brasil elevado á cathegoria de Reino. 255

II. Revolução e Independencia de Buenos-Ayres. Exercito de observação nas fronteiras do Rio Grande. Campanhas de 1811 e 1812. Armisticio. A divisão portugueza de voluntarios d'El-Rei. Campanhas de 1816 e 1817. Occupação de Montevideo, e da Colonia do Sacramento. . 262

III. Morte da Rainha. Revolução de Pernambuco. Causas principaes d'este acontecimento. Conselho de guerra. Morte do Brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro. O Governador capitula no Forte do Brum, e parte para o Rio de Janeiro. Governo provisorio. 270

IV. A Parahiba e o Rio Grande do Norte. Commissões ao Ceará e á Bahia. Funestos resultados. Bloqueio de Pernambuco. O Marechal Cogominho e as tropas da Bahia. Reacção nas Alagôas, no Rio Grande e na Parahiba. Combate de Ipojuca. Dissolve-se o Governo Republicano. Os Patriotas são remettidos para a Bahia. Novas execuções n'aquella Cidade. Luiz do Rego chega a Pernambuco. Outros supplicios. A Alçada. 282

V. Proseguem as hostilidades no Sul. Varios combates. Convenção de 1819. Artigas retido no Paraguay. Definitiva incorporação de Montevideo ao Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves. 297

VI. Revolução de Portugal em 1820. Seus effeitos no Brasil. O Pará e a Bahia pronunciam-se pela futura Constituição

Portugueza. Soltura dos presos de Pernambuco. Conducta de Luiz do Rego. Acontecimentos do Rio de Janeiro. A tropa e o Principe Real. Reunião eleitoral. Os tiros da Praça do Commercio. El-Rei embarca para Portugal. D. Pedro Regente do Brasil. 306

FIM DO INDICE DO PRIMEIRO VOLUME.

Rio de Janeiro. 1843. Typographia Universal de Laemmert, rua do Lavradio, 53.

010601